This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Case Shelf

HARVARD UNIVERSITY

LIBRARY
OF THE
PEABODY MUSEUM OF AMERICAN
ARCHÆOLOGY AND ETHNOLOGY

IN EXCHANGE WITH

U. S. Fish Commission

Received Apr. 7, 1911.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO

PORTUGUÊS

Digitized by Google

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO
PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

REDACTOR—J. LEITE DE VASCONCELLOS

VOL. I

PREHISTORIA—EPIGRAPHIA

NUMISMATICA—ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1895

Digitized by Google

Digitized by Google

COLLABORADORES

Alexandre Cabral
A. F. Xavier Henriques
A. Mesquita de Figueiredo
A. dos Santos Rocha
C. da Camara Manoel
David Lopes
Emilio Hübner
F. Alves Pereira
F. Martins Sarmento
Gabriel Pereira
J. J. da Rocha Espanca
Joaquim de Castro Lopo
José Augusto Tavares
José Umbelino Palma
Julio Basso
Manoel de Azevedo
Manoel Matheus
M. de Matos Silva
Maximiano Apollinario
M. M. Portella
M. Vieira Natividade
Pedro A. de Azevedo
Pedro A. Ferreira
Pereira Boto
Raphael Rodrigues
Sousa Viterbo

Digitized by Google

Digitized by Google

VOL. I JANEIRO DE 1895 N.º 1

RECEIVED
APR 7 1911
PEABODY MUSEUM.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1895

Digitized by Google

SUMMÁRIO

Palavras prévias.

Castros (definição e classificação).

Inscripção christã de Mertola, do seculo VI.

A Mogueira (antiguidades de S. Martinho de Mouros).

Antiguidades dos arredores de Mortágua.

Notícias de antigualhas da Terra de Miranda (Tras-os-Montes), no seculo XVIII.

«Cidade velha» de Monte-Cordova (S. Thyrso).

Antiguidades romanas da cidade de Tomar.

Notícias archeologicas de Penafiel.

Cursos de archeologia.

Notícias várias.

Catálogo do Museu de Beja.

Collecção ethnographica do sr. Marciano d'Azuaga.

Antiguidades de Leiria.

Perguntas á cêrca de antigualhas.

Este fasciculo vae illustrado com estampas de 63 objectos.

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. I JANEIRO DE 1895 N.º 1

Palavras prévias

Para estabelecer relações litterarias entre os diversos individuos que, ou por interesse scientifico, ou por mera curiosidade, se occupam das nossas antigualhas, o melhor processo será pôr á disposição d'elles um jornal especial, onde tornem conhecidos do público, por meio de estampas e de descripções, os objectos que possuirem, e dêem informações das estações archeologicas e monumentos de que tiverem conhecimento.

É este o principal intuito d-*O Archeologo Português,* que, alem d'isso, procurará indicar aos seus leitores as obras que sahirem a lume, no país ou no estrangeiro, sobre as antiguidades nacionaes, e publicará muitos outros artigos de interesse para os especialistas, a respeito de biographias de archeologos portugueses, de museus publicos e particulares, da maneira de organizar collecções archeologicas, de tirar decalques de inscripções, etc.

O Archeologo Português não aspira a inserir longas dissertações nas suas columnas: comquanto as não regeite, se ellas lhe vierem, tenta porém principalmente recolher notícias avulsas, embora abundantes e exactas, das nossas antiguidades, de modo que, ao cabo de alguns annos, esteja nelle um repositorio excellente de elementos para o conhecimento da nossa historia.

Portanto elle pede vivamente a todas as pessoas, que estiverem no caso de corresponder aos fins a que se propõe, que lhe enviem apontamentos de archeologia, acompanhados, sempre que isso fôr possivel, de desenhos ou photographias, com a indicação das dimensões dos objectos.

Uma moeda rara ou desconhecida, um conjuncto de quaesquer moedas antigas que se encontram num local determinado, uma pedra

Digitized by Google

com um lettreiro ou uma esculptura, um arco historico ou lendario, um cruzeiro lavrado, uma fonte de construcção especial, uma sepultura aberta em rocha, uma *anta,* uma *pedra de raio,* um estoque, uma espada, um sino, uma espingarda, um escudo, uma cadeira de couro, um leito de páo santo, um prato, um annel, etc., etc., e tambem um monte em que se suppõe ter existido uma velha povoação, de que ainda restem vestigios, — monte de ordinario chamado *O Crasto, O Castello, O Castellinho, O Castello Velho, A Cividade,* etc., e a que não raro andam associados nomes ou lendas de Mouros e Mouras —: eis ahi outros tantos themas para os leitores d-*O Archeologo Português* lhe remetterem artigos ou modestas notas.

Tudo quanto tiver caracter antigo e revelar interesse historico, ou ao menos, pelo estranho e apparencia da fórma, despertar a pura curiosidade, póde constituir assumpto para os leitores obsequiarem as columnas d-*O Archeologo.*

Só depois de competentemente reunidas estas variadas e fragmentadas parcellas da actividade dos nossos maiores, deixadas através dos seculos pelas gerações que vão passando, se poderá conhecer e apreciar por completo a história e a civilização portuguesas: e quanto mais profundo fôr esse conhecimento, tanto mais solidamente se radicará no coração do nosso povo o sentimento da nacionalidade.

*

Fundado em 1893, por iniciativa do Sr. Dr. Bernardino Machado, quando Ministro das Obras Públicas, o Museu Ethnographico Português não tem deixado de receber auxilio dos srs. Ministros subsequentes, graças á intervenção, apoio e continuado desvelo do Sr. Prof. Severiano Augusto da Fonseca Monteiro, Chefe da Repartição dos serviços technicos de minas e da indústria, á qual o Museu ficou subordinado. Ainda ultimamente o mesmo Sr. obteve do actual Ministro das Obras Publicas, Sr. Dr. Campos Henriques, o despacho que auctorizou a publicação do presente jornal.

É uma fortuna quando á frente dos Ministerios e das Repartições officiaes estão pessoas illustradas, e de intelligencia clara, que não curam só de burocracia, mas dão tambem attenção directamente aos assumptos scientificos.

J. Leite de Vasconcellos

Director do Museu Ethnographico Português.

Digitized by Google

Castros

Como neste jornal se ha de fallar várias vezes em *castros* ou *crastos,* vou apresentar aos leitores algumas considerações summárias á cêrca d'esses monumentos dos nossos antepassados.

Um *castro,* ou, segundo a pronúncia vulgar, *crasto,* representa uma antiga povoação fortificada. O nosso povo dá geralmente este nome, ou outro analogo, ao cume de um monte, ou a qualquer altura, em que ha ou houve aterros artificiaes, vestigios de muralhas, fossos, e restos de habitações. As muralhas limitam-se muitas vezes já a simples pedras mais ou menos coordenadas; os fossos são em parte artificiaes, em parte contituidos por valles; as paredes das casas podem já não existir, mas em compensação podem achar-se pelo local cinzeiros, fragmentos de olaria, instrumentos domesticos, mós de moinho, etc. O monte em que assenta o castro nem sempre é isolado, mas ás vezes está ligado a outro por um dos flancos. Perto dos castros ha ordinariamente correntes de água.

Alem do nome *Crasto,* que o povo applica sempre porem como *nome proprio,* e nunca como *nome commum,* usam-se outros no nosso onomastico, como *Castéllo, Castêllo, Cividade, Cêrca, Crastello, Crestim, Castellinho, Citania, Cidadelhe,* etc., juntando-se-lhes tambem epithetos, por exemplo, *velho,* como acontece com varios montes chamados «Castellos Velhos».

Ha muitos castros não só em Portugal, mas noutros paises. Em Portugal conhecem-se elles em todas as provincias, predominando, como é natural, nas provincias mais montanhosas, isto é, no Entre-Douro-e-Minho, em Tras-os-Montes e na Beira. Fallando da Hispania, no tempo dos Romanos, diz o auctor dos *Commentarii de bello Hispaniensi:* «Grande parte das cidades d'esta provincia estão tambem defendidas geralmente por montes, e construidas em sitios de sua natureza elevados, de modo que é difficil o accesso e as subidas para lá»[1]. Estas cidades ou *oppida,* de que falla o auctor latino, são os castros.

Os Romanos, invadindo a Lusitania, acharam pois, a par de cidades situadas em baixas, numerosissimos castros: muitas vezes os conquistadores obrigaram os habitantes d'elles a virem para a pla-

[1] *Ob. cit.,* cap. VIII.

Digitized by Google

nicie receber a nova civilização, e os castros forão depauperados ou arrasados; outras vezes a civilização romana chegou a dominar nos proprios castros; muitos podião ser tambem abandonados espontaneamente.

Ao primeiro facto creio referir-se Estrabão, quando diz a proposito da Lusitania: «Postoque o país seja rico pelo que respeita a fructos e a gado, e tambem a ouro, prata e cousas semelhantes, comtudo a maior parte d'elles (dos Lusitanos), deixando de se aproveitar dos bens que a terra produz, andaram em latrocinios e em contínua guerra, já entre si, já, alem do Tejo, com os povos limitrophes, até que os Romanos os sossegaram, humilhando-os, e transformando-lhes em aldeias a maior parte das cidades, e edificando melhor algumas[1]». Vê-se de outro passo seguinte a este que muitos dos povos de que falla o geographo viviam em montanhas.

O segundo facto, isto é, a romanização dos castros, patenteia-se claramente na maioria d'elles, pois ahi se acham com frequencia moedas romanas, objectos de barro tambem romanos, etc.

Á cêrca do terceiro facto, quero dizer, do abandono espontaneo, escreve o Sr. Martins Sarmento: «..... o abandono espontaneo dos castros tem uma razão de ser muito natural. O que determinava a escolha dos altos escarpados para séde das antigas povoações era com certeza a necessidade de pôr a vida e haveres dos seus moradores a salvo da invasão dos inimigos, provavelmente dos inimigos de ao pé da porta. Toda e qualquer commodidade era sacrificada áquella necessidade imperiosa. Com a pacificação da peninsula e o protectorado romano, a unica vantagem dos altos desapparece, ficando bem accentuadas as suas desvantagens sem conta. A despovoação dos Castros á custa das povoações da planicie é quasi inevitavel e fatal[2]».

Dos castros romanizados deve ainda entender-se que, com o andar do tempo, muitos se desmoronaram, restando-nos d'elles só as ruinas, e que outros continuaram a viver até hoje, successivamente transformados.

São muito vulgares nas campinas e planicies contiguas aos castros, ou proximas d'elles, vestigios de influencia romana, a saber: moedas, inscripções, pedaços de telha grossa de rebordo, pêsos de barro. Isto

---

[1] *Geographia*, III, III, 5.

[2] In *Revista de Guimarães*, I, 165.

Digitized by Google

prova tambem a successão da civilização romana á dos castros. O Sr. Martins Sarmento tem citado muitos exemplos d'isto[1], e eu pela minha parte muitos podia tambem citar.

Raro será o concelho montanhoso de Portugal em que não existam castros. Sempre que haja um monte, ou uma simples elevação de terreno, a que se applique qualquer dos nomes mencionados, *Crasto, Castello, Cêrca, Cividade*, etc., e a que se liguem lendas ou mesmo vagas tradições de Mouros e Mouras, é para suspeitar que estamos em presença de um castro. Lembro isto aos leitores d-*O Archeologo Português*. Ainda que à primeira vista pareça que o monte não contém nada, não se deve logo desanimar: busque-se bem, e achar-se-ha um terrapleno, um lanço de parede antiga, um caco pre-romano ou romano. Recommendo tambem que pelas encostas e pelas bases e adjacencias do castro se procurem fragmentos de telhas grossas de rebordo, ou *tegulae:* ellas constituirão um bom indicio de influencia romana. Muitas vezes no proprio castro ou nas vizinhanças ergue-se uma capella ou igreja, afamada por milagres e com sua romagem concorrida, o que tudo representa em geral a christianização de um culto pagão; e ha tambem ou uma *fonte santa,* ou uma velha arvore a que se referem superstições, ou um penedo de propriedades maravilhosas, do qual se raspa pó para ser tomado em certas doenças, ou no qual em determinados casos os doentes se vão deitar, ou em volta do qual se fazem procissões, e praticam outros actos proprios da crença. O conjuncto de todos estes factos poderá guiar o observador no reconhecimento da estação archaica.

Depois de reconhecido exteriormente o castro, seguir-se-ha a excavação, que deve ser feita com a maior cautella, nada destruindo e nada perdendo.

Os castros que conheço no nosso país, —e tenho-os visto e examinado em todas as provincias do reino—, podem reduzir-se provisoriamente a quatro typos principaes, que aqui especifico, para servirem de referencia a descripções futuras:

1.º—Liceia, typo de um castro neolithico, em que appareceram instrumentos de pedra e de osso, e vasos de barro grosseiro, —e onde se não achou objecto algum de metal;

2.º—Castello de Pragança, typo de um castro tambem preromano, mas participando da civilização do periodo da pedra polida

[1] Cfr., por exemplo, *Revista de Guimarães*, I, 166.

Digitized by Google

e da dos primeiros periodos do metal, — castro em que appareceram abundantes objectos neolithicos, a par de não menos abundantes objectos de cobre ou bronze, muita variedade de louça, já lisa, já bellamente ornamentada, muitos pêsos de barro pre-romanos, tambem ora lisos, ora ornamentados, instrumentos de osso e de marfim, contas de ribeirite e de outras substancias, mas onde não se encontraram esculpturas, e onde o uso do ferro, a julgar dos objectos que se colheram, é ainda duvidoso ou pelo menos é restricto.

3.º—Sabroso, typo de um castro protohistorico, onde os instrumentos neolithicos são poucos, onde faltam os instrumentos de osso e os pêsos de barro, mas onde ha muitos objectos de cobre (ou bronze) e bastantes de ferro, embora nada de origem romana, e onde apparecem variadas esculpturas de pedra, o que revela grande adeantamento em relação ao castro do 2.º typo.

4.º—Citania de Briteiros, typo de um castro luso-romano, onde, ao lado de restos da civilização indigena analogos aos encontrados no castro do 3.º typo, se revela em alto grau a civilização romana, em moedas, inscripções, utensilios de barro, etc.

É claro que hão-de apparecer castros que estabeleçam transições de uns dos typos indicados para outros: isto é, que ao lado, por exemplo, de influencia romana contenham muitos objectos caracteristicos dos castros do 1.º e 2.º typos. Ha-de mesmo haver castros que seja difficil dizer se pertencem ao 2.º se ao 3.º typo: nos exemplos dados, o de Pragança distingue-se do de Sabroso pelo menos na abundancia dos objectos de pedra, e na ausencia de esculpturas; o primeiro parece, pois, mais atrasado que o segundo. Coincidencia notavel: tanto em Sabroso como em Pragança appareceram moedas romanas: em Sabroso uma de cobre, da Republica; em Pragança uma de prata, tambem da Republica, e parece que umas duas ou tres de cobre, reduzidas ou quasi reduzidas a chapas. Em relação á de Sabroso diz o Sr. Cartailhac: «elle ne suffit pas plus pour rajeunir l'ensemble des objets décrits qu'une monnaie du Moyen-Age, qu'on aurait ramassée dans ces terrains traversés de tous temps[1]». O mesmo se póde dizer das de Pragança; a de prata é um denario da Republica romana, e alem d'isso furado, o que mostra que andou pendurado no corpo como amuleto ou como ornato. Depois da invasão romana os habitantes do castro de Pragança, como certamente os de outras estações

[1] *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, 1886, pag. 282.

Digitized by Google

vizinhas, desceram para os valles e para as baixas, e ahi se submetteram á civilização do povo-rei, formando com o andar do tempo o actual concelho do Cadaval: nesses valles e baixas tenho encontrado fragmentos de telhas de rebordo, pesos de barro romanos, uma ara com inscripção latina, e uma moeda colonial de Turiaso, — elementos bastantes para definirem a acção de Roma. Qualquer d'estes elementos, tomado avulsamente, não bastaria para isso, ou poderia mesmo não provar nada; mas todos combinados, e nas condições em que os encontrei, adquirem a este respeito todo o valor. — Embora os ultimos habitantes do castro de Pragança tivessem visto vir os Romanos até áquellas paragens, estes não chegaram a dominar nem a influir no castro: o «Castello» de Pragança é pois um castro pre-romano propriamente dito.

Em resumo, supponho que os nossos castros, no seu estado actual, podem classificar-se provisoriamente assim:

A) Pre-romanos:

a) *neolithicos;*

b) *mixtos;*

c) *protohistoricos.*

B) Luso-romanos.

Neolithicos, isto é, do periodo da pedra polida, do qual não restam documentos escritos, e do qual quasi só podemos ter conhecimento pelo estudo directo dos objectos; *protohistoricos,* isto é, de uma epocha á cêrca da qual começam a apparecer noticias historicas, e que póde dizer-se que dura até á vinda dos Romanos, no seculo III antes da era christã. A epocha dos metaes pertence em parte á prehistoria, em parte á protohistoria. Ao passo que os castros protohistoricos manifestam *successão* da civilização protohistorica á neolithica, ou já completa *substituição* de uma á outra, os mixtos revelam ainda a *coexistencia* das duas civilizações. Parece-me ficar assim estabelecida claramente a distincção que dos typos geraes acima fiz.

J. L. de V.

Inscripção christã de Mertola

(Do seculo VI)

Pela epigraphia temos noticia da influencia christã em Mertola, desde o seculo V. Estacio da Veiga reuniu a este proposito algumas inscripções na sua *Memoria das antiguidades de Mertola,* Lisboa 1880, pag. 85 sqq.

Digitized by Google

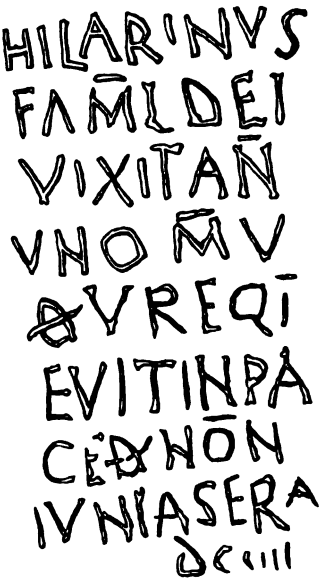
Anteriores aos trabalhos de E. da Veiga são estes do Sr. E. Hübner sobre as inscripções christãs da Peninsula na epocha wisigothica:

Inscriptiones Hispaniae Christianae, Berlin 1871;

Inscriptiones Britanniae christianae ... accedit *Supplementum inscriptionum christianarum Hispaniae,* Berlin 1876.

Á cêrca das *Inscriptiones Hispaniae christianae* publicou o Sr. Le Blant dois substanciosos artigos no *Journal des savants,* 1873.

Como não conheço directamente o referido *Supplemento das Inscripções da Britannia,* não sei se a seguinte inscripção, que foi achada em Mertola, e de que em 1891 me enviou um decalque o meu amigo Dr. Fortunato da Fonseca, do Alandroal, estará ainda inedita; mas provavelmente está:



Desfazendo as abreviaturas, o texto é assim: *Hilarinus, famulus Dei, vixit anno uno, mensibus quinque, diebus quinque; requievit in pace die nonas Junias, era 604.*

Isto significa: *Hilarino, servo de Deus, viveu um anno, cinco meses e cinco dias; descansou em paz no dia 5 de Junho do anno de 566*[1].

[1] A inscripção tem «era de 604»; como se trata da era de Cesar, e esta se differença da era de Christo 38 annos, fiz aqui a respectiva reducção.

Digitized by Google

Esta inscripção offerece caracteres que já se encontram noutras da Peninsula, como *famulus Dei* e *requievit in pace.*

Quem quiser ter amplas noticias da epigraphia christã d'esta especie consulte, alem dos citados trabalhos, mais estes do Sr. Le Blant:

Inscriptions chrétiennes de la Gaule, antérieures au VIIIe *siècle,* Paris 1856, 2 vol.;

Manuel d'épigraphie chrétienne d'après les marbres de la Gaule, Paris 1869;

L'épigraphie chrétienne en Gaule et dans l'Afrique romaine, Paris 1890.

Todos estes trabalhos, e os de cima, com excepção do *Supplemento das Inscripções da Britannia,* ha-os na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

J. L. de V.

A Mògueira

A um kilometro, pouco mais ou menos, de S. Martinho de Mouros, no concelho de Rèsende, ao pé de um pinhal, ha um morro, de altos penedos, chamado *A Mògueira.*

Na base do morro, no valle, vêem-se muitas sepulturas abertas em rocha, já sem tampa e vazias, orientadas de N. a S. Observei umas oito, mas ha mais; algumas erão de crianças. O desenho mostra o typo geral das sepulturas.

Pelo morro apparecem fragmentos ceramicos, — telhas de rebordo (romanas) e vasos —, escóreas e pedacitos de ferro oxydado.

Como disse, o morro é cheio de penedos: em quasi todos estes ha cavidades, umas redondas outras quadradas. Isto é frequente nos castros, e o povo algures chama-lhes *pias.* Muitos penedos são talhados; outros tem escadas, feitas na propria rocha, facto vulgar nos castros do Baixo-Douro. Em varios penedos achei as célebres *còvinhas* prehistoricas («fossettes» dos archeologos franceses), irregulares, algumas de um decimetro de diametro, pouco mais ou menos, e ás vezes ligadas entre si por sulcos, d'este modo:

Còvinhas analogas tenho-as encontrado em castros beirões e em antas beirôas e alemtejanas.

Digitized by Google

No môrro ha uma furna, para onde se desce por escadas. Ahi appareceu, ao que dizem, uma panella com várias moedas, sendo uma de oiro, que, pelas informações que me derão, julgo que era romana; mas não as vi.

A Mógueira é, pois, uma como muitas das estações luso-romanas que se alcandoram sobre as altas ribanceiras do Douro.

Estive lá em 27 de Março de 1891, apenas para fazer um simples reconhecimento. Ainda talvez um dia eu proceda ahi a algumas excavações.

J. L. de V.

Antiguidades de Mortágua

Fallando com um individuo de Mortágua, deu-me elle as seguintes informações.

A um kilometro da villa ha um cabeço, em que existem várias capellas. Chama-se *Cabeço do Senhor do Mundo,* por uma das imagens ter o nome de *Senhor do Mundo.*

O cabeço está cheio de mato, mas por detrás das capellas, em um sobreiral, existem ruinas de «uma povoação dos Moiros», descobrindo-se ainda paredes de casas, etc.; esta povoação denomina-se «Crasto».

Ao fundo do cabeço corre um rio pequeno, sem nome.

Nas abas vê-se um penedo com uma excavação redonda, não muito funda, chamada «cozinha dos Moiros».

A povoação do Crasto era muito grande; deixou ainda muitas casas em ruina.

Consta pela tradição que o local actual de Mortágua formára d'antes um lago; o povo diz hoje que é «Agua Morta», explicando assim o nome moderno.—É uma explicação popular como muitas, sem valor philologico.

Em virtude das informações precedentes, póde affirmar-se que o Cabeço do Senhor do Mundo entra na categoria dos castros, taes como os descrevi a cima, pag. 3 sqq.

*

Uma vez, no comboio, encontrei outro individuo que me disse terem apparecido em Mortágua «tijolos lettrados» (isto é, com lettras),—com as quaes se compôs uma parede. Seriam as lettras *marcas figulinas* romanas?

J. L. de V.

Digitized by Google

Notícias de antigualhas da Terra de Miranda no seculo XVIII

No *Diccionario Geographico de Portugal,* do P.e Luis Cardoso, que existe em manuscrito na Torre do Tombo[1], ha muitas notícias archeologicas. Publico aqui as que se referem á Terra de Miranda, e peço aos leitores que as puderem completar, pelo conhecimento que tiverem das localidades, o obsequio de o fazer, — que de bom grado *O Archeologo* lhes abre as suas páginas.

1. De Malhadas, termo de Miranda

«..... da parte do Norte para o Occidente entra neste termo aquella nomeada estrada chamada o *Mourisco,* que dizem os Naturaes[2] se pode transitar por ella sem entrar em povoação alguma da carta dos Catholicos Reys para a do Nosso Fidelissimo Monarca, que dista deste lugar oitenta legoas: tem este lugar á parte do Occidente huma alagoa bastante funda, e muito celebrada dos Castilhanos pelas muitas rans que nella se crião, e á mesma parte se achão huns vestigios, que indicão ter sido fortaleza aonde chamão *a Miramolina,* e das suas ruinas se mostra que era grande e he mui proprio ter sido habitação.....» (Tom. XXII, fl. 245).

2. De Picote, termo de Miranda

«Ha pertencentes a esta aldea tres capellas hũa das quaes fica para o Nascente distante dous tiros de pedra pouco mais, ou menos, intitulada do Santissimo Christo dos Carrascos, a qual foi algum dia Igreja principal desta Parochia, ... Ha tradição de que esta Capella foi mesquita de Mouros, e ainda as paredes desde a parte do Nascente athe o meyo indicão a sua antiguidade. ..... As antiguidades de que ha tradição vulgar são as seguintes: Que este lugar foi cidade chamada *Del Cueto* denominada por Mouros; ha dentro delle, e ainda por fora para a parte do Douro, sepulturas abertas a pico em fragas de canteria; conservão-se vestigios de hũa fortaleza para a parte do Nascente em distancia de hũa legoa apartadas do Rio Douro couza de hum tiro de mosquete, no sitio a que chamão Cigaduenha, limite desta mesma aldea, aonde ainda se diviza

---

[1] Sobre elle v. Innocencio, *Dicc. Bibliogr.,* v, 278, e *Suppl.,* XVI, 7.

[2] No original está *Natures.*

Digitized by Google

por seus alicerces a muralha com o ambito de seis geiras de arado, que levarão nove ou des alqueires de semeadura, com a porta principal para a parte do Norte. Mostra-se que em circuito do mesmo muro havia hũa calçada de pedras, entre as quaes se seguravão outras que sobresaião na altura de tres palmos em fileiras com distancia de palmo e meyo de pedra a pedra, interpoladas de forma que as de hũa ficavão na direytura dos vãos, e intermeyos da outra de forma, que por ella se não podia caminhar via recta e ainda hoje se conserva parte, de largura de vinte passos com pouca differença; aqui em pouca distancia, para a parte do Nascente, existe hũa fraga levantada a modo de baluarte com o nome de *Castello de las Ruecas;* nella se achou ha pouco tempo hum alfange todo de metal amarello. Mais abaixo, distante desta aldea pouco mais de um tiro de bala, entre o Nascente e o Sul, ha outra fraga alta, desta parte tambem de Portugal, na margem do rio Douro com degraos abertos na canteria da mesma fraga, no cimo da qual ainda se achão signaes de muro e pedaços de argamassa. Pello meyo desta fraga desce hũa concavidade profunda, em cuja boca se acha hũa pedra preta, differente das que ha em aquelle sitio, que está cobrindo a mesma boca; he inaccessivel, e na rais desta fraga, para a parte do Douro, se ve distilar agua, ou licor de cor de ferrugem.» (Tom. XXIX, fl. 1237).

3. De Penas Royas, comarca de Miranda

«..... tem Castello, que he antiquissimo, cujos muros estão arruinados, que erão de pedra de seixo bruto, pedra que não pode ser lavrada e tem huma Torre Antiquissima que ainda está bem segura e fabricada do mesmo seixo bruto, esta tem quatro esquinas, não pode ser bombeada de parte alguma sem que a bomba vá esgodando (*sic*) porem nan tem aseyo algum mais que as paredes, estas bem altas. Sobre a porta (que tambem fica levantada mais de trinta palmos) está hum letreiro que por sua antiguidade se não lé, e á parte direita no peito está huma comenda bem feita.» (Tom. XXVIII, fl. 961).

J. L. de V.

«Cidade velha» de Monte-Cordova

No romance de Arnaldo Gama, *O segredo do abbade,* Porto 1864, pag. 373 sqq., vem uma nota á cêrca de umas ruinas situadas no Monte-Cordova, sobre o rio Vizella, a legua e meia da villa de Santo

Digitized by Google

Thyrso, que lhes fica a sudoeste. O auctor diz que o povo as denomina *Cidade velha, Citania, Gitania* e *Cinania;* mas pelo menos os dois ultimos nomes são de certo apocryphos.

Eis a nota:

«Estas ruinas occupam toda a vasta planura do Monte-Cordova, estendendo-se principalmente de sul a poente, e descendo ainda por este ultimo lado, cousa de duzentos ou trezentos passos, pela encosta do monte a baixo..... Nestas ruinas vêem-se ainda os vestigios, mas já truncados, dos alicerces das casas, perfeitamente arruadas, alicerces que eram de pedaços de granito de dous palmos de comprido e um de largo. Existem os restos de não poucos poços, faceados de rijissimos tijolos, e quasi todos totalmente entupidos e arruinados, graças á estupidez supersticiosa e crendeira dos aldeãos, que de quando em quando vão esgaravetar por aquelles sitios em busca de thesouros encantados. Da elevação, em que a cidade foi edificada, e do que resta das fortificaçoens, conhece-se que os fundadores quiseram fazer d'ella uma praça inexpugnavel, um último refúgio em apêrto supremo..... Dos vestigios muito evidentes das fortificações conhece-se que ellas consistiam de seis ordens de muros, a principiar na borda da planura, e descendo muito intervallados, por toda a extensão da encosta. Os dous primeiros, a principiar da povoação, eram feitos de pedras de granito lavrado, e pouco mais ou menos do tamanho das dos alicerces das casas; os outros eram construidos de pedras maiores e bastante toscas».

O auctor fez estas observações em 1851.—Vê-se que a Cidade Velha é um castro.

J. L. de V.

Antiguidades romanas de Tomar

Num jornal de Tomar (*A Verdade,* n.° 703, de 15 de Outubro de 1893), lê-se a seguinte notícia:

«Têm continuado a apparecer vestigios da importante cidade romana —Nabancia— na cerrada do nosso amigo o conselheiro João Tamagnini da Motta Barbosa.

«Ha dias ali appareceu parte da cabeça d'uma estatua romana, de marmore finissimo, e d'um trabalho artistico primoroso que revela o cinzel de um artista de primeira ordem.

«Antes fôra encontrado parte de um braço esquerdo que parece não pertencer á mesma estatua, mas de egual valor artistico.

Digitized by Google

«A par d'estas verdadeiras preciosidades que se encontram actualmente no pequeno museu de curiosidades do nosso amigo Antonio da Silva Magalhães, têm apparecido algumas dezenas de moedas romanas, algumas d'incontestavel valor, como a que parece ser cunhada pelo Municipio Nabantino, e cuja descripção trancrevemos do nosso collega o *Correio de Thomar:*

«Aquella medalha é de cobre, de feitio circular e tem o tamanho da nossa moeda de vinte réis:

D'um lado tem um busto, circumdado d'uma legenda da qual claramente se lê — CAESAR. DIV. AVG. F. AVG. não se podendo ler o resto que continha; e no reverso, contém a imagem d'um boi, tendo na sua parte superior a palavra MVNICIP. e na inferior ... BAENTVM, reconhecendo-se por uns pequenissimos vestigios, que áquelle resto da palavra precediam as lettras N. e A., que no seu todo formavam uma palavra, qual era NABAENTVM.»

«Como se vê é um exemplar unico e que muita luz vem derramar no controvertido assumpto da existencia da celebre cidade romana

«Nas moedas encontradas poucas duplicadas existem, o que lhes augmenta o valor colleccionavel.

«Alem d'estes achados d'alto valor artistico e archeologico, tem apparecido grande quantidade de telha, tijolo, moengas romanas e importantes vestigios d'alicerces que bem demonstram que ali foi o sitio da velha cidade dos romanos.....

«Pena é que uma exploração methodicamente feita não descubra todo o vasto assento da magnifica Nabancia.»

Á cêrca do nome *Nabancia* dado, quer ás ruinas romanas exploradas pelo benemerito archeologo, o Sr. Possidonio da Silva, e que existem perto de Tomar, — as quaes visitei em 1890 na amavel companhia do Sr. Antonio da Silva Magalhães, a quem se refere a noticia antecedente —, quer a outras ruinas situadas em local diverso, faço por em quanto algumas reservas.

Quanto á moeda em que se suppõe existir menção de um Municipio Nabantino, ella nada mais é, no meu entender, do que um vulgar medio-bronze de *Cascantum,* cunhado em tempos do imperador romano Tiberio. Tomou-se CASCANTVM por um supposto NABAENTVM, como se vae ver.

No anverso deve ler-se:

TI. CAESAR. DIVI. AVG. F. AVGVSTVS

o que significa *Tiberio Caesar Augusto, filho do divo* (ou *deus*) *Augusto.*

Digitized by Google

No reverso deve ler-se:

MVNICIP CASCANTUM

isto é, *municipio de Cascanto*. Este municipio ficava na Hispania Citerior.

Estamos, pois, muito longe de um municipio nabantino, que por ora não consta que existisse.

*

No cemiterio de Tomar tinha apparecido, pouco antes da minha estada na cidade, uma moeda colonial de Emerita, igual á do n.º 6 da estampa XXIII do vol. I das *Medallas de España,* de Florez, 1757,—moeda tambem do tempo de Tiberio.

Junto do cemiterio encontram-se muitos fragmentos de *tegulae* (telhas grossas de rebôrdo), o que igualmente é outro testemunho da influencia romana: eu mesmo levantei do chão muitos d'esses fragmentos.

Na torre de menagem do castello ha inscripções romanas que vem copiadas no *Corpus Inscriptionum Latinarum,* vol. II.

Vê-se que os vestigios romanos se estendem numa área bastante dilatada.

*

Por occasião de visitar, como a cima disse, algumas das ruinas que ha nos arredores de Tomar, visitei tambem o museu particular do Sr. Silva Magalhães. A esse tempo o museu era já interessante: o Sr. Magalhães havia colleccionado nelle bastantes antiguidades. De então para cá, tem augmentado. O *Archeologo Português* publicaria de boa mente quaesquer descripções dos objectos, acompanhadas de estampas, que o Sr. Magalhães lhe enviasse.

J. L. de V.

Noticias archeologicas de Penafiel

No antigo jornal de Penafiel, *O seculo XIX,* vem um artigo intitulado «Apontamentos para a historia topographica de Penafiel» por Simão Rodrigues Ferreira, curioso investigador, já fallecido, das anti-

Digitized by Google

guidades da sua terra[1]. Este auctor não tinha crítica; todavia póde aproveitar-se uma ou outra das suas informações. Do referido artigo transcrevo o seguinte, que me parece aproveitavel:

1. Dolmen do Forno de Mouros

«..... o monumento de Forno de Mouros, sito no logar da Portella, pela parte de cima da ponte de Santa Martha. Pela semelhança com um forno, denominam-no *Forno de Mouros,* e consta de quatro grandes e toscas pedras levantadas ao alto, sobre as quaes pousa uma enorme lage. Este monumento, pertencendo talvez ás *dolmines en galerie,* de que faz menção M. Legrand d'Assy (*Memorias do Instituto Nacional de Paris*), é funerario ..... Aberto e profanado de tempos immemoriaes ..... tem algumas pedras quebradas, está virado ao nascente, e em fórma de galeria». (*O Seculo XIX,* 1864, n.º 5).

2. Marco de Luzim

«É uma grande e tosca pedra de granito, lavantada ao alto». (*Ibidem, ib.*).

O auctor suppõe que sería um *menhir*. No emtanto o facto deve ficar para averiguações posteriores.

3. Sepulturas abertas em rocha

«Na Portella de Forno de Mouros, debaixo e perto de uma parede estão duas ..... Estas sepulturas são cavadas na rocha, tem um círculo onde se collocava a cabeça do cadaver, alargando igualmente de ambos os lados para os hombros, e estreitando para os pés». (*Ibidem,* n.º 6).

O auctor suppõe que sejam romanas estas sepulturas; mas isto não é ainda cousa bem averiguada.

4. Vestigios romanos

«Nas freguesias de Marecaz e Boa-Vista, d'este concelho, se acharam panellas de moedas romanas, e aqui [a Penafiel] vieram vender-se a pêso, o que assaz prova serem estas terras habitadas no tempo dos Romanos por povos que tambem viviam vida romana». (*Ibidem,* n.º 6).

J. L. de V.

---

[1] Publicou artigos na *Era Nova,* Lisboa 1880–1881; n-*O Pantheon,* Porto 1880–1881; e é tambem auctor de um ou mais opusculos historicos.

Digitized by Google

Cursos de archeologia

1. Cadeira de numismatica

Nesta cadeira, que está estabelecida na Bibliotheca Nacional de Lisboa, e faz parte do Curso superior de bibliothecario-archivista, matricularam-se no actual anno lectivo de 1894–1895 seis alumnos.

A primeira epocha do anno foi consagrada ao estudo da *Numismatica geral.*

As lições são ao mesmo tempo theoricas e práticas.

2. Cadeira de archeologia christã

Lê-se n-*O Dia* (n.º 2:284, de 15 de Janeiro de 1895):

«O Sr. bispo de Portalegre instituiu no seu Seminario uma classe de archeologia e iconographia christã, a que ficam obrigados os alumnos do 3.º anno do curso theologico.

Damos com prazer esta noticia, desejando que o facto se generalize a outros seminarios, tanto mais que a idéa de taes classes foi suggerida pelo *Dia,* onde um dos seus redactores apresentou e advogou a instituição das escolas de arte nos seminarios, nos artigos assignados *Maximo Rabujento.*

O artigo a que nos referimos é de 20 de Novembro. Até àquella data só em Coimbra, Beja e Faro se tinham começado a colleccionar objectos d'arte, sem preoccupações de ensino.»

A esta noticia devo accrescentar que, pelo menos no Seminario de Beja, havia já uma cadeira de archeologia christã, regida até, segundo creio, pelo respectivo prelado, o Rev.º Sr. D. Antonio Xavier, que publicou para uso dos alumnos um compendio.

Segundo se lê no *Diario de Noticias* de 15 de Janeiro de 1895, a aula de archeologia e iconographia christã do seminario de Portalegre começa a funccionar em 12 de Março.

J. L. de V.

Notícias várias

1. Achado em Amarante

Dizem de Amarante que appareceram ultimamente alguns vasos romanos em umas excavações na propriedade de Villa Leça, de Gondar. (*Novidades,* 20 de Abril de 1894.)

Digitized by Google

2. Achado archeologico destruido

«Pelos fins de Fevereiro do corrente anno de 1894, na freguesia de S. João Baptista de Chavão, d'este concelho de Barcellos, abrindo um rustico cóvas para plantar videiras, encontrou no campo da Porta (propriedade que havia sido de Thomás Joaquim de Sousa, hoje pertencente a Theresa da Silva, viuva, do logar da Ordem), duas sepulturas de pedra, unidas, cabendo bem á vontade dentro de cada uma um homem alentado, ao comprido.

Eram feitas de varias pedras grossas lavradas, servindo a parede, ou pedras do meio, de divisão de ambas.

Não tinham, porém, fundo de pedra; o seu lastro era o salão; e não continham friso de assentar as tampas, que constavam de diversas pedras.

Não se encontra nellas inscripção alguma nem emblema; uma estava vazia, sem indicio de ossos ou cinzas; a outra, porém, achava-se violada e cheia de terra, e parece que o fôra da fórma seguinte: antigamente ao plantar-se ahi um salgueiro, encontraram-se pedras deitadas, (tampa); tiradas estas, continuou-se a cova, e se plantou a arvore, que cresceu, rebentou de novo, não se raciocinando sobre o apparecimento das pedras; só agora se deu com a construcção.

Orientação: cabeceira entre poente e norte; pés ao nascente.

Ficaram em frente da egreja da commenda de Malta, e perto d'esta e da velha estrada publica para a Povoa.

Quando tivemos noticia d'este apparecimento, examinamos as pedras, que já haviam sido removidas para distancia.

Agora os archeologos que decidam sobre o achado e importancia da noticia.=P.e J. P. G. R.» (*Aurora do Cavado,* 30 de Maio de 1894.)

3. Museu em Serpa

Lê-se n-*O Seculo,* de 26 de Janeiro de 1895, em telegramma expedido de Serpa:

«Consta que a Camara municipal vae fundar uma bibliotheca publica, aproveitando para este fim diversos manuscriptos valiosos que possue, e a livraria que pertenceu á extincta Companhia Operaria.

Tambem se fala na criação, annexa, de um museu archeologico.

Applaudimos jubilosamente.»

Os campos de Serpa tem produzido bastantes objectos archeologicos. A maior parte das moedas autonomas da collecção do

Digitized by Google

Dr. D. José de la Féria y Ramos foram ahi encontradas, segundo elle me disse ha annos, quando lá estive. Alem d'isso os habitantes de Serpa podem vangloriar-se de que o nome da sua villa já consta de documentos que datam da antiguidade; ha mesmo uma moeda antiga, em que se lê SIRPENS, attribuida a Serpa.

Por todos estes motivos a criação de um museu archeologico local, —apesar de ficar perto o rico museu de Beja—, é muito para desejar; e a Ex.ma Camara, se a levar a effeito, merece os maiores louvores.

J. L. de V.

Catálogo do Museu de Beja

Camara Municipal de Beja: Museu Archeologico: Catalogo da Sala Adolpho A. Doria, 1.º fasciculo (Pesos e Medidas), Beja 1894, 91 pag.

A Ex.ma Camara Municipal de Beja fundou nos seus paços um importante Museu Archeologico, que vae augmentando todos os dias, graças á dedicação do povo bejense. Este Museu abrange todas as epochas da nossa historia, desde os tempos prehistoricos. Na secção antiga a parte mais valiosa é a protohistorica e a romana: dos tempos protohistoricos possue como joias de inestimavel valor umas lapides com inscripções em caracteres ibericos, que melhor talvez podemos chamar «turdetanicos», lapides de que falla o arcebispo Cenaculo, e que se julgavam perdidas; dos tempos romanos o Museu possue muitos objectos,—inscripções, esculpturas, barros, etc. Tambem ha no Museu alguns objectos de ethnographia moderna do Alemtejo, o que tem igualmente bastante valor para os visitantes de fóra da provincia, porquanto esta é na sua feição ethnographica uma das provincias mais caracteristicas do país.

Com o titulo que me serve de epigraphe publicou a Ex.ma Camara o 1.º fasciculo do Catalogo do seu rico Museu. Este Catalogo está bem organizado: versa sobre pesos e medidas, indicando-se em varias columnas o numero de ordem, o nome de cada objecto, a materia de que é construido, o emprêgo, a data da aferição, etc.; muitos dos objectos são do seculo XVI, XVIII e principios do XIX, e tem nomes curiosos como: *raçoarios* (para medir secos), *alquiez* (para medir cabedal), *marca* (nome de dois pesos: um para medir telha,—e outro para medir meias de lã), etc. No fim do fasciculo transcrevem-se, em appendice, muitos documentos historicos.

Digitized by Google

Do pouco que deixo dito vê-se que a Ex.ma Camara bejense se torna merecedora dos maiores applausos por parte dos estudiosos, pois comprehendeu perfeitamente uma das mais altas missões dos corpos sociaes dirigentes, qual é contribuirem, por meio do esclarecimento da historia local, para o derramamento da instrucção, e para que assente em bases solidas o amor da terra patria.

É para desejar que a publicação do resto do catalogo se não faça demorar. Quando os objectos tiverem apparecido em excavações, ruinas, etc., torna-se util que se indique o local, data e mais circumstancias do achado. Tambem terá todo o cabimento a indicação das dimensões de cada objecto, como monumentos, inscripções, esculpturas, etc., e, se se pudessem juntar alguns esboços de objectos, de importancia capital, maior seria o valor do Catálogo.

J. L. de V.

Collecção ethnographica do Sr. M. d'Azuaga

O Sr. Marciano d'Azuaga, chefe da estação dos caminhos de ferro de Villa Nova de Gaia, possue uma collecção ethnographica bastante

curiosa, a que fiz uma rapida visita em Dezembro de 1892. Encontram-se nessa collecção instrumentos prehistoricos, objectos romanos, louças portuguesas antigas, armas, moveis, moedas (romanas,

Digitized by Google

ibericas, visigothicas e portuguesas), joalharia, quadros, e ainda objectos dos indigenas das nossas possessões, etc. Á sua variada collecção ethnographica juntou tambem o sr. Marciano de Azuaga uma collecção zoologica.

Entre os objectos prehistoricos tem o sr. Azuaga os seguintes: um machado de pedra polida, achado em Santarem; vinte e seis achados no Reguengo do Fetal (Porto de Mós), tendo um de comprido 0^{m},290; quatro machados de pedra polida, de S. Mamede de Riba-Tua; uma haste de cobre ou bronze, á maneira de formãozinho;

um machado polido, vindo de Paialvo, muito grande, de 0^{m},330 de comprido; parte de uma serra de silex, proveniente dos megalithos de Bellas; uma haste cylindrica de calcareo, com ornatos circulares, provinda tambem de Bellas e analoga á que Carlos Ribeiro desenhou nos *Estudos prehistoricos,* II, 39; um bonito machado de cobre ou bronze, de aselhas, proveniente do Sul do reino; mais tres do mesmo feitio, sendo um achado numa excavação ao pé de Barcellos, outro achado nos Cortiços (Mirandella), outro em Contomil (Tras-os-Montes) ao pé de umas minas metalliferas antigas; um machado de cobre ou bronze, sem aselha, provindo de uma aldeia de Valença; um martello de pedra, com o sulco circular pelo meio (fig. 31), achado na quinta do visconde de S. Antonio de Lourido em Cerveira (Minho).

Digitized by Google

Entre os objectos romanos, como fragmentos de mosaico provenientes de Braga e de Elvas, ha dois pesos de barro, sendo um de S. Mamede de Riba-Tua, do mesmo local onde appareceram os quatro machados neolithicos mencionados a cima, e outro das ruinas de ao pé de Tomar, chamadas Nabancia. O pêso de S. Mamede de Riba-Tua é liso; o das ruinas de Tomar, tem numa das faces lateraes este signal:

e na outra face este:

signaes que exprimem provavelmente a relação de pêso.

Fig. 38

Fig. 18

Fig. 40

Fig. 1

Digitized by Google

Da epocha romana possue tambem o sr. Azuaga uma interessante estatueta metallica (cobre ou bronze) de Mercurio, de 0^{m},223 de altura, achada em 1877 em Casal-Comba (Mealhada), local em que appareceram outras antigualhas, como uma argola de ouro (pulseira?), moedas romanas de Constantino, e fragmentos ceramicos, — mas estas antigualhas não as possue o sr. Azuaga. O Mercurio está nu, muito bem trabalhado, faltando-lhe a perna e o braço esquerdos; o cabello cae em trança em toda a volta da cabeça; o chapeu (*petasus*) devia ter asas, que estão quebradas; asas nos pés; na mão direita a bolsa em fórma de losango. Melhor que a descripção fallam as estampas de pag. 24 e 25, em que se vê o deus representado de frente e de costas (a peanha não faz parte integrante). A estatueta é ôca como se vê numa abertura que tem no hombro esquerdo, no sitio correspondente á falha do braço. — Esta estatueta fazia parte provavelmente de um sanctuario público ou doméstico; conheço no nosso país outras do mesmo deus romano, a cujo culto me referi já num pequeno artigo intitulado *Inscripção inedita de Mercurio em Moura,* Portalegre 1892, pag. 1–2.

Fig. 11

Fig. 39

Fig. 3

Fig. 55

Fig. 29

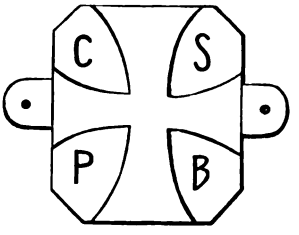
Fig. 56

Fig. 16

Fig. 37

Digitized by Google

Entre os objectos mais modernos que existem na collecção do sr. Azuaga notarei aqui uma cruz de S. Bento, de prata, pouco mais ou menos da fórma abaixo indicada. Aquellas lettras significam *Crux Sancti Patris Benedicti;* no reverso da medalha lê-se CRVXS BENEDICTI. Esta cruz é provavelmente do seculo XVII. Já num artigo que publiquei na *Revista do Minho,* I, 69, juntei algumas notas á cêrca da cruz S. Bento.



Quanto a moedas, notarei entre outras as seguintes: uma municipal da Hispania, achada em Valladares (Gaia), e tendo no anverso IMP. AUG. DIVI F., a cabeça de Augusto á direita entre o caduceu e uma palma, e no reverso um escudo,—moeda que D. An-

Digitized by Google

tonio Delgado considera como de «omonoia», ou alliança, entre Segobriga e Sagunto[1]; uma moeda de prata com caracteres ibericos (*argentum oscense*), achada com muitos denarios da Republica Romana em S. Mamede de Riba-Tua, localidade d'onde provieram, como disse a cima, antiguidades neolithicas e romanas[2]; várias moedas de cobre, tambem com caracteres ibericos, mas cuja procedencia se ignora; uma moeda visigothica de Reccarêdo, cunhada em Eminio (hoje Coimbra), em cujo anverso se lê IMINIO PIVS, e em cujo reverso se lê RECCARIDVS RE,—moeda achada na Veiga de Carrelhão (Minho)[3].

D'esta notícia summária vê-se que a collecção do Sr. Marciano d'Azuaga é effectivamente digna de ser conhecida, e que elle merece muitos elogios pelo amor que tem posto em a organizar.

---

[1] V. *Medallas autónomas de España*, vol. III, est. CLXVI.

[2] Esta moeda é das attribuidas a Osca,—*denario*. Corresponde aos do n.º 47 dos *Monumenta linguae Ibericae* de E. Hübner, pag. 52.

[3] Cfr. Heiss, *Monnaies wisigothiques*, pag. 91.

Digitized by Google

Mappa explicativo das estampas

N.º	Designação dos objectos	Diametro	Altura	Comprimento	Proveniencia dos objectos
1	Vasilha de barro	0m,120	0m,143	–	Marco de Canaveses.
2	Instrumento de pedra (neolithico)	–	–	0m,125	Reguengo do Fetal (Porto de Mós).
3	Idem	–	–	0m,145	Idem.
4	Idem	–	–	0m,193	Idem.
5	Idem	–	–	0m,154	Idem.
6	Idem	–	–	0m,123	Idem.
7	Instrumento da epocha do bronze	–	–	0m,225	Cortiços (Mirandella).
8	Idem	–	–	0m,195	Contomil.
9	Idem	–	–	0m,222	Boriz (Barcellos).
10	Idem (partido)	–	–	0m,105	S. Mamede de Riba-Tua.
11	Pêso de barro romano	–	–	0m,130	Idem.
12	Instrumento da epocha do bronze	–	–	0m,145	Junto de Valença do Minho.
13	Idem	–	–	0m,170	S. Mamede de Riba-Tua.
14	Instrumento de pedra	–	–	0m,115	Amazonas (Pará).
15	Idem	–	–	0m,095	Idem.
16	Idem (serra)	–	–	0m,094	Proximo a Queluz e Bellas.
17	Instrumento de pedra	–	–	0m,097	Amazonas (Pará).
18	Taça de barro	0m,124	0m,093	–	Tomar.
19	Instrumento de pedra (periodo neolithico)	–	–	0m,102	Porto de Mós.
20	Idem	–	–	0m,168	Idem.
21	Idem	–	–	0m,125	Idem.
22	Idem	–	–	0m,102	Idem.
23	Idem	–	–	0m,112	Idem.
24	Idem	–	–	0m,145	Idem.
25	Idem	–	–	0m,330	Tomar.
26	Idem	–	–	0m,170	Reguengo do Fetal.

Digitized by Google

27	Idem	–	–	0m,290	Idem.
28	Idem	–	–	0m,180	Idem.
29	Pêso de barro romano	–	–	0m,029	S. Mamede de Riba-Tua.
30	Instrumento de pedra	–	–	0m,110	Porto de Mós.
31	Martello	0m,053	0m,048	–	Villa Nova da Cerveira (Minho).
32	Vasilha de barro	0m,140	0m,174	–	Penafiel.
33	Instrumento de pedra	–	–	0m,110	Dos megalithes de Bellas.
34	Haste de pedra	–	–	0m,152	
35	Instrumento de pedra	–	–	0m,126	Santarem.
36	Idem	–	–	0m,182	Idem.
37	Tijolo	–	0m,280	0m,270	Carvalheiras (Braga).
38	Panella	0m,090	0m,108	–	Marco de Canavezes.
39	Idem	0m,093	0m,110	–	Idem.
40	Pêso	–	–	0m,106	S. Mamede de Riba-Tua (Cortinhas).
41	Instrumento de pedra	–	–	0m,090	Differentes partes: Reguengo, Porto de Mós e Penafiel.
42	Idem	–	–	0m,088	
43	Idem	–	–	0m,105	
44	Idem	–	–	0m,108	
45	Idem	–	–	0m,115	
46	Idem	–	–	0m,112	
47	Idem	–	–	0m,105	
48	Idem	–	–	0m,095	
49	Idem	–	–	0m,170	
50	Idem	–	–	0m,072	
51	Idem	–	–	0m,080	
52	Idem	–	–	0m,070	
53	Idem	–	–	0m,100	
54	Idem	–	–	0m,108	
55	Pêso	–	–	0m,103	S. Mamede de Riba-Tua (Cortinhas).
56	Panella	0m,190	0m,260	–	Marco de Canavezes.

Os objectos designados com os n.os 1, 18, 32, 38, 40, 56 (vasilhas de barro) e 37 são certamente da epocha romana.

Digitized by Google

P. S. As duas tabellas precedentes, bem como as estampas a que ellas se referem, foram-me enviadas pelo Sr. Marciano d'Azuaga já depois de composto o corpo do artigo. A fim de não desmanchar este, e não desejando, por outro lado, que a notícia do Museu sahisse sem esta importante addição, publico as tabellas taes como as recebi sem as encorporar no artigo.

J. L. de V.

Antiguidades de Leiria

Tendo o viajante inglês, Sr. Eduardo Spencer Dodgson, publicado n-*O Districto de Leiria* um artigo a proposito das antiguidades da cidade, este artigo suscitou outros, que, com a devida venia, aqui transcrevo, por isso poder interessar aos leitores d-*O Archeologo:* o 1.º é meu; o 2.º é da redacção d'aquelle jornal; o 3.º é do Sr. Christino da Silva. O artigo do Sr. Dodgson não o transcrevo, por ser parte d'elle de phantasia; a parte que não é de phantasia contém inscripções que já tinham sido estudadas.

J. L. de V.

1. Carta ao Sr. Dodgson

«Ex.mo Sr. — Lembrou-se V. Ex.ª de me enviar o seu artigo sobre as antiguidades de Leiria, publicado n-*O Districto* de 12 de Maio corrente. Muito lhe agradeço a lembrança, e mais ainda o ter continuado a applicar o seu zêlo ao conhecimento das cousas portuguesas. Ao mesmo tempo felicito-o pelos progressos que está fazendo na prática da lingua do meu país.

Agora ha de permittir-me tambem umas breves reflexões à cêrca da doutrina expendida no artigo.

Conhecedor como é da lingua vasconça, preoccupa-se demasiadamente V. Ex.ª com a etymologia vasconça, desejando encontrar por toda a parte factos em que a apoie. Não nego que na nossa alguns elementos d'essa lingua possa haver: para porém se poder estabelecer a certeza ou a probabilidade de uma etymologia, não basta attender ás relações historicas dos povos, torna-se tambem indispensavel verificar se as palavras que se põem em confronto mantem entre si estreitas relações ideologicas e phoneticas.

Uma etymologia não se deduz aproximando ao acaso duas palavras que se parecem no som. Se o methodo glottologico consistisse só nisso, seria muito facil fabricar etymologias, pois em todas as linguas ha palavras de apparente semelhança.

Digitized by Google

Para se mostrar que tal palavra portuguesa provém de tal palavra vasconça, não se requer a simples comparação d'ellas na sua fórma moderna. Diz V. Ex.ª que em gallego ha *Leira,* a que attribue origem basca. Mas que razões dá? Primeiro que tudo devia estabelecer as leis da etymologia basca; depois procurar a fórma antiga da palavra *Leira,* e por fim ver se essa fórma antiga se harmonizava phoneticamente com o supposto etymo basco. Sem isso, toda a affirmação é gratuita. No caso de *Leira* esse trabalho era inutil para mim, pois tal palavra é a mesma que a portuguesa *leira.*

Referindo-se especialmente a *Leiria,* compara V. Ex.ª a terminação d'esta palavra com as vasconças *iria* e *uria,* que significam «cidade». De *iria* e *uria* tambem já fallou Humboldt, *Recherches sur les habitants primitifs de l'Espagne* (trad.), Paris 1866, p. 26 etc. Mas a terminação de *Leiria* nada tem com essas palavras, pois a fórma antiga do nome da cidade é *Leirea.* No *Cancioneiro da Vaticana,* n.º 1:088 e de Colocci-Brancuti n.º 1:477 lê-se: «O que vendeu *Leirea,* muito ten que fez dereyto».

A fórma anterior deve ter sido *Leirêa* a julgar do nome que apparece nos foraes do seculo XII, publicados nos *Portugaliae monumenta historica,* «Leges et consuetudines», vol. I, p. 376 e 496: este nome é *Leirena.* Em taes documentos o *n* parece-me ser um simples meio de representar à nasalidade do *e*[1]. Sem embargo, a fórma primitiva póde ter sido *Leirena,* mantendo o *n* o seu valor proprio.

Propõe V. Ex.ª como outro elemento formativo de *Leiria,* a palavra *Lena* (rio); mas, assim como *Leirena* nada tem com o vasconço *iria,* nada tem tambem, supponho eu, com *Lena,* pois era natural que, se o *n* caíu em *Leirena,* caísse tambem em *Lena,* se esta palavra entrasse na composição d'aquella. Ha muitas palavras parecidas ou iguaes quanto ao som, e que comtudo tem differente origem, como a portuguesa *penha* e a hespanhola *peña.*

Uma palavra tal como *Lena-iria* não póde, segundo as leis da lingua portuguesa, explicar *Leirena* ou *Leirea,* como V. Ex.ª imagina.

Embora eu não saiba qual é a verdadeira etymologia de *Leiria,* isso não me impede de regeitar absolutamente a que V. Ex.ª propõe.

---

[1] [Depois de publicado este artigo n-*O Districto de Leiria* encontrei effectivamente em documentos do seculo XIV muitas vezes a fórma *Leyrêa,* o que demonstra o raciocinio que fiz no texto. Estes documentos vem transcritos no valioso livro do Dr. Antonio de Vasconcellos, intitulado *D. Isabel de Aragão,* vol. I, Coimbra 1894, pag. 113 sqq. (nota)].

Digitized by Google

Desculpe V. Ex.ª as minhas reflexões, que não tem por fim molestá-lo; mas é que eu entendo que a sciencia, quando lhe falta o methodo proprio, é quasi como se não existisse.

P. S. As inscripções romanas que copiou no castello de Leiria (onde eu tambem as havia copiado ha annos) estão publicadas no *Corpus Inscriptionum Latinarum* da Academia de Berlim, vol. II, e Supplemento, n.º 337 sqq. e 5:232. O Sr. E. Hübner, que foi quem as publicou, dá juntamente indicações historicas e bibliographicas a respeito de Collippo.

O dr. Hübner falla ainda de outras inscripções collipponenses, entre as quaes uma consagrada á deusa da *Fortuna,* numa árula que hoje se conserva nesta Bibliotheca.

Aventa V. Ex.ª a ideia da criação de um museu archeologico em Leiria; não posso senão louva-lo por esta ideia: e nenhum local havia mais apropriado para elle do que o velho castello. Lembro-me até de que, quando estive pela primeira vez em Leiria, e vi as ruinas do castello, eu havia notado que a igreja, convenientemente coberta, se prestava exellentemente para museu archeologico.

Os arredores de Leiria são abundantes em materiaes archeologicos. Eu conservo alguns, colhidos ahi. Viveu em tempo em Leiria o Sr. Sande e Castro, que era desvelado cultor dos estudos archeologicos, e possuia uma collecção muito curiosa, sobretudo em objectos prehistoricos.

Oxalá que a imprensa de Leiria, auxiliada pelas pessoas illustradas da cidade, advogasse a ideia da fundação de um museu municipal, que pouca despesa traria comsigo, e era uma instituição deveras util!

Lisboa, Bibliotheca Nacional, 15 de Maio de 1894.=*J. Leite de Vasconcellos.*»

(*O Districto de Leiria,* de 19 de Maio de 1894[1].)

2. Museu Municipal em Leiria

«Por mais de uma vez temos, neste jornal, advogado a fundação de um museu municipal, embora com caracter mais generico, predominando nelle a exposição das enormes riquezas mineralogicas do

[1] O Sr. E. Dodgson respondeu a esta carta n-*O Districto de Leiria* de 26 de Maio de 1894, continuando a sustentar absurdos philologicos; mas eu não retorqui.

Digitized by Google

districto, e particularmente do concelho, a qual poderia servir de incentivo á sua exploração.

Isto porém não obsta a que do melhor grado applaudamos a creação de um museu archeologico. Não nos parece que a capella do castello pudesse sem grande despesa apropriar-se áquelle fim; mas vae, suppômos, fundar-se brevemente uma bibliotheca municipal: lembramos pois que uma das suas salas poderia, sem augmento de despesa, ser destinada ao referido museu.

Do nosso presado amigo e digno director da escola industrial, o Sr. Christino da Silva, recebemos tambem, a proposito do artigo do Sr. Dodgson, a carta que gostosamente publicâmos.»

(*O Districto de Leiria*, de 19 de Maio de 1894.)

3. Rectificação

«Sr. redactor. — Com o titulo de *Miscellanea Archeologica* publicou o seu interessante jornal n.º 633 uma serie de noticias sobre investigações de antiguidades feitas no soberbo castello de Leiria pelo Sr. Spencer Dodgson, que durante alguns dias residiu nesta cidade.

Não pretendendo desmerecer o merito d'esses estudos feitos por este cavalheiro, acho a proposito lembrar, para elucidação de muitas pessoas que creiam só agora ter tido logar esse estudo, que já ha annos foram as tres inscripções latinas da antiga Collippo copiadas pelo Sr. Jeronymo de Lima P. Sande e Castro, o qual participou o achado para a Sociedade de Archeologia de Lisboa, de que era socio.

A inscripção em portuguêz, na porta da torre de menagem, foi reproduzida em gesso, no anno passado, pelo signatario, e remettida ao Sr. Luciano Cordeiro, que a leu.

Sendo este castello como arte um dos mais notaveis da peninsula, tem sido bastante estudado e existe publicado um trabalho de reconstrucção, feito por um architecto allemão.

A primeira igreja de Leiria, o velho e abandonado templo de S. Pedro, erecto a meia encosta, é tambem interessantissimo como archeologia, e assim o faz notar o Sr. Spencer; a capella-mór é notavel pelas columnas e arcos romanicos perfeitamente conservados e do melhor typo; esta construcção é coeva da fundação da monarchia portuguesa.

Agradecendo a publicação d'estes esclarecimentos, creia-me, senhor redactor, com a maior estima. — De v., etc. = *João Ribeiro Christino da Silva.*»

(*O Districto de Leiria*, de 19 de Maio de 1894.)

Digitized by Google

Perguntas

1) Em Argeriz, ao pé de Chaves, ha vestigios archeologicos.— Em que consistem?

2) Em Outeiro-Sêcco (Chaves) dizem-nos que ha inscripções romanas. — Poderá algum dos leitores remetter-nos cópia d'ellas?

3) Em S. Julião (Chaves) dizem-nos que appareceram moedas romanas, etc. — Poderá alguem informar-nos minuciosamente?

4) Segundo nos informam, ha em Val-de-Madeiro, ao pé de Proença-a-Nova, num mato, um penedo com uma inscripção, e a pata de um cavallo esculpida. O povo diz a proposito o seguinte:

Entre o Caldeiro
E o Val Madeiro
Ha uma mina
Que tem dinheiro.

Estes versos, que fazem parte de um vasto *Roteiro tradicional,* tem variantes noutros pontos do país. É possivel que a tal esculptura e lettreiro só existam na imaginação do vulgo; todavia é provavel tambem que no local haja alguns vestigios de antiguidades,—como restos de vasos, muralhas, etc.: e por isso pedimos informações a quem estiver no caso de as dar, e nos fizer esse obsequio.

5) Na serra de Villa-Meã, a legua e meia de Bragança, ha, segundo nos dizem, varios algares, uns fundos, outros longos, em que apparecem instrumentos da idade da pedra. Póde algum leitor dar informações mais precisas?

6) Informam-nos que entre a Amoreira (Obidos) e a Serra d'El-Rei, proximo do caminho que vae para Peniche, à direita, num monte, ha uma anta.—Poderia algum leitor enviar-nos o desenho ou planta, e uma descripção do monumento?

Com relação aos tempos prehistoricos, apenas conheço nesta região as grutas da Cezareda e de Peniche, exploradas e estudadas pelo Sr. Nery Delgado, e outras estações da mesma epocha; antas ou dolmens não conheço, mas machados de pedra, da idade neolithica, tenho adquirido por lá muitos avulsos.

J. L. de V.

Digitized by Google

Digitized by Google

EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in–8.°, do formato d'este prospecto, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Anno	1$500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

É de crer que nenhuma das pessoas que se interessam por taes assumptos se recuse á pequena contribuição.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá ser dirigida a **J. A. Dias Coelho**, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

Á venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

Digitized by Google

VOL. I FEVEREIRO DE 1895 N.º 2

RECEIVED
APR 7 1911
PEABODY MUSEUM.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1895

Digitized by Google

SUMMÁRIO

MANOEL NEGRÃO.

DOLMENS OU ANTAS DE VILLA POUCA DE AGUIAR.

MUSEU MUNICIPAL EM VILLA-REAL (Tras-os-Montes).

MONUMENTO DO DEUS ENDOVELLICO.

MUSEU ARCHEOLOGICO DE ALCACER DO SAL.

ANTIGUIDADES DE TRAS-OS-MONTES.

O CASTELLO-VELHO DE ROCHA-FORTE.

RUINAS DE TROIA (em frente de Setubal).

REVISTA DE ARCHEOLOGIA.

NOTÍCIAS VÁRIAS E PERGUNTAS.

Este fasciculo vae illustrado com estampas de 7 objectos.

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. I FEVEREIRO DE 1895 N.º 2

Manoel Negrão

No vetusto solar de Mosteirô, que se pendura nas penedias que estreitam o Douro e o fazem cachoar em *pontos* terriveis, pelo seu leito de granito, vive, na freguesia de Ancêde, d'este concelho, o sr. Manoel Nicoláo Osorio Pereira Negrão.

Representante dignissimo do appellido herdado, sabe manter-lhe o brilho, sem que no seu trato cavalheiroso e distincto transpirem os preconceitos aristocraticos da raça.

Uma das paixões dominantes de Manoel Negrão são os estudos e as investigações archeologicas. Sempre que os cuidados da casa lh'o permittem, lá vae elle a percorrer as leguas infinitas do Douro e da Beira, em cata de uma inscripção, de um *dolmen,* de uma moeda archaica, de tudo que lhe leve o espirito ás remotas paragens do passado; e suppõe ganho o seu dia, se, depois de atravessar os despenhadeiros das nossas serras alcantiladas, firme na sella com o vigor dos vinte annos, consegue accrescentar ao seu museu de Mosteirô um machado de bronze ou um caco romano.

Assim tem reunido uma valiosa collecção archeologica, que mostra aos amigos que o visitam, acariciando e encarecendo com verdadeiro affecto de entendido os espécimes mais raros.

- Quem o procurar na sua vicejante quinta de Mosteirô, encontra-o quasi sempre, rodeado de antigualhas, a ler obras escolhidas de archeologia e numismatica, de que só desvia a attenção para a prestar ás perguntas dos formosos netos que não raro lhe fazem companhia á sua mesa de estudo.

No livro intitulado *Maria da Fonte* dedica-lhe Camillo Castello Branco as seguintes linhas:

Digitized by Google

«Manoel Nicoláo Osorio Pereira Negrão, filho do desembargador Pereira Negrão, e neto do celebre e erudito chanceller-mor do reino, Manoel Nicoláo Esteves Negrão, cofundador da Arcadia Ulyssiponense, retirou ha vinte e cinco annos do Porto para a sua casa solar de Mosteirô, na margem direita do Douro. Entre os rapazes mais prezados, mais cavalheiramente briosos em que o Porto primava nesse tempo, Manoel Negrão era modelo dos mais selectos. Acercando-se de raros amigos, eu fui um dos mais honrados com a sua estima e confiança desde 1847. Separados pela distancia das leguas e dos annos, quando raramente nos encontramos, sentimos remoçarem-se por momentos aquelles dois rapazes nada romanticos, em pleno romantismo, que endureciam o corpo em passeios a cavallo de dezoito leguas, até Coimbra; e elle, se lhe pruíam saudades, mettia de esporas, e ia ali a baixo até Lisboa, visitar sua avó, a sr.ª viscondessa de Magé, ou os seus primos, os Teixeiras, da Pampulha. Eram assim os duros Marialvas antes do sybaritismo da malaposta e da estupida celeridade da via ferrea. E, nos intervalos d'essa gymnastica restaurante, amollentavamos a alma, recitando com muita ternura as poesias lacrymaveis dos menestreis nossos contemporaneos...

«Manoel Negrão está forte, donoso cavalleiro como sempre, e sobre tudo rejuvenescido pelas delicias de avô, as delicias da familia, que lhe foram toda a vida as supremas.

«Elle ainda não tinha dezaseis annos quando cingiu uma espada, e se alistou sob a bandeira treda do general escocez. Levaram-no para alli as tradições, o appellido heraldico, a raça? Não: elle nunca me disse os nomes de seus avós, nem se julgava obrigado a dar o sangue por uns preconceitos muito alheios da sua indole. Manoel Negrão seguia o estandarte dos realistas para experimentar a impressão dos perigos extraordinarios.

«Se Macdonell morresse como um bravo no campo da batalha, o meu querido amigo teria morrido ao seu lado.»

Volveram dez annos depois que o grande escriptor traçou estas linhas, e, apesar d'isso, ainda não passou de todo a Manoel Negrão o antigo enthusiasmo cavalleiresco, embora actualmente subordinado ao da archeologia.

Baião, 21 de Dezembro de 1894.

Alexandre Cabral.

P. S. Por muitas vezes tenho visitado e examinado a collecção archeologica a que se refere o artigo precedente, pois que a Manoel Negrão, seu proprietario, me ligam estreitas relações de parentesco e

Digitized by Google

amizade. Não faltará ensejo de se fallar d'esta collecção n-*O Archeologo Português*. Ella é bastante valiosa. Manoel Negrão não perde a occasião de a augmentar, sempre que póde.

Consta de objectos prehistoricos e romanos, moedas portuguesas e romanas, armas, etc. O principal interesse da collecção está em que a maior parte dos objectos são do concelho de Baião e de concelhos vizinhos.

Entre os objectos especializarei um bronze curiosissimo, e como o qual não vi ainda outro, nem em museus, nem em estampas, representando, no meu entender, um *ex-voto,* no qual apparece uma serie de animaes, provavelmente animaes de sacrificio, ou sagrados, e uma figura humana, que supponho representar o sacrificador; este objecto foi achado no Minho. São tambem dignos de menção os monumentos epigraphicos romanos d'este museu: um d'elles, uma ara consagrada a Juppiter, achada na propria quinta de Mosteirô, que foi uma estação luso-romana, o que se reconhece por muitos vestigios[1]; outros, que consistem em pedras sepulcraes, provenientes de Carquere, no concelho de Resende[2].

Manoel Negrão conhece *de visu* todos os castros e monumentos archeologicos vizinhos de Mosteirô, os quaes tem visitado em companhia do Sr. Dr. João de Vasconcellos, do Márco de Canaveses, a quem a archeologia portuguesa deve igualmente muitos serviços, apesar da extrema modestia com que elle os presta.

É pois com muita satisfação que *O Archeologo* publica a noticia antecedente, já por se referir a quem se refere, já pelo nome que a firma.

O Sr. Dr. Alexandre Cabral, que, como Manoel Negrão, pertence a uma nobre familia, e possue illustração e talento que o tornam um dos cavalheiros mais queridos do concelho de Baião, praticou um acto de justiça escrevendo o artigo que aqui se publica. O que desejo é que não seja o último com que elle honre as columnas d-*O Archeologo*. Já que os estudos archeologicos o attraem, ha motivos para esperar que prosiga nelles, tanto mais que por todo o concelho, e mesmo ao pé das suas proprias quintas, tem abundantes estudos que fazer, e castros que explorar.

J. L. de V.

---

[1] A inscripção d'esta ara foi publicada na *Revista de Guimarães* (iv, 187; v, 11), e depois no *Corpus Inscriptionum Latinarum,* ii (Supplem.), § 5567.

[2] Publiquei as inscripções d'estes monumentos na *Revista Archeologica,* ii, 115, d'onde foram transcriptas para o *C. I. L.,* ii (Supplem.), § 5574 sqq.

Digitized by Google

Dolmens ou antas de Villa Pouca de Aguiar

O concelho de Villa Pouca de Aguiar (Tras-os-Montes) é muito abundante em monumentos funerarios antigos, sendo alguns de muita importancia, apesar de estarem ainda sem exploração alguma, a não serem as que tem feito o signatario d'este artigo, e o Rev.^{do} José Isidro Brenha, da Povoa de Varzim, encontrando-se ahi varios objectos de muito valor archeologico.

Neste artigo occupar-me-hei das antas ou dolmens.

A 500 metros da povoação de Carrazedo do Alvão, e igual distancia da estrada de macadam que segue de Guimarães para Villa Pouca de Aguiar, distante d'esta villa 10 kilometros, encontra-se, ao sul da mesma povoação e da estrada, uma planicie de terreno de humus e de matto pequeno, onde, na área de 200 metros, se acham bem construidos e conservados (alguns) dez dolmens ou antas, de differentes dimensões, que passo a descrever.

Todos estes monumentos teem entrada para leste; constam de sete pedras, algumas de grandes dimensões, dois metros de altura por um de largura, sendo a cobertura de $3^{m},30$ por $2^{m},60$.

O dolmen que se encontra mais no centro, e que está ainda em perfeito estado de conservação, consta de sete pedras verticaes com leve inclinação para dentro, uma entrada para leste com quatro pedras em fileira do lado sul e tres do lado norte, na extensão de 3 metros, tendo a entrada do monumento $1^{m},30$ de largo, e o interior $2^{m},40$ de largo por $1^{m},90$ de comprido. A tampa d'este dolmen encontra-se ao lado e tem $2^{m},90$ por $1^{m},90$.

Foi no interior d'este dolmen, proximo da pedra em frente á entrada, que o auctor d'estas linhas e o Rev.^{do} Brenha encontraram grande quantidade de objectos prehistoricos, de pedra, muito perfeitos e bem conservados: entre outros appareceram quatro machados, tres facas, metade de uma lança de silex, punhaes, percutores, uma conta, etc.

Noutro dolmen proximo, alem da particularidade de elle estar todo ladrilhado por baixo com pedras iguaes ás que formam o *dolmen,* mas de mais pequenas dimensões, encontrou-se uma camada de areia de espessura de $0^{m},03$ em toda a sua extensão. Nesta areia appareceram mais os seguintes objectos de diorite e serpentina: uma conta pequena; duas maiores com umas cavidades ao centro de cada lado e uma cinta em toda a sua circumferencia, proprias para estarem presas e dependuradas; umas figuras gravadas toscamente na parte anterior

Digitized by Google

de umas pedras pequenas, aproximadamente do pêso de meio kilo, figuras representando animaes desconhecidos; mais umas estrellas ou cousa parecida; uma outra pedra com tres cabeças que parece serem figuras humanas, etc., — objectos que brevemente serão photographados.

De todos esses dolmens ou antas apenas estão explorados tres, mas em breve vae continuar-se a exploração dos restantes, que se encontram na área de 200 metros quadrados.

Proximo d'esses monumentos existe grande quantidade de sepulturas abertas em rocha, e algumas em fileiras de quatro e mais, mas esse assumpto fica para outro artigo.

Villa Pouca de Aguiar, 1 de Janeiro de 1895.

P.e Raphael Rodrigues.

Museu Municipal em Villa-Real (Tras-os-Montes)[1]

Ha tempos tive a boa fortuna de fallar aqui em Lisboa com o Sr. Abbade de S. Pedro de Villa-Real, o Rev.do Manuel de Azevedo, e, recaindo a nossa conversa em assumptos de archeologia, chegámos á conclusão de que era não só util, mas facil, fundar nessa villa um museu archeologico.

A utilidade de tal museu não se torna necessario demonstra-la. Tão intuitivo é que o homem, para ter plena consciencia de si, precisa de conhecer o seu passado!

A archeologia é auxilio indispensavel da historia, ministrando-lhe meios de comprovação directa de muitos factos; é manancial inexgotavel para o artista; e é tambem meio de recreação do espirito, que, pela contemplação de objectos pertencentes a tempos e gerações que se extinguiram, evoca a vida antiga, acompanhada de seus usos, crenças e trabalhos. E em todo o caso ha sempre consôlo em conhecer os laços que nos prendem ao passado, e em avaliar os

---

[1] Este artigo escrevi-o para ser publicado em jornaes de Villa-Real; e effectivamente o foi n-*O Villarealense*, n.º 17 e 18 (Junho de 1894), e na *Gazeta de Villa Real*, n.º 18, de 19 de Maio de 1894.

Digitized by Google

esforços e as lutas dos nossos maiores na indefinida e escabrosa via do progresso.

Segundo as informações que recebi do Sr. Abbade Manuel de Azevedo, os estudos archeologicos são actualmente já prezados em Villa-Real, pois não só elle possue moedas romanas achadas por ahi, moedas portuguesas e diversas antiguidades, mas ha outros individuos que estão nas mesmas condições: assim o Sr. Dr. Henrique Botelho e o Sr. Dr. Sarmento possuem ambos tambem collecções de numismatica e varios objectos antigos, como machados prehistoricos, pesos romanos, etc.

Se a isto se accrescentar que o termo de Villa-Real abunda em reliquias dos tempos passados, ver-se-ha que eu tinha razão para dizer a cima que a criação de um museu de archeologia local era cousa facil.

Entre as differentes estações archaicas que ha pelos arredores de Villa-Real, notarei por exemplo, Rodêllo, na freguesia de Torgueda, onde se tem encontrado telhas romanas (de rebordo, ou *tegulas;* e curvas, ou *imbrices*). A tudo porém o que actualmente se pudesse citar levaria a palma a célebre Panoias.

Desde o seculo XVIII, pelo menos, que Panoias é conhecida. O antiquario Contador de Argote, no seu livro *Memorias do Arcebispo de Braga,* t. I, Lisboa 1732, pag. 325, fallando de uma cidade antiga naquelle local, diz: «Prova-se a sua existencia, primeiramente dos vestigios, que actualmente ali se vêem de povoação romana, que consistem em varias paredes e muralhas, que representam ser de entulho de edificios, e ha tradição que a pedra d'elles se conduziu para fabricar os muros de Villa-Real, de que dista sómente tres quartos de legua para a parte do oriente, pendendo para o norte, e quotidianamente os lavradores, quando áram, arrancam pedras lavradas, frisos de differentes feitios, como tambem telhas, tijolos e telhões, tudo de barro mui fino, e encarnado, que não ha por aquellas partes, e nas paredes da egreja e casas se acham incorporados nellas capiteis, bases, pedaços de columnas redondas, frisos, canos, e outras muitas obras, tudo de marmore bem lavrado, e columnas de jaspe, e pedra-grãa miuda, e muito fina; e nas casas da residencia do reitor d'aquella egreja se acham mettidas nas paredes pedras com letreiros, e pela forma com que estão sentadas mostram que foram alli postas para fazer corpo de parede, e não em razão dos letreiros, o que tudo é prova evidente de povoação romana, juntamente com outras antiguidades romanas, que ali existem».

Um pouco adeante, pag. 328, continua Argote: «Porém as principaes antiguidades, e mais curiosas, que existem da sobredita cidade,

Digitized by Google

são umas fragas, com suas caixas abertas ao picão, de varias fórmas, e pelos letreiros se conhece claramente serem obra de gentilidade romana; das quaes fragas agora relataremos com miudeza as circumstancias, tresladando fielmente as relações exactas e ponctuaes, que a Camara de Villa-Real, e o parocho de Val-de-Nogueiras mandaram á Academia Real, por ordem de Sua Magestade».

E baseado nestas informações dá Argote preciosas noticias acompanhadas de estampas: vid. desde pag. 328 até pag. 359.

Sobre Panoias já ha uma pequena litteratura; a fim de não alongar este artigo com muitas citações, remetto o leitor para o *Corpus Inscriptionum Latinarum,* vol. II, publicado pelo Sr. dr. Emilio Huebner, sabio professor allemão, a quem a nossa archeologia deve relevantissimos serviços. Vid. na referida obra os §§ 2395 e 2396.

Eu estive em Panoias em 1888, e tive occasião de verificar que muito do que Argote diz no seculo passado se póde dizer ainda hoje. Lá estão as *fragas* coalhadas de inscripções, que bem precisam de ser methodicamente estudadas; lá encontrei eu muitos fragmentos de tegulas, uma moeda romana, e mesmo uma inscripção latina, que publiquei na *Revista Archeologica,* vol. II, pag. 50 e 69.

A Ex.ma Camara de Villa-Real, com o mesmo patriotismo com que a sua antecéssora do seculo XVIII enviou a Argote uma *Relação de Villa-Real e seu termo,* que o referido antiquario, como vimos, elogia, podia sem despesa, ou quasi sem ella, aproveitar os muitos elementos archeologicos que existem na região villarealense, e constituir com elles, desde já, numa sala dos paços do concelho, o nucleo de um museu. Creado este, e radicado o gôsto, não faltariam depois pessoas intelligentes e dedicadas, que fossem continuamente ministrando mais elementos.

Para se fazer um museu archeologico não é indispensavel obter grandes obras de arte, que deslumbrem quem as vir: ás vezes um simples caco tem mais importancia que um objecto muito bonito.

Com moedas antigas, fragmentos de ceramica romana, pedras esculpturadas (brasões, etc.), e mais uma infinidade de cousas, que ora se acham pelos campos, ora a curiosidade tem já guardadas em casa, organiza-se, acto contínuo, o principio de um museu.

Haverá mesmo muitas pessoas que, sem quererem desfazer-se do que possuem, depositem porém os seus objectos, o que tudo enriquece o museu, dando-lhe importancia.

Entendo eu, no emtanto, que, chegado a constituir-se um museu, não devia este limitar-se exclusivamente á archeologia. Um museu local não ha de ser apenas para curiosidade, mas tambem para estudo.

Digitized by Google

Ora em todas as terras ha sempre muitos elementos, já de archeologia, já de outra especie, os quaes, sem chamarem demasiadamente a attenção das pessoas de lá, por estarem habituadas a ve-los, e lhes parecerem por isso banaes, tem comtudo muito interesse para os forasteiros, e em geral para os estudiosos.

Quem conhece o nosso país sabe que, de provincia para provincia, e ás vezes mesmo de povoação para povoação ou de concelho para concelho, assim como variam as paisagens e varía o solo e as producções da terra, tambem variam os homens, e com elles as linguagens, os costumes, os trajos, os usos. Ninguem confundirá as margens do Corgo, que corre por valles profundissimos, com as margens do Lima, que se espraia manso e sereno, a través de prados verdejantes em muitos pontos. Ninguem confundirá o mirandês, orgulhoso na sua *capa de honras,* com o alemtejano envolto na *manta* listrada. Os instrumentos de lavoura offerecem tambem a cada passo particularidades: a *trilha* trasmontana e o *jugo* minhoto, cheio de ornatos, são curiosidades muito notaveis, uma e outra reveladoras de alta antiguidade. E as mesmas differenças eu poderia ir assignalando, se da ethnographia passasse para a anthropologia e para a historia natural. No sul vêem-se poucas vezes as caras rosadas da gente do Minho, e nesta provincia não se encontram talvez com tanta frequencia os typos de estatura alta que se encontram, por exemplo, no Alemtejo. Na Beira abundam os granitos, que escasseiam na Extremadura, e aqui não se podem contemplar os majestosos castanheiros que constituem uma das bellezas das paisagens trasmontanas e beirãs.

Muitas d'estas particularidades é difficil ás vezes estudá-las, posto que isso seja necessario, para nos conhecermos, pois todos devemos ter presente o dito do philosopho: *nosce te ipsum.* Os museus locaes, em que se agrupem elementos de ethnographia, de archeologia, de historia natural e de anthropologia, serão extremamente uteis neste sentido. E se, como eu disse a cima, é facil em Villa-Real, como em qualquer terra, fundar um museu de archeologia, não menos facil é fundar outro em qualquer dos ramos scientificos que indiquei.

Tomava eu, pois, a liberdade de propor á Ex.ma Camara villarealense a criação, desde já, de um museu local, que poderia denominar-se *Museu Municipal,* composto das seguintes secções:

I—*Secção de archeologia,* comprehendendo antiguidades prehistoricas, como machados de pedra e de metal, vasos, contas; numismatica, ou collecção de moedas e medalhas; esculpturas, como brasões de pedra, columnas, figuras; inscripções latinas e portuguesas; ceramica e vidros; objectos de ourivezaria, etc., etc.

Digitized by Google

II—*Secção de ethnographia moderna,* comprehendendo tambem *artes e industrias* do concelho. Nesta secção accommodar-se-hião, por exemplo: instrumentos de lavoura; trajos caracteristicos (a *palhoça,* os sócos ou tamancos, que são cousa pouco usada no sul, etc.); instrumentos musicos do campo (o *pifaro,* as castanhetas); apparelhos de caça e de pesca (polvorinhos enfeitados, redes, cacifros); objectos de uso domestico, como o *escano,* leitos, cadeiras,—o que tudo ás vezes reveste fórmas especiaes; modelos ou desenhos de teares, de lareiras, de fornos, de chaminés. Ha muita differença de chaminés pelo nosso país, o que denota diversidade de gôsto e de uso: no Algarve, por exemplo, as chaminés brancas de cal, affectando muitas fórmas, são de grande belleza. Com relação ás artes e industrias, podem agrupar-se ferragens caracteristicas, louças, rendas, objectos de madeira ou canna, como rocas (que em alguns pontos de Trás-os-Montes são muito artisticas), colheres, etc.

III—*Secção de anthropologia.* Aqui podem agrupar-se cranios, que a cada passo se encontram nos campos e se podem extrahir dos cemiterios antigos; e com os cranios deve collocar-se tambem, quando isso for possivel, o resto do esqueleto. Podem agrupar-se collecções de cabello, que constituem sempre elemento de estudo anthropologico. Podem archivar-se photographias, medidas, etc.; e mesmo, offerecendo-se occasião, productos teratologicos (monstruosidades) e pathologicos interessantes.—Esta secção podia ficar em particular a cargo dos medicos da localidade.

IV—*Secção de historia natural.* Não falta igualmente com que preencher esta secção: variedades de rochas e de mineraes, animaes embalsamados, productos agricolas, amostras de madeiras, etc.

D'esta rapida enumeração, que faço de fugida, vê-se que se póde desde já, com elementos que estão á porta, organizar um museu muito interessante, embora modesto. Em todas as terras ha pessoas que tem gôsto já por um, já por outro dos assumptos indicados. Com boa vontade, e amor da patria e da sciencia, tudo se consegue.

Quem quiser recorrer a alguns livros elementares especiaes para se orientar melhor ou radicar mais o gôsto, póde tambem faze-lo sem grande custo.

Para a secção de archeologia lembrarei o *Dictionnaire des antiquités romaines et grecques* de A. Rich (ornado de muitas estampas); o *Manual de numismatica* de Barthélemy (da collecção de Roret). No nosso proprio país ha alguns opusculos na collecção da *Bibliotheca do povo e das escolas.*—Lembro só estes, por serem obras baratas, mas estou pronto a dar, sobre bibliographia portuguesa, informações

Digitized by Google

completas, ou quasi completas, e sobre bibliographia estrangeira informações mais desenvolvidas do que as que dei.

Para a secção de ethnographia lembrarei o 1.º fasciculo da *Revista de Ethnologia* do Sr. Adolpho Coelho. Mas tambem neste ponto eu posso dar informações mais circumstanciadas a quem as desejar.

Para a secção de anthropologia lembrarei as *Instrucções* de Broca, que são um livrinho pequeno e de agradavel leitura, e lembrarei ainda a *Géographie médicale* de Bordier, outro livro de commodo manuseamento.

Para a secção de historia natural occorre-me citar o livrinho de Capsus, *Guide du naturaliste préparateur* (Paris, Baillière et fils), e os trabalhos do Sr. Eduardo de Sequeira, do Porto.

*

Á primeira vista parecerá acaso que um museu nas condições apontadas é cousa superflua, inexequivel, ou mesmo estranha.

Nada d'isso. Superflua não é, porque, como ponderei ha pouco, nós precisamos de conhecer-nos, e não será conhecido o conjuncto do país sem primeiro se proceder, deixem-me dizer assim, a arrolamentos locaes. O homem que não conhece a sua historia e o *meio* em que vive, é um ser sem ideal, sem destino; vive apenas como o porco: dorme e come. Mas o homem deve ser mais alguma cousa do que isto.

Inexequivel tambem não é, porque basta pôr o pé fóra da porta para encontrar em abundancia materiaes que preencham as secções que apontei.

Estranha não é igualmente, porque não só nos países civilizados a existencia de museus d'esta natureza é cousa corrente e vulgar, mas mesmo no nosso já ha bastantes assim. Muitas camaras e corporações, conscias da nobre missão civilizadora, que podem desempenhar, os tem criado. No Porto ha um museu municipal, posto que não esteja á altura da cidade. Em Guimarães a sociedade Martins Sarmento possue um dos mais interessantes museus do nosso país. Em Beja a Camara Municipal possue outro nas mesmas condições. Ha dois museus em Coimbra (do Instituto e do Bispo), e ha museus municipaes em Santarem, em Elvas, em Extremôz, no Redondo, etc.; em Faro ha o Museu «Infante D. Henrique», e a Camara de Lagos está tambem organizando um. Em Evora ha o Museu «Cenaculo», fundado pelo venerando arcebispo d'este nome. A Figueira da Foz possue tambem um importantissimo museu municipal, devido á iniciativa do Sr. Dr. Santos Rocha.

Digitized by Google

Neste sentido, como se vê, o Sul está mais adeantado que o Norte, onde, com excepção do museu de Guimarães, que é devido á iniciativa particular, e o do Porto, que tambem foi fundado por um particular, não sei da existencia de nenhum museu publico. Creio que o municipio de Lamego possue um, do mesmo modo devido á influencia de um amador local, mas não posso a este respeito dar informações exactas.

A Ex.ma Camara de Villa-Real, criando um museu municipal, tal como me atrevi a lembrá-lo, prestará ao país um importante serviço. Sei que nisso será secundada por pessoas illustradas da villa, e é de esperar tambem que a imprensa local defenda e propague a ideia.

Lisboa, 6 de Maio de 1894.

J. L. de V.

Monumento do deus Endovellico

Na collecção archeologica da Bibliotheca Nacional de Lisboa ha, entre outros monumentos do deus Endovellico, um bastante notavel, que aqui represento em duas figuras, visto pelos seus quatro lados.

É de marmore. Altura maxima $1^{m},09$; largura do corpo do monumento $0^{m},48$; espessura do mesmo corpo $0^{m},33$.

A parte superior do monumento está quebrada, mas vê-se ainda parte de um buraco redondo. O monumento servia de pedestal a uma estátua, ou do deus, ou, mais provavelmente, do dedicante.

Numa das faces principaes está a seguinte inscripção:

DEO
ENDOVELLICO
SACRVM
▲M▲FANNIVS
AVGVRINVS
MERITO▲HVNc
DEVM▲SIBI
PROPITIATVM[1]

---

[1] As palavras, em cada linha, estão separadas por pontos triangulares. No principio da 4.ª linha ha um ponto, facto de que se conhecem outros exemplos, o que prova que se havia perdido a noção do valor da pontuação: vid. R. Cagnat, *Cours d'épigraphie latine*, 2.ª ed., pag. 29. A ultima lettra da 6.ª linha falta, por estar falhada a pedra neste sítio. Por isso a restituo.

Digitized by Google

Na outra face está representado em relêvo um porco.

Numa das faces lateraes vê-se tambem representada em relêvo uma corôa, e na outra uma palma.

A este monumento me referi já num pequeno opusculo que, com o

titulo de *O deus lusitano Endovellico,* dei a lume em 1890, e nelle inseri tambem a inscripção que fica transcrita. O Sr. Hübner reproduziu depois a inscripção no *Corpus Inscriptionum Latinarum,* vol. II, Supplemento, n.º 6266.

No referido texto ha uma palavra que chama a attenção: é ***propitiatum***. Em latim *propitiare,* em sentido religioso, significa «tornar

Digitized by Google

propicia ou favoravel uma divindade, offerecer-lhe um sacrificio expiatorio»: *Venerem, Jovem, Minervam, Victoriam, Junonem propitiare.* Assim pois tambem: *Endovellicum sibi propitiare,* phrase equivalente a *Endovellicum propitium sibi facere.* No fim da inscripção deve sub-

entender-se *dono donavit*[1], ou outra fórmula analoga. O sentido da inscripção é por tanto: *Consagrado ao deus Endovellico. Marco Fannio Augurino com razão honrou este deus, que elle teve como propício.*

[1] É bom latim *donare aliquem aliqua re.*

Digitized by Google

Catão, no seu livro *De re rustica,* cap. CXLI, cita uma fórmula em que se diz: «Mars pater, te precor quaesoque, uti sies volens, *propitius mihi,* etc.». É provavel que o nosso Marco Fannio Augurino tivesse dirigido a Endovellico, por occasião de lhe pedir o que deu causa á erecção do monumento, uma oração com formulario semelhantemente concebido: «Endovellice...»

Tanto este monumento, como os outros que do mesmo deus ha na Bibliotheca Nacional, vieram das ruinas do templo de S. Miguel da Mota, no Alemtejo, templo que ficava no alto de um monte. Este templo christão foi construido com materiaes que haviam pertencido a um sanctuario que o deus lusitano ahi teve. Endovellico era deus da saude, e, como tambem julgo, deus da montanha, *genius loci.*

O Christianismo, luctando com o Paganismo, nem sempre o extinguiu: a maior parte das vezes substituiu-se a elle. Por isso o nosso mundo moderno está mais proximo do passado do que á primeira vista parece.

No caso presente, escolheu-se S. Miguel para successor de Endovellico, deus da saude, porque aquelle santo foi olhado pelos christãos como um dos genios tutelares da medicina[1]. D'aqui o chamar-se o monte *S. Miguel,* a que se accrescentou *da Mota,* por ser este o nome de um sitio vizinho.

J. L. de V.

Museu archeologico de Alcacer do Sal

Fundou-se ultimamente na villa de Alcacer do Sal, por iniciativa de pessoas verdadeiramente patrioticas, um interessante museu municipal, de que se dará noticia mais circumstanciada no proximo número d-*O Archeologo Português.*

A Ex.ma Camara dirigiu aos seus munícipes o seguinte officio-circular (impresso), que aqui se transcreve, não só como significativo documento do aprêço em que os estudos archeologicos são tidos em Alcacer, mas tambem como exemplo digno de ser imitado por outras municipalidades.

J. L. de V.

---

[1] Cfr. A. Maury, *La Magie et l'Astrologie,* 4.ª ed., pag. 241-249.

É pelo mesmo motivo que em muitas pharmacias se costuma collocar a imagem de S. Miguel, como patrono.

Digitized by Google

«Ill.mo Ex.mo Sr. — A Camara, a que me honro de presidir, resolveu, em uma das suas sessões, fundar um Museu Municipal, onde se reunam e archivem quaesquer objectos que pela sua antiguidade possam attestar a existencia de remotas civilizações, e servir ao mesmo tempo de auxilio a estudos scientificos, tão apreciados actualmente.

Nesta terra — a *Salacia urbs imperatoria,* — segundo reputados escriptores, onde constantemente se encontram vestigios de antigas grandezas, a existencia de um archivo especial parecia estar ha muito indicada; e, se ha muito existisse, elle seria indubitavelmente um dos primeiros do país, pois que d'este concelho tem sahido para diversas partes verdadeiras riquezas archeologicas, e muitas se encontram ainda dispersas, sem utilidade publica, por mãos de particulares mais ou menos cautelosos.

A colleccionação, pois, de tudo, exposta ao público, pareceu á Camara serviço meritorio e sem dispendio.

Um machado pre-historico — vulgo *pedra de raio* —, um vaso de barro antigo, um azulejo, uma espada ou um punhal, uma moeda ou uma medalha, uma faiança antiga, uma pedra com inscripção, etc., tudo servirá á sciencia e affirmará a grandeza de raças extinctas, que habitaram este pedaço de terreno, que nos é caro por tantos titulos.

Dirijo-me por tanto a V. Ex.ª, sollicitando o seu valioso concurso, e pedindo-lhe que se digne offerecer ou depositar no Museu estabelecido qualquer objecto que possua, assegurando a V. Ex.ª que da offerta ou deposito se conferirá a V. Ex.ª o devido titulo.

Deus guarde a V. Ex.ª — Alcacer do Sal, 12 de Dezembro de 1894. = O presidente da camara, *José Serra Lince.*»

Antiguidades de Tras-os-Montes [1]

..... provincia vasta, muito importante e muito interessante, nomeadamente para os archeologos, porque alli abundam monumentos e vestigios da mais remota occupação, desde os tempos rudimentares da *idade da pedra.*

---

[1] [Tendo o Sr. Abbade de Miragaia, Rev. Pedro Augusto Ferreira, feito o obsequio de me enviar o n.º 22 d-*A Vida Moderna* (de 7 de Fevereiro de 1895), de lá extráio estas notícias por serem valiosas. — J. L. de V.].

Digitized by Google

Em Miranda encontrei eu um machado de pedra; em Ventosello obtive outro, e posteriormente mais tres d'aquella região, e duas pontas de lança, tambem de pedra, o que tudo offertei ao Museu municipal da Figueira, onde no momento podem vêr-se.

Em nenhuma das nossas provincias talvez se encontrem tantos vestigios e tantos monumentos da *idade da pedra,* como na provincia transmontana. Eu apontei tres dolmens no *Portugal antigo e moderno,* no artigo dedicado a *Villarinho da Castanheira* — e outro no artigo *Zedes,* como póde vêr-se no referido *Portugal antigo e moderno*, de que fui continuador, em seguida á morte de Pinho Leal.

O meu joven, mas illustrado collega, hoje parocho de Ligares, no concelho de Freixo de Espada á Cinta, Rev. José Augusto Tavares, natural da freguesia da Lousa, concelho de Moncorvo, distincto archeologo e distincto escriptor público, apesar dos seus tenros annos, pois ordenou-se em Dezembro ultimo, publicou no *Moncorvense* uma longa serie de interessantes artigos archeologicos, indicando varios dolmens e outras velharias romanas e pre-romanas, encontradas e estudadas por elle nos concelhos de Moncorvo e Carrazeda d'Anciães — e (honra lhe seja!) está disposto a continuar os seus estudos e os seus artigos sobre a archeologia transmontana, até hoje tão descurada!...

Foi tambem com almo júbilo que eu em principios de Janeiro ultimo li no *Commercio do Porto,* uma correspondencia de Villa Pouca d'Aguiar, noticiando as mais surprehendentes explorações archeologicas, feitas naquelle concelho pelos meus illustrados collegas e distinctos archeologos, os Rev.os José Isidro Brenha, da Povoa de Varzim, mas residente em Chaves, como professor no Collegio de S. Joaquim, e José Joaquim Rodrigues Costa, actualmente parocho na freguesia de Soutello do Valle de Villa Pouca d'Aguiar[2].

Pedro A. Ferreira.

---

[2] [A estas últimas explorações se refere o artigo publicado a pag. 36 d-*O Arch. Portug.* O Sr. P.e Raphael Rodrigues publicou tambem sobre o assumpto artigos n-*A Vida Moderna,* n.º 20 sqq. (1895).

São dignos do maior elogio todos esses desinteressados investigadores da nossa remota história! A provincia de Tras-os-Montes, pela sua riqueza archeologica, e por estar ainda pouco estudada, merece realmente que haja quem de coração se lhe dedique. O que é necessario é não perder nunca de vista, em taes estudos, o rigoroso methodo scientifico. — J. L. de V.]

Digitized by Google

O Castello-Velho de Rocha-Forte

(Reconhecimento archeologico)

I. Topographia e orographia

A um monte que faz parte do primeiro socalco do lado septentrional da serra de Montejunto, e que fica a cêrca de 1600 metros para S. da aldeia de Rocha-Forte, no concelho do Cadaval, chama o povo o *Castello-Velho*.

Do monte que se levanta abruptamente sobre as terras baixas que lhe ficam ao N. (vid. a planta) destacam-se neste sentido dois contrafortes, um dos quaes, o *Picoto do Bicho*, dominando todo o *Castello*, tem o seu ponto culminante a mais de 100 metros a cima d'aquellas terras. Entre os dois contrafortes cava-se um curtissimo valle, ou barranco, o *Covão do Bicho*, de thalweg rapidissimo. Pelo nascente corre-lhe o valle do *Furadouro* de Rocha-Forte, que o destaca dos montes que por aquelle lado continuam as faldas da serra; pelo poente e em parte pelo S. o valle das *Pedras* isola-o dos montes circumvizinhos por esta parte, ficando assim apenas ligado pelo SE. ao massiço do Montejunto por meio de uma pequena portella que o põe em contacto com o penedo da *Filhoz*.

As duas vertentes, que descem para os valles do *Furadouro* e das *Pedras*, apresentam grande inclinação, e pelo NW. o monte é tão escarpado que a encosta por este lado é quasi inaccessivel.

O monte é coroado por um vasto planalto, avançando no sentido SE., NW. Neste planalto, em parte recoberto pelo matto rasteiro, veem-se muitas pedras soltas, espalhadas irregularmente pelo solo, notando-se em certos pontos grupos mais numerosos de pedras, de maiores dimensões, formando cada um d'estes grupos um monte circular deprimido no centro.

Por onde as vertentes do *Castello* começam a descer mais abruptamente, e nos pontos onde a encosta offerece uma quebra natural, vê-se, contornando o cabeço, uma facha de pedra solta, de cêrca de tres metros de largura, destacando-se do matto que cresce em torno.

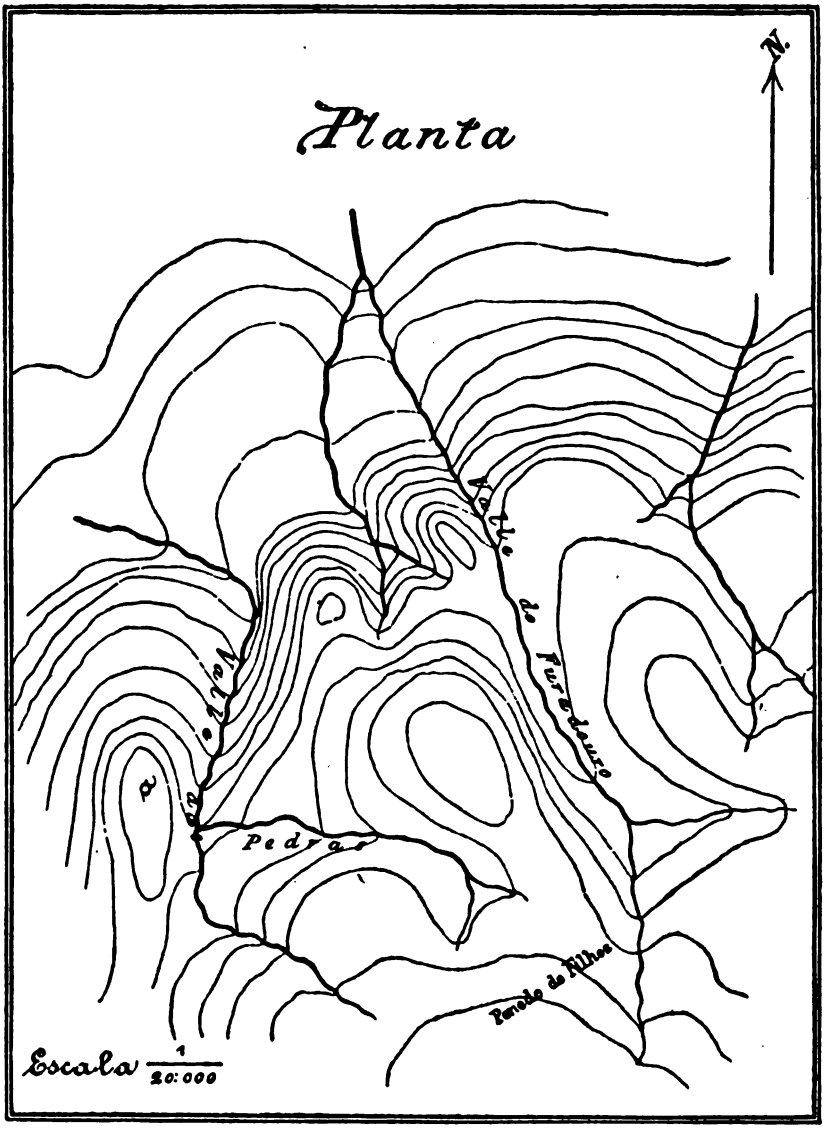
Na vertente que desce para o valle das *Pedras* encontram-se algumas grutas naturaes abertas no calcareo jurassico.

No seu conjuncto, pois, o Castello-Velho é um monte que, destacando-se quasi completamente nos ultimos contrafortes da serra, avança sobre a região de pequenas altitudes que se estende para NW., formando um promontorio e offerecendo boas condições estrategicas de defesa.

Digitized by Google

II. Tradições e crenças

É tradição popular que este monte fôra habitado pelos *Mouros,* os quaes, aproveitando a disposição estrategica do local, o tinham forti-



ficado, cercando-o de uma muralha tão espessa que *cabiam sobre ella dois carros a par,* dizendo-se ser a cinta de pedras que ali se vê

Digitized by Google

circumdando o cabeço, e de que a cima fallámos, um vestigio d'essa antiga fortificação.

D'aqui a designação de «Castello-Velho», que o povo dá ao monte.

Affirma-se que de Peniche foram transportadas pelos *Mouros* para ali grandes riquezas; e, na crença de existirem ainda no Castello thesouros deixados pelos antigos habitantes, tem o povo em epochas differentes tentado explorações de que ha notícia vaga.

Tambem corre entre a gente do povo certa lenda de uma *Moura encantada* que apparecia no Castello á meia noite do dia de S. João, referindo-se que já diversas pessoas tem pretendido ver a *Moura,* esperando-a no dia e hora marcada.

III. Pesquisas

Acompanhando o Sr. José Leite de Vasconcellos, visitei o Castello-Velho, pela primeira vez, em Setembro de 1893. Nesta occasião pude verificar a existencia do que se diz serem os restos da antiga muralha e que se apresenta como uma cinta de pedras (de maiores dimensões que as que se vêem espalhadas no cimo do planalto), a qual circumda o cabeço, e é formada, nalguns pontos, de camadas de pedras mais ou menos irregulares, sobrepondo-se umas pelas faces de maiores dimensões, e estando outras aprumadas.

Soube-se tambem então da existencia das grutas que ficam no flanco sobre o valle das *Pedras,* as quaes foram visitadas, sem que porém ali se encontrassem vestigios dos suppostos antigos habitadores.

Findou este reconhecimento por uma pesquisa feita no valle do Furadouro pelo Sr. Leite de Vasconcellos, acompanhado do Sr. Antonio Maria Garcia, professor de Pragança. Neste valle, numa terra lavrada, e em um dos seus mais baixos pontos, o Sr. Leite de Vasconcellos recolheu alguns restos de antiga ceramica, bem como um pedaço de schisto ardosiano (fig. 1), que apparenta ser o fragmento de um instrumento de pedra, a julgar do regular da sua fórma, que é discoide, do alisamento das faces, e até da sua natureza geologica, por ser uma rocha resistente e estranha á localidade.

Fig. 1

Emquanto á ceramica, tambem se póde verificar que os fragmentos encontrados revelam typos primitivos, quer pela fórma dos vasos a que pertenciam, como é facil julgar dos rebordos representados nas figuras 2 e 3, quer pela contextura grosseira das pastas com que se vê que foi fabricada.

Digitized by Google

Os fragmentos encontrados são de um barro vermelho esbatido, de cozedura imperfeita, como se vê na espessura em que se apresentam tres zonas, tendo uma coloração vermelha as que correspondem ás faces interna e externa do vaso, e tendo um tom cinzento a zona média, que ás vezes é a mais espessa. Em alguns d'elles nota-se uma pasta de contextura homogenea de argilla micacea; em outros, porém, a pasta é grosseira, de tom igual, cinzento-escuro ou amarellado, em toda a espessura, e contém numerosos grãos de quartzo.

Quasi todos pertencem a vasos de grandes dimensões, como se verifica pela sua curvatura, e pela espessura das suas paredes; assim em tres fragmentos, dois dos quaes são os rebordos indicados nas

Fig. 2

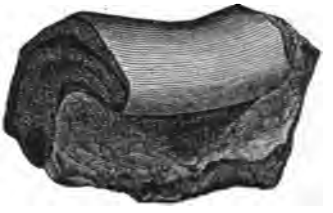


Fig. 3

figuras 2 e 3, e em outro que pertencia ao fundo de um vaso, notámos as seguintes dimensões:

Rebordo da fig. 2: diametro na bocca $0^m,18$; espessura $0^m,008$.
Rebordo da fig. 3: diametro na bocca $0^m,22$; espessura $0^m,02$.
Fundo de um vaso: diametro $0^m,20$; espessura $0^m,013$.

Em Setembro de 1894, voltei ao Castello-Velho, incumbido pela Direcção dos Trabalhos Geologicos de proceder a novo reconhecimento, no qual me acompanhou o Sr. Antonio Maria Garcia.

Como me fosse chamada a attenção para a presença dos numerosos monticulos de pedras que em diversos pontos do planalto se destacam, e cujo typo se póde apreciar pelo córte representado na fig. 4, fiz desobstruir alguns d'estes monticulos, encontrando-se a rocha viva num espaço limitado por pedras que apparentavam disposição intencional, pois estavam umas sobre outras, formando fiadas irregulares, ou postas de cutelo e acunhadas, fechando no seu conjuncto um recinto, de fórma proximamente rectangular.

Digitized by Google

Um d'estes recintos, depois de posto a descoberto, media, pelo maior lado $2^m,20$, e pelo menor $1^m,5$, em média, achando-se a rocha viva no fundo cêrca de $0^m,30$ a baixo do nivel do solo circumjacente; outro media de comprimento $1^m,80$ e de largura $1^m,40$ em média. Ambos tinham o maior eixo no sentido EW. Noutro ponto verifiquei a perfeita sobreposição das pedras que fechavam um contorno proximamente quadrado, cujo lado era inferior a um metro e em que era natural a perfeita adaptação dos leitos irregulares das pedras que se acamavam umas sobre as outras, de tal modo que foi facil reconhecer que essa disposição era natural, não passando as juntas irregulares das fiadas que se observavam, de fendas em que os afloramentos calcareos se tinham aberto, o que deu logar á perfeita adaptação das pedras que se sobrepunham ou que se achavam aprumadas e perfeitamente juxtapostas.

Fig. 4

Nesta pesquisa foram colhidos, mesmo no planalto, alguns fragmentos de ceramica perfeitamente analoga á colhida no anno anterior no valle do Furadouro.

Foram tambem feitas pesquisas nas grutas abertas nas vertentes do castello que descem para o poente e para o sul, bem como num abrigo que se offerecia excavado por baixo de um penedo ao poente. Só d'esta resultou a colheita de alguns ossos de animaes, parecendo pertencerem estes despojos a uma epocha relativamente recente.

IV. Conclusões

A denominação popular de «Castello-Velho» dada ao local explorado, a sua orographia e situação em boas condições estrategicas, as lendas e tradições populâres que a elle estão ligadas, bem como a presença de ceramica grosseira, do fragmento de schisto com trabalho apparente, e a muralha, são caracteres sufficientes para levarem a crer que se está em presença de um *castro*.

Depois d'esta deducção era coherente considerar os monticulos de pedras como restos de antigas habitações levantadas no planalto.

Não fomos, porém, conduzidos pela observação á comprovação d'esta hypothese, pois que a regularidade da disposição das pedras, em camadas ou acunhadas, vimos ser natural.

Digitized by Google

Das dimensões ou da fórma dos recintos mal se poderá concluir em favor da mesma hypothese, attenta a sua pouca regularidade; emquanto á sua orientação não entramos com esse facto em linha de conta, porque póde ser apenas occasional nos dois monticulos descobertos.

A presença dos monticulos, alem d'isso, póde ser explicada pelo facto de o povo procurar ali thesouros, tendo a regularidade natural da disposição das pedras despertado a attenção das pessoas que nas suas tentativas de descobrimento de riquezas retiraram as pedras que a acção erosiva tinha destacado, e que occupavam o centro dos recintos apparentes, formando-se então, em tôrno da parte excavada, o monticulo que se destaca a cima do solo.

Notámos tambem a presença, nos intersticios das pedras que fechavam o recinto, de areia vermelha proveniente da desaggregação do grés waldense que recobre em muitos pontos d'aquella região o calcareo jurassico. Ora não existia entre as pedras que se achavam soltas no meio do recinto, ou constituindo o monticulo, essa areia que podia passar como servindo de cimento para ligação das que se podia suppor que formavam os alicerces de paredes, dada a primeira hypothese. Mas é certo que, dada a hypothese da disposição ser natural, o mesmo facto fica tambem explicado.

Seja como for, o certo é que os indicios que se colheram nas pesquisas realizadas são documentos sufficientes para fazerem considerar o Castello-Velho como um castro provavelmente pre-romano, devendo no emtanto esperar-se ainda por novas investigações naquelle local.

Maximiano Apollinario.

Ruinas de Troia (em frente de Setubal)

I

Num jornal de Setubal, *O Elmano,* n.º 35, de 29 de Outubro de 1883, lê-se a seguinte notícia:

«O terreno denominado Troia, situado na margem direita do Sado, é um importante repositorio de preciosidades archeologicas, como disse ha muito tempo um douto antiquario, e como attestam os objectos valiosos, sob o ponto de vista historico e artistico, que em differentes epocas ali tem sido achados.

Digitized by Google

André de Resende, o famoso archeologo, o sabio D. Fr. Manuel do Cenaculo e outros, e modernamente o erudito Gama Xaro, fizeram ali importantes descobrimentos, em explorações mais ou menos aturadas, conforme os recursos pecuniarios de que dispunham.

A exploração que nos consta ter maior desenvolvimento foi a effectuada a expensas da *Sociedade Archeologica Lusitana,* presidida pelo primeiro duque de Palmella, a qual teve por principaes iniciadores o já mencionado Gama Xaro e o sr. João Carlos d'Almeida Carvalho.

Nas excavações então effectuadas foram descobertas mais de duas mil medalhas romanas, de differentes epocas, alem de outros objectos e restos de edificios, lapides, etc.

Muitos sabios nacionaes e estrangeiros, e entre elles o célebre professor Hübner, que ali acompanhou o estudioso monarcha D. Pedro V, visitaram aquellas notaveis ruinas que só dos nossos governos tem sido sempre esquecidas, sem embargo de empregarem tantas vezes os seus cuidados, malbaratados, em objectos menos dignos de attenção e menos recommendaveis para o bom credito de um país civilizado.

Ainda não ha muito tempo que no referido logar da Troia foi descoberto um monumento funerario, de fórma pouco conhecida.

Pena é que o vandalismo ultimamente exercesse a sua acção brutal mutilando os frisos e angulos da parte que ainda restava intacta do alludido monumento, na face do qual se lê a seguinte inscripção:

D·M·S·
GALLA
ANXXXV
HS·E·S·T·TL
HTPNVS
MARITVS
OPTVME
F·G

Não permittindo mais larga escripta sobre o assumpto indicado as pequenas dimensões d'esta folha, terminamos estas ligeiras considerações, chamando para elle a attenção dos homens illustrados do nosso país e em especial a da academia, que bem poderá tornar-se

Digitized by Google

util estudando a materia a que nos referimos e o meio mais conducente a realizar o descobrimento das celebres ruinas que constituem um segredo importante para a historia e para a sciencia».

A precedente inscripção romana não está perfeitamente exacta. O meu amigo o Sr. Alberto Girard, Naturalista do Museu de Zoologia da Escola Polytechnica de Lisboa, viu o monumento, em Setembro de 1893, e teve a amabilidade de me dar a seguinte cópia do lettreiro:

D·M·S·
CALLA
A·N XXXV
HS·E·S·T·TL
HYPNVS
MARITVS
OPTVME
F·C

Notas:

Na 2.ª linha a cópia do Sr. Girard tem C; a cópia d-*O Elmano* tem G. Não posso decidir qual é a lição verdadeira, porque, com quanto a palavra seja sem dúvida GALLA, é muito vulgar nas inscripções romanas C por G. As nossas inscripções offerecem outros exemplos de GALLA: vid. *Corpus Inscriptionum Latinarum,* II, 114 (Evora), 117 (ibidem), 339 (Leiria); e no resto da peninsula ha mais. —*Galla* é o feminino de *Gallus,* nome que os Romanos davam aos Celtas da Gallia.

Na 3.ª linha é provavel que, a haver pontuação, esta não esteja bem, e seja «A N.», e não «A. N».

Na 4.ª linha temos HYPNVS, nome grego ὕπνος,—que quer dizer «somno». A julgar das restituições feitas pelo Sr. Hübner em algumas das inscripções da Peninsula, *Hypnus* era nome usado noutras regiões da Hispania: vid. *Corpus Inscriptionum Latinarum,* II, 242 e 3086; todavia o da inscripção de Troia é o unico por ora authentico. Sem embargo, este nome apparece noutros paises: vid. De Vit, *Totius latinitatis Onomasticon,* s. v. (como *cognomen* e *nomen servile*).

Digitized by Google

Na 7.ª linha está a fórma archaico-popular OPTVME, em vez da fórma classica OPTIMAE; *u* por *i*, em circumstancias como esta, é facto vulgarissimo, tanto na litteratura, como nas inscripções. Deve antes d'este adjectivo subentender-se *uxori* ou outro synonymo [1].

Na 8.ª linha é certamente «F. C» e não «F. G», como se lê n-*O Elmano*.

Desenvolvendo as abreviaturas, resulta pois:

D(*iis*) M(*anibus*) S(*acrum*). G*alla, an*(*norum*) *XXXV, h*(*ic*) *s*(*epulta*) [2] *e*(*st*). S(*it*) *t*(*ibi*) *t*(*erra*) *l*(*evis*). *Hypnus maritus* (scilic. *uxori*) *optume f*(*aciendum*) *c*(*uravit*).

Traducção:

Consagrado aos deuses Manes. Galla, de 35 annos, está aqui sepultada. A terra te seja leve. Seu marido Hypno mandou fazer (este monumento) á sua optima (esposa).

O facto de tanto elle como ella usarem só de um nome mostra que eram gente de pouca importancia. Se do laconismo da inscripção fosse licito tirar deducções ethnicas, poderiamos ver nos referidos nomes *Hypnus* e *Galla* indicio de alliança de um grego com uma mulher de raça celtica; mas na antiguidade, como hoje tambem acontece, os nomes perderam muitas vezes, com o andar do tempo, a significação primitiva.

É provavel que, ao contrario do que se diz no artigo d-*O Elmano*, a fórma do monumento não tenha nada de notavel; mas só poderei julgar, vendo. Segundo as informações que me deu o Sr. Girard, a pedra em que está a inscripção tem de altura mais de um metro, e achava-se enterrada na areia.

Esta inscripção, que eu saiba, não havia ainda sido publicada, a não ser n-*O Elmano* (d'onde foi transcrita para *O Seculo*, de 12 de Agosto de 1894, com as mesmas incorrecções). Os jornaes de provincia fazem excellente serviço dando sempre conta minuciosa das antiguidades que vão apparecendo nas localidades em que elles se publicam.

---

[1] Apesar de *optume* acabar em *e*, não se ha-de suppor que esta palavra é um adverbio; nas inscripções é frequente E por AE.

[2] Ou *sita*.

Digitized by Google

*

Já depois de composta a nota precedente, examinei outra cópia, que o meu amigo o Sr. Manuel Maria Portella, dedicado investigador das antiguidades de Setubal, fez favor de me dar. Esta é que supponho ser a versão definitiva. Ei-la:

D♁M♁S
GALLA
ANNXXXV
HS♁E♁S♁T♁TL
HYPNVS
MARITVS
OPTVME
F C

Algumas lettras estão separadas por folhas de hera, —*hederae distinguentes*—, como é uso em muitas inscripções. Vê-se que o intuito do artifice ou *faber marmorarius* foi antes attender a certa symetria, do que propriamente separar palavras, senão separaria tambem ANN na 3.ª linha, e o H do S, e o T do L na 4.ª linha.

Esta versão offerece igualmente *Galla*, e não *Calla*.

II

Sem desejar entrar agora na questão da identificação das ruinas de Troia com a antiga cidade de Cetobriga, que nos é conhecida das obras de Ptolemeu e Marciano de Heraclea, do *Itinerario* de Antonino e da *Cosmographia* do Anonymo de Ravenna, vou aqui deixar consignadas algumas indicações bibliographicas modernas á cêrca de Cetobriga e Troia, as quaes poderão servir de alguma utilidade aos estudiosos:

a) *De antiquitatibus Lusitaniae*, por André de Resende, in lib. IV, *De Cetobriga;*

b) *Conjecturas sobre huma medalha de bronze*, por Fr. Vicente Salgado, Lisboa 1784, pag. 25;

c) *Annaes da Sociedade Archeologica Lusitana*, n.os 1–3 (e *Relatorio)* 1850–1851;

Digitized by Google

d) *Portugal Ant. e Mod.*, por Pinho Leal, 1874, s. v. *Cetobriga;*

e) *Memoria sobre a historia e administração do municipio de Setubal,* por Alberto Pimentel, 1877, pag. 5 sqq.;

f) *Corpus Inscriptionum Latinarum,* vol. II, pag. 8, e *Supplemento,* pag. 803 (Este vol., como se sabe, foi organizado pelo Dr. E. Hübner, que antes, nas *Noticias de Portugal,* pag. 23–24, se havia tambem referido a Cetobriga);

g) *Question Cetobriga, recherches archéologiques sur la ville de Troia,* por E. Fontainieu, Bordeaux 1875 (obra que apenas conheço por a ver citada no *Corp. Inscr. Lat.,* II, pag. 803);

h) *Portugal, Old and New,* por O. Crawfurd, London 1882, pag. 242 sqq.;

i) *Oppida restituta,* por Borges de Figueiredo, I, *Cetobriga,* in *Bolet. da Socied. de Geogr. de Lisboa,* 1883, 4.ª serie, n.º 10;

j) *Alt-celtischer Sprachschatz,* por A. Holder, Leipzig (em publicação), s. v. *Cetobriga;*

k) Artigos em diversos jornaes e livros, como o *Panorama* (IV, 81), o *Boletim* da Associação dos Archeologos (vol. VII, n.º 1), *O Vocabulario* de Bluteau (s. v. *Troya*), o *Seculo* (12 de Agosto de 1894), etc.

O Sr. João Carlos de Almeida Carvalho, que ha muitos annos se occupa do estudo da historia de Setubal, e ao mesmo tempo possue uma bonita collecção archeologica, de procedencia local, de certo consagra uma parte da sua vasta obra ás ruinas de Troia, mas o que por ventura haja escrito conserva-se ainda inedito.

*

Não só, como digo acima, se tem querido identificar as ruinas de Troia com a antiga Cetobriga, mas tambem se tem querido derivar de *Cetobriga* as modernas palavras *Troia* e *Setubal.* Já André de Resende diz: «Corrumpi coepit nomen in *Cetobram,* quam postea multo corruptius vulgus ineruditum *Troiam* fecit[1]». Borges de Figueiredo diz tambem de *Cetobriga:* «Esta ultima palavra teve sua natural alteração em *Cetobra* ou *Cetorbe,* que posteriormente se transformou em *Setubal*»[2]. O Sr. Alberto Pimentel escreve igualmente:

[1] Isto é: «O nome *Cetobriga* começou a corromper-se em *Cetobra,* que em seguida foi com muito maior corrupção transformado pelo vulgo ingnorante em *Troia*».

[2] *Loc. laud.,* pag. 465.

Digitized by Google

«sahiriam da palavra *Cetobriga* duas pronúncias differentes, por corrupção: *Cetobra* primeiro, e depois, por erro grosseiro do povo ignorante, *Troia,* nome actual das ruinas de Cetobriga; ao mesmo tempo que de Cetrobiga sahia a corrupção *Cetobala,* e de *Cetobala Setuval,* e depois *Setubal*[1]».

Sem dúvida ha certa semelhança phonetica entre *Cetobriga* e as duas palavras actuaes *Setubal* e *Troia,* mas d'aqui a dever admittir-se parentesco de fórmas vae ainda muita distancia.

Quanto a mim, *Troia* nada mais será do que uma designação litteraria dada anteriormente ao seculo XVI ás ruinas; para affirmar isto, fundo-me em que não são estas ruinas as unicas assim denominadas: no termo de Chaves ha outras ruinas a que se dá o mesmo nome de *Troia*[2]. Verosimilmente, ao adoptarem-se estes nomes, tinha-se no espirito a ideia da *Troia* asiatica, que, segundo a lenda, foi arruinada pelos Gregos. A designação de *Troia* dada ás ruinas fronteiras a Setubal será acaso contemporanea da sagração do antigo templo da Virgem Maria, que ahi se levantava ainda em dias de André de Resende. Com este nome de *Troia,* imposto pelo menos a duas ruinas, póde comparar-se *Citania,* que, como eu já disse noutra parte[3], supponho revelar tambem origem litteraria ou semi-litteraria. É sabido com que facilidade se propaga um nome. Ha nos arredores de Mangualde, numa baixa, umas interessantes ruinas da epocha romana; o Dr. Alberto Osorio de Castro, que foi quem as examinou primeiro, imaginou denomina-las *Citania*[4] (nome que aliás só convem a ruinas situadas no alto de um monte): isto succedeu ha seis annos, e já este anno, por occasião de eu estar em Mangualde, ouvi á gente do povo fallar «na Citania»! Perto de Tomar existem outras ruinas romanas, a que os eruditos deram o nome de *Nabancia*[5]; pois este nome tornou-se popular! Fr. Bernardo de Brito, fallando do deus Endovellico, que tinha o seu templo no concelho do Alandroal, diz loucamente que esse deus era Cupido[6]: ora, quando fiz a exploração das ruinas, várias pessoas do povo me affirmaram que ellas pertenciam a um templo de

---

[1] Obra citada, pag. 12.

[2] Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno,* v, 407.

[3] In *Revista Lusitana,* III, 33–34.

[4] Cfr. o jornal de Mangualde, *O Novo Tempo,* n.º 1, de 17 de Outubro de 1889.

[5] Cf. Possidonio da Silva, in *Boletim de architectura e de archeologia,* III, 152.

[6] Vid. *Monarchia Lusitania,* Pt. I, 1597, fls. 137 *v.*

Digitized by Google

Cupido! Em Viseu existe um monumento a que o povo chama *A Cava de Viriato*[1]; e comtudo, nem a palavra *Viriato* é de origem popular, nem ha documento que prove que Viriato acampou em Viseu! Nada mais facil, como acabo de mostrar, do que, tendo qualquer erudito dado a umas ruinas o nome de *Troia,* este haver-se radicado e aclimado. Conforme o meu modo de ver, *Troia* não póde pois derivar-se de *Cetobriga*[2]. A linguistica oppõe-se do mesmo modo a tal etymologia, pois fica sem explicação a apherese da syllaba *Ce-*. Alguem invocará a commoda «corrupção do povo ignorante»; mas exactamente quem faz as linguas é o povo ignorante, e nisto obedece instinctivamente a certas leis, que no nosso caso porém se não observam.

Setubal tem mais alguma semelhança com *Cetobriga* do que *Troia,* e é quasi irresistivel o desejo de confrontar essas fórmas, tanto mais que o Prof. J. Cornu, no seu trabalho *Die Portugiesische Sprache,* § 23, não hesita em tirar *Setubal* de Caetŏbrica (Καιτόβριξ), através das fórmas *Setubre* e *Setuvel;* todavia ao douto philologo austriaco não deve occultar-se que, não obstante a semelhança phonetica, algumas difficuldades offerece a etymologia: assim, sem fallar na substituição rara de *ŏ* tonico por *u,* é necessario explicar a mudança illegitima do *C* em *S,* e a razão da manutenção do *t* intervocalico, que, segundo as leis da nossa lingua, devia dar *d*; e é tambem indispensavel ministrar documentos anteriores ao seculo XVI, nos quaes se leia a palavra com *C* inicial e não com *S*, porque até áquella epocha *c* e *s* não tinham o mesmo valor, como hoje tem, nem se escrevia indifferentemente uma lettra por outra. Não será facil encontrar documentos nesse sentido, pois num, dos meados do sec. XIII, o foral de Setubal[3], já se lê mais de uma vez *Setuual,* isto é, *Setuval* (como ainda se escrevia no sec. XVIII); visto que no sec. XIII a pronúncia do *s* se não confundia com a do *c,* a conclusão que se tira é que o

---

[1] Cfr. Henrique das Neves, *A Cava de Viriato*, Figueira da Foz, 1893.

[2] D'esta mesma opinião é Oswald Crawfurd. Diz elle: «The site of the ruins has long been known, probably for five or six hundred years, as Troia, and I suspect that this curious name may date from Renaissance times, may have been bestowed by the learned, a prevailing party in those days, and may simply have been equivalent to *a place of many ruins*» (*Portugal, — Old and New,* — 1882, pag. 249–250). — De passagem notarei que só conheci esta opinião de Crawfurd depois de ter escrito o que acima escrevi. A explicação é realmente intuitiva!

[3] Vid. *Portugaliae monumenta historica, — Diplom. et chart.* —, I, 634. O foral é do anno de 1249.

Digitized by Google

primitivo etymo de *Setubal* podia ter *S* inicial e não *C*, o que leva a pôr de parte *Cetobriga*[1].

Muitas pessoas, a quem os estudos linguisticos não são familiares, preoccupam-se pouco com estas meudezas phoneticas; mas o que é certo é que, desde o momento em que se recorre a uma sciencia, para se lançar mão d'ella, hade obedecer-se-lhe escrupulosamente ás regras; sem isso, nenhuma affirmação tem valor serio.

A respeito da identificação do local de Cetobriga com o de Troia, lembrarei tambem uma difficuldade: o elemento *-brĭga*, que entra na composição da palavra *Cetrobiga*, significa, na opinião dos celtistas, *monte, collina, altura, logar elevado, fortaleza, castello* (vid. por ex.: Jubainville, *Les premiers habitants de l'Europe*, 2.ª ed., t. II, p. 263 sqq.; Holder, *Alt-celtischer Sprachschatz*, s. v. *brĭg-* e *brĭgă*; cfr. alem d'isso Zeuss, *Grammatica Celtica*, 2.ª ed., 1871, pag. 86), — e esta significação mal convem, pelo menos originariamente, a um sitio baixo, como é aquelle em que se estendem as ruinas de Troia.

Em resumo: se reconheço analogia exterior entre *Cetobriga* e *Setubal*, analogia que aliás póde ser meramente casual, reconheço tambem, no estado actual dos meus conhecimentos, quão difficil é, no campo da linguistica, unico onde se póde legitimamente tratar a questão, deduzir da primeira fórma a segunda: em todo o caso, é isto o que a prudencia me aconselha a dizer, e aguardo novos documentos, para poder decidir-me mais afoutamente[2].

J. L. de V.

Revista de archeologia

Boletim da Real Associação dos architectos civis e archeologos portugueses. 1894, vol. VII, n.º 1.

Após longa interrupção, reappareceu este *Boletim*, que tem sempre prestado, e continuará a prestar, bom serviço á nossa archeologia.

---

[1] A admittir-se esta etymologia, tambem não se havia de partir da fórma *Caetobrica*, adoptada pelo Prof. Cornu, mas sim de *Caetobriga* (= *Cetobriga*), no locativo-genetivo *Caetobrigae*, pois a terminação *-briga* daria *-bra*, como em *Coimbra*, de *Conimbriga*; só *-brigae* poderia dar *-bre* (*Setubre*).

[2] Em Setubal ha um bairro denominado *Troino*. Não se póde pensar em relacionar esta palavra, nem com *Troia*, nem com *Cetobriga*, porque, apesar da apparente semelhança, essa relação é phoneticamente impossivel.

Digitized by Google

Eis a indicação dos artigos contidos no n.º 1:

Commissão dos monumentos nacionaes, — questionario geral. É um programma de estudos archeologicos, para ser respondido pelos parochos e outras pessoas que estejam no caso de responder. Divide-se em tres partes: a) *Questionario geral;* b) *Questionario militar;* c) *Questionario parochial.* Este programma vem acompanhado de officios-circulares em que se encarece a importancia scientifica da archeologia. — Os parochos estão no caso, como ninguem, de auxiliar os estudos archeologicos; e de facto os tem já auxiliado. No seculo passado, o *Diccionario Geographico de Portugal*[1] foi organizado por meio de questionarios respondidos pelos parochos, como se póde ver no Archivo da Torre do Tombo. Dos parochos colheu tambem auxílio Contador de Argote para levar a cabo as suas *Memorias do arcebispado de Braga.* Um padre, D. Manoel do Cenaculo, bispo de Beja, e ao depois arcebispo de Evora, foi um dos maiores propugnadores da nossa archeologia, no seculo XVIII. No seculo actual deve-se tambem a alguns prelados certo interesse pela archeologia nacional[2]. — O programma de que acabo de fallar, esboçado pela Commissão dos Monumentos Nacionaes, facilita a procura de antiguidades, e ao mesmo tempo serve de norma crítica.

Regulamento para a Commissão dos Monumentos Nacionaes.

Museu Ethnographico Português. Transcripção do decreto que criou este Museu.

Braceletes pre-romanos. Notícia, segundo um ms. da Bibliotheca Publica Eborense, de dois braceletes de ouro, achados em 1840, junto de Evora; dá-se desenho do maior d'elles.

O Satyro da fonte de S. Domingos em Bemfica (com um desenho). Notícia do celebre Satyro descrito por Fr. Luis de Sousa, na *Historia de S. Domingos.* Este Satyro existe ainda. O auctor do artigo considera-o como romano, embora aproveitado pelos frades de Bemfica para fonte. Effectivamente por aquelles sitios tem-se encontrado antiguidades romanas, e bem perto do convento está parte de uma ara romana, que o sr. Gabriel Pereira me mostrou ha tempos.

Noticias archeologicas diversas: *Materiaes de construcção, Riqueza archeologica de Portugal, Antigas fortificações, Garcia de Resende e a Torre de Belem, Cetobriga, Antiguidades de Entre Douro e Minho*

---

[1] Cf. *O Archeologo Português*, pag. 11.

[2] Cf. *O Arch. Portug.*, pag. 17.

Digitized by Google

(notícia de um ms. da Bibliotheca Nacional), *Villa Franca de Xira* (notícia bibliographica), *Villa Viçosa* (notícia bibliographica), *Viseu* (notícia bibliographica).

Alem d'estes artigos, o *Boletim* contém ainda outros, referentes á vida interna da Associação (corpos gerentes, correspondencia, e extractos das actas).

Vê-se que o número é muito interessante e copioso. — Na notícia precedente não citei nomes de auctores, porque nenhum dos artigos vem assignado.

J. L. de V.

Notícias várias e perguntas

1. Pedra com lettras

Na herdade da Defesa de Baixo, proximo de Bencatel (Alemtejo), appareceu ha annos, segundo me disse o Sr. João Joaquim Catalão, do Redondo, «uma pedra-marmore lavrada e com lettras». Não pude saber mais nada, nem tambem se a pedra se conserva nessa herdade, ou se foi para o proximo convento da Luz.

Como por alli apparecem muitas antiguidades romanas, talvez esta pedra seja romana. Poderá algum leitor averiguá-lo?

2. Outra pedra com lettras

Na freguesia da Ajuda, concelho de Elvas, dizem-me que debaixo da ponte ha pedras com lettras. Póde alguem dar informações mais precisas?

3. Inscripção partida

Num «monte» (isto é, *casal*), ao pé de Juromenha, encontrei em 1891, numa pedra-marmore, o seguinte fragmento de inscripção romana:

.....
.....EI.....
..... DE▲S .....

As lettras inferiores talvez signifiquem D E S[*ua Pecunia Fecit*], fórmula frequente em certas inscripções.

J. L. de V.

Digitized by Google

Um *Assignante do «Archeologo Português»* dirigiu-me uma carta muito amavel em que me faz duas perguntas á cêrca de Numismatica. A uma d'ellas só posso responder á vista da respectiva moeda, e a resposta será certamente facil; a resposta que poderia dar á outra não merece a pena publicar-se, porque o assumpto está já tratado, mas não tenho dúvida em a communicar directamente ao *Assignante,* logo que eu saiba o seu nome e morada.

*

Os proximos numeros d-*O Archeologo Português* inserirão artigos dos srs. Vieira Natividade, Mattos Silva, Martins Sarmento, etc.

J. L. DE V.

Digitized by Google

EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in–8.°, do formato d'este prospecto, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Anno	1$500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa.*

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em estampilhas ou em vales do correio, ser dirigida a **J. A. Dias Coelho**, para a *Imprensa Nacional de Lisboa.*

Á venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

Digitized by Google

VOL. I MARÇO DE 1895 N.º 3

RECEIVED
APR 7 1911
PEABODY MUSEUM.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1895

Digitized by Google

SUMMÁRIO

EXCURSÃO ARCHEOLOGICA A ALCACER-DO-SAL.

CURSO DE ARCHEOLOGIA.

NOTÍCIAS ARCHEOLOGICAS DE TRAS-OS-MONTES.

VÁRIA

Este fasciculo vae illustrado com 9 estampas.

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. I MARÇO DE 1895 N.º 3

Excursão archeologica a Alcacer-do-Sal

1. De Lisboa a Alcacer

A convite do Sr. Joaquim Correia Baptista, Secretario da Camara Municipal de Alcacer-do-Sal, parti para esta villa em 7 de Dezembro de 1894, em companhia do Sr. Maximiano Gabriel Apollinario, Adjunto do Museu Ethnographico Português.

Sahimos de Lisboa á tarde, ás quatro horas e meia, no vapor, em direcção ao Barreiro, d'onde seguimos no comboio para o Poceirão; chegámos aqui passadas duas horas. Do Poceirão para Alcacer não ha comboio, e tivemos de ir em diligencia. Apesar de se estar no inverno, não fazia frio, e era agradavel jornadear ao longo dos vastos descampados do Alemtejo, por uma noite de luar magnifico, em estrada mais ou menos plana.

Depois de termos atravessado, *per amica silentia lunae,* várias povoações, taes como Aguas de Moura, Palma, etc., penetravamos no aro de Alcacer-do-Sal, e passavamos deante do morro onde se erguem ainda os restos do velho castello ou *alcacer*, que deu o nome á villa. Grandes recordações tem o castello! mas essas folhas rotas da historia portuguesa só hoje inspiram tristeza e saudade, porque se lhes podem applicar os versos de Garrett, no *Camões,* canto VII:

> ..... Nem setteiras
> Me bruxuleavam namoradas côres
> De bordado talim, serica banda
> Por mão furtiva de gentil donzella
> Deitada em hora escusa ao cavalleiro
> Que aventuras correr se vai ao oriente
> E a ganhar do infiel a Terra-sancta.

Digitized by Google

Nem, d'alem vallos, nos corceis armados
Vi descidas viseiras, peitos d'aço
Onde se espelha vacillante a lua,
Em quanto aguardam que da ameia sôe
Corno de anão que abata a erguida ponte.
Não vi quadrigas de vistosas justas
Nas praças d'armas á lançada viva
Disputar-se o collar de ouro macisso,
Premio do vencedor, por mãos bem lindas
Ao peito inda sangrento pendurado.

Nada!... Só pelos fossos entupidos
Do desfolhar do outomno, e bronco intulho
Dos muros derrocados, — sôltas pedras
E immunda terra á vista affiguravam
Insepultos cadaveres.....

A noite ia já adeantada quando entrámos na villa, e por isso o resto d'ella foi consagrado ao descanso.

2. Notas ethnographicas

A visita á villa começou no dia 8, de manhã. Com quanto Alcacer pertença, na actual divisão administrativa, ao districto de Lisboa, é uma villa antes alemtejana do que estremenha; todavia, se tem muitos caracteres que a aproximam das povoações typicas do Alemtejo, tem outros que a distinguem um pouco.

Casas altas, de mais de um andar, ao contrário do que tenho visto em muitas outras terras alemtejanas; numerosas sacadas com plantas e flores pendentes d'ellas; largas chaminés; janellas de rotula, costume que se observa noutras terras do Sul, mas principalmente no Algarve; nas cozinhas as louças e *arames* em exposição, á maneira alemtejana; junto do lar na parede da cozinha, como no Alemtejo e no Algarve, a *sempre-noiva,* figura de barro destinada actualmente a evitar que o fogo da cozinha estrague a parede, mas cuja significação primitiva é outra; os escudetes das chaves das portas terminados superiormente em cruz, o que se observa com frequencia nas nossas povoações do Sul.

Nas lojas de negocio, ás portas, está á venda, em caixinhas losanguicas, a *pinhoada,* — doce composto de mel com pinhões inteiros. Este uso era novo para mim.

Como no resto do Alemtejo, os homens usão çafões, capote, e chapeu desabado de panno.

A linguagem, cujos principaes caracteres estudei, pertence, tanto na entonação como nas fórmas grammaticaes, ao systema meridional.

Digitized by Google

8. Uma raça originaria da Africa

Ha muito tinha eu ouvido fallar da existencia de uma raça especial no concelho de Alcacer-do-Sal; mas nada sabia ao certo. Essa raça existe effectivamente, e é originaria da Africa. Parece que foi o marquês de Pombal quem tentou aclimá-la nos terrenos sazonaticos do Sado.

Como não me occupo especialmente de Anthropologia, não tomei a respeito d'ella notas circumstanciadas, e deixo o estudo do assumpto aos especialistas. Observei comtudo alguns exemplares. São mulatos, e alguns de côr bastante carregada, de cabello encarapinhado [1], nariz platyrrhinico. O foco actual d'esta raça é S. Romão do Sado, mas encontram-se exemplares até o Val-de-Guiso, Alto Sado (região que abrange Santa Margarida-do-Sado e S. Mamede) e mesmo na villa de Alcacer.

É curioso verificar modernamente no nosso país esta influencia de sangue africano, assim em larga escala.

De influencias antigas temos pela história muitas noticias.

A invasão e acção carthaginesas são muito conhecidas. Quando Hannibal mandou seu irmão Hasdrubal para a Hispania, deu-lhe entre outras tropas cavalleiros libyphenicios; Tito Livio, que nos transmitte esta noticia, no liv. XXI, cap. XXII, accrescenta: *mixtum Punicum Afris genus* (raça punica misturada com Africanos).

Entre as antigas moedas da Iberia ha uma serie importante, com caracteres especiaes, denominados tambem libyphenicios, por se suppôr pertencerem a povos provenientes do norte da Africa; a julgar de algumas moedas que são bilingues, isto é, com caracteres libyphenicios e latinos, e de outras que são só escritas com caracteres latinos, estas moedas datam da epocha romana. Outras classes de moedas ibericas apresentam nas suas figuras uma particularidade anthropologica muita curiosa, que vem a ser o cabello encrespado, o que igualmente faz admittir influencia de sangue africano na Iberia. Esta particularidade do cabello, notada nas moedas, póde commentar-se com trechos de auctores antigos: um d'esses auctores, Marcial, que era da Peninsula, diz nos *Epigrammas,* X, 65: *Hispanis ego contumax capillis,* isto é: «eu, de cabello encrespado, hispano».

---

[1] Informam-me que os habitantes do concelho de Grandola chamam «*Carapinhas* da ribeira do Sado» á gente d'esta raça.

Digitized by Google

Do princípio do sec. II em deante, e ainda no tempo de Nero, os Mouros fizeram na Hispania muitas incursões; no tempo de Marco Aurelio o theatro das guerras com os Mouros foi principalmente na Betica e na Lusitania: vid. o estudo d'estes factos em Th. Mommsen, *Historia romana* (traducção francesa), t. IX, pag. 83 sqq., e t. XI, pag. 277 sqq.

No sec. VIII, como é bem sabido, os Arabes invadiram a Peninsula, trazendo comsigo povos de diversa origem, entre os quaes abundavam Africanos, por isso que os Arabes tinham, pouco antes, subjugado o norte da Africa.

Com as conquistas e viagens dos Portugueses, a influencia africana no nosso país augmentou.

Dizia Nicolao Clenardo numa das suas cartas,—Nicolai Clenardi *Epistolarum libri duo,* Hanoviae 1606, pag. 20,—que Portugal, no sec. XVI, estava tão cheio de Negros e Mouros, que parecia que em Lisboa havia mais escravos e escravas do que Portugueses livres. Dando o devido desconto ao exaggêro, são porém aquellas palavras dignas de reflexão.

E o augmento da gente estranha não era só na capital do reino, era tambem, e naturalmente, nas terras da provincia. Do testamento de uma dama eborense do sec. XVI, extractado pelo Sr. Gabriel Pereira nos seus *Estudos eborenses,* n.º 15, consta que ella tinha no serviço da sua casa escravos ou criados mouriscos, entre outros de diversas raças.

No sec. XVII Severim de Faria, nos seus *Discursos varios politicos,* 1.º, § 2.º, refere-se ao facto de terem vindo Cafres para o nosso serviço ordinario.

No seculo actual, e no tempo presente, vemos a cada passo não só gentes da Africa aclimarem-se e propagarem-se na metropole, mas tambem filhos de Portugal irem para a Africa e voltarem de lá com prole.

Ha, pois, duas especies de influencia africana em Portugal, e de modo geral na Peninsula: uma, antiga, devida á proximidade do continente africano, e ás conquistas ou incursões que cá fizeram os povos da Africa; outra, moderna, devida ás conquistas dos Portugueses na Africa.

Mas, se haviam já sido indicadas, como acabo de dizer, as provas de influencia geral das raças africanas no nosso povo, influencia não limitada a este ou àquelle local, e sim dispersa por todo o país,—o exemplo que acabo de citar, de Alcacer-do-Sal, mostra propriamente uma colonia, embora circumscrita.

Digitized by Google

4. Alcacer vetus

Em muitas casas, nas paredes exteriores, vêem-se fragmentos de marmores, pedras com lavores, fustes de columnas, — o que tudo revela ao visitante que está numa terra edificada sobre ruinas de outra mais antiga. Aquelles vestigios são pela maior parte plausivelmente romanos.

A villa estende-se por uma encosta, em amphitheatro, até ás margens do rio Sado. Ao cimo da elevação em cuja encosta fica a villa o terreno é plano: ahi estão as ruinas do Castello, ou, como o povo diz, «dos Castellos»; a igreja matriz; a igreja do Senhor dos Martyres; a igreja dos Frades. Em todo este terreno apparecem antiguidades de diversa natureza, e ahi esteve sem dúvida a primitiva povoação, ahi os campos *ubi Troja fuit;* pelo que o povo ainda diz que «a cidade acabava onde a villa começa». É tambem tradição que o rio chegava mais a cima do seu leito actual, entrando no local da villa, — tradição que se encontra, *mutatis mutandis,* noutras terras situadas perto de aguas correntes; o povo accrescenta sempre que em certos sitios «estavam as argolas em que se prendiam as amarras dos navios».

5. Cornelio Boccho

A cousa que mais me interessou em Alcacer, logo que sahi á rua pela manhã, foi a seguinte inscripção, insculpida numa pedra rectangular embutida na parede de uma casa que faz esquina para a Rua Direita e para a Rua do Cotovêllo:

[N.º 1]

...CHVS. PR. CAESARVM BIS
...T. PERP. FLAMEN. PERP
...I. PR. FABR. V TR. MIL. D. S. P. F

A pedra é calcárea; tem de comprimento $1^{m},65$, e de largura $0^{m},53$.

Esta inscripção já não está de todo inedita: o Sr. E. Hübner publicou parte d'ella nas *Noticias de Portugal,* pag. 90; publicou uma versão, com a respectiva restituição hypothetica, no *Corpus Inscriptionum Latinarum,* II, 2479; publicou outra versão no *Supplemento* do referido *Corpus,* n.º 5617, com a restituição seguinte:

Digitized by Google

[N.º 2]

l. titius. l. f. . . . . . *plutar*
CHVS PR*aef.* CAESARVM BIS
*pon*T. PERP. FLAMEN. PERP
*e*T. PR*aef.* FABRV. TR. MIL
D. S. P. F

O Sr. Hübner, baseado em documento que consultou, dá a inscripção como de Tras-os-Montes, embora diga (*Supplemento,* n.º 5617) que ella vem attribuida por erro a Alcacer-do-Sal nos *Manuscritos* de Moreira. Um facto porém podemos já assentar: é que, quanto á indicação do local, os *Manuscritos* de Moreira estão exactos, pois a inscripção existe effectivamente, como disse, em Alcacer; só por engano foi attribuida a Tras-os-Montes, engano aliás natural.

Antes de discutir o meu texto, convem lembrar que o antiquario hespanhol Cornide encontrou no seculo passado em Alcacer, «junto a la iglesia de la Misericordia», uma inscripção, restituida assim pelo Sr. Hübner no *Corp. Inscript. Latin.,* II, 35:

[N.º 3]

L. CORNELIO. C. F
BOCCHO
FLAM. PROVINc TR. MIL.
COLONIA. SCALABITANA
OB. MERITA. IN COLONIA*m*

que significa: «A Lucio Cornelio Boccho, flamen da Provincia, tribuno militar, filho de Caio, [consagrou este monumento] a colonia Scalabitana (*Santarem*), pelos serviços prestados á colonia».

O Sr. Almeida Carvalho, de Setubal, possue outra inscripção, achada em 1871 em Troia, e assim concebida, segundo a restituição do Sr. Hübner no *Corp. Inscr. Lat.,* II, *Supplemento,* n.º 5184 (ponho por extenso algumas lettras que estão partidas):

Digitized by Google

[N.º 4]

l. cORNELIO. L. F
*b*OCCHO
*flami*NI. PROVINC
tr..MIL. LEG. III. AVG

o que significa: «A Lucio Cornelio Boccho, filho de Lucio, flamen da Provincia, tribuno militar da legião 3.ª, chamada Augusta». — O fallecido prof. Augusto Soromenho disse ao Sr. Hübner que em logar do L julgava que podia tambem estar um C; mas eu vi uma photographia, embora um tanto apagada, da pedra, e nella lia-se, não C, mas sim L. Por tanto Soromenho não tinha razão, e o texto dado pelo Sr. Hübner está exacto.

Estas inscripções n.º 3 e n.º 4 faziam certamente parte de pedestaes de estatuas, pois aos flamines provinciaes era costume erigi-las no recinto dos templos de Augusto[1].

Como as inscripções n.º 3 e n.º 4 combinam bastante entre si nos nomes e nos titulos, excepto no segundo prenome, que no n.º 3 é *Caius,* e no n.º 4 *Lucius,* é possivel que, como já lembra o Sr. Hübner, a inicial do segundo prenome da inscripção n.º 3 seja L, e não C, vindo as duas inscripções a pertencer ao mesmo individuo. Se effectivamente a inscripção n.º 3 está bem, isto é, se lá se lê C e não L, então realizar-se-ha outra hypothese do Sr. Hübner, a saber, que um dos individuos sería filho do outro; mas neste caso a primeira lettra da inscripção n.º 4 deve ser C. Só a descoberta da pedra em que vem a inscripção n.º 3 poderia resolver a dúvida. Aos meus amigos e dedicados investigadores das antiguidades de Alcacer, os Srs. P.e Francisco de Mattos Galamba, e Joaquim Correia Baptista, incumbo a tarefa de procurarem a preciosa pedra por lá em alguma parede ou em algum entulho; se a acharem, grande serviço prestam á nossa Archeologia.

---

[1] Vid. outros exemplos no *Corpus Inscriptionum Latinarum,* II, 4188-4260, e no *Supplemento,* 6092-6100; cf. E. Hübner, in *Boletin de la Real Academia de la Historia,* de Madrid, XXV, 393.

Sobre os *flamines* vid. *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines* de Daremberg & Saglio, s. v *flamen.*

Digitized by Google

Passarei agora a discutir o texto da inscripção n.º 1, e incidentemente o da inscripção n.º 2:

Primeira linha:

A leitura das inscripções n.ºs 3 e 4, que, nos titulos dos cargos, tem tanta analogia com a inscripção n.º 1, leva-me a restituir sem dúvida alguma á primeira palavra da inscripção n.º 1 as lettras BOC, e não PLVTAR, como fez o Sr. Hübner. Temos assim outra vez o cognome BOCCHVS. É possivel que antes d'elle estivesse indicado o nome, prenome e filiação, como nas outras.

A segunda e terceira palavra significam *praefectus Caesarum*. Em várias inscripções romanas da Peninsula lê-se *praefectus Caesaris:* vid. o *Supplemento* do *Corpus Inscriptionum Latinarum,* pag. 1167.

A ultima palavra não offerece dúvida alguma. Quando eu vi a inscripção não achei senão as lettras BI, mas o Sr. P.e Francisco Galamba, tirando depois, a meu pedido, a argamaça que cobria a extremidade da pedra, encontrou a lettra S. Temos, pois, o adverbio BIS.

Segunda linha:

Como a primeira lettra visivel é um T, deve esta lettra pertencer a uma palavra tal como PONT, isto é PONT(*ifex*), como propõe o Sr. Hübner. As restantes palavras não offerecem difficuldade: PER(*petuus*) e FLAMEN PERP(*etuus*).

Terceira linha:

O Sr. Hübner interpretou a primeira lettra como T da conjuncção ET. Esta parte da pedra estava enterrada muito fundo, eu tive de mandar fazer uma cova, para chegar á extremidade da pedra, e só pude reconhecer a lettra pelo tacto, mas pareceu-me I: isto concorda com a versão que o Sr. Hübner publicou sob o n.º 2479, onde porém se lê II. Eu supponho que I é a ultima lettra de um número que indicava quantas vezes Bocchus havia servido um cargo qualquer, que devia vir mencionado antes, como a cima vem um antes de BIS.

A segunda e terceira palavras significam PR(*aefectus*) FABR(*um*). O *praefectus fabrum* correspondia pouco mais ou menos a engenheiro militar; era o chefe dos *fabri* (sapadores, etc.): ver sobre este ponto Krieg, *Précis d'antiquités romaines* (traducção do allemão), Paris 1892, pag. 212; e Robiou, *Les institutions de l'ancienne Rome,* Paris 1888, III, pag. 326.

O Sr. Hübner junta V a FABR, ficando pois FABRV por FABRV*m*; mas eu notei um ponto adeante de FABR, e por isso

Digitized by Google

V representa o número de vezes, isto é, *quinquiens*, que Bocchus exerceu o cargo[1].

O resto da linha não tem nenhuma difficuldade: TR(*ibunus*) MIL(*itum*) D(*e*) S(*ua*) P(*ecunia*) F(*ecit*).

Vem pois a inscripção a ser assim:

..... [*Cornelius*] [*Boc*]*chus, pr*(*aefectus*) *Caesarum bis*,..... [*Pon*]*t*(*ifex*)? *perp*(*etuus*), *flamen perp*(*etuus*),..... *I, pr*(*aefectus*) *fabr*(*um*) *V, tr*(*ibunus*) *mil*(*itum*), *d*(*e*) *s*(*ua*) *p*(*ecunia*) *f*(*ecit*).

Isto é:

«..... Cornelio Boccho, prefeito dos Cesares duas vezes, pontifice (?) perpétuo, flamen perpétuo,..... tantas vezes (?), prefeito dos *fabri* cinco vezes, tribuno militar, fez [esta obra] com o seu dinheiro».

A inscripção havia sido collocada provavelmente na fachada de algum notavel edificio público, como templo, ou outro. De facto era de uso entre os Romanos pôr muitas vezes, nas fachadas dos edificios, inscripções em que se lia o nome do dedicante, e tambem da pessoa ou deus a quem a obra se dedicava.

Vê-se que o *cursus honorum*, ou serie de funcções civis, religiosas e militares que Cornelio Boccho desempenhou, foi constituido como se segue:

praefectus Caesarum;
pontifex? perpetuus;
flamen perpetuus;
.....?
praefectus fabrum;
tribunus militum.

Tudo isto mostra a importancia de Cornelio Boccho, que nos apparece portanto como uma especie de «Petrus in cunctis» em Alcacer-do-Sal, na epocha romana. Encontram-se frequentemente nas inscripções, associados num mesmo individuo, os cargos precedentes, ou alguns d'elles[2].

---

[1] No *Corpus Inscriptionum Latinarum*, X-2, ha exemplos analogos, e um igual.

[2] Vid. *Corpus Inscriptionum Latinarum*, passim.

Digitized by Google

Quer as inscripções de n.os 1, 3 e 4 se refiram á mesma pessoa, quer a várias, vem a proposito lembrar que na litteratura latina ha menção de um Cornelius Bocchus como escritor. Este facto não escapou já á erudição allemã: vid. E. Hübner:

nas *Noticias de Portugal,* pag. 27, nota;

na *Ephemeris epigraphica,* I, 182;

e no *Corpus Inscriptionum Latinarum,* II, n.º 35, e *Supplemento,* n.º 5184;

o mesmo A. refere-se a um artigo seu, publicado no jornal de philologia *Hermes,* vol. I, 1866, pag. 397 (artigo que ainda não vi), — e ás notas de Th. Mommsen no prefacio da edição da obra de C. Julio Solino, *Collectanea rerum memorabilium,* Berlim 1864 (edição que tambem ainda não pude ver, mas que espero ver em breve).

Á cêrca de Cornelio Boccho, considerado como escritor, vid. mais estes AA.:

De-Vit, *Onomasticon,* t. II, 1868, pag. 424, *s. v.* «Cornelius Bocchus».

W. S. Teuffel, *Geschichte der Römischen Literatur,* 3.ª edição, pag. 653–654.

Já antes d'estes AA. havia fallado de Cornelio Boccho o escritor francês Fréret, *Œuvres complètes,* Paris 1796, t. IV, pag. 203, nota, embora o refira ao tempo de Sulla.

A collecção dos trechos que restam d'elle acha-se publicada por Hermann Peter, *Historicorum Romanorum Fragmenta,* Leipzig 1893, p. 297 (e cfr. pag. XXIV).

Plinio, na sua obra *Historia Natural,* cita várias vezes, como auctor cujos escritos elle utilizou, «Cornelius Bocchus», e tambem simplesmente «Bocchus». Com toda a certeza ha aqui referencia a um e o mesmo auctor. Solino, na obra ha pouco referida, falla de um auctor a quem menciona apenas pelo cognome de «Bocchus»; sabendo-se, como se sabe, quanto Solino plagiou a Plinio, tambem não póde restar dúvida que este Bocchus seja o mesmo de cima. Hermann Peter, na collecção citada, inclue um passo extrahido de Cassiodoro, escritor do seculo V, da obra intitulada *Variarum,* em que este falla de um «Cornelius», escritor, o qual mui plausivelmente é tambem o nosso «Bocchus», visto que o assumpto d'este texto é analogo ao dos outros textos.

A julgar das escassas citações de Plinio, Solino e Cassiodoro, todas as quaes li e comparei entre si, o nosso auctor tinha escrito obras sobre historia universal e historia natural.

Digitized by Google

Quanto á patria, nada se sabe ao certo; comtudo, como o nome *Bocchus,* com quanto se encontre fóra da Peninsula[1], apparece aqui algumas vezes mencionado nas inscripções romanas como nome vulgar de homem[2]; como alguem da famillia Bocchus viveu na Peninsula, o que, segundo acabo de mostrar, consta da epigraphia; e como finalmente a estada do proprio auctor cá parece tambem deduzir-se de um dos passos das suas obras, em que diz ter visto um *chrysolíton* encontrado nos montes Ammaeenses: não é temerario admittir que elle era da Hispania. Se agora notarmos que as inscripções que a cima transcrevi forão descobertas, duas em Alcacer do Sal, e uma em Troia, que fica perto, nas margens do Sado; que numa d'ellas ha particular referencia á colonia de Scalabis (Santarem), á qual elle, ou alguem da sua familia, prestou serviços; e que nos mingoados fragmentos, que de seus escritos nos restam, allude a Olisipo (Lisboa) e aos montes Ammaeenses (Portalegre), que ficavam na Lusitania: poderemos precisar mais ainda a patria, e suppor que era lusitano, e talvez natural das margens do Sado, onde pelo menos se levantaram estatuas a um Cornelius Bocchus, como consta das inscripções, e onde o mesmo, ou outro Bocchus, viveu, pois mandou fazer em Alcacer uma obra architectonica de certa importancia.

Se a inscripção n.º 3 ainda apparecesse, e a penultima lettra fosse L e não C, então a identificação, quer das tres inscripções entre si, quer do nome, que nellas apparece, com o do auctor antigo, sería certa, ou ao menos tinha a seu favor as maximas probabilidades. Até o momento do feliz achado da inscripção não podemos adeantar mais do que o que acabo de dizer. Se, no caso do reapparecimento da inscripção, houver porém de se manter o C da primeira linha, será impossivel dizer se o auctor Cornelius Bocchus é o da inscripção n.º 3 ou o da inscripção n.º 4, pois nem Plinio, nem Solino, nem Cassiodoro mencionam o *praenomen* do nosso auctor, mas sómente o *nomen* e *cognomen,* faltando assim a base da comparação com os respectivos *praenomina* da inscripção n.ºs 3 e 4.

---

[1] Vid:

De-Vit, *Onomasticon totius latinitatis,* t. I, p. 732 (*Bocchus,* nome de reis da Mauritania);

Alfredo Holder, *Alt-Celtischer Sprachschatz,* Leipzig 1892, col. 454, *s. v. Boccus,* nome que apparece em inscripções da Aquitania (nome de um deus) e do Hanover (nome de homem), e nas *Notas Tironianas.*

[2] Vid. *Corp. Inscr. Lat.,* II, n.ºs 2225 (Cordova), 410 (Viseu) e 769 (Coria,— na Lusitania).

Digitized by Google

Em todo o caso apuramos que houve na antiguidade romana um escritor que, por várias razões, podemos crer que era da Lusitania, e talvez das margens do Sado: facto realmente importante para nós, porque, ao passo que a vizinha Hespanha conta, entre os seus filhos, tantos antigos escritores latinos illustres, como Marcial, Quintiliano, os dois Senecas, Lucano, Pomponio Mela, o nosso país não conhecia nenhum entre os seus.

Cornelio Boccho, a, como julgo, ter tido por patria a nossa Lusitania, sería por ora o unico escritor latino pagão conhecido como de cá.

Por occasião da minha ida a Alcacer, lembrei a algumas pessoas da terra a opportunidade de darem o nome de *Cornelio Boccho* a uma rua ou praça. Se Evora se ufana do nome de Sertorio, e Viseu do nome de Viriato, quando é certo que nenhum documento historico temos que atteste a estada de Viriato em Viseu, nem a de Sertorio em Evora, sendo, com relação ás duas cidades, as façanhas d'aquelles antigos heroes

Phantasticas, fingidas, mentirosas,

não deve causar admiração ou estranheza que Alcacer-do-Sal faça reviver o nome de *Bocchus,* que pertencia a um varão illustre da antiguidade, e se lê em dois marmores desenterrados naquella villa, e em um desenterrado perto.

Ainda que no estudo que acabo de fazer não pude, por falta de elementos, resolver todas as questões que propus, ahi deixo no emtanto algumas informações novas que hão-de concorrer, me parece, para o definitivo esclarecimento de tão curioso ponto da nossa archeologia.

6. Inscripção romana inedita

Dizendo-se-me que na parede do Caes da Praça, no lado que deita para o rio, havia outra inscripção, dirigi-me lá, e, depois de ter entrado num barco, para me poder aproximar da parede, copiei a seguinte inscripção, que estava gravada num marmore:

.....

.....NDVM M[illegible]

IN REMΓ

Γ PLEBEM·SVAM

D D

Digitized by Google

Primeira linha:

A primeira palavra está incompleta; parece-me dever ser *memorandum* ou outra analoga; a segunda palavra é MERIT(*um*). — A phrase completa seria: [*ob memora*]NDVM MERIT(*um*).

Segunda linha:

Não tem difficuldade: IN REMP(*ublicam*).

Terceira linha:

A primeira palavra deve ser [*e*]T. O resto não tem difficuldade.

Quarta linha:

É a conhecida fórmula: D(*ecreto*) D(*ecurionum*).

Falta já o principio da inscripção. — O sentido d'ella será:

.... [*a F.*] ..... *pelo notavel* (?) *serviço prestado por elle ao Estado e ao seu povo* (*foi erecto este monumento*) *por decreto dos decuriões.*

Noutra inscripção de Alcacer, a que logo me referirei, lê-se uma fórmula que deve comparar-se com a de cima: OB MERITA .... PLEPS embora aqui esteja PLEPS, que é simples variante phonetica de PLEBS. A fórmula OB MERITA é muito vulgar: vid. os volumes do *Corpus Inscriptionum Latinarum,* passim (por ex., vol. II, pag. 1164–1165). A inscripção n.º 5, de Alcacer, em logar do plural, tem o singular: todavia em Tito Livio, *Ab urbe condita,* XXI, XXXI, encontrei a phrase «ob id meritum», com a palavra *meritum* tambem no singular; e podiam citar-se outros exemplos litterarios.

Esta inscripção até hoje estava ainda inedita, segundo penso.

No *Corp. Inscr. Lat.,* II, 34, dá-se como existente dentro do castello, numa parede externa da igreja matriz, outra inscripção; de facto existe ainda lá, e vem bem copiada no *Corpus*[1].

---

[1] A inscripção é:

L·PORCIO·L·F
GAL·HIMERO
IIVR·PRAEF·PRO
IIVIR·FLAMINI
DIVORVM·BIS
OB·MERITA
PLEPS·AERE·CONLATO
HVIVS·TITVLI·HONORE
CONTENTUS·IMPESAM
REMISIT

Vê-se que a Lucio Porcio Himero, da tribu Galeria, o povo levantára uma estátua, por subscripção (*aere conlato*), e que aquelle, satisfeito com a honra desta

Digitized by Google

7. Necropole pre-romana

Junto da igreja do Senhor dos Martyres ha um campo pertencente ao Sr. Antonio Faria Gentil, onde em tempo appareceram muitas antigualhas, como urnas, lucernas, armas, objectos de marfim, e ainda outras cousas, muitas das quaes foram adquiridas em 1876 pela Academia de Bellas-Artes de Lisboa.

Estacio da Veiga deixou entre os seus papeis duas listas d'estas antigualhas, uma d'ellas extrahida da escritura da venda, outra, organizada, ao que parece, á vista dos objectos: como as duas listas não concordam exactamente, abstenho-me de as publicar, antes de fazer a comparação d'ellas com os proprios objectos que existem na Academia de Bellas-Artes[1].

Nem tudo o que appareceu nos arredores do Senhor dos Martyres está na Academia de Bellas-Artes. O Sr. Faria Gentil possue um ou mais objectos de lá. No Museu de Alcacer estão tambem objectos da mesma procedencia, e ha ainda outros dispersos por mais partes[2].

*

Entre os objectos descobertos no referido campo não são dos menos notaveis umas armas de ferro, de fórmas variadas, que pertencem a typos que se relacionam com os dos primeiros tempos da idade do ferro: ellas foram estudadas por Cartailhac[3] e por Estacio da Veiga[4].

No Museu de Alcacer está uma, que aqui represento em ponto pequeno (fig. 1), comparavel á que Estacio da Veiga dá nas *Antig do Alg.*, IV, est. XXXIII, n.º 4, e á que Cartailhac dá nos *Ages préhistoriques*, pag. 246, fig. 360; a lamina está torcida, o que póde explicar-se por um antigo rito funerario, segundo o qual os objectos

---

inscripção (*hujus tituli honore contentus*), pagou a despesa (*impesam remisit*. Aqui está *impesam* por *impensam*, fórma da linguagem vulgar, como *cosul* por *consul*). *Aere conlato, honore contentus* e *impesam remisit* são fórmulas frequentes nas inscripções: vid. Cagnat, *Cours d'épigraphie latine*, 2.ª ed., pag. 228-229.

[1] Cfr. tambem Estacio da Veiga, *Antiguidades monumentaes do Algarve*, IV, 266 sqq.

[2] Cfr. Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pag. 252 e 253, onde diz que ha objectos de Alcacer em Evora, e no Museu do Carmo, de Lisboa.

[3] *Ob. cit.*, pag. 251 sqq.

[4] *Antig. monum. do Alg.*, IV, 266 sqq.

Digitized by Google

eram muitas vezes collocados nas sepulturas, depois de deformados ou quebrados.

Fig. 1

O campo a que me estou referindo era na verdade uma necropole ou cemiterio pre-romano; embora hoje já nada se possa reconhecer á simples inspecção.

Infelizmente as excavações foram feitas com pouco cuidado, de modo que é difficil agora relacionar os objectos entre si.

Alem das armas, appareceram na necropole muitos outros objectos, e moedas de diversas nacionalidades, — gregas, ibericas, e romanas [1]. Este facto e o apparecimento de outros objectos de origem romana mostram que differentes civilizações se succederam alli. Como será importante proceder a novas, mas methodicas, excavações! Quantas joias archeologicas não estarão ainda escondidas debaixo das raizes das arvores, á espera que a mão carinhosa de um romeiro da sciencia as vá desencantar!

*

No Gabinete archeologico da Bibliotheca Nacional de Lisboa ha seis grosseiras figuras de bronze priapicas, as quaes, segundo uma indicação que encontrei na Bibliotheca, provieram de Alcacer. Figuras do mesmo typo existem no Museu de Evora. A umas e outras se referem os seguintes auctores:

E. Hübner, *Die antiken Bildwerke in Madrid, nebst einem Anhang,* Berlin 1862, pag. 334;

Filippe Simões, *Introducção á archeologia da Peninsula Iberica,* Lisboa 1878, pag. 123–124;

E. Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal,* Paris 1866, pag. 300;

Estacio da Veiga, *Antiguidades monumentaes do Algarve,* Lisboa 1891, vol. IV, pag. 217 [2].

---

[1] Cartailhac, *ob. cit.,* pag. 252. O Sr. Cartailhac viu as moedas gregas?

[2] Este último A., fallando das figuras da Bibliotheca Nacional de Lisboa, diz no texto que consta que ellas appareceram em Troia (Setubal), e na estampa respectiva dá-as, com um ponto de interrogação, como de Alcacer do Sal. Equivocou-se pois. — O que consta é que ellas appareceram em Alcacer; fui eu mesmo quem lhe deu esta informação, que elle só pôde utilizar na estampa.

Digitized by Google

No Museu Archeologico de Madrid vi uma figura analoga; não tinha indicação de procedencia, mas com certeza foi levada de Portugal para lá. Ultimamente, o meu amigo o Sr. Joaquim Correia Baptista participa-me ter sido adquirida para o Museu uma figura do mesmo typo, achada no sitio denominado «Horta de Cima», nos arredores da villa.

É natural que mesmo aquellas, cuja procedencia se ignora, tenham sido tambem encontradas em Alcacer, attenta a quasi identidade de todas.

Taes figuras parece serem idolos, pelo facto de apresentarem a mesma attitude. Podem comparar-se com outras estrangeiras, que se conhecem. Com relação á data, apenas direi que ellas se referirão a cultos pre-romanos.

Seria importante saber se as haveria na mesma necropole de d'onde provieram as armas.

8. Museu Municipal

O objecto principal da minha visita a Alcacer foi o Museu Archeologico Municipal, a que já me referi n-*O Archeologo Português*, pag. 46. Apesar de estar em princípio, promette progredir a olhos vistos, graças á dedicação de pessoas devotadas ao estudo da archeologia, como são o Rev. Francisco de Matta Galamba, e o Sr. Joaquim Correia Baptista, principaes fautores d'elle. A Ex.ma Camara Municipal, cujo Presidente é o Sr. José Serra Lince, merece os maiores elogios por mais este melhoramento com que dotou a villa.

O Museu foi installado nos proprios paços do concelho, que ficam num sítio alegre e bem illuminado, com vistas para a Praça de Pedro Nunes, e para o rio Sado, que banha os alicerces do edificio.

Os objectos de que consta podem classificar-se, quanto ás epochas, assim: prehistoricos, protohistoricos, romanos, arabes e portugueses.

*

Os objectos prehistoricos consistem em instrumentos do periodo da pedra polida, como machados e martellos, uns encontrados avulsamente pelo concelho, outros provenientes do castro dos Castellejos, de que adeante fallarei.

Logo que neste castro se façam as explorações projectadas, é provavel que o Museu seja enriquecido no que se refere a objectos de industria neolithica, isto é, do periodo da pedra polida.

Digitized by Google

*

Alem da espada e do idolo de que ha pouco dei noticia, o Museu possue, na secção dos objectos protohistoricos, uma bella *armilla* de ouro, achada nas abas do mencionado castro dos Castellejos, *armilla* de typo semelhante ao de outras que se conhecem no nosso país.

Protohistoricas se podem ainda considerar umas curiosas moedas de cobre que estavam no Museu, e a que devo consagrar algumas linhas. Eis os desenhos d'ellas nas fig. 2, 3 e 4, em tamanho natural.

Fig. 2

Fig. 3

A moeda da fig. 2 tem no anverso a cabeça de Héracles voltada para a esquerda, com a pelle do leão, e a maça atrás da nuca; vê-se parte ainda do circuito granulado. No ℞ vêem-se os corpos de dois atuns, com uma inscripção entre elles, formando sigla as duas lettras da esquerda; na orla, parte do circuito granulado. Em nenhuma das páginas da moeda ha legenda latina, nem falta. Esta moeda offerece uma particularidade: ao cunharem-na, o cunho escapou, e não ficou acabado o lado direito da moeda, como se póde verificar comparando o reverso d'esta com o da seguinte.

Na moeda da fig. 3 não só no anverso ha uma legenda latina, ODACIS·A, mas na inscripção do reverso as duas lettras da esquerda estão separadas, e antes da lettra da direita ha um crescente com um ponto ou globulo dentro.

Digitized by Google

A moeda, cujo reverso represento na fig. 4, está bastante gasta; o seu anverso é como na fig. 2; do reverso só se percebe o crescente (já sem ponto), uma lettra e as extremidades de dois golfinhos, que estavam voltados para a esquerda.

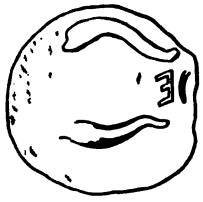


Fig. 4

Estas moedas não são novidade na sciencia; pertencem a typos conhecidos, e já estudados. A seu respeito podem ver-se, entre outras, as seguintes obras:

Revue Numismatique, 1836, pag. 369 sqq. (artigo de Zobel de Zangrónis, intitulado *Essai d'attribuition de quelques monnaies ibériennes à la ville de Salacia);*

Nuevo método de clasificacion de las medallas autónomas de España, t. II, 1873 (appendice por M. Rodriguez de Berlanga, a pag. 371 sqq.);

Memorial numismático español, t. V, 1880, pag. 187 sqq. (artigo de Zobel de Zangrónis, intitulado *Distrito Salaciense);*

La arqueologia de España, pelo Dr. E. Hübner, Barcelona 1888, § 132;

Monumenta linguae Ibericae, pelo mesmo, Berlim 1893, pag. 136.

Da discussão a que procederam os citados eruditos, e principalmente Zobel Zangrónis, que (na *Revue Numismatique)* foi quem primeiro aclarou o problema, resulta que estas e as demais moedas de typos analogos pertencem a SALACIA, cidade lusitana, cuja séde é costume pôr em Alcacer-do-Sal.

Zobel chegou a tal resultado pela comparação das citadas moedas com uma de typo semelhante, em cujo reverso se vê entre dois golfinhos, na mesma posição que nas outras, uma inscripção latina que diz IMP·SAL, isto é, *Imperatoria Salacia,* pois Plinio refere[1] que o municipio de Salacia se denominava *Urbs Imperatoria*[2].

As legendas latinas representam muito provavelmente nomes de magistrados; a inscripção em caracteres indigenas, [illegible], que se lê da direita para a esquerda, como é costume na escriptura semitica, e ainda noutras escripturas (antigas), conterá o nome indigena da ci-

---

[1] *Naturalis Historia*, IV, 116.

[2] Á cêrca da origem d'esta denominação vid. uma hypothese enunciada por Ursin, *De Lusitania provincia Romana,* Helsingiae 1884, pag. 77–78. Segundo elle, a denominação de *Imperatoria* sería dada á cidade por Sexto Pompeu, que se intitulava *imperator;* mas esta hypothese deve ainda ser discutida.

Digitized by Google

dade. Estes caracteres, vindo da direita para a esquerda, parece serem respectivamente E, V, I, O, M, isto é:

O nome será, pois, Eviom.

No tempo dos Romanos os nomes antigos das povoações experimentaram muitas vezes modificação: ora foram traduzidos; ora addicionados de nomes latinos, como titulos, como synonimos, ou ainda como elementos de composição morphologica; ora substituidos. Aqui dou alguns exemplos. Na lingua celtica, que foi fallada tambem na Peninsula, a palavra *briga,* que entra na composição de muitos nomes de terras lusitanicas, significava *altura fortificada*[1]; esta palavra creio que foi substituida entre nós principalmente pela latina *castrum,* que deu em português *castro,* um dos nomes das antigas alturas fortificadas[2]. Á palavra *Bracara,* de origem lusitana, accrescentou-se *Augusta,* d'onde *Bracara Augusta,* e mesmo *Bracaraugusta,* de que até se formou o nome patrio *Bracaraugustanus;* no emtanto, na pronúncia popular, prevaleceu *Bracara,* como o mostra a actual fórma *Braga,* que provém d'aquella, através de *Bragaa* e **Bragala.* A cidade de *Ebora* teve tambem o titulo de *Liberalitas Julia,* que se lê nas proprias moedas cunhadas pelos seus magistrados. A palavra Salacia é, segundo muitas probabilidades, igualmente latina[3], e substituiu o nome indigena da povoação, conservado na inscripção que acabo de citar, nome que se suppõe ser Eviom.

Ás razões, propriamente numismaticas, invocadas por Zobel de Zangrónis, para attribuir as referidas moedas a Salacia, accrescenta elle, in *Revue numismatique,* 1863, pag. 380, mais esta: que taes moedas «ne se trouvent qu'en Portugal ou dans les provinces d'Espagne qui confinent à la partie méridionale de ce royaume». Pela minha parte, posso reforçar a última razão, pois em Alcacer-do-Sal vi quatro moedas *achadas todas lá;* sei de outra, encontrada ao pé de Lagos; o Sr. Dr. F. Ignacio Mira, de Beja, tem na sua collecção uma, achada no Sul; o Sr. Dr. D. José de la Féria y Ramos, de Serpa, tem na sua collecção quatro, sendo uma achada no Algarve, e tres em Serpa;

---

[1] Vid. *O Archeol. Portug.,* pag. 62.

[2] Vid. *O Archeol. Portug.,* pag. 3.

[3] *Salacia* se chamava uma deusa do mar, esposa de Neptuno: vid. Preller, *Römische Mythologie,* II, 121 e nota.

Digitized by Google

na Bibliotheca Nacional ha tres, sendo uma achada perto de Beringel (Alemtejo), mas ignorando-se o *unde* das outras; no Museu Real ha duas[1], provavelmente tambem encontradas cá; um amigo meu tem outra, que adquiriu em Lisboa, não sabendo porém a procedencia[2]. Em summa: temos em Portugal conhecidas mais *dezaseis* d'estas moedas, sendo *onze* positivamente descobertas na região de Entre-Tejo-e-Odiana, e havendo probabilidades de que as mais tambem o fossem[3].

Lembrarei, a propósito, que em Alcacer do Sal vi uma moeda de IMP·SAL, igualmente achada lá.

Sem ser meu intuito discutir se Salacia foi realmente no local onde hoje está Alcacer-do-Sal, noto porém que o descobrimento das referidas cinco moedas de Salacia, quatro indigenas, e uma luso-romana, apoia essa crença, ou pelo menos que a séde da velha cidade foi nas margens do Sado.

O nome do rio vem, quanto a mim, do lat. salatus, através das fórmas **Salado* e **Saado,* ambas de accôrdo com as leis da lingua portuguesa. É natural que os antigos estabelecessem já relação phonetica entre *Salacia,* de *salum,* e salatus, de *sal.* Comtudo, como o Sado é extenso, não se póde inferir só d'isto que Alcacer occupe precisamente o local de Salacia.

*

Alem da moeda de IMP·SAL, de que acabo de fallar, possue o Museu várias outras da epocha romana, principalmente imperiaes, de prata e de cobre.

Da mesma epocha tem tambem os seguintes objectos:

— um fragmento de estela de marmore, de 0m,08 de altura maxima, e 0m,09 de largura maxima, com vestigios de friso nas duas faces, e estas lettras:

A.....
AN.....
I.....

---

[1] Teixeira de Aragão, *Description des monnaies, médailles,* etc. Paris 1867, pag. 11.

[2] Peço aos leitores, que tiverem conhecimento de outros exemplares, o obsequio de me informarem, dizendo-me, podendo ser, onde elles foram achados, e mandando-me desenhos, ou calcos.

[3] Crawfurd, no seu livro *Portugal, Old and New,* London 1882, pag. 268, diz que se encontrou nas ruinas de Troia (em frente de Setubal) uma moeda *phenicia,* tendo no anverso uma cabeça barbara, e no reverso dois golfinhos. Será realmente *phenicia,* ou do typo das de Salacia?

Digitized by Google

provavelmente restos de alguma inscripção funeraria (na segunda linha AN[*Norum*]?);

— muitos fragmentos do chamado «barro saguntino», alguns com marcas figulinas, por exemplo .....VRTI, que se lê na parte interna de um fundo de vaso (vid. fig. 5);

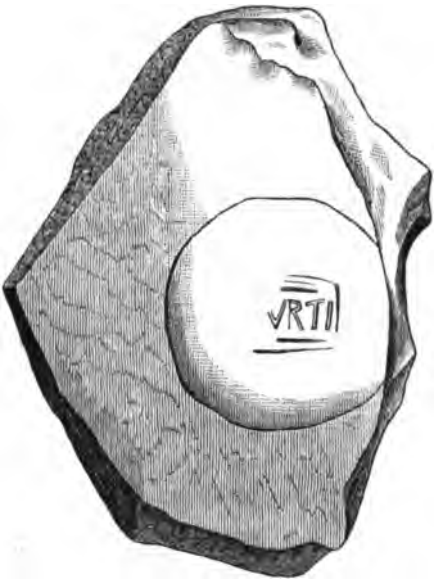


Fig. 5

— uma bella urna cineraria, tambem de «barro saguntino», com desenhos no bojo, e ainda provida de tampa ou operculo, lendo-se no bojo CORNEL (=*Cornelius*) e PRIMUS, e no operculo:

SEX
ANNI

i. é., *Sex(ti) Anni* ou *Anni(i)*, genetivo de *Sextus Annius*, representando, pelo menos a segunda inscripção, um nome de artista, pois noutros vasos da Peninsula se lê tambem SEX ANNI[1] (esta urna continha ainda cinzas e fragmentos de ossos, e foi achada no Rocio dos Frades, em Alcacer);

---

[1] Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, vol. II, pag. 667, n.° 26; de AN, ANN, ANNI, ANNIVS, ha varios exemplos, *ib.*, n.os 21 a 25.

L. Cornelius Primus e *P. Cornelius Primus* vem mencionados *ibidem*, sob os n.os 2286 e 1564.

Digitized by Google

— um tijolo grosso, achado no «olival do Gentil», e tendo esta marca figulina (vid. fig. 6):

Fig. 6

que deve ler-se *Meno[philus] Sofro* ou *Sofron* (vocabulos gregos)[1];

— muitos fragmentos de telhas de rebôrdo *(tegulae)* e de amphoras;

— varios pesos de barro *(pondera)*.

*

A epocha arabe está apenas representada por alguns fragmentos de louça, e por uma pedra com uma inscripção cufica.

O Museu possue tambem azulejos do typo chamado vulgarmente «hispano-arabe».

*

Da epocha portuguesa possue o Museu exemplares de ceramica, e moedas. Das moedas a que mais me chamou a attenção foi uma meia-barbuda (de bolhão) que represento na fig. 7, e que, como julgo, constitue uma variedade inedita de algum merecimento:

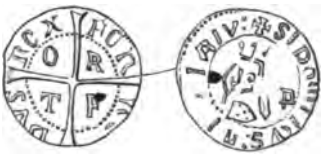


Fig. 7

Anverso: FER-N[AN]-DUS-REX : Cruz cortando a legenda, cantonada por quatro lettras, O, T, R, P, isto é, PORT(O)[2].

---

[1] Vid. exemplos de *Menophilus* no *Corp. Insc. Lat.*, vol. II, pag. 675, e de *Sophro* (Sophron), *ibidem*, n.os 1297 e 1651.

[2] No reverso de outra moeda de D. Fernando, estampada pelo Sr. Teixeira de Aragão sob o n.º 13, lê-se tambem PORT(O).

Digitized by Google

Reverso: ✠SI DOMINVS : MI[CH]I AJV : Celada ou *barbuda,* voltada para a esquerda, com corôa em cima, e em baixo as quinas (cfr. no n.º 19, est. v, do livro do Sr. Teixeira d'Aragão[1]); á direita P (mas á esquerda não tem estrella, como no exemplar descrito pelo Sr. Aragão, ou, se a tinha, desappareceu quando fizeram o furo que a moeda hoje apresenta).

A novidade está na disposição do anverso, e sobretudo na existencia das quatro lettras que cantonam a cruz.

Esta moeda, apesar de eu a ter examinado rapidamente (de noite), pareceu-me authentica.

*

Na occasião em que visitei o Museu, este não tinha ainda accommodações regulares, por falta de mobilia, que estava encommendada; actualmente, porém, como me informam, os objectos acham-se já installados em mostradores.

A maioria dos objectos de que acabo de fallar foi depositada pelo Sr. Correia Baptista.

Depois da minha visita, muitos outros objectos tem entrado para o Museu; o Sr. P.e Francisco de Mattos Galamba ahi depositou tambem a sua interessante collecção numismatica.

9. Votos e ex-votos

Toda a gente sabe que, aqui em Lisboa, é costume collocar no altar de Santo Antonio, na igreja da sua invocação, junto á Sé, bilhetinhos em que se fazem ao santo varios pedidos, sobretudo de casamento. Na igreja do Senhor dos Martyres, em Alcacer, encontrei o mesmo costume; e sei de outros analogos que existem pelo país.

Os *requerimentos* d'esta especie, que tenho observado, reduzem-se a varias classes:

1.ª Requerimentos propriamente ditos, em que se formúla por extenso o que se deseja;

2.ª Requerimentos escritos em abreviatura;

3.ª Requerimentos em cifra;

4.ª Requerimentos cuja escrita consiste apenas em riscos, feitos irregularmente;

---

[1] *Descripção geral e historica das moedas,* vol. I.

Digitized by Google

5.ª Requerimentos feitos de qualquer papel em que ha casualmente lettras;

6.ª Requerimentos que constam apenas de papel completamente em branco.

O exame d'esta serie é curioso, porque nos mostra que o requerimento vae successivamente passando á classe de mero symbolo. A classe 1.ª é a mais natural: o pretendente expõe claramente ao santo ou á Divindade a sua pretensão. Nos requerimentos das classes 2.ª e 3.ª o pretendente expõe o seu pensamento, de maneira que as pessoas estranhas o não possam comprehender. Nos das classes 4.ª e 5.ª ha já symbolismo, porque o povo contentou-se com o facto de o papel conter *lettras* ou *traços*. Os da 6.ª classe estão reduzidos á expressão mais simples possivel: um papel! O povo entende neste caso que o *papel* é synonimo de *requerimento*.

Os requerimentos estão quasi sempre dobrados de certo modo especial e caracteristico.

*

Quando se faz um pedido a um santo, á Virgem, a um anjo, ou a Deus, acompanha-se muitas vezes da promessa de um objecto material, que depois se colloca no altar ou junto d'elle.

Na igreja do Senhor dos Martyres, como noutros muitos sanctuarios célebres, ha mesmo uma *casa dos milagres,* onde estão collocados paineis, figuras de cêra, barcos em miniatura, etc. Nos paineis, que o povo em muitas partes chama *retabulos,* figura-se a natureza do milagre: o doente no leito do soffrimento, com a familia em volta a orar, de joelhos, deante da imagem sagrada, que não raro se vê surgir no ar, entre nuvens, num resplendor; o artista, málicioso e ironico, quasi nunca deixa de figurar tambem o médico, ora a tomar o pulso ao doente, ora a sahir a porta do quarto, como que convencido de que o enfermo morrerá, — o que realça o milagre. Os objectos de cêra representam membros do corpo ou animaes. Os barcos lembram algum perigo sobre as aguas.

*

Tanto o uso dos requerimentos como o das promessas são pre-christãos; remontam pelo menos ao paganismo romano.

Os requerimentos chamavam-se em latim *vota* (votos); e *facere votum* correspondia a «fazer um requerimento». Estes *votos* escreviam-se em tabulas, denominadas *tabellae,* ou em folhas. Suspen-

Digitized by Google

diam-se, como hoje, nos templos, ou pegavam-se com cêra nas estatuas dos deuses, — d'onde o dizer Juvenal, *Satiras,* x, 55:

Propter quae fas est genua incerare Deorum.

Quando o deus, a quem se dirigia o pedido, attendia o devoto, este, em reconhecimento, e segundo o promettido, *ex voto,* collocava no templo uma ara, um cippo, um painel, a figura de um animal, etc. Estes objectos chamavam-se *donaria, tabulae votivae,* etc., conforme os casos. Como muitas vezes se gravava nelles uma inscripção em que se lia esta fórmula — *ex voto,* é costume hoje chamar *ex-votos* aos objectos da mesma natureza, que os christãos depositam nas igrejas. O cippo de que publiquei desenho a pag. 44–45 d-*O Archeologo,* e que estava no templo do nosso velho deus Endovellico, dá ideia dos *donaria* dos Romanos.

10. Os Castellejos

Pondo em prática o princípio que enunciei a pag. 5 d-*O Archeologo,* tratei, logo que cheguei a Alcacer, de perguntar se por ali perto haveria algum outeiro denominado *Crasto, Castellinho,* etc. Effectivamente soube que havia a certa distancia da villa uns altos com os nomes de *Castellejos* e *Castellinho,* nomes e altos que já eram conhecidos do Sr. Correia Baptista.

Este meu amigo e o digno Presidente da Camara o Sr. Serra Lince tiveram a bondade de me facilitar uma excursão a esses sitios. No dia 9, de manhã, nós tres e o Sr. Maximiano Apollinario mettemo-nos pois a caminho, em *carro alemtejano,* que é o meio mais vulgar, ainda que nem sempre commodo, de viajar no Alemtejo, mas que, pelo menos para mim, tinha tal ou qual encanto ethnographico, por ser caracteristico do Sul do Tejo.

Pelos nomes e pelas informações que havia obtido, eu ia fiado que os *Castellejos* e o *Castellinho* eram castros lusitanos; e de facto não me enganei, como vamos vêr.

O ceu estava forrado de nuvens. A manhã um pouco tristonha e velada, embora serena; de vez em quando cahiam borrifos de chuva. Este aspecto soturno da natureza casava-se bem com quem ia disposto a penetrar durante uns momentos nas sombras de um *oppidum* da velha Lusitania...

Primeiro seguimos pelas margens do Sado, entre campos e quintas; depois embrenhámo-nos no sertão, quero dizer, na *charneca,* e

Digitized by Google

em breve tempo, após a passagem de alguns barrancos e ribeiros, chegámos ás abas dos *Castellejos*. Alli saltámos todos do carro, e começámos a pé a ascensão da montanha, ou para melhor me exprimir, a conquista do castro!

Os Castellejos são uma serie de outeiros, um com o nome de *Castellinho*, outros anonymos. A um d'estes chamarei outeiro *A*, pois tenho de fallar d'elle em especial.

Nos Castellejos, por prevenção do Sr. Serra Lince, esperava-nos um camponês d'ali, para ser nosso guia.

O alto do outeiro *A* é constituido por um monticulo artificial, muito antigo. Ao fundo do outeiro correm duas ribeiras, uma de cada lado; o Remôrínho[1], e a Ribeira-Grande, tambem denominada *de Santa Catherina*, por passar numa freguesia d'este nome; para as ribeiras desce-se por altas ladeiras, que offerecem ao outeiro boa defensão natural. Vão agora os leitores recordando a descripção geral que a pag. 3 d-*O Archeologo Português* fiz dos castros: já temos um atêrro artificial, e, nas baixas, cursos de agua. Segundo as indicações do camponês, havia no alto do outeiro *A* vestigios de casas, que elle destruiu. Por lá via-se ainda effectivamente muito pedregulho. Com o pedregulho encontrámos, tanto no alto, como na encosta, muitos fragmentos de objectos de barro: de telhas romanas *(imbrices* e *tegulae)* e de vasos grossos (por exemplo, asas de amphoras, e outros cacos).

O *Castellinho* é outro outeiro, que se liga insensivelmente (ao Sul) com o outeiro *A*, por um *galaio* ou cêrro. Ergue-se tambem sobre as mesmas duas ribeiras. O alto ou corôa é igualmente artificial, vendo-se bem em alguns pontos os entulhos que formam o monticulo. Do lado do Sul ha ainda restos de um lancinho de muralha, de uns 6 metros de comprido, que limita a corôa, ficando-lhe para a parte de baixo uma ladeira alta e ingreme. Este lancinho de muralha continuava para Oeste; estão lá ainda as ruinas. A Éste havia outra muralha, segundo me informou o camponês. Por todo o Castellinho disse o homem que appareceram *tijolos grossos* (provavelmente fragmentos de *tegulae)*, e mais disse que ao pé appareceu escumalha, — o que realmente succede com frequencia nos castros. Nós não encontrámos lá nada, senão muito poucos cacos, e algumas pedras arredondadas, que parece seriam martellos, e costumam encontrar-se nas estações prehistoricas.

---

[1] Isto é, *Rio-Mourinho.*

Digitized by Google

Conclue-se do que deixo dito que o *Castellinho* e o outeiro *A* pegavam, muralhados. Constituiam pois um grande castro ou *oppidum*. O Castellinho, que fórma propriamente uma corôa, como o Bico-da-Vela, no *Castello* de Pragança, e o Picoto-do-Bicho, no *Castello Velho* de Rocha-Forte[1], sería acaso uma *arx* ou cidadella; pois que ahi quasi não encontrámos ceramica, nem nos constou que houvesse casas, ao passo que no outeiro *A* havia restos de uma e outra cousa, é provavel que a povoação fosse neste outeiro *A*. Na *arx*, ou *Castellinho*, não ha escarpas como no Bico-da-Vela do *Castello* de Pragança.

A denominação de *Castellejos* estende-se a outros cerros vizinhos; mas não pude ir a mais nenhum. Esta palavra, que é deminutiva, e está no plural, quadra perfeitamente a uma serie de cabeços fortificados, dos quaes pelo menos ha dois bem distinctos, o *Castellinho* e o castro *A*.

Na nossa retirada encontrámos varias pedras arredondadas, como a que citei a cima, isto é, martellos prehistoricos; um rebôlo polido, que podia ter sido pedra de moinho de mão[2]; e várias pedras chatas (de granito), polidas só de um lado, as quaes deveriam tambem ser em tempo antigo instrumentos de trabalho. Tudo isto ao pé do castro *A*. Os taes martellos de pedra são analogos aos do *Castello* (castro pre-romano) de Pragança.

Foi nas faldas dos Castellejos, junto do Rio Mourinho, que appareceu a armilla de que fallo a cima, pag. 81. Ouvi que appareceu outra igual, mas não a vi, nem nenhum dos meus amigos de Alcacer a viu tambem.

O camponês, nosso *cicerone*, asseverou que ao Sul dos Castellinhos se descobriu um sepultura de pedra, *quadrijada* (i. é, «de quatro lados»), dentro da qual estava uma «terrina», que foi offerecida ao Sr. Teixeira de Aragão, e um annel de oiro, que foi offerecida ao Sr. Mòrgado Mousinho, de Monte-Mór-o-Novo. Se isto é verdade, a sepultura era antiga, e talvez pertencente a algum morador do castro.

Em resumo: os Castellejos são um castro complexo, ou, mais propriamente, a reunião de dois castros, de que um representará a povoação, e o outro a *arx*. Revelam-se ahi vestigios de duas civilizações: *pre-romana*, — martellos de pedra, armilla de oiro; e *romana*, — tegulas, imbrices, fragmentos de vasilhas.

---

[1] Sobre este vid. *O Arch. Portug.*, pag. 49. Á cêrca de Pragança, cfr. *ibid.*, pag. 5–6.

[2] Na Beira usam-se estes moinhos ainda hoje.

Digitized by Google

O nosso passeio não foi pois infructifero. Oxalá que as excavações projectadas ponham a descoberto nos Castellejos outros elementos de estudo.

E aqui dou por terminada a descrição da viagem a Alcacer-do-Sal: dois dias e meio, cheios, sim, de fadiga, mas aproveitados. Regressei a Lisboa, em 10 de Dezembro, com o Sr. Maximiano Apollinario.

Não concluirei como as notícias dos bailes, dadas pelos jornaes, dizendo que trouxe de Alcacer gratas recordações: confessar isso, depois do que deixo escrito, seria realmente superfluo!

J. L. de V.

Curso de archeologia

A proposito da notícia dada no numero 1.º d-*O Archeologo,* relativamente ao estudo da archeologia nos seminarios, devo ministrar aos leitores os seguintes esclarecimentos:

Desde que, em 1881, vim dirigir este Seminario, e reger a cadeira de «Theologia fundamental», tomei a peito o *argumento archeologico* no estudo d'esta sciencia. Dei largo desenvolvimento ao estudo da *Prehistoria,* enriquecendo, como podia, esta ordem de noções paloethnologicas com umas luzes de Anthropologia; não ficando nenhuns dos meus alumnos sem saber o que são pontos craniometricos, respectivos diametros e medidas, etc.

Posteriormente introduzi, como additamento á cadeira de Mathematica, tambem de minha regencia, umas noções de *Architectura classica das cinco ordens,* e uns rudimentos de *Archeologia historica,* sacra e profana.

É isto o que ainda actualmente se faz; de sorte que, se não temos no Seminario uma cadeira especial, para estes interessantes estudos, nem por isso elles deixam de se fazer, e a preceito.

Mais accresce que uso tomar como meu ajudante no Museu Municipal a meu cargo, um ou outro seminarista: e todos elles conhecem o que as cousas valem, pois lhes são explicadas, antes de ellas se recolherem naquelle archivo.

Incidentemente accrescentarei que tambem me tenho prestado, ha já uns bons annos, a instruir no grego e no hebraico os meus alumnos

Digitized by Google

de Theologia, — tão convencido estou eu de que o padre muito precisa de umas noções de Archeologia e do estudo d'estas linguas classicas.

Aqui ficam manifestados os meus bons desejos de me ir lealmente desempenhando do espinhoso encargo que sobre mim pesa.

Monsenhor Conego — Pereira Boto
vice-reitor do Seminario Episcopal de S. José, em Faro.

Notícias archeologicas de Tras-os-Montes

O «Castello» de S. Thomé

Junto de uma fraga, a mais alta de toda a serra do Cabreiro, a que chamam — *O Castello,* e que parece ter dado o nome áquella freguesia de S. Thomé do Castello, póde ainda ver-se a raiz das muralhas de um grande castro luso-romano, a poente da mesma fraga, dominando de perto aquella freguesia e a de Villarinho da Samardã.

Esta muralha rectangular abrangerá uma área, talvez de mais de mil e quinhentos metros quadrados. Vêem-se ainda distinctamente os restos d'ella a poente, norte e sul, indo perder-se a nascente na raiz da fraga.

Do lado do sul, numa solução de continuidade na muralha, vê-se bem distincto o logar onde era a porta d'aquelle castro, entre duas grossas paredes de boa construcção romana, ainda perfeitas. Lá se encontra ainda, no chão, a grande padieira da porta, que terá de comprido talvez tres metros, por oitenta centimetros de largo e quarenta de espessura. Do lado de baixo está muito bem lavrada, tendo tres buracos ou covinhas circulares, uma ao centro e duas proximo ás extremidades, todas tres ornamentadas com semicirculos equidistantes, pouco mais ou menos assim:

Seria o buraco ou covinha do centro para a columna, de madeira, ferro ou pedra, a que chamam *batente* das portas, e as das extremidades para as portas chamadas de *coucinho,* em vez de dobradiças, como ainda se observam por aquellas aldeias?

Esta padieira ainda ha poucos annos foi deslocada do logar em que estava por uns exploradores de thesouros na noite de São João.

Digitized by Google

Disse-me um d'elles que, quando ali fôra cavar uma noite, até pouco antes de nascer o sol, apenas encontrára uma pequena moeda de prata, *como seis vintens dos velhos, um pouco mais grossa.* Provavelmente algum denario romano.

Disse-me tambem um caçador de Agoas-Santas, d'aquella freguesia, que, andando alli ás perdizes, encontrára carvão e *um pataco velho, com uma cara de um lado, e do outro duas lettras grandes redondas, um S e um C.* Provavelmente um grande bronze dos monetarios de Augusto.

Disse-me tambem um velho d'aquella localidade que encontrára proximo d'ali, quando rapaz, um ferro de arado, que fizera a admiração da gente do seu povo. Pelos indicios que deu, julgo ser uma relha romana.

Disse-me ainda um lavrador de Fortunho, da mesma freguesia, que, tambem quando rapaz, encontrára perto d'aquelle sítio *um «ferro» de pedra, apontado de um lado e com unha do outro, tendo mais de meia vara de comprido.* Quem sabe se sería um instrumento prehistorico?

No alto d'aquella fraga vi eu, antes de lá collocarem um marco geodesico, um grande círculo, que teria mais de quatro metros de circumferencia, feito de covinhas alongadas, pouco fundas, mais ou menos assim:

Para que seria aquelle circulo?...

Descobre-se d'ali um horizonte vastissimo, principalmente a S. e E., que abrange a área de muitos concelhos do districto de Villa Real, de Bragança e de Viseu. A O. é limitado pela serra do Marão.

*

Diz a lenda que por baixo d'aquella fraga existe uma grande caverna cheia de thesouros, cuja entrada defendem tres guerreiros bem armados, altos como gigantes, bastando uma só bofetada de qualquer d'elles para fazer em *saniscas* a cara do atrevido que ali ousasse penetrar;

Que estes gigantes guardam á vista não só aquelles thesouros, mas a senhora d'elles, uma moura formosissima de sangue real, que ali está *encantada,* ha muitos seculos, á espera do seu paladino, que ha de um dia matar os guardas, libertando a princesa e os seus thesouros;

Digitized by Google

Que alguns pastores de Aguas-Santas ou de Villa-Meã, d'esta freguesia, já tiveram a dita de ver por uma fresta da penedia aquella moura formosissima a tecer num tear de ouro macisso, cheia de anneis, pulseiras e collares de diamantes como estrellas;

Que esta moura é mui gulosa de leite, tendo já succedido por vezes desapparecerem de por ali vaccas com os uberes bem retesados, apparecendo pouco depois, sem se saber como, com elles de todo vazios;

Que algumas d'estas vaccas se tornavam tambem tão gulosas da mangedoura especial da caverna, que até perdiam o amor aos vitellinhos, deixando-os morrer de fome, e fugindo, como por encanto, para que as ordenhassem, a moura ou as suas fadas;

Mas que um dia um pastor ladino, receando se lhe perdesse a sua vacca, tomára a esperta resolução de se lhe agarrar á cauda, não a largando por muitas horas, até que, ao fim da tarde, lá foi mysteriosamente vacca e pastor para dentro da caverna...

Que, por fim, a moura recompensára o pastor com a munificencia que lhe era propria, tapando-lhe primeiro os olhos, para ignorar o caminho da caverna, e enchendo-lhe em seguida o chapeu de carvões, recommendando-lhe muito que tivesse todo o cuidado *de os collocar, á hora propria, no logar da transformação*....

Que, porém, o pastor não fôra esperto, pois nunca pudera comprehender que era mister collocar aquelles carvões ao orvalho na manhã de S. João, ficando por isso, pobre como d'antes, em vez de ter assegurado para sempre a sua independencia, pois aquelles carvões eram grande riqueza de ouro e pedrarias de inestimavel valor.

Mau foi que o orvalho os não crystalizasse. Seriam, com effeito, puros diamantes.

Termina a lenda dizendo que, a começar da caverna, vae uma grande mina por debaixo d'aquella e de outras fragas, na distancia de quasi uma legoa, a qual fôra construida pelos gigantes para roubar a fonte dos de Moscosinhos, cuja agua, limpida e crystallina, faz as delicias da moura, e de seus guardas.

*

Ha ainda uma tradição na freguesia de S. Thomé do Castello, de que aquelle povo de Moscosinhos, Mascosinhos ou Mescosinhos, de que ainda restam ruinas, se extinguíra antigamente, pela invasão de uma peste, que apenas poupára um tal *Petro Gomecio* e sua familia, que d'ali fugiram para vir fundar a povoação de Aguas-Santas.

Digitized by Google

É de notar, com effeito, haver, como ha, nesta povoação, muitos individuos de nome — Pedro e de appellido Gomes. — Quem sabe o que daria aos curiosos, bem explorada, a genealogia d'estes camponeses?

*

Direi ainda, a propósito, que na sacristia da capella de Villa-Meã existe uma antiga e tosca imagem, a que chamam — *S. Domingos Velho* —, e que se diz provinda d'aquella antiga povoação de Moscosinhos.

Noutra capella, a que chamam — *do Castello* —, existe outra imagem de S. Christovão, que é da mesma fabrica barbara d'aquell'outra de S. Domingos.

A meio da encosta da dita fraga, tambem do lado do nascente, ha vestigios de telhas e cimento, onde talvez existiu a antiga capella de S. Christovão do Castello. E, devido talvez ao nome do orago d'esta antiga capella, é que, em tempos antigos, se chamou aos habitantes das povoações vizinhas — *moradores do Castello de S. Christovão,* como já vi da cópia de um foral de D. Sancho II.

Villa Real, 1895.

Abb.e Manuel de Azevedo.

Vária

1. Inscripção de Troia

Ainda á cêrca da inscripção romana de Troia, publicada no n.º 2 d-*O Archeologo,* direi o seguinte:

O Sr. Alberto Girard, com a sua notoria dedicação scientifica e bondade, prometteu-me tirar em occasião opportuna uma photographia do monumento e mandar-m'a para *O Archeologo;* de modo que, depois da publicação respectiva, o estudo da inscripção não poderá mais suscitar duvidas.

2. Antas da Flor-da-Rosa

Informam-me que na Flor-da-Rosa, entre Crato e Aldeia da Mata, ha antas bem conservadas. Poderia alguem dar a este respeito indicações mais desenvolvidas?

J. L. de V.

Digitized by Google

Os proximos numeros d-*O Archeologo Português* inserirão artigos dos srs. Vieira Natividade, Mattos Silva, Martins Sarmento, Santos Rocha, Abb.e Manuel de Azevedo, Conego Pereira Boto, David Lopes, etc.

Digitized by Google

EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in–8.°, do formato d'este prospecto, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Anno	1$500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em estampilhas ou em vales do correio, ser dirigida a **J. A. Dias Coelho**, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

Á venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

Digitized by Google

VOL. I ABRIL DE 1895 N.º 4

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

RECEIVED
APR 7 1911
PEABODY MUSEUM.

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1895

Digitized by Google

SUMMÁRIO

Algumas moedas arabes da Peninsula encontradas no Algarve.

Notícias várias.

Alcobaça archeologica.

Archeologia do districto de Bragança.

Inscripção romana de Beja.

Pergunta.

Publicações recentes.

Este fasciculo vae illustrado com 13 estampas.

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. I ABRIL DE 1895 N.º 4

Algumas moedas arabes da Peninsula encontradas no Algarve

A pedido do director d-*O Archeologo Português* damos em seguida um succinto exame de 18 moedas arabes pertencentes ao Sr. Francisco Silvestre de Sousa Rocha, Escrivão de Fazenda de Castro Marim. Todas estas moedas são bastante communs, como se pode ver em especial em: Codera, *Tratado de Numismática Arábigo-Española,* Madrid 1879; Henri Lavoix, *Catalogue des monnaies musulmanes de la Bibliothèque Nationale, — Espagne et Afrique,* Paris 1891; e Antonio Vives, *Monedas de las dinastias arábigo-españolas,* Madrid 1893.

Eis a lista das moedas:

N.º 1. — Dirheme.

Inscripção (anverso)

لا اله الا	*Não ha mais do que*
الله وحده	*um só Deus*
لا شريك له	*e sem companheiro.*

Legenda (anverso)

بسم الله ضرب هذا الدرهم بالاندلس سنة ثمان وثلثين [ومائتين].

Em nome de Deus. Foi cunhado este dirheme em Alandalús (isto é, Hispania mussulmana) *no anno de* [*duzentos*] *e trinta e oito* (852 de J. C.).

Tive duvida se devia ler 238 ou 138, porque falta a centena d'este numero e não ha differenças bem accentuadas entre os dois annos; porém o Sr. Codera, a quem consultei sobre o caso, é de opinião que é de 238 pela imperfeição dos caracteres.

Digitized by Google

Inscripção (reverso)

الله احد [الله]	*Deus é um só*
الصمد لم يلد و[لد]	*e eterno; não gerou*
لم يولد ولم يكن[ن]	*nem foi gerado, e não tem*
له كفوا احد	*semelhante algum.*

Legenda (reverso)

Só é legivel o final da missão prophetica de Mafoma ولو كره المشركون (veja-se a traducção no n.º 2).

É moeda do tempo de Mohammed I que reinou de 238–273 H. (852–886 de J. C.) sobre a Hispania mussulmana.

Foi encontrada no sitio do Almada, freguesia do Azinhal, concelho de Castro Marim.

N.º 2. — Dirheme.

Inscripção (anverso)

لا اله الا	*Não ha mais do que*
الله وحده	*um só Deus,*
لا شريك له	*e sem companheiro.*
محمد	*Mohammed.*

Legenda (anverso)

بسم الله ضرب هذا الدرهم بالاندلس سنة ثلثين وثلثمئة.

Em nome de Deus. Foi cunhado este dirheme em Alandalús no anno de 330 (941 de J. C.).

O anno está bastante apagado e não estamos muito seguros da nossa leitura.

Inscripção (reverso)

الامام	*O soberano*
الناصر لدين	*Annasser Lidin*
الله عبد الرحمن	*Allah Abd Arrahman*
امير المومنين	*emir dos crentes.*

Legenda (reverso)

É a missão do Propheta: محمد رسول الله ارسله بالهدى ودين الحق ليظهره على الدين كله ولو كره المشركون[ن] *Mohammed é o enviado de Deus; enviou-o com a boa direcção e a religião da verdade*

Digitized by Google

para que elle a fizesse prevalecer sobre todas as outras, ainda que os polytheistas a detestem.

Este Abd Arrahman é o terceiro de nome e o oitavo na serie dos Ommáiadas de Cordova. Representa o maior poderio do califado; reinou de 300–350 H. (912–961 de J. C.) e foi o primeiro que tomou o titulo de emir dos crentes, que só legitimamente podiam usar os califas da Bagdade. As suas moedas dividem-se em duas series: a 1.ª vae até 336 H. (947 de J. C.) e é cunhada em Alandalús; a 2.ª de 336 H. em deante na cidade de Azzahra, fundada por elle nos arredores de Cordova e para onde no mesmo anno transportou a casa da moeda e a sua residencia. O nome que se lê por baixo da inscripção (anverso) é o do director da casa da moeda; e igualmente nas moedas a seguir.

Achado este dirheme com todos os seguintes no sitio da Córte do Gago, concelho de Castro Marim.

N.º 3. — Dirheme.

Inscripção (anverso). — Como a do n.º 2.

Legenda (anverso). — Como a do n.º 2 excepto o anno que é احدى وثلثين وثلثمئة *331* (942 de J. C.).

Inscripção (reverso). — Como a anterior mas só em tres linhas:

الامام الناصر	*O soberano Annasser*
لدين الله عبد الرحمن	*Lidin Allah Abd Arrahman*
امير المومنين	*emir dos crentes.*

Legenda (reverso). — Como a anterior.

N.º 4. — Dirheme igual ao anterior mas do anno de 333 ثلث وثلثين وثلثمئة (944 de J. C.). O anverso está bastante apagado mas pareceu-nos poder ler o 3 da unidade.

N.º 5 e 6. — Dois dirhemes do mesmo anno.

Inscripção (anverso). — Como a dos n.ºs 2, 3 e 4.

Legenda (anverso)

بسم الله ضرب هذا الدرهم بمدينة الزهرا سنة ثمان وثلثين وثلثمئة.

Em nome de Deus. Foi cunhado este dirheme na cidade de Azzahra no anno de 338 (949 de J. C.).

Digitized by Google

Inscripção (reverso). — Como a dos n.os 3 e 4.

Legenda (reverso). — O n.º 5 até الله كرد; o n.º 6 toda a missão do Propheta (veja-se o n.º 2), mas bastante apagada e é illegivel ليظهره.

N.º 7. — Dirheme.

Inscripção (anverso). — Como as anteriores.

Legenda (anverso). — Como a anterior, bastante apagada, e a data é [مئة] اربع واربعين وثلث *344* (955 de J. C.)

Inscripção (reverso). — Como a anterior.

Legenda (reverso). — Missão do Propheta até كله.

N.º 8. — Dirheme.

Inscripção (anverso). — Como a anterior.

Legenda (anverso). — Como a anterior, a data é خمس واربعين [مئة] وثلث *345* (956 de J. C.).

Inscripção (reverso). — Como a anterior.

Legenda (reverso). — Como a anterior.

N.º 9. — Dirheme.

Inscripção (anverso). — Como a anterior mas sem assignatura.

Legenda (anverso). — Como a anterior, a data é خمس وخمسين وثلث مئة *355* (965 de J. C.).

Inscripção (reverso)

عبد	*Abd*
الامام الحكم	*o soberano Alhaquem*
امير المومنين	*emir dos crentes*
المستنصر بالله	*Almostancer Billah*
الرحمن	*Arrahman*

Abd Arrahman é a assignatura do director da moeda.

Legenda (reverso). — Missão do Propheta até كله.

Alhaquem (Al-haquem) II foi o filho e successor de Abd Arrahman III; e reinou de 350–366 H. (961–976 de J. C.).

Digitized by Google

N.os 10 e 11. — Dois dirhemes.

Inscripção (anverso). — Como a anterior mas assignado عامر *Amir* na parte inferior.

Legenda (anverso). — Como a anterior; a data é سبع وخمسين وثلث [مئة], *357* (967 de J. C.).

Inscripção (reverso). — Como a anterior mas sem assignatura.

Legenda (reverso). — Como a anterior até كله.

N.º 12. — Dirheme.

Inscripção (anverso). — Como a anterior sem assignatura.

Legenda (anverso). — Como a anterior; a data é ستين وثلثمئة, *360* (970 de J. C.).

Inscripção (reverso). — Como a anterior; assignado عامر *Amir*.

Legenda (reverso). — Missão do Propheta até ولو.

N.º 13. — Dirheme.

Inscripção (anverso). — Como a anterior.

Legenda (anverso). — Como a anterior; a data é احدى وستين وثلثمئة, *361* (971 de J. C.).

Inscripção (reverso). — Como a anterior.

Legenda (reverso). — Como a anterior até على الدين.

N.os 14 e 15. — Dois dirhemes.

Inscripção (anverso). — Como a anterior.

Legenda (anverso). — Como a anterior; a data é ثلث وستين [وثلثمئة], *363* (973 de J. C.).

Inscripção (reverso). — Como a anterior; na parte inferior a assignatura يحيى, *Yahye*.

Legenda (reverso). — Como a anterior até كله.

N.º 16. — Dirheme.

Inscripção (anverso). — Como a anterior.

Digitized by Google

Legenda (anverso). — Como a anterior; a data é ستين و.... [وثلثمئة], [3]60... (toda a data é de difficil leitura; só se póde ler ...60...).

Inscripção (reverso)

الامام هشام	*O soberano Hixem*
امير المومنين	*emir dos crentes*
المويد بالله	*Almuáiad Billah*
عامر	*Amir*

Legenda (reverso). — Como a anterior até كله.

N.º 17. — Moedinha de prata.

Inscripção (anverso)

لا اله الا	*Não ha mais do que*
الله	*um só Deus*
محمد رسول الله	*Mohammed é enviado de Deus.*
الامير سير	*O emir Sir.*

O emir Sir é o filho e herdeiro presumptivo de Ali desde 522–533 H. (1128–1140 de J. C.).

Inscripção (reverso)

امير المسلمين	*Emir dos mussulmanos*
وناصر الدين	*e defensor da religião*
علي بن يوسف	*Ali ibn Yussof.*

Ali ibn-Yussof foi o segundo califa da dynastia dos Almoravidas, dominador de Hispania e Marrocos e parte da Argelia, e reinou de 500–539 H. (1106–1144 de J. C.).

N.º 18. — Moedinha de prata.

Inscripção (anverso)

لا الله الا	*Não ha mais do que*
الـــلـــه	*um só Deus,*
محمد رسول الله	*Mohammed é enviado de Deus.*
الامير تا	*O emir Te-*
شفين	*xufin.*

Digitized by Google

Texufin era filho e successor de Ali ibn Yussof, e seu tenente em Hispania desde 520–532 H. em que seu pae o chamou a Marrocos para combater os Almohadas, e o fez seu herdeiro ao throno.

Inscripção (reverso)

امير	*Emir*
المسلمين	*dos mussulmanos*
ناصر الدين	*defensor da religião*
علي	*Ali*

Estes dois titulos de Ali foram adoptados por seu pae Yussof ibn Texufin para se distinguir dos demais emires do Magreb. Os que queriam lisongeal-o propuzeram-lhe usar do titulo de emir dos crentes mas elle recusou por ser privativo dos Abassidas como senhores das duas cidades santas Meca e Medina.

Os n.os 17 e 18 foram achados com outras moedas romanas no valle do Boto, proximo de S. Bartholomeu, concelho de Castro Marim.

David Lopes.

Notícias várias

1. Antas de Alter

Um meu amigo diz-me o seguinte, em carta de Março de 1894, a respeito de Alter (Alemtejo):

«Venho admirado com a riqueza dolmenica d'aquelles sitios. No pouco tempo que me demorei, e pequeno espaço que percorri, vi sete antas, e tive notícia de muitas mais.»

2. Antiguidades de Felgueiras

Segundo informações particulares que tenho, appareceram em 1894, em S. Verissimo, concelho de Felgueiras, varios objectos antigos, entre elles algumas fibulas, do typo das de Sabroso e Citania, e alguns pregos de cabello.

Estes objectos foram adquiridos pels Sr. Martins Sarmento.

J. L. de V.

Digitized by Google

Alcobaça archeologica

Antiguidades romanas

Inauguramos hoje esta secção, onde deixaremos registados os mais preciosos exemplares da nossa collecção archeologica. Num folheto que publicámos em 1890, *Roteiro archeologico dos coutos d'Alcobaça,*

Fig. 1 (1/3)

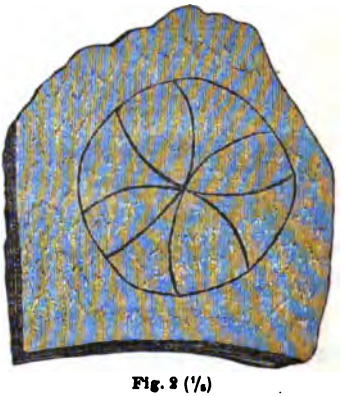


Fig. 2 (1/3)

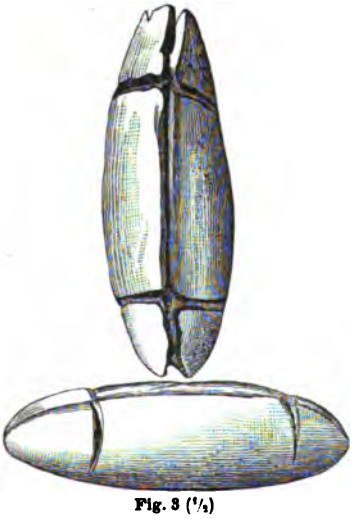


Fig. 3 (1/3)

Fig. 4 (1/3)

deixámos registados os logares onde teem apparecido quaesquer objectos de importancia Os que hoje damos em estampa pertencem a Alcobaça propriamente. Todos esses objectos foram recolhidos ultimamente em excavações, e podem referir-se ao periodo romano, attendendo aos caracteristicos indiscutiveis, que os acompanhavam, como moedas, telhas de rebordo, etc.

Digitized by Google

Os de n.os 1, 2, 3 e 4, que que representam objectos de barro, foram achados ha pouco numas excavações effectuadas proximo da antiga igreja da Conceição, o primitivo templo dos frades de Alcobaça. Os n.os 1 e 2 representam dois tijolos pertencentes a um enorme forno de tijolo cuja secção vertical daria uma calote levemente alongada. O n.º 3 representa por certo um pêso, *pondus,* attendendo não só ao grande número que d'esses objectos se encontrou, mas ainda á sua fórma. O objecto representado no n.º 4 bastaria de per si para attestar a epoca a que pertencem todos estes objectos.

Os n.os 5 e 6 (de barro) foram achados quando se procedia á abertura dos cavoucos para o actual hospital d'esta villa. O n.º 5 repete-se ali com frequencia. É uma das fórmas mais usuaes do *pondus*. Junto

Fig. 5 (1/3)

Fig. 6 (1/3)

Fig. 7 (1/3)

d'estes objectos foi achado uma moenda, *mola manuaria,* e uma sepultura. Compunha-se esta de lages aprumadas, que formavam uma caixa rectangular de 1m,65 por 0m,46. Dentro d'ella estavam dois esqueletos juxtapostos, mas invertidos, isto é, o cranio de um descansava sobre os pés do outro. Estava cuidadosamente coberta por outras lages, e numa havia grosseiramente esboçada uma aspa X. São frequentes ali os caracteristicos romanos, representados por fragmentos de telhas de rebordo, de vasos diversos, etc.

O n.º 7 (de barro), cuja fórma recorda os vasos achados na metropole de Alcoutão, por Paula e Oliveira, é de uma elegancia extraordinaria. Foi achado a cinco metros de profundidade, quando se procedia á abertura de um poço, numa casa do Rocio d'esta villa.

Os seguintes objectos pertencem ao concelho d'Alcobaça:

Os n.os 10. 12, 13 (todos de bronze) pertencem ao Carvalhal de Aljubarrota, e foram achados conjunctamente com moedas, restos de grandes ferragens, etc., o que tudo irá figurado noutro artigo.

Digitized by Google

O n.º 12 representa um resto de fibula. É notavel a sua ornamentação, em parte semelhante ao annel (n.º 9), achado em Evora, d'este concelho.

O n.º 13 tem a fórma igual ou semelhante á nossa roseta com que nas casas de aldeia se recorta massa para diversas applicações culinarias.

Fig. 8 (1/1)

Fig. 9 (1/1)

Fig. 10 (1/1)

Fig. 11 (1/1)

Fig. 12 (1/1)

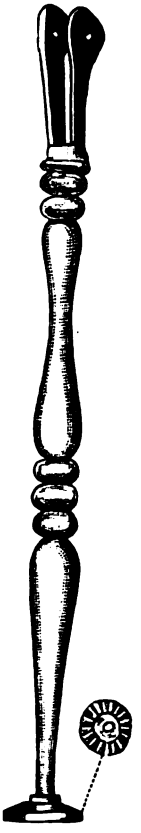


Fig. 13 (1/1)

O n.º 10 é uma travinca, e serviu talvez para o mesmo fim com que o nosso abegão hoje applica o *torno* ou *tornilho* de madeira, nas peaças dos bois.

Os n.ºs 8, 9 e 11 pertencem á freguesia de Evora d'este concelho, e foram-nos offerecidos, com duas moedas romanas, pelo nosso amigo Antonio Moreira. O n.º 9 representa um annel (de cobre) cuja ornamentação é curiosa e notavel. Repete-se a aspa em fórma semelhante á que achámos gravada na sepultura referida.

Digitized by Google

A amphora de barro representada no n.º 11 é delicadissima, e conserva-se em perfeito estado.

No n.º 8 vemos o resto de uma lamina de punhal, de cobre.

Nesta freguesia teem sido achados innumeros documentos que attestam a longa estada dos Romanos, mas infelizmente teem sido inutilizados pelas barbaras mãos dos cavadores.

M. Vieira Natividade.

Archeologia do districto de Bragança

Dolmens de Villarinho e de Zedes

Os dolmens são muito abundantes em Portugal. Só no concelho de Carrazeda de Anciães existem quatro, sendo tres em Villarinho da Castanheira, e um em Zedes.

1. Quando se vae da aldeia da Lousa para Villarinho da Castanheira, a meia distancia, pouco mais ou menos, entre as duas localidades, no sítio chamado *Couto,* o primeiro objecto que desperta a attenção do excursionista, do archeologo, do verdadeiro homem de sciencia, é, sem contestação alguma, a célebre e granitica *Pala da Moura,* como lhe chamam os naturaes, ou antes, segundo a sua denominação technica, a monumental *anta* ou *dolmen.* Póde considerar-se um verdadeiro specimen *sui generis.*

Quem pretender estudar convenientemente este grande monumento, deve desembarcar na estação do Freixo, na linha do Douro, atravessar o mesmo rio e seguir a cavallo, cêrca de 6 kilometros, até Villarinho da Castanheira, concelho de Carrazeda de Anciães, e depois caminhar para Leste, cêrca de 2 kilometros, até o mencionado sítio do *Couto.*

O nosso povo costuma attribuir aos Moiros os principaes monumentos da antiguidade, como são por exemplo: *dolmens, castellos, monolithos,* etc.

Tal foi a impressão que os ardentes sectarios de Mahomet deixaram na Peninsula Hispanica!

Tarde, muito tarde, se poderá extinguir.

Digitized by Google

Em muitos dolmens tem-se encontrado toscos vasos de pedra circulares, em fórma de pias.

Recordo-me de ter ouvido dizer, haverá dez ou doze annos, que no dolmen de Villarinho apparecêra um d'esses vasos rudimentares; mas não o vi, pelo que não garanto a veracidade do facto.

Este dolmen tem perfeita semelhança com a anta da Lourinha, no Alemtejo, mencionada por A. Filippe Simões na sua *Archeologia da Peninsula Iberica,* mas cuja gravura se encontra na *Architectura Sacra,* de Celestino Soares.

A sua cobertura granitica mede approximadamente $3^{m},5$ de comprimento e $0^{m},4$ de espessura, pouco mais ou menos, tendendo muito para a fórma circular. É sustentada actualmente por seis supportes de 1 metro de largura e 3 de altura a cima da superficie do solo; antigamente devia ter pelo menos oito ou dez, mas alguns tem sido arrancados ou deteriorados pela acção do tempo.

Durante a estação hiemal, muitas vezes os pastores recolhem no interior do dito dolmen vinte a trinta cordeiros, isto de dia, emquanto demasiadamente tenros não podem acompanhar suas mães ás pastagens. E assim este apreciavel monumento dos nossos venerandos antepassados está convertido num redil de gado lanigero, servindo de abrigo ao mesmo tempo aos camponios contra as chuvas e as tempestades. Continúa, pois, prestando serviços ao homem.

Demora numa extensa planada, numa área comprehendida entre Castedo, Lousa, Cabeça de Moiro e Villarinho, cujos terrenos abundam em rochas de granito.

O Sr. Dr. Pedro Augusto Ferreira diz no *Portugal antigo e moderno:*

«Esta povoação (*Villarinho da Castanheira*) data de tempos muito remotos, como provam os *tres dolmens* que ainda aqui se encontram:

1.º Na alta planicie denominada *Couto,* cêrca de 3 kilometros ao Sul da matriz, no caminho de Cabeça Boa.

É um dolmen ainda com ara[1], assente sobre tres grandes pedras, a meio da planicie. A ara tem cêrca de $2^{m},25$ em quadro; as pedras em que assenta avultam sobre a superficie do solo cêrca de tres metros; o todo fórma uma especie de casa terrea com entrada do lado

[1] [Por *ara* deve aqui entender-se o chapeu ou lage superior da anta. Alguns archeologos nossos chamam-lhe tambem impropriamente *mesa,* traduzindo o francês *table.* — J. L. de V.]

Digitized by Google

Norte, e junto d'este dolmen ha em communicação com elle um caminho subterraneo, coberto por lageas tambem de granito e que dá saída para o campo.

2.º Neste mesmo sítio do Couto. Já não tem ara.

3.º Junto do caminho de Moncorvo, á esquerda, indo de Villarinho da Castanheira, e distante d'esta villa cêrca de 4 kilometros. Tambem já não tem ara, mas só grandes pedras toscas de granito a prumo.

O povo denomina estes dolmens *Palas Moiras,* e está convencido de que encerram grandes thesouros, guardados por Moiras encantadas, que alguem julga ter visto na manhã de S. João; mas quem não acreditar não pecca.»

Desculpe-me o Sr. Dr. Pedro Augusto Ferreira, — mas sempre lhe direi que o seu informador deturpou os factos, senão vejamos: — A posição do dolmen do *Couto* é cêrca de 3 kilometros a Leste da matriz e não ao Sul; não demora bem no meio da planicie, mas um pouco na extremidade do Sul; ainda hoje se podem ver seis esteios, não tres, e antigamente devia ter pelo menos oito ou dez, como já disse; a entrada devia ser a Leste e não ao Norte.

Onde existe o 2.º dolmen? Já percorri o sítio várias vezes e nunca o pude encontrar. E a sonhada communicação? Nunca existiu; só se elle queria referir-se á sua *galeria!*

2. O dolmen de Zedes, como não possuo os elementos necessarios para o descrever, nem ainda o visitei, deixo-o apenas mencionado.

*

Ahi estão, em Anciães, esses quatro monumentos, mudos, mas expressivos, a aguçar o appetite do primeiro archeologo que tiver occasião de os estudar minuciosamente, como é de necessidade.

Oxalá os nossos governos se dignem olhar a sério para estas e analogas construcções das antigas civilizações.

Se um dia assim succeder, Trás-os-Montes de certo ha de ministrar grande e variado contingente de preciosidades prehistoricas para a formação de um grande museu archeologico. Que Portugal desperte da sua lethargica prostração, e neste ponto siga ao lado das outras nações civilizadas — é o meu maior desejo.

Ligares, 15 de Março de 1895.

P.e José Augusto Tavares.

Digitized by Google

Inscripção romana de Beja

Nas excavações do Palacio dos Infantes, em Beja, continùam a achar-se bons exemplares archeologicos, que vão sendo archivados no Museu Municipal. Alem de outras lapides, e de várias objectos de barro (alguns com marcas), encontrou-se ultimamente a seguinte inscripção romana, ainda inedita:

l. *m*ARCIO▲PIERO▲
PACENSI▲
AVGVSTALI▲COL▲PACENCIS▲
ET▲MVNICIPII▲EBORENSIS▲
AMICI▲OB▲MERITA▲EIVS▲
AER▲CONLATO▲POSVERVNT▲

L▲MARCIVS▲PIERVS▲
HONORE... CONTENTVS▲
IMPENSAM▲REMISIT▲

A pedra em que está esculpida é de marmore, e tem as seguintes dimensões: altura $0^m,95$; largura $0^m,57$; espessura $0^m,56$.

Está falhada no princípio da primeira linha, onde sem dúvida alguma se deve subentender L. M, como se vê da setima linha; entre as duas palavras da penultima linha ha tambem uma falha, mas ahi, como se vê da distancia, não faltam lettras, falta só o ponto triangular de separação.

Áparte estas falhas, a inscripção está tão perfeita, que parece feita agora.

José Umbelino Palma.

*

P. S. Ultimamente tem-se manifestado em Portugal um movimento de certa importancia nas sciencias archeologicas. De todas as provincias do país chegam a Lisboa notícias de descobrimentos novos. Se este movimento continuar com a mesma actividade, grande luz deve resultar em breve para o conhecimento da nossa historia antiga.

Digitized by Google

O concelho de Beja, pelo seu magnifico Museu Municipal, occupa um logar importante neste renascimento scientifico. Graças á dedicação de algumas pessoas, verdadeiramente devotadas ao bem da patria, tem-se salvo naquelle concelho muitas preciosidades, que, sem tal dedicação, estariam agora perdidas. O signatario do artigo antecedente, o Sr. José Umbelino Palma, Secretario da Camara Municipal de Beja, é incansavel no emprêgo dos meios de engrandecimento do Museu; alem d'isto publica frequentemente n-*O Bejense,* jornal de sua redacção, artigos e informações historicas e archeologicas á cêrca de Beja. Commetteria eu porém injustiça, se ao mesmo tempo não dissesse que noutras pessoas de Beja se encontra igualmente interesse e fervor pelas cousas da terra: ainda ha pouco tempo visitei o Museu, e lá vi a cada passo, junto dos objectos ou nos catalogos, indicados numerosos nomes de benemeritos que fizeram offertas ao Museu.

D'este Museu se disseram já algumas palavras n-*O Archeologo,* n.º 1, pag. 19; e tornar-se-ha a fallar d'elle mais de espaço num dos numeros seguintes.

A inscripção aqui publicada pelo Sr. Umbelino Palma é realmente muito valiosa. A sua traducção é a seguinte:

A Lucio Marcio Piero, de Pax (Julia), augustal da colonia de Pax (Julia) e do municipio de Ebora, os amigos, pelos serviços por elle prestados, erigiram por subscripção (esta estátua). Lucio Marcio Piero, contentando-se com tal honra, satisfez as despesas.

Já no n.º 3 d-*O Archeologo,* pag. 77, nota, se inseriu uma inscripção de analogo teor, tambem com as fórmulas *ob merita* (pelos serviços), *aere conlato* (por subscripção) e *impesam* ou *impensam remisit* (deu o dinheiro que se gastou).

Do cognome *Pierus* ha outro exemplo numa inscripção de Alicante (Hespanha)[1]. O prenome *Lucius* e o nome *Marcius* são tão frequentes na epigraphia e na litteratura, que não merece a pena citar mais exemplos d'elles.

Á cêrca do collegio ou corporação de sacerdotes chamados *augustaes,* veja-se J. Marquardt, *Le culte chez les Romains,* t. II, Paris 1890, pag. 220 e 231. Não é esta a unica notícia que a epigraphia luso-romana nos dá dos *augustaes:* por exemplo, em Lisboa, *municipium Felicitas Julia Olisipo,* appareceram igualmente inscripções em que figura um *augustal*[2].

---

[1] Vid. *Corpus Inscriptionum Latinarum,* II, 3566.

[2] *Ibidem,* II, 181, 196.

Digitized by Google

A lapide de Beja, constituia, sem dúvida alguma o pedestal de uma estátua. Era muito vulgar, no tempo dos Romanos, levantar em honra de personagens grados estátuas nas terras em que elles nasceram. Se outros documentos não houvesse de que Pax Julia estava situada no actual local de Beja, e não no de Badajoz [1], esta inscripção, só por si, tirava a tal respeito todas as dúvidas, pois prova isso de modo evidente.

J. L. de V.

Pergunta

As Lapas (Torres-Novas)

Lê-se no *Archivo Popular* de 1842, vi, 31, que a meia legua de Torres-Novas ha muitas concavidades e ruas subterraneas, que passam por obra dos Moiros, e a que se liga uma lenda do apparecimento de uma imagem da Virgem.

Poderá algum leitor dar informações mais circumstanciadas?

J. L. de V.

Publicações recentes

Boletim da Real Associação dos architectos civis e archeologos portugueses, n.º 2.

Arte portuguesa, — revista illustrada de archeologia e arte moderna —, dirigida por Gabriel Pereira e E. Casa Nova, n.º 1 e 2.

Do Museu Municipal de Beja:

Catalogo da Sala Gomes Palma, 1.º fasciculo (ceramica);

Catalogo da Sala Gomes Palma, 2.º fasciculo (mosaicos e cimentos).

J. L. de V.

[1] Vid. *Noticias de Portugal* de Emilio Hübner, Lisboa 1871, pag. 37 sqq; cfr. tambem *Corp. Inscr. Lat.*, ii, pag. 8–9 (onde se reunem varios elementos bibliographicos para o estudo da questão), e *Supplem.*, pag. 804.

Digitized by Google

Os proximos numeros d-*O Archeologo Português* inserirão artigos dos srs. Mattos Silva, Martins Sarmento, Santos Rocha, Abb.ᵉ Manuel de Azevedo, Conego Pereira Boto, Dr. Alves Pereira, Vieira Natividade, etc.

Para regularidade de escripturação, pedimos aos assignantes em divida a fineza de mandarem satisfazer as suas assignaturas.

Lembramos que toda a correspondencia nesse sentido deve ser dirigida, não ao redactor d'esta revista, mas a **J. A. Dias Coelho, Imprensa Nacional.**

Digitized by Google

EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.°, do formato d'este prospecto, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Anno	1$500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em estampilhas ou em vales do correio, ser dirigida a **J. A. Dias Coelho**, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

Á venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

Digitized by Google

VOL. I MAIO DE 1895 N.º 5

RECEIVED
APR 7 1911
PEABODY MUSEUM.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1895

Digitized by Google

SUMMÁRIO

Notícia de algumas estações romanas e arabes do Algarve.

Notícias archeologicas de Castro-Marim.

Inscripção romana de Villarandello.

Notícia das antiguidades prehistoricas do concelho de Avís.

Archeologia do districto de Bragança.

Notícias archeologicas de Tras-os-Montes.

Archeologia argarvia.

Notícias várias.

Informações archeologicas colhidas no «Diccionario Geographico» de Cardoso.

Este fasciculo vae illustrado com 37 estampas.

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. I MAIO DE 1895 N.º 5

Notícia de algumas estações romanas e arabes do Algarve

Um problema da maior importancia, que se nos deparou na exploração dos depositos prehistoricos do monticulo de Santa Olaya, pertencente á Quinta de Foja, no concelho da Figueira, levou-nos a percorrer grande parte do litoral do Algarve, com o fim de estudarmos algumas estações da primeira idade dos metaes. Nesta longa e demorada excursão tivemos muitas vezes de desviar-nos do objecto das nossas investigações, a fim de não deixarmos perder para a sciencia alguns vestigios interessantes das epochas romana e arabe, que por ali encontrámos: sobretudo tendo a nosso cargo a direcção do Museu Municipal da Figueira, que muito carecia de engrandecer as suas collecções com artefactos d'aquellas epochas, em que a região da Figueira é notavelmente pobre. É d'esses vestigios, estudados nos proprios logares, e registados com algum cuidado, que nós vamos aqui dar notícia tão minuciosa quanto possivel.

1. Antiguidades de Marim (Olhão)

Sabendo que em Marim, concelho de Olhão, em propriedade do Sr. João Lucio Pereira, se haviam descoberto em tempo algumas sepulturas antigas, visitámos o sítio, e encontrámos ali ruinas manifestamente romanas, sendo informados que dezanove annos antes haviam sido exploradas por Estacio da Veiga. Esta exploração destruíra, sem deixar registo algum conhecido dos resultados colhidos, uma necropole por inhumação, e o pavimento em mosaico de um pequeno edificio, que ficava a algumas dezenas de metros de distancia; e pusera a descoberto parte de uma *cella vinaria* ou *olearia*, onde se encontraram tres *dolia* enterrados até metade dos bojos no

Digitized by Google

pavimento e de que foram recolhidos todos os fragmentos, segundo nos informou uma testemunha ocular. Nós vimos ainda os orificios circulares, com o diametro de um metro aproximadamente, abertos no *pavimentum,* onde tinham existido aquelles robustos vasos.

Estudando estas ruinas, que ficam á esquerda da serventia que segue da estrada de Tavira pelo meio do predio para as casas que neste existem, e explorando parte dos entulhos que restavam inexplorados, verificámos que o edificio era de fórma rectangular, alongado de leste a oeste, e que d'elle restavam os envasamentos das paredes, o pavimento e parte de uma escada do lado do sul, onde parece que o terreno contiguo já era mais baixo, ao tempo da construcção, de que o terreno do lado do norte.

As paredes são de alvenaria ordinaria muito endurecida, emboçadas na face interna com uma argamassa de cal, areia e pedra meuda, estriada profundamente, com a espessura de $0^m,02$ a $0^m,03$, e por cima revestidas de outra camada de cal e areia, que se fixava nas estrias do emboço; especie de apparelho que notámos pela primeira vez. O *pavimentum* era formado por um leito de argamassa de cal e areia, com mistura de fragmentos de ceramica e cascalhos, e revestido superiormente só com argamassa.

Encontrámos ali poucos restos de *dolia,* de amphoras, de uma *patera* de fino barro e de outros vasos, alguns fragmentos de placas de marmore, restos de cozinha, consistindo em conchas de molluscos marinhos, sobretudo ostras, e ossos de cabrito e de bovideos, no meio de muitos carvões e cinzas, e bastantes fragmentos de telhas de rebordo e curvilineas (*tegula* e *imbrex*).

Procedendo em seguida á exploração do terreno contiguo pelo norte a este edificio, onde não haviam chegado as excavações de Estacio da Veiga, e que esperavamos encontrar virgem de remeximentos a uma certa profundidade, fizemos descer a excavação a ponto de encontrarmos a base da camada de terra vegetal; e encontrámos apenas alguns pedaços de alicerce de outro edificio romano, e abundantes restos da construcção espalhados e soltos no entulho, denotando que a destruição não poupára os proprios envasamentos, pavimentos e alicerces! A falta das pedras, que deviam ter entrado na construcção da obra, e pelo contrario a abundancia dos fragmentos de argamassa e de telhas e tijolos, fez-nos persuadir que a demolição tivera logar para aproveitar a pedra em outras construcções, talvez as proprias que o proprietario hoje ali possue. Bases de columnas romanas de pedra existem ainda, sem applicação, junto a essas construcções: são provavelmente restos do rico edificio a que nos referimos.

Digitized by Google

Recolhemos no entulho muitos fragmentos de pinturas muraes *a fresco,* umas lisas e outras com restos de ornamentação, em que apparecem as côres branca, amarella, azul, vermelha e castanha. O apparelho das paredes para esta pintura consiste em um emboço de cal e areia, coberto superficialmente por uma fina camada de cal.

Notámos nalguns d'esses fragmentos, uns azues e outros vermelhos, um resalto de 0^{m},045 aproximadamente, indicando que servíra de moldura, cercando provavelmente a porção da parede onde existia a ornamentação. Nada semelhante encontrámos nos restos de *fresco* das thermas de Milreu, em Estoi.

Recolhemos tambem restos de ceramica muito fina e de cozinha, espalhados na maior desordem.

Numa pequena porção de alicerce havia uma interrupção, indicando o vão de uma porta ou outra abertura semelhante, guarnecida ainda de um lado por uma grande pedra apparelhada. Neste vão descobriu-se um pequeno depósito de carvões, cinzas e objectos queimados, que parecia ter escapado aos remeximentos; e nelle recolhemos, de mistura com restos de cozinha, taes como valvulas de ostras e outros mariscos, e ossos de cabrito e de boi, um pedaço de uma pequena taça de vidro finissimo, alguns restos de vasos de barro muito puro, contendo um d'elles resto de ornamentação gravada na pasta, outros de um vaso mais grosseiro que, restaurado em parte, nos deu uma fórma semelhante á de alguns vasos romanos de Santa Olaya (*cucuma, hirnea?*), assim como tres facas de ferro muito oxidadas, do typo *culter coquinaris* (vide a fig.).

Digitized by Google

A presença nos restos de cozinha romana das valvulas de molluscos marinhos, e sobretudo das ostras, já por nós tinha sido notada na estação de Santa Olaya, onde estas conchas abundam. Isto confirma o que a historia diz á cêrca da predilecção dos romanos pelas ostras (*palma mensarum divitum*), a ponto de terem parques de criação (*vivaria ostrearum*), que Plinio affirma haverem sido estabelecidos pela primeira vez por Sergius Orata em Baias[1]. Até nos banquetes funebres os molluscos eram objecto de gulodice. «Les coquillages, diz E. Breton[2], étaient en quelque sorte le plat fondamental de ces repas funèbres; c'est ce qui explique la quantité de débris de ces mollusques trouvée ordinairement dans les tombeaux romains».

Nesse mesmo deposito recolhemos restos de ceramica muito grosseira; em alguns é difficil reconhecer os caracteres da roda de oleiro, posto que a pasta e a fórma se afastem notavelmente da ceramica neolithica e da da epocha do cobre. Este facto é, a nosso ver, muito interessante, porque demonstra que durante o dominio romano ainda se fabricava na Peninsula louça por processos algum tanto primitivos. Tambem é para notar que algumas louças manifestamente romanas apresentam na grosseira pasta a côr negra internamente, e externamente a vermelha, com aspecto semelhante ao de algumas louças neolithicas. Se não fossem as estrias parallelas, a regularidade da espessura, a estructura da pasta, a sua dureza e a fórma, não sería muito difficil confundi-las com as prehistoricas. Que isto sirva de aviso aos exploradores que porventura esperam encontrar nas ruinas da epocha luso-romana sómente os excellentes productos ceramicos das fabricas genuinamente romanas. Os barros predominantes nessas ruinas de Marim são o vermelho e o branco amarellado, e excepcionalmente o negro. É o contrario do que acontece nos restos romanos de Santa Olaya, em que predominam os barros negro, pardo cinzento e vermelho intenso ou desmaiado. Nos mais finos de Marim apparecem ás vezes restos de uma camada superficial muito lisa e lustrosa, de côr vermelha, devida a uma especie de massa especial feita com leite de argilla, que toma o aspecto de verniz.

(*Continúa*)

A. dos Santos Rocha.

---

[1] *Nat. Hist.*, liv. IX, 79; Guhl e Koner, *La vie antique*, Rome, pag. 339.

[2] *Pompeios*, pag. 96, v. 1.

Digitized by Google

Notícias archeologicas de Castro-Marim

O solo de Castro-Marim foi habitado desde remotas eras, o que se mostra do facto de se acharem em differentes sitios os instrumentos de pedra que serviam para o trabalho e para a defesa.

A existencia de antigos povos revela-se ainda no facto de terem apparecido argolas de ouro e braceletes, junto á nova ermida de S. Sebastião, e laminas de cobre e setas nas sepulturas do sítio dos serros da Zambujeira, onde tambem se vêem muitos alicerces de casas, do que se deprehende que houve alli grande povoação.

Pelas moedas que se tem encontrado, dos imperadores Cesar, Trajano e Juliano, e por inscripções latinas em lapides, tambem não resta dúvida que os Romanos viveram na área d'este concelho, talvez em colonias agricolas e maritimas; tendo-se como provavel que foram elles quem construiu o castello quadrado, que posteriormente serviu de casa e convento aos cavalleiros Templarios, depois cavalleiros de Christo[1].

Mais tarde os Arabes, achando-se de posse d'estes logares, habitaram os sitios do Enterreiro, onde tinham boas terras e uma nora para agua (que no presente está enterrada). Consta pela tradição que no cume do cêrro houve uma mesquita que foi ermida de S. Sebastião, antes da edificação do forte no reinado de el-rei D. João IV. O que, pelo menos, é certo, é que por aqui tem apparecido numerosas moedas arabes de prata.

*

No sítio do Sobral, ao pé da villa de Castro-Marim, ainda presentemente se vêem por diversas partes alicerces de casas, pedaços de ladrilho, de telha, de loiça, e sepulturas, nas quaes se encontram tambem ossadas com varios objectos, sendo algumas d'estas sepulturas

---

[1] O castello da villa de Castro-Marim está situado no cume de um cêrro. A sua fórma é semi-circular, e tem uma porta de entrada. Dentro d'este castello ha outro, de fórma quadrada, denominado «Castello-Velho», com quatro torreões e duas portas, uma que dá para o Norte, chamada «porta ralsa», e outra que dá para o castello, dentro do qual se acha. Permaneceu aqui a antiga povoação, e por isso ainda no presente a porta do castello tem o nome de «porta da villa a dentro».

Digitized by Google

de construcção de argamassa e outras de rebôco, notando-se que a cabeceira está voltada para éste. Naquelle mesmo sítio do Sobral foram encontradas cavidades subterraneas, a que o povo hoje chama «celeiros». Por baixo do serro do castello, da parte de éste, proximo ao armazem do Ferregial (dentro da villa), havia tambem um «celeiro» subterraneo, aberto na rocha, o qual tinha grandes dimensões, e era argamassado em volta da abertura da entrada[1].

Castro-Marim.

A. F. Xavier Henriques.

Inscripção romana de Villarandello

O Sr. Joaquim de Castro Lopo, de Valpaços, teve a bondade de me enviar a seguinte cópia de uma inscripção romana de Villarandello (Tras-os-Montes), a qual, segundo Contador de Argote (*Memorias do Arcebispado de Braga,* I, 299; II, 607), foi encontrada proximo da capella do Espirito-Santo, agora situada dentro do cemiterio. Esta inscripção depois foi mudada de logar, achando-se actualmente do lado opposto, e não longe, do cemiterio, junto da estrada n.º 38, que vae de Chaves á Torre de D. Chama, e atravessa longitudinalmente a referida povoação de Villarandello.

Ei-la:

IMP·CAES·M·OPELLIO·SEVE
MACRINO·PIO·FEL·INVICTO·
ET·MAGNO·AVG·ET·M·OPELLIO·
ANTONINO·DIADVMENIANO·NO
BILISSIMO·CAES·PRINCIPI·IV
VENTVTIS·

«A inscripção, diz-me o Sr. Castro Lopo em carta particular, está insculpida num marco de granito, de fórma cylindrica. O marco,

---

[1] Cfr. Estacio da Veiga, *Antiguidades monumentaes do Algarve,* II, 427 e respectiva estampa.

Digitized by Google

enterrado por uma das extremidades, de sorte que a inscripção ficou direita, para se ler, tem de altura acima do solo $1^{m},20$, e de circumferencia $0^{m},56$. As palavras da inscripção estão divididas por pontos. Depois de SEVE não ha lettras, nem se vê ponto. A linha 2.ª, 3.ª e 6.ª terminam claramente em ponto; a linha 4.ª e 5.ª parece-me que o não tem.»

Esta inscripção foi já copiada por varios archeologos antigos, e ultimamente archivada no *Corpus Inscriptionum Latinarum,* II, n.º 4789, pelo Sr. Dr. E. Hübner.

Se aqui a reproduzo, é porque ha uma leve differença entre o texto do Sr. Castro Lopo, que viu a inscripção e a observou com cuidado, e o texto do Sr. E. Hübner, que apenas pôde consultar cópias.

Na 1.ª linha o Sr. Hübner completou a última palavra, com *ro,* ficando pois SEVE*ro*. Neste ponto o texto do Sr. Castro Lopo nada adeanta, porque na inscripção falta effectivamente *ro*.

Na 2.ª linha o Sr. Hübner tem MA*cri*NO, tendo sido accrescentado *cri* pelo editor: o texto do Sr. Lopo mostra que a palavra está completa, MACRINO.

Na 3.ª linha o Sr. Hübner tem M*ag*NO; o texto do Sr. Lopo mostra que a palavra está tambem completa, MAGNO.

Na 4.ª e 5.ª linhas o Sr. Hübner tem DIADVMEN*i*ANO e BILISSI*i*MO, o Sr. Lopo DIADVMENIANO e BILISSIMO com as lettras todas.

Na 6.ª linha o Sr. Hübner tem ENTVT*i*S, faltando o V inicial e estando corrigido o *i*; o Sr. Lopo tem VENTVTIS.

Com quanto o texto aqui publicado não encerre propriamente novidade, porque a sciencia do epigraphista allemão havia já supprido as lacunas das antigas cópias, no emtanto ao Sr. Castro Lopo, que para a sua transcripção não teve presente o *Corpus,* nem se serviu d'elle, cabe o merecimento de nos dar o que em philologia se chama um texto authentico, e alem d'isso claro.

Digitized by Google

A traducção é:

Ao imperador Cesar Marco Opellio Severo Macrino Pio Feliz Invencivel e magno Augusto, e a Marco Opellio Antonino Diadumeniano, nobilissimo Cesar, Principe da juventude.

O primeiro foi imperador romano (sec. III), e o segundo era seu filho e herdeiro presumptivo, d'onde o titulo de *Cesar* e de *Principe da juventude* (mas não chegou a reinar).

A lapide constitue um marco milliario da *via romana* que de Bracara (Braga) ia a *Asturica* (Astorga), passando por *Aquae Flaviae* (Chaves).

Como os nomes das pessoas imperiaes estão em dativo, e se não indicam as milhas, creio poder applicar-se-lhe o que diz Cagnat[1]: «Quand le chiffre des milles est omis, la borne ne semble porter qu'une inscription honorifique: cette particularité n'est pas sans exemple»

Uma curiosidade orthographica da inscripção são os dois L L em *Opellius*, pois a orthographia usual era *Opelius*.

J. L. de V.

Noticia das antiguidades prehistoricas do concelho de Avís

«Anta Grande» da Ordem

O concelho de Avís é rico de monumentos prehistoricos, ainda até hoje desconhecidos, e não explorados, a não ser por algum sonhador de thesouros escondidos.

Neste concelho, a 20 kilometros NO. da villa de Avís, fica situada a «herdade» da *Ordem*, no ponto em que o ribeiro de Almadafe o separa do concelho de Móra. Quem percorrer esta herdade fica surprehendido com o número de antas que ali existem; umas dispersas, outras, em numero de nove, formando dois alinhamentos parallelos. Numa d'estas, na que pelo povo dos sitios é chamada a *Anta grande* (fig. 1), procedi em Setembro de 1892, em companhia do meu amigo José Leite de Vasconcellos, a excavações, conseguindo colher os obje-

[1] *Cours d'épigraphie latine*, 2.ª ed., pag. 238, nota 5.

Digitized by Google

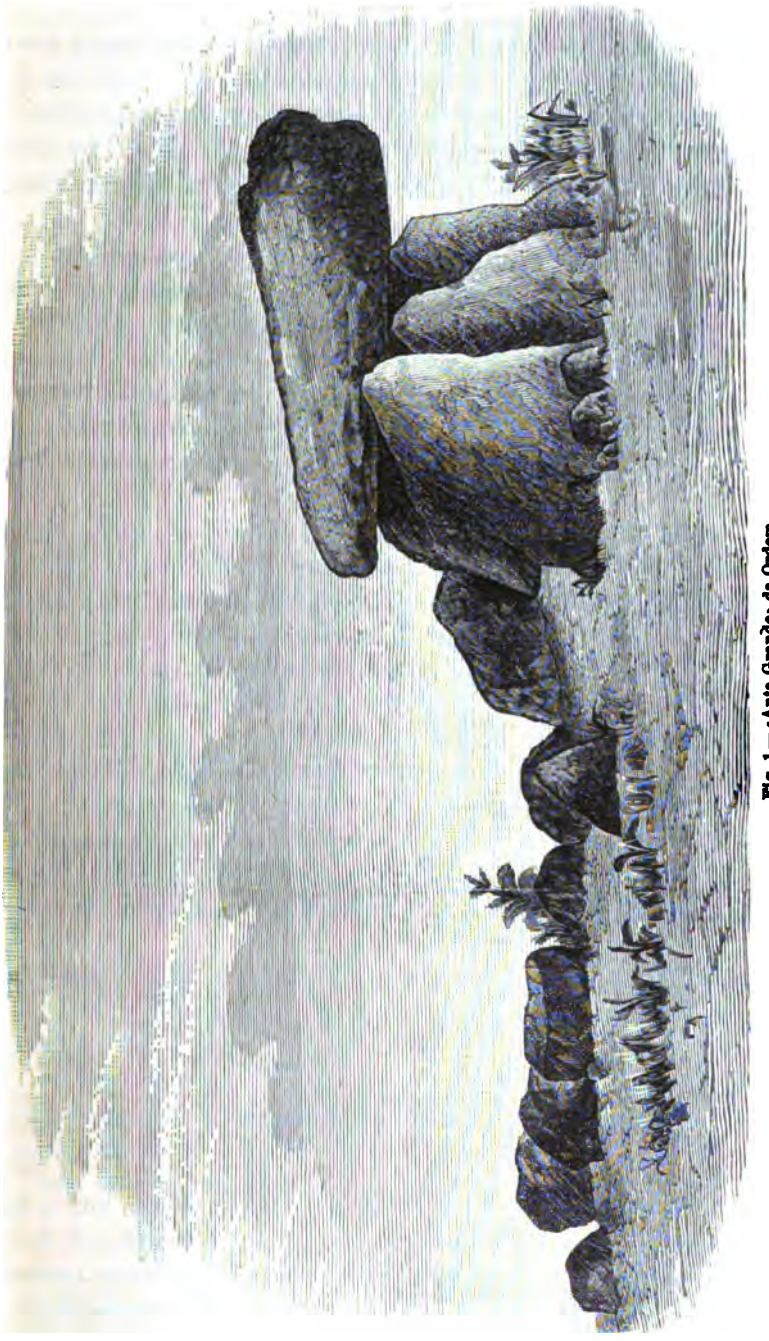


Fig. 1 — «Anta Grande» da Ordem

Digitized by Google

ctos seguintes, que possuo na minha pobre collecção archeologica em Ponte-de-Sôr:

Ceramica. — Treze vasos de barro, uns completos, outros incompletos. Grande quantidade de fragmentos, muito dos quaes dão perfeita ideia do feitio do vaso. Uns são de barro extremamente grosseiro e de fórma muito irregular e barbara (fig. 3, 7, 10, 12 e 14); outros são mais perfeitos, não só na qualidade do barro, mas porque já

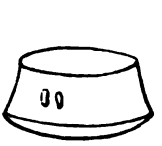


Fig. 2

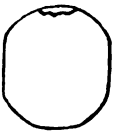


Fig. 3

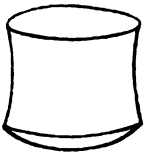


Fig. 4

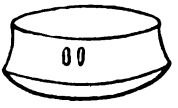


Fig. 5

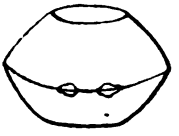


Fig. 6

Fig. 7

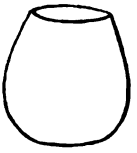


Fig. 8

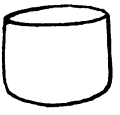


Fig. 9

Fig. 10

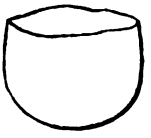


Fig. 11

Fig. 12

Fig. 13

Fig. 14

parecem indicar o uso da roda de oleiro. Nenhum d'elles tem o mais ligeiro indicio de ornamentação, a não serem alguns (fig. 2, 5 e 6) que têem num lado duas mamillas. Quasi todos apresentam evidentes vestigios de terem sido expostos ao fogo. A altura dos vasos varía de $0^{m},09$ a $0^{m},045$; o diametro varía de $0^{m},12$ a $0^{m},060$.

Digitized by Google

Placas. — Quinze placas, quasi todas de ardosia. A ellas se refere já o Sr. Leite de Vasconcellos nas suas *Religiões da Lusitania,* vol. I, onde representa seis, e diz o seguinte: «Algumas placas são trapezoidaes; outras são subtrapezoidaes, i. é., de lados curvos, com a convexidade voltada para o exterior. Tem um ou dois orificios de suspensão. Ha-as sem ornatos, inteiramente lisas; e ha-as ornamentadas, sendo uma muito barbara, apesar de os ornatos estarem nas duas faces. Os ornatos consistem sobretudo em angulos, curvas e quadrilateros. Alguns dos ornatos tem muita regularidade. Um d'elles parece á primeira vista ter sido feito com regoa, tal é a firmeza de certas linhas; mas, como outras linhas mostram que a regoa se não empregou nellas, deve concluir-se da regularidade dos traços já tal ou qual destreza de mão do artista. Numa placa a ornamentação consiste nisto: alguns traços horizontaes muito tortuosos e entre elles riscos ao acaso, como de quem andou esgadanhando; é a extrema barbarie»[1].

Cada uma das faces das placas é plana, e nesta é que estão feitos os ornatos; a outra é ligeiramente convexa. O tamanho varia de 0^{m},14 a 0^{m},18 em comprimento e de 0^{m},08 a 0^{m},105 na maior largura.

Contas. — Trinta e cinco contas de ribeirite e schisto de differentes tamanhos e feitios, desde a fórma de amendoa até á discoidal. Umas acham-se em bom estado de conservação; outras, devido isto certamente ao uso que d'ellas se fez, estão bastante gastas, tanto na superficie exterior, como no orificio de suspensão.

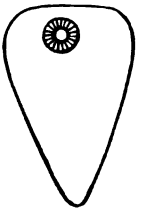


Fig. 15

Pingente. — Um objecto de schisto de fórma triangular, angulos arredondados, de 0^{m},006 de espessura, 0^{m},026 de comprimento e de 0^{m},016 na base, tendo nesta um orificio (fig. 15).

Pontas de seta. — Duas de quartzo, de fórma triangular e bordos sensivelmente rectilineos, tendo 0^{m},015 de altura e 0^{m},011 de base (fig. 29 e 31).

Tres de quartzo, de tamanho aproximado das antecedentes, de bordos convexos e bases arredondadas, apresentando a fórma de pequenas folhas (fig. 22, 32 e 33).

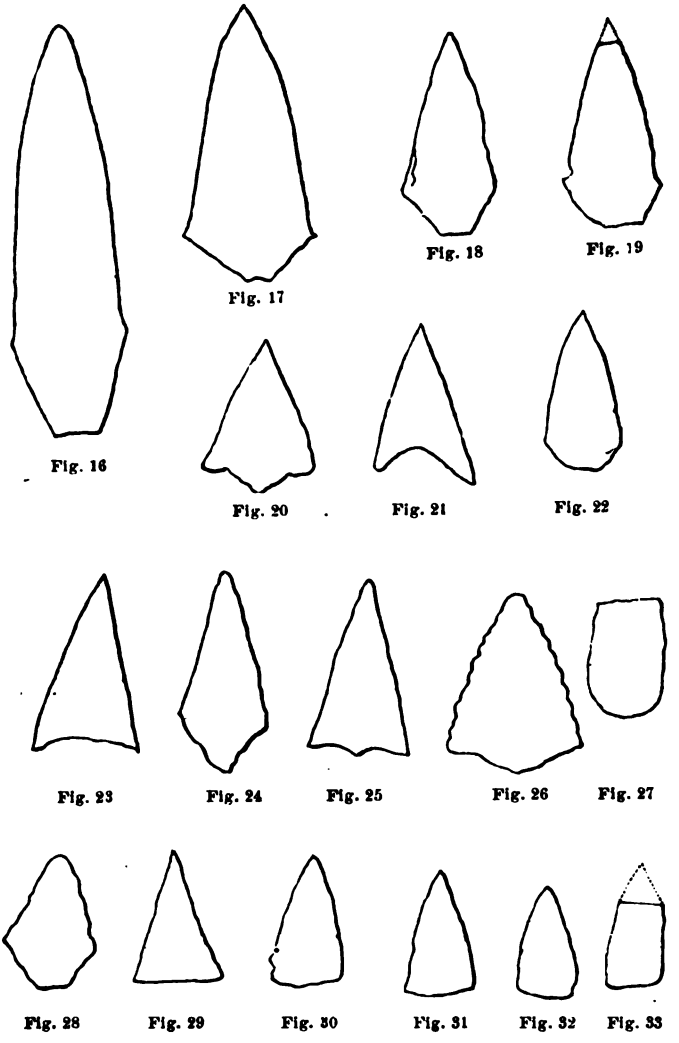
Duas de silex (fig. 27 e 30), como estas últimas.

---

[1] Pag. 34, nota 4. — Esta obra não foi ainda publicada, está em via d'isso, mas seu auctor facultou-nos a leitura de algumas folhas já impressas, d'onde extrahimos a notícia citada.

Digitized by Google

Duas de silex (fig. 21 e 23), de base concava, formando com os bordos lateraes duas asas ou pontas aguçadas, tendo 0m,022 de comprimento e 0m,013 de largura.



Duas de silex, de arestas convexas e base pediculada, medindo, uma (fig. 26) 0m,023 de comprimento e 0m,018 de base, e outra (fig. 20) 0m,019 de altura 0m,015 de largura.

Uma de silex (fig. 25) de base pediculada farpada nos angulos, medindo 0m,020 em comprimento e 0m,012 de base.

Digitized by Google

Tres de silex (fig. 17, 18 e 24) de base pediculada e arestas ligeiramente convexas, medindo uma 0m,035 de comprimento e 0m,017 de base, e duas 0m,025 de altura e 0m,008 na maior largura.

Uma de quartzo como estas últimas (fig. 28).

Uma de silex (fig. 19) com base em fórma de arco de circulo, cujas extremidades com as arestas lateraes, convexas, formam duas pequenas asas; mede 0m,025 de comprimento e 0m,008 de largura.

Uma de silex de 0m,053 de altura e 0m,015 de largura (fig. 16); esta seta tem o perfil ligeiramente curvo, faces lisas, e as arestas lateraes finamente dentadas, quasi como uma serra.

Facas. — Seis fragmentos de facas de silex, sendo duas extremidades arredondadas, duas muito aguçadas e dois bocados da parte média.

Objectos varios. — Um objecto de silex castanho, de fórma triangular, com a base e um dos bordos convexos e outro concavo, todos affeiçoados e indicando muito uso, de 0m,016 de altura e 0m,013 de largura. Sería talvez um raspador.

Um objecto de quartzo de base rectilinea, bem acumiada, e com a parte opposta em fórma de arco de círculo.

Dois pedaços de quartzo, com claros vestigios de se ter pretendido fazer d'elles quaesquer instrumentos.

Dois instrumentos de pedra polida, de fórma subtriangular, perfil curvo e base em fórma de gume, semelhante ao dos formões actuaes. Um d'elles tem 0m,19 de comprimento, 0m,070 de largura e 0m,010 de espessura; outro mede 0m,13 de comprimento, 0m,060 de largura e 0m,010 de espessura. Este ultimo está muito gasto em ambas as faces; o primeiro só está gasto na parte concava e tem o gume muito deteriorado. Pela fórma como estão feitos os estragos, parece que estes instrumentos serviram para cavar.

Dois machados de schisto (?) de fórma trapezoidal e gumes convexos bem polidos, medindo, um 0m,115 de comprimento, 0m,055 de de largura e 0m,035 de espessura; outro 0m,100 de comprimento 0m,050 de largura e 0m,023 de espessura.

Dois fragmentos de uma lamina de cobre, de perfil curvo, tendo uma de comprimento 0m,050 e a outra 0m,043, ambas 0m,012 de largura, e espessura insignificante.

*

Alem do que fica indicado, encontraram-se tambem dentro da anta fragmentos de ossos humanos, de ossos de aves e dentes de animaes.

Ponte-de-Sôr, Março de 1895.

M. de Mattos Silva.

Digitized by Google

Archeologia do districto de Bragança

(Vide pag. 107)

2. Castello de Cabeça Boa

Como Trás-os-Montes abunda em monumentos de archeologia, — *castellos, dolmens, lapides com inscripções,* etc.!

Se eu dispusesse de mais recursos intellectuaes e pecuniarios, com certeza me dedicaria ao estudo da *Archeologia do districto de Bragança.* — Escasseiam estes meios? Paciencia! ainda assim irei publicando alguns estudos particulares, deficientes e isolados, segundo o permittem as minhas debeis forças, para servirem de incentivo aos archeologos portugueses. Dar-me-hei por muito satisfeito se, com a publicação dos meus despretenciosos artigos, attrair a attenção das summidades archeologicas.

Prosigamos.

No sítio denominado *Castello,* freguesia de Cabeça Boa, concelho de Moncorvo, ainda hoje se vêem grandes vestigios de solidos e extensos muros de granito.

Segundo reza a tradição local, e eu proprio verifiquei, houve antigamente dois castellos no recinto d'estes muros, estando collocados em dois montes, mas actualmente só existem d'elles alguns destroços: restos de muralhas, caliça, tijolos, escumalha de ferro, etc.

Dentro do recinto d'aquelles muros ainda hoje tambem se pódem examinar os restos de uma enorme cisterna, que devia abastecer de agua potavel os habitantes do castello, ou antes castellos, mesmo porque são aridos e faltos de agua os chãos circumvizinhos.

A tradição local diz que antigamente sustentaram grandes luctas os *Mouros,* entrincheirados nestes muros e castellos, contra os *Christãos* da extincta e pouco distante villa de Santa Cruz da Villariça.

Ambos estes logares estavam collocados de fronte, na mesma altitude, pouco mais ou menos, e postados como extremos defensores de Villa Maior ou Villa Rica; alguns auctores, porém, denominaram Villa Rica a villa de Santa Cruz, que por seu turno, segundo elles, daria o nome de Villarica, hoje Villariça, á famosa veiga contigua, — hypothese infundada, pois a palavra *Villarica* não podia transformar-se em *Villariça.*

Nestes arredores, assim como em outras aldeias circumvizinhas, taes como Lousa, Castêdo, Villarinho, etc., tem apparecido muitas moedas antigas romanas e portuguesas: *ceitis,* moedas de D. Sebas-

Digitized by Google

tião, D. João, etc. Eu mesmo possuo alguns d'esses exemplares encontrados nas mencionadas aldeias.

Tambem appareceu, ainda não ha muitos annos, uma lança de metal nas cercanias do mencionado castello, mas teve a sorte de muitos outros objectos archeologicos, pois foi brutalmente destruida.

8. Figuras de pedra representando porcos

Cêrca de 1 kilometro ao Sul do Castello de Cabeça Boa, mencionado no capitulo antecedente, e quarenta a cincoenta metros de Cabanas de Baixo, no sítio chamado *Olival dos Borrões,* propriedade dos herdeiros de João de Campos, de Monçorvo, existem seis figuras de granito, representando porcos, — algumas ainda em bom estado de conservação, outras já partidas, e outras incompletas desde a sua origem, ou apenas esboçadas pelos fabricantes d'ellas[1].

Dizem ter apparecido, ou antes terem visto, entre este prodigioso e interessante numero de suinos, um *rebanho de bacorinhos,* tambem de granito, um pouco mais ao Sul, no cume de um pequeno outeiro, mas eu não consegui ve-los, posto que muito diligentemente os procurasse.

Entre tantas figuras de *suinos* de pedra só appareceu a de uma *femea* e a de um *bacorinho.*

As suas posições são perfeitameute verticaes e os seus contornos artisticamente delineados. Uma belleza no seu genero! Tenho visto alguns d'estes *animaes* servindo de base de nossos velhos pelourinhos transmontanos, mas todos muito mais grosseiros do que os do Olival de Borrões.

Estes *animaes graniticos* ainda tão bem conservados, mereciam um logar de honra no Museu Ethnographico Português, ou noutro museu.

Alguns medem 1^{m},5 de comprimento e o seu pêso regula por 180 a 220 kilogrammas; outros 1^{m},2 de comprimento e 120 kilogrammas de pêso. Em virtude da proximidade da Foz do Sabor e da Estação

---

[1] Na opinião do Sr. Dr. Pedro A. Ferreira, abbade de Miragaia, o *Olival dos Borrões* tomou o nome dos mencionados *suinos de pedra,* porque, segundo s. ex.ª pensa, *borrões* é uma fórma de *barrões,* plural do português *barrão* por *berrão* ou *verrão,* o mesmo que *barrasco* ou *varrasco* por *verrasco,* porco de cobrição ou não capado,—fórmas tiradas do latim *verres.*

Digitized by Google

do Pocinho, na linha ferrea do Douro, seriam faceis de transportar para algum dos museus do Porto, Lisboa ou Guimarães.

Em Trás-os-Montes existem ainda em Bragança a célebre *Porca da Villa;* em *Parada,* no adro da matriz, o *berrão do adro;* em Murça a bem conhecida e lendaria *Porca de Murça*[1].

4. Sepulturas de pedra

Proximo dos extensos e feracissimos campos da Villariça, a um kilometro pouco mais ou menos da margem direita do Sabor, no Olival da Rasa, limite de Cabeça Boa, concelho de Moncorvo, existem algumas sepulturas symetricamente insculpidas em rochas de granito.

Ainda hoje se podem examinar pelo menos dez; antigamente deviam ser com certeza muitas mais; mas umas tem sido deterioradas pelos lavradores, pastores e azeitoneiros; outras estão hoje soterradas, por terem sido abertas á superficie do solo; outras, finalmente, segundo me referiu o meu infatigavel *cicerone,* tem sido applicadas em differentes usos domesticos, como por exemplo uma que foi aproveitada para a officina de um ferreiro da Foz do Sabor!

Medem approximadamente 2 metros de comprimento, $0^{m},40$ de largura e $0^{m},20$ de altura.

Cousa realmente digna de notar-se! Algumas d'ellas, as construidas no cimo das rochas, tem ao fundo, na parte correspondente aos pés, um orificio, que deveria servir, segundo presumo, para escoamento dos humores fetidos dos cadaveres.

Todas ellas affectam na sua configuração a do corpo humano.

No estado actual não se póde determinar se foram primitivamente cobertas com monticulos de pedras e de cespes, ou com lages.

Em Trás-os-Montes existem mais algumas sepulturas da mesma configuração humana, com a unica e radical differença de serem gravadas só nas lageas tumulares, em vez de serem insculpidas em vivas rochas como são estas.

---

[1] [Alem dos exemplares alludidos, conhecem-se outros nas duas provincias do Norte de Portugal: em Torre de Dona-Chama ha um; nas ruinas preromanas de Sabroso (Minho) appareceram fragmentos de dois. Em alguns casos a classificação zoologica é difficil de fazer. Estou reunindo elementos para publicar a respeito d'elles um extenso artigo.—Na Hespanha ha tambem muitos analogos; nesse país tem o nome generico de *toros de Guisando,* que corresponde aos nossos de *porca de Murça* e de *berrões.*—J. L. de V.]

Digitized by Google

Recordo-me de tel-as visto no antigo Castello de Anciães abertas nas paredes da sua capella; e algumas na cêrca do fidalgo de Villarinho da Castanheira, vestigios indeleveis da sua antiga matriz.

O Sr. Leite de Vasconcellos no seu livrinho *Portugal Prehistorico,* pag. 53, menciona muitas encontradas no adro da egreja matriz do Mogadouro, e nas margens do Douro.

Geralmente dão-lhes o nome de *pias;* a algumas não deixará de ajustar essa denominação, em virtude do seu trabalho ser demasiadamente rudimentar; a estas, porém, visto estarem nitidamente inscúlpidas, convem-lhes melhor o nome de *sepulturas.*

5. Dolmens de Castedo, de Villarinho e de Donai

Quem viajar de Cabeça de Mouro para Villarinho da Castanheira, a 2 kilometros pouco mais ou menos d'esta segunda aldeia, no sitio chamado Lagunas, limite do Castedo da Villariça, encontra á direita seis grandes monolithos collocados verticalmente: é a célebre *Antella do Castedo.*

Affecta regularmente a fórma quadrilonga, assim como um grande numero d'estes monumentos; tem actualmente seis esteios de granito: tres erguidos e inteiros e outros tantos derrubados e partidos, medindo cada um aproximadamente 3 metros de altura a cima da superficie do solo, e 1 de largura.

A sua distancia da famigerada Pala da Moura (dolmen de Villarinho) regula por 1 kilometro, pouco mais ou menos.

Como additamento ao que disse no cap. 1 ácerca do dolmen de Villarinho, cumpre-me accrescentar ainda: tem, como os outros congeneres, a sua respectiva *galeria,* actualmente descoberta, e, segundo o costume, voltada para o nascente. Alem d'isso apresenta em dois esteios algumas *cóvinhas* ou *fossetes,* como lhes chamam os franceses.

Em Donai, aldeia distante 8 a 10 kilometros de Bragança, existe um dolmen que ainda não tive occasião de examinar, mas que já foi estudado (creio eu) pelo Sr. Henrique Pinheiro, illustrado professor do Lyceu da mesma cidade.

Já disse algures, e hoje affirmo-o novamente, que só Trás-os-Montes convenientemente estudado daria o material sufficiente para a formação de um ou mais museus archeologicos; e lamento que Bragança, Villa Real, ou outras terras importantes da provincia, não tomem a iniciativa de criarem museus archeologicos!...

Ligares, 18-4-95.

P.e José Augusto Tavares.

Digitized by Google

Notícias archeologicas de Trás-os-Montes

1. Antas de Cepêda e Jou

Proximo á povoação de Cepêda, na freguesia de Serraquinhos, concelho de Montalegre, existem muitos *dolmens* ou *antas* por explorar. Alguns d'estes monumentos prehistoricos acham-se ainda cobertos de terra e bastante proximos uns dos outros.

Tambem junto da povoação e freguesia de Jou, no concelho de Valpaços, existem ainda alguns d'estes antigos monumentos dos primitivos habitantes da nossa Lusitania, que parece nunca foram explorados.

2. Castros de Villarelho da Raia e das margens do Tamega

Na povoação e freguesia de Villarelho da Raia, concelho de Chaves, existem ruinas muito accentuadas de uma especie de fortaleza antiga, formada de penedos juxtapostos, como em cordão, em volta de um monte, a que chamam o *Castello de Vamba.*

*

No concelho de Villa Pouca de Aguiar, entre as povoações de Monteiros e Parada de Monteiros, freguesia d'este nome, na margem esquerda do Tamega, parece haver uma pequena *Citania,* pequeno povoado, ou como melhor deva dizer-se, formado de casas circulares, proximas umas das outras, numa área de seiscentos metros quadrados, pouco mais ou menos, circumdada de uma muralha rectangular em ruinas.

*

Á beira d'este rio, na dita margem esquerda, encontram-se tambem junto d'aquella *Citania,* muitas pedras collocadas por maneira que parece indicarem ter ali existido uma especie de calçada ou caes rudimentar.

3. Instrumentos prehistoricos (metallicos) de Lama de Arcos

Proximo á povoação e freguesia de Lama de Arcos, concelho de Chaves, junto á capellinha de Santa Martha, appareceram, ha poucos annos ainda, dois machados prehistoricos sem asas, de cobre ou bronze, em soffrivel estado de conservação.

Digitized by Google

Ambos estes machados pertencem hoje ao meu prestimoso amigo Dr. Antonio de Moraes Sarmento, muito illustrado engenheiro, a quem devo a notícia dos antigos monumentos a que acabo de referir-me, por elle observados, ainda que de passagem, na occasião dos seus trabalhos geodesicos por aquelles sitios.

4. Antigualhas de Bujões de Abaças

a) *Machados prehistoricos de metal:*

Na povoação de Bujões, freguesia de Abaças, concelho de Villa Real, proximo á fonte publica, lado esquerdo, appareceram em 1893 sete machados prehistoricos de cobre ou bronze, juntos em cordão, todos muito bem conservados. Ao pé d'elles estava uma pedra de fino granito, que se julga ter servido para os afiar.

Estes machados são exactamente iguaes ao desenhado na fig. 12, a pag. 20 do n.º 1 d-*O Archeologo Português*.

Pude obter dois, que ainda conservo, um d'elles perfeito e outro recentemente quebrado na extremidade, talvez para se ver de que metal era feito.

Quatro dos restantes foram adquiridos pelo meu bom amigo Dr. Henrique Ferreira Botelho, distincto clinico d'esta villa, que conserva um ou dois, tendo mandado outro para a benemerita *Sociedade Martins Sarmento,* de Guimarães, e ainda outro ao ex.^{mo} juiz de direito de Cabeceiras de Basto, Dr. João de Sousa Vilhena, que possue uma boa collecção de moedas antigas, epecialmente portuguesas e romanas, alem de outros objectos de valor archeologico.

b) *Sepultura aberta em rocha*:

Informa-me tambem pessoa competente que, ao Sul da mesma fonte de Bujões e a distancia de cem metros, pouco mais ou menos, se descobriu ha pouco, entre duas arvores, um tumulo antigo cavado em rocha de schisto, e com a tampa de granito.

Dizem-me que tinha dentro uma pedra de granito fino, semelhante a uma cabeceirinha, muito ornamentada de arabescos ou letras desconhecidas, e um cofre de barro contendo um collar ou corrente dupla de ouro e algumas pequenas moedas de prata, sendo estas e aquelle vendidos no Porto por seis libras.

Informam-me ainda que este tumulo e a pedra-cabeceira, nelle contida, ficaram soterrados fundo, ao surribar-se aquelle terreno para plantação de vinha.

Digitized by Google

c) *Restos romanos:*

Igualmente me informam que numa propriedade do Sr. José Dionisio, da mesma povoação de Bujões, e não longe do sitio onde apparecera aquelle tumulo, se descobriram tres pequenas columnas de granito em fila, e junto d'ellas um grande bronze de Hadriano.

d) *Forno de tijolo (romano):*

Ainda nos limites d'esta povoação de Bujões, freguesia de Abaças, num sitio chamado a *Estrada,* se encontrou ha pouco um forno com tres columnas de tijolo e barro, que parece sustentavam a cupula. Tambem por ali apparecem telhas grossas de rebordo e fragmentos de ceramica antiga. Entre estes encontraram-se alguns pesos de barro, que possue o mesmo Sr. Dr. Henrique Botelho, assim como possue aquelle bronze de Hadriano.

5. Antigualhas da Veiga do Villar

a) *Restos romanos:*

Em uma veiga, denominada — *O Villar* — e num sitio a que chamam — *Velans,* limite de Linhares, freguesia de S. Thomé do Castello, concelho de Villa Real, existem vestigios bastante accentuados de civilização, ao que parece, romana.

Encontrei ahi, em maio último, fragmentos de grossas telhas lisas e de rebordo, assim como de telhas concavo-convexas de consideravel espessura. Tambem alli observei parte de uma columna redonda e lisa, de granito quasi grosseiro, mas bem lavrada, que terá sessenta centimetros de alto por dois e meio palmos de circumferencia. Conservo-a ainda, como alguns pedaços d'aquellas telhas.

Junto d'esta columna vi tambem umas cinco ou seis pedras rectangulares de granito finissimo e branco, muito bem lavradas, como ainda ali se podem ver encorporadas numa fraca parede. Teriam as maiores pouco mais e as menores pouco menos de um metro de comprido, por palmo e meio de largo e mesmo de espessura.

b) *Sepultura aberta em rocha (e lendas correlativas); mós:*

A uns sessenta metros ao norte observei tambem uma sepultura antiga, aberta num penedo, que se ergue do solo pouco mais de um metro, arredondada no logar da cabeça, alargando nos hombros e estreitando para os pés. Não tem rebordo onde assentasse tampa, e parece ter servido para criança, pois é pequena de mais para um adulto. A sua orientação é de N.–S.

Digitized by Google

Diz a lenda que aquella sepultura era o logar onde se sentava um mouro, que por seculos estivera de guarda a um grande thesouro, que está de fronte (no logar onde encontrei a columna e vi as pedras rectangulares) dentro d'uma grande talha cheia *de ouro e joias;* que depois se ausentára o mouro para o inferno por ordem do demonio, deixando de guarda ao thesouro outras duas grandes talhas cheias, uma de *fome* e outra de *peste*. Feliz, dizem, do que encontrar a primeira, mas ai do que encontrar qualquer das outras duas!

Informam-me tambem que por ali se encontram, fazendo parte de fracos muros de vedação, umas pequenas mós, algumas furadas no centro, outras só meio-furadas. Apenas encontrei uma das primeiras, já partida, que ainda conservo, bastante concava por baixo, e com um rebordo bem feito por cima, que devia auxiliar as mãos para a fazer girar mais facilmente. Completa, teria quasi um metro de circumferencia.

6. Antigualhas romanas de Agarez

Ainda em junho do anno passado na povoação de Agarez, freguesia de Villa-Marim, concelho de Villa-Real, encontrou um trabalhador, á beira de um calço antigo que se desmoronára, um vaso de barro amarellado, ornamentado de riscos circulares equidistantes, cheio de moedas romanas de cobre ou bronze, a mór parte muito deterioradas.

Eram na quasi totalidade pequenos-bronzes de Constantino I e II, de Constancio II e III, Constante, Juliano e Theodosio. Em menor número estavam representados naquelle achado Magnencio, Arcadio, Graciano e Claudio II; havendo ainda outras muitas moedas romanas de outras epochas.

Entre estes bronzes, em número de mais de seis mil, apenas appareceram uns quatro medianos de Graciano, poucos de módulo entre pequeno e médio de Constantino Magno e Constancio II, e muitos de modulo-quinario dos differentes imperadores mencionados.

Quasi todas estas moedas foram adquiridas pelo meu bom amigo Dr. Henrique Ferreira Botelho, que fez a sua escolha, distribuiu alguns pelos seus amigos e ainda conserva bastantes, creio que em mau estado de conservação.

*

Segundo me informa o meu antigo condiscipulo P.e Joaquim Guedes, d'aquella localidade, já por mais de uma vez appareceram nas immediações da dita povoação de Agarez muitas moedas e objectos romanos. Bem se recorda ainda de ter visto em rapaz muitos

Digitized by Google

grandes bronzes de Vespasiano, assim como um grande martello ou machado de prata, que suppõe com fundamento ser objecto pertencente aos sacerdotes do culto pagão.

Diz ainda que existem por ali vestigios de uma antiga estrada, que suppõe romana, seguindo por Cravellas a encosta do Marão que domina Villa Real.

Tambem ali foi encontrada ha pouco uma das pequenas mós, semelhantes ás que apparecem no Villar de S. Thomé, a que já me referi noutro logar, e de que já encontrei mais dois exemplares.

7. Achados de moedas romanas

a) *Na Samardã:*

Em Julho de 1893, entre as povoações de Banagouro e Villarinho da Samardã, freguesia d'este nome, concelho de Villa Real, proximo á estrada de Villa-Real a Chaves, foi tambem encontrada por um lavrador, que ali roçava matto, uma panella de barro escuro, bastante espesso, semelhante ao que ainda se fabríca em Bisalhães e Tourencim. Estava igualmente cheia de moedas romanas em número de mais de seiscentas, grandes e medianos bronzes do Imperio, quasi todos muito perfeitos, á excepção de uns duzentos, já apagados.

Estavam representados naquelle achado Augusto, Vespasiano, Domiciano, Nerva, Trajano, Hadriano e Sabina, Aelio, Marco Aurelio e Faustina, principalmente Hadriano e Trajano, pois só d'este pude apurar uns setenta e d'aquelle cento e trinta exemplares differentes, quasi todos de inexcedivel perfeição e belleza.

O ultimo dos Cesares ali representado era Marco Aurelio, nos principios de cujo reinado se deve talvez suppor enterrado aquelle dinheiro, pois apenas eram dez bronzes d'este imperador e nenhum dos que se lhe seguiram.

Nenhum d'estes bronzes pertencia aos tempos da Republica romana, a não serem os apagados ou algum d'entre seis ou sete, pertencentes aos monetarios de Augusto.

Dividi pelos meus amigos amadores os duplicados d'estes bronzes, e não verifiquei ainda se entre os com que fiquei haverá algum desconhecido, de variante notavel.

*

O local onde appareceram estes bronzes fica fronteiro ao castro ou castello de S. Thomé, de que fallei noutro logar, n-*O Archeologo,* pag. 93, mettendo-se de permeio o rio Corgo.

Digitized by Google

Dizem-me que não longe do mesmo local ha vestigios de outro castro e que tambem por ali tem apparecido moedas romanas diversas vezes. Não vi, porém, ainda nenhuma d'ellas.

b) *Em Carrazeda de Anciães:*

Em 1882 proximo a Carrazeda de Anciães, freguesia e concelho d'este nome, appareceu tambem uma boa porção de moedas romanas de prata, dinheiros da Republica e do Imperio, que ali foram comprados por um ourives de Villa-Real. Pude escolher de entre ellas umas setenta da Republica e outras tantas, pouco mais ou menos, do Imperio romano.

O ultimo dos Cesares ali representados era Domiciano, o que nos leva a crer que ali fossem enterrados naquelle reinado.

c) *No Penedo-Redondo:*

Por occasião do rompimento da estrada do Marão, de Villa-Real a Amarante, num sitio a que chamam o *Penedo-Redondo,* freguesia de Torgueda, concelho de Villa-Real, tambem appareceram juntos muitos *dinheiros* da Republica romana, e não sei se tambem do Imperio, que os trabalhadores dividiram entre si.

Nunca pude ver nenhuma das moedas d'esta procedencia, constando-me que possue algumas o distincto jurisconsulto Luiz de Bessa Correia, d'esta villa, que vive actualmente em S. João da Foz.

d) *Na estrada de Villa-Real a Murça:*

Tambem por occasião do rompimento da estrada de Villa-Real a Murça se encontraram muitos dinheiros da Republica romana, de que pude obter alguns exemplares, junto á povoação e freguesia do Populo, concelho de Alijó.

e) *Nos Valles:*

Proximo á povoação dos Valles, freguesia de Tresminas, concelho de Villa Pouca de Aguiar, descobriu tambem, ainda o anno passado, um lavrador que arava o seu campo, boa porção de dinheiros romanos, todos de Caio Cesar e Lucio Cesar no reinado de Augusto.

8. Antiguidades romanas de Pomarelhos

Proximo á povoação de Pomarelhos, freguesia de Torgueda, concelho de Villa-Real, encontrou, ha pouco, o meu amigo e collega P.e Silveira, numas excavações a que procedeu em propriedade sua,

Digitized by Google

muitos e bem accentuados vestigios do dominio romano por aquelles sitios; taes como telhas, tijolos, fragmentos de ceramica ornamentada, alguns ainda com as suas côres distinctas, um capacete de ferro, já bastante esburacado, e differentes moedas com que brindou alguns amigos da cidade do Portô, havendo alli ainda muito que explorar.

Devo á obsequiosidade do Rev.^{do} P.^{e} Silveira o capacete a que me refiro, um grande-bronze colonial com os bustos de Augusto e de Tiberio e duas moedas de bolhão do imperador Galiano. Uma d'estas moedas está tão *nova* que mostra não ter tido curso.

Devo, a propósito, acrescentar que aquelle achado de moedas romanas no *Penedo-Redondo,* a que me referi no § 7–c), fica proximo á povoação de Pomarelhos, e, ainda a propósito, que proximo d'ali apareceu tambem ha pouco outro grande bronze colonial de Clunia do imperador Tiberio, tendo o seu busto de um lado e no reverso um touro.

Villa-Real, 1895.

Abb.^{e} Manuel de Azevedo.

Archeologia algarvia

Cabeça de uma estátua luso-romana de Milreu (Estoi). O Museu do «Infante D. Henrique» de Faro

A estampa, que acompanha este texto, é do trôço capital de uma bella estatua marmorea cujas reliquias ainda naturalmente jazerão nas desgraçadas ruinas da luxuosa estação luso-romana de Milreu (Estoi, — Algarve). O busto torneado original, peça monumentalmente architectonica e de subido apreço archeologico (felizmente em posse de quem a sabe comprehender e estimar, o Dr. Brack-Lamy, de Lagos), mede 0^{m},33 de altura: a cópia photographica de tão precioso achado foi obsequiosamente feita pelo Sr. Francisco de Bivar, a pedido do conservador do «Museu archeologico lapidar Infante D. Henrique».

Na organização d'este nascente instituto — mais significativa e fecunda homenagem ao heroe de Sagres, do que quantas toadas pyrotechnicas estrondearam nos ares, por occasião dos festejos Henriquinos — concebi ir resumindo, numa collecção *ad hoc,* em cópias photographicas, tudo o que, respeitante a Milreu, vá logrando colher-se de mais memoranda menção.

O exemplar enviado pertence com outros (pavimentos amoisaicados, vasos, estatuas, etc.) á illuminação de resumida planta illustrada com

Digitized by Google

umas notas fundamentaes, subordinadas á epigraphe «Ichnographia parcial das construcções luso-romanas de Milreu (Estoi,—Algarve); sua individuada denominação; conjectural ordenação e applicação technica», que com largo trabalho (por ventura não isento de imperfeições) consegui elaborar.

O «Museu archeologico lapidar» não está ainda definitivamente organizado; quando um dia o numero e classe o permittam, deverão os objectos ser distribuidos em quatro estremadas secções: prehistorica, romana, arabe, portuguesa; não obstante, isto tudo vae ficando por agora com tal ou qual plano de systematizada exhibição e ordenado registo.

E bem haja a Camara Municipal de Faro, que, se é monetariamente pobre, é manifestamente rica pela illustração dos seus dignos

Digitized by Google

vereadores, como exuberantemente o evidenciou na criação d'este Museu, consagrado nas salas dos seus paços ao nunca assaz perpetuado Infante D. Henrique, — por sem duvida glorioso nucleo de monumento maior, que outros irão pouco a pouco enriquecendo.

Secretaria do «Museu archeologico lapidar Infante D. Henrique», Faro, em 27 de Março de 1895.

Monsenhor Conego — Pereira Boto

Notícias várias

1. Sepulturas de Turquel

Lê-se no *D'Alcobaça,* de 4 de junho de 1893:

«No Chão do Gallego, freguesia de Turquel, d'este concelho, e numa terra agricultada denominada o Pinhal, têem sido descobertas sepulturas antigas em numero superior a 100. Póde considerar-se um verdadeiro cemiterio, visto que ellas se succedem quasi unidas.

Explorámos uma d'essas sepulturas que considerámos intacta, e achámos o seguinte: — dois cranios fracturados, um de adulto e outro de creança, ossos largos em maior numero do que os que pertencem aos dois individuos, ausencia quasi completa de ossos curtos.

Não achámos, nem nos consta que tivesse apparecido nas sepulturas exploradas, qualquer caracteristico que possa definir a epocha a que pertencem. Opinamos todavia a que pertencem á edade do bronze, visto que proximo foi explorada uma sepultura que deu claros documentos d'essa edade.

As sepulturas são formadas por quatro lagens calcareas dispostas verticalmente e no sentido perpendicular entre si, formando uma caixa rectangular coberta por uma ou mais lagens».

2. Museu archeologico do «Infante D. Henrique» de Faro

Lê-se n-*O Seculo,* de 27 de Janeiro de 1895:

«Os Srs. João de Mello, de Tavira, e João Lucio Pereira, de Olhão, dando cabal prova da illustração que os distingue, acabam de prestar a este Museu valiosissimos serviços, cedendo-lho o primeiro todos os monumentos que possue e os que venha a encontrar na sua quinta de *Torre d'Ares;* o segundo igualmente, em relação á sua quinta de *Marim.*

Na Torre d'Ares ha importantes referencias aos povos balsenses; existem valiosos vestigios de colonias agricolas romanas.

Digitized by Google

Todas estas joias da historia vae enthesourando monsenhor Pereira Botto neste Museu, que lhe deve o ser, e que s. ex.ª vae ordenando sob o sabio criterio de archeologo consummado.»

3. Museu do Instituto de Coimbra

Lê-se no *Diario de Noticias,* de 23 de Maio de 1895:

«Está passando por uma importante reforma e ampliação o Museu de archeologia do Instituto de Coimbra, fundado ha annos por iniciativa dos socios, já fallecidos, Drs. Filippe Simões, Miguel Osorio Cabral, Ayres de Campos, etc.

O Rev.mo Bispo-Conde já prometteu depositar ali alguns objectos valiosos, que se acham sob a alçada da sua jurisdicção.»

4. As inscripções romanas da Ponte de Chaves

Pessoa das minhas relações informa-me o seguinte:

«As duas célebres inscripções de Chaves estão insculpidas em marcos graniticos, de fórma cylindrica. Fizeram-lhes um pedestal e um capitel, de modo que, quem não repara, julga estar em frente de duas columnas. Uma das columnas sustenta um florão de pedra, e a outra umas armas de Portugal. Ainda não é tudo: a camara municipal levou o vandalismo a ponto de lhes mandar avivar as inscripções por um pedreiro que, sem as indecisões de Hübner, Borges de Figueiredo e outros, tirou as dúvidas da leitura AEBISOC ou ÆBISOC, deixando clara a primeira fórma![1] Estes dois monumentos estão em frente um do outro, a meio da ponte.»

5. Antas do districto de Portalegre

O meu amigo Dr. Mattos Silva, de Ponte-de-Sôr, communica-me:

«A propósito da pergunta que se faz no n.º 3 d-*O Archeologo Português,* dir-lhe-hei que, por informações que me tem sido prestadas

---

[1] [Para melhor esclarecimento dos leitores, faço aqui uma nota. Numa das inscripções que estão em Chaves lêem-se os nomes de dez povos ibericos dispostos alphabeticamente; como porém entre o nome LIMICI, que começa por L, e o nome QVARQVERNI, que começa por Q, estava nas cópias AEBISOC, Borges de Figueiredo, in *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa,* 1885, pag. 337, sqq., propôs áquella fórma a correcção ÆBISOC, suppondo que se havia tomado AE por Æ. Esta correcção foi acceite pelo Sr. E. Hübner no *Corpus Inscriptionum Latinarum,* vol. II (Supplement), n.º 5616 e nos *Monumenta linguae Ibericae,* pag. 236. O nome completo é *Nebisoc(i).*—J. L. de V.]

Digitized by Google

por pessoas fidedignas, sei que não só em Flor-da-Rosa, mas tambem na Aldeia da Mata, Gáfete e Tolosa existem numerosas antas, não havendo memoria de terem ainda sido exploradas.

Na mesma região apparecem igualmente, segundo me dizem, muitos vestigios da civilização romana.»

6. Dolmens da Serra do Barroso

O Sr. Antonio José Mendes, official do nosso exército, teve a bondade de me dar as seguintes notícias:

«Na Serra do Barroso, no sítio denominado Pindo, caminhando-se de Chaves, por Ardães e Arcos, para Mont'Alegre, vêem-se muitos dolmens, mais ou menos distanciados uns dos outros, a $4^{m},0$ a $20^{m},0$, etc. Vêem-se alem d'isso, pelo matto, lanços de estradas calçadas com lages mal dispostas, denunciando grande antiguidade; estes lanços, no seu estado actual, são estreitos, não cabendo dois cavalleiros a par.»

7. Inscripção de Benagoiro

Informam-me o seguinte, em carta particular:

«Em Benagoiro, freguesia de Villarinho de Samardã, concelho de Villa-Real, ha uma pedra que está na bôca de uma mina, dentro de uma propriedade que confronta do N. com a estrada, um pouco a cima de uma capella. A pedra tem uma inscripção que me pareceu romana, — vista do alto da mala-posta.»

Se algum leitor pudesse enviar-me cópia, eu muito a agradeceria.

8. Grutas dos arredores de Cintra

O Sr. Antonio Mendes, collector da Direcção dos Trabalhos Geologicos, deu-me a seguinte informação em Abril p. p.:

«Quando eu explorava as furnas[1] de Cascaes, fui informado por um homem de S. João das Lampas, que existiam ali duas furnas naturaes, muito proximo da dita povoação. São estas furnas denominadas *Covas dos Mouros*.

S. João das Lampas dista de Cintra 9 kilometros, a Norte.

Em Janes, entre Cintra e S. João das Lampas, appareceu uma ossada humana, completa, que está no Museu da Direcção Geologica; parece que por ali haverá muito que ver.»

---

[1] [I. é, as *grutas prehistoricas*. — Á cêrca d'estas grutas vid. o *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa, de 1880, p. 73. — J. L. de V.]

Digitized by Google

9. Novas investigações epigraphicas

O signatario d'este artigo fez á Academia das Sciencias de Lisboa, em sessão de 17 de Maio corrente, uma communicação à cêrca das inscripções pre-romanas e romanas ultimamente encontradas no nosso país. Eis aqui um resumo da respectiva acta:

«Referiu-se em primeiro logar aos descobrimentos do Dr. Santos Rocha no Algarve, que consistem numa lapide com caracteres ibericos, e em várias lapides com inscripções romanas; a propósito da primeira fez algumas considerações sobre epigraphia iberica, dizendo que se não deve confundir o alphabeto com a lingua, pois uma lingua póde ser escrita no alphabeto de outra: por exemplo, ha inscripções celticas escritas com caracteres gregos, e o alphabeto latino serve actualmente para transcrever linguas de diversas origens. Fallou de uma inscripção existente no museu de Faro, a qual se refere á republica ou *civitas* de Ossónoba, e é por isso importante. Passando do Algarve ao Alemtejo, disse algumas palavras do Museu Municipal de Beja, um dos mais ricos do país, e leu e traduziu uma inscripção romana ultimamente achada em Beja, e que só por si resolve a questão da localização da antiga Pax Julia, que era em Beja e não em Badajoz[1]. Pela sua parte disse ter, numa excursão que fez ultimamente pelo Sul, durante as férias da Paschoa, obtido várias inscripções romanas e da epocha wisigothica, umas em Serpa, outras em Mertola: uma das inscripções de Serpa provém das ruinas de uma povoação romana que visitou nos arredores da villa; as inscripções wisigoticas de Mertola tem importancia para o conhecimento das origens do Christianismo no nosso país[2]. Por fim apresentou á classe o n.º 3, do vol. XII da *Revista de Guimarães,* onde o Sr. Albano Bellino publíca várias inscripções romanas de Braga, sendo notavel uma d'ellas por se referir a Valábrica ou Valábriga, cidade cujo nome já é conhecido por outra inscripção do Minho, e que parece corresponder á fórma Volóbriga, que vem na *Geographia* de Ptolemeu; esta inscripção é valiosa, não só porque por ella se poderá corrigir o texto ptolemaico[3], mas porque

[1] [Esta inscripção foi publicada n-*O Archeologo,* pag. 110.]

[2] [D'estas inscripções se fallará noutro número d-*O Archeologo,* e nelle se mencionarão os nomes das pessoas que as deram para o Museu Ethnographico.]

[3] [Sobre este ponto cfr. F. Martins Sarmento in *Revista Lusitana,* I, 232; e o *Corpus Inscriptionum Latinarum,* II, 5661.]

Digitized by Google

mostra pelo seu lado a influencia dos Celtas no Noroeste da Hispania, por isso que na palavra Valábriga entra o elemento *-brĭga,* que em celtico quer dizer «fortaleza, monte fortificado, *arx*», elemento que entra tambem em Conímbriga, devendo por isso dizer-se *conimbrigense* e não *conimbricense,* pois se em antigos textos se lê *Conimbrica,* isso é devido ao costume de ás vezes se escrever c por g.»

J. L. de V.

Informações archeologicas colhidas no «Diccionario Geographico» de Cardoso

Já a pag. 11 d-*O Archeologo Português,* foram publicadas algumas notícias archeologicas, contidas na parte manuscrita do *Diccionario Geographico de Portugal,* do Padre Luis Cardoso.

Começaremos agora publicando as que se encontram na parte impressa, isto é, no tomo I e II, sahidos á luz em 1747–1751. Iremos assim ministrando elementos para o inventario methodico da nossa archeologia.

1. Antigualhas de Abedim (Minho)

«Nesta Freguesia, em hum sitio fronteiro a este, da parte do Norte, ha dous pinaculos quasi sobre si: em hum delles esteve huma torre muito larga de pedra lavrada, segundo della se vê, e dos alicesses, que ainda existem, a qual mandou deitar abaixo um Abbade desta Freguesia. No principio deste pinaculo esta huma caverna de pedras naturaes, capaz de receber dez homens, coberta por cima pela natureza, e com huma fonte dentro, que corre todo o anno: mais acima tem outra concavidade pelo mesmo modo com agua nativa, capaz de receber dentro duzentos homens, à qual se vão seguindo outras concavidades mais pequenas e sem agua: na parte mais elevada estava a torre, fóra da qual se achão huns caixões de tijolo enterrados na superficie da terra; e junto delles huma pedra raza, que tem no meyo huma como sepultura, e nella agua todo o anno; na qual lavando-se os que padecem chagas, ou feridas, se achão logo sãos, e livres de toda a molestia. He muito custoso sobir ao alto aonde a fonte está; e para se ir acima se vay por humas escadinhas, que estão feitas na mesma penha, na qual de huma, e outra parte se divisão humas rasgaduras nas pedras, que parecem ter servido para descanço de

Digitized by Google

algumas traves; do que, e de muitos telhões grossos, que por aquelle sitio apparecem, se infere houve em tempo antigo algum edificio nelle.» (Tomo I, pags. 6 e 7.)

2. Antigualhas da Abelheira (Trás-os-Montes)

«Para a parte do Poente estende hum braço até o sitio chamado da Igrejinha, onde ha tradição haver Igreja nos tempos antigos, e se achão della alguns indicios na caliça, tijolo, e telha, e tambem ossos humanos, que ali se descobrem. Continua até *Castrellinhos,* em cujo cume se achão vestigios, de que houve nelle fortificação, que dizem ter sido dos Mouros, ainda que hoje se acha totalmente arruinada.» (Tomo I, pag. 8.)

3. «Castellos» de Aguedanha (Trás-os-Montes)

«No limite desta Freguesia ha hum monte a que chamão *Castello-Velho,* povoado de arvoredo silvestre; e no mais alto delle está muita quantidade de pedra, que parece ser ruina de alguma antiga fortaleza; e dizem, que era hum *castello de Mouros.* E mais adeante, no sitio em que hoje se acha a *Senhora do Castello,* dizem que houvera antigamente huma grande Cidade, cujo nome se ignora, da qual ainda se descobrem parte dos seus muros arruinados.» (Tomo I, pag. 51.)

4. «Castello» de Afife (Entre-Douro-e-Minho)

«Houve nesta serra hum *castello* antigo, de que hoje não apparecem mais que as ruinas. Nomea-se tambem o *Crasto dos Mouros* e *Cividade.*» (Tomo I, pag. 60.)

5. «Castello» de Agares (Trás-os-Montes)

«Junto deste Lugar ha memoria de hum *castello* demolido com huma cova no meyo, entulhada de pedras lavradas, e com seu recinto de muralha fóra, de que se vê ainda hoje parte: dizem ser obra *dos Mouros.* Vê-se mais perto do mesmo sitio, huma cova em terra de salão, donde affirmão algumas pessoas se tiràra hum caixão com muitas peças de ouro; e mais acima na serra, está huma estrada aberta nas penhas, pela qual cabem dous cavallos emparelhados, com sahida para as partes de Ermello, que fica atraz da dita serra.» (Tomo I, pag. 61.)

Digitized by Google

6. «Castello» de Aguiar (Beira)

«... he Casa muito antiga, e tomou o nome de hum *castello,* que está junto a ella já demolido, e arruinado, que dizem ser do tempo *dos Mouros.*» (Tomo I, pag. 96.)

7. «Castello» de Aguiar de Sousa (Entre-Douro-e-Minho)

«Junto ao rio, limites desta Freguesia, ha vestigios de hum *castello* antigo pegado à ponte de páo, caminho que vay da Igreja para o Lugar de Aguiar. Está fundado sobre hum penhasco, e perto deste castello dizem houvera huma Villa, de que hoje não ha mais que memoria, e que fora cabeça do Concelho, que huma grande peste deixou despovoada.» (Tomo I, pag. 97.)

8. «Castello» de Aguieiras (Trás-os-Montes)

«Ha nesta Freguesia quatro Ermidas que são *N(ossa) Senhora do Castello,* que fica sobre o rio Rabaçal: está cercada de huma muralha, de que apenas apparecem humas escaças ruinas, e he tradição ser *de Mouros.*» (Tomo I, pag. 108.)

9. Castro (?) de Ala (Trás-os-Montes)

«Ha tradição, que nella habitarão *os Mouros,* o que se confirma com os vestigios de edificios, que ainda se vem no mais alto do monte, com ruas, e praças; e no fundo da serra se vê huma fonte, que servia à povoação com suas aguas, assim para beber, como para os seus moinhos, que ainda hoje se conservão alguns a pouca distancia de seu nascimento: e della se forma a ribeira de S. Miguel.» (Tomo I, pags. 110 e 111.)

(*Continúa*)

A. Mesquita de Figueiredo.

«.... é uma necessidade litteraria o desenterrar das chronicas, dos diplomas e de toda a especie de monumentos a *archeologia portuguesa,* na mais vasta significação d'esta palavra.»

A. Herculano, *Opusculos,* v, 43.

Digitized by Google

Os proximos numeros d-*O Archeologo Português* inserirão artigos dos srs. Martins Sarmento, Dr. Alves Pereira, Emilio Hübner, Mesquita de Figueiredo, etc.

Para regularidade de escripturação, pedimos aos assignantes em divida a fineza de mandarem satisfazer as suas assignaturas.

Lembramos que toda a correspondencia nesse sentido deve ser dirigida, não ao redactor d'esta revista, mas a J. A. Dias Coelho, Imprensa Nacional.

Digitized by Google

EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.°, do formato d'este prospecto, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Anno	1$500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa.*

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em estampilhas ou em vales do correio, ser dirigida a **J. A. Dias Coelho**, para a *Imprensa Nacional de Lisboa.*

Á venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

Digitized by Google

VOL. I JUNHO DE 1895 N.º 6

RECEIVED
APR 7 1911
PEABODY MUSEUM.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1895

Digitized by Google

SUMMÁRIO

«Cidade velha» de Monte-Cordova.

Indicações bibliographicas.

Informações archeologicas colhidas no «Diccionario Geographico» de Cardoso.

Sepultura no Convento de Jesus (Setubal).

Archeologia lusitana.

Um torques de ouro.

Evora.

Castello de S. Miguel-o-Anjo.

Museu Archeologico em Moncorvo.

Casa onde nasceu Bocage.

Este fasciculo vae illustrado com estampas de 50 objectos.

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. I JUNHO DE 1895 N.º 6

«Cidade velha» de Monte-Cordova

Estas ruinas, a que allude *O Archeologo Português* (I, 12–13), são as mesmas de que falla Argote (*Memorias,* II, 465–67), servindo-se das informações de uma testemunha ocular, que viu mais do que eu podia ver, quando ha 15 annos as visitei. Não acho por isso nada melhor do que reproduzir a descripção do Contador, fazendo-lhe algumas observações que julgo necessarias, e accrescentando algumas poucas notícias, que recolhi de outras fontes.

«766. Nos limites das freguesias de S. Perofins, e de S. João de Eirós, meya legoa dos rios Ave, e Vizella, para a parte do Meyo dia, está hum monte bastantemente levantado, a que aquelles povos chamão de S. Romão, por causa de huma Capella deste glorioso Santo, que alli esteve, de que se vem ainda ruinas. Corre este monte de Norte a Sul, e se levanta em forma, que se descobre delle muito Paiz. No mais alto faz uma planicie, que declina para a parte do Norte, aonde esteve situada uma antiquissima Cidade, a que chamam actualmente Cidade velha. Era cercada de hum bom muro, que terá meyo quarto de legoa em roda, e tinha de largo sete palmos, e existe ainda hoje em altura de hum covado; dentro se divisão as ruinas das casas, que erão pequenas, e se divisão outrosim as ruas, que erão estreitas, e ladrilhadas. Ao meyo da mesma Povoação se levantava em mais altura hum cabeço do monte, que está cercado de outro segundo muro da mesma grossura, que o primeiro, e neste cabeço se divisão algumas casas mayores, e alguns Castellos de esquadria em forma orbicular.»

Aqui só ha a notar os «Castellos de fórma orbicular». São sem duvida casas redondas, como as de Sabrosa, Citania, etc.; tambem

Digitized by Google

como na Citania estão ellas a par de casas quadradas, conforme pude verificar sem custo numa pequena exploração, feita por Manoel Marinho, da casa de Roríz, em que ficou bem a descoberto uma rua com as respectivas construcções. Ladrilho da rua, fórma e apparelho das casas, é tudo exactamente o mesmo que nas estações nomeadas.

«767. Por fóra do limite da Cidade se vem algumas trincheiras, assim para a parte do Norte, como do Sul, em distancia de dous tiros de pedra. Em um valle alli perto se descobrio huma grande cova, que estava tapada com uma grande pedra redonda, a qual tem no alto um orificio quadrado, e na parte inferior tinha outro, guarnecido com hum cordão. A cova é fechada de abobeda, e feita de boa esquadria, e continua para dentro sem se lhe descobrir fim. Na mesma parte se ve hum grande lagedo, e no meyo delle um grande buraco redondo, por onde cabe huma bola de jogo, e desce com tanta profundidade, que nem pela estimativa se lhe percebe o fundo.»

Pela indicação do «grande lagedo com um grande buraco redondo», de profundidade insondavel, vejo que o «valle», onde se encontravam estas curiosidades, estava muito proximo das muralhas. O grande lagedo com o seu buraco ainda existe, mas não por vontade dos cyprianistas. É alli que elles farejaram os melhores thesouros aferrolhados pelos Mouros, e, como os exorcismos tem sido pouco efficazes para os desencantar, já recorreram á polvora, sem grandes resultados por emquanto. O penedo é rijo. Não por baixo mas por cima d'elle esteve uma verdadeira preciosidade, se é certo, como me asseveram, ter assentado alli a estátua, de que falla outro informador de Argote «a estatua de pedra de huma mulher com huma roca na cinta, que ha pouco tempo se quebrou, por se entender ser figura d'algum Idolo, como na realidade devia ser». A estátua andou depois aos tombos pelo monte, até que um proprietario das immediações a levou para casa. Fiquei um pouco surprehendido, quando, mandando-lh'a pedir por um amigo seu, soube que, para a descobrir, era necessario desmoronar uma parede. Tinha sido atirada para os alicerces de um sucalco. Consegui que o sucalco fosse desmoronado num ponto, onde um pedreiro, collaborador da obra, indicava o esconderijo do idolo. Nada porém appareceu, nem ahi, nem noutra demolição mais extensa effectuada pelo proprietario, desejoso de servir o seu amigo. E assim vae tudo.

Da «cova fechada abobadada e tapada pela grande pedra redonda» ninguem me soube dar noticias. É de crer que exista; mas, para a

Digitized by Google

procurar, era preciso gastar paciencia e dinheiro — duas cousas que é raro ver juntas ao serviço da archeologia.

Continúa Argote:

«768. Para a parte do Nascente das ruinas da Povoação sobredita, a tres para quatro tiros de espingarda de distancia, está um penedo redondo, e nelle para a parte do Nascente gravada esta Inscripção:

COS·NE Æ
P·S·

Para a parte do Poente tem outra inscripção, que principia:

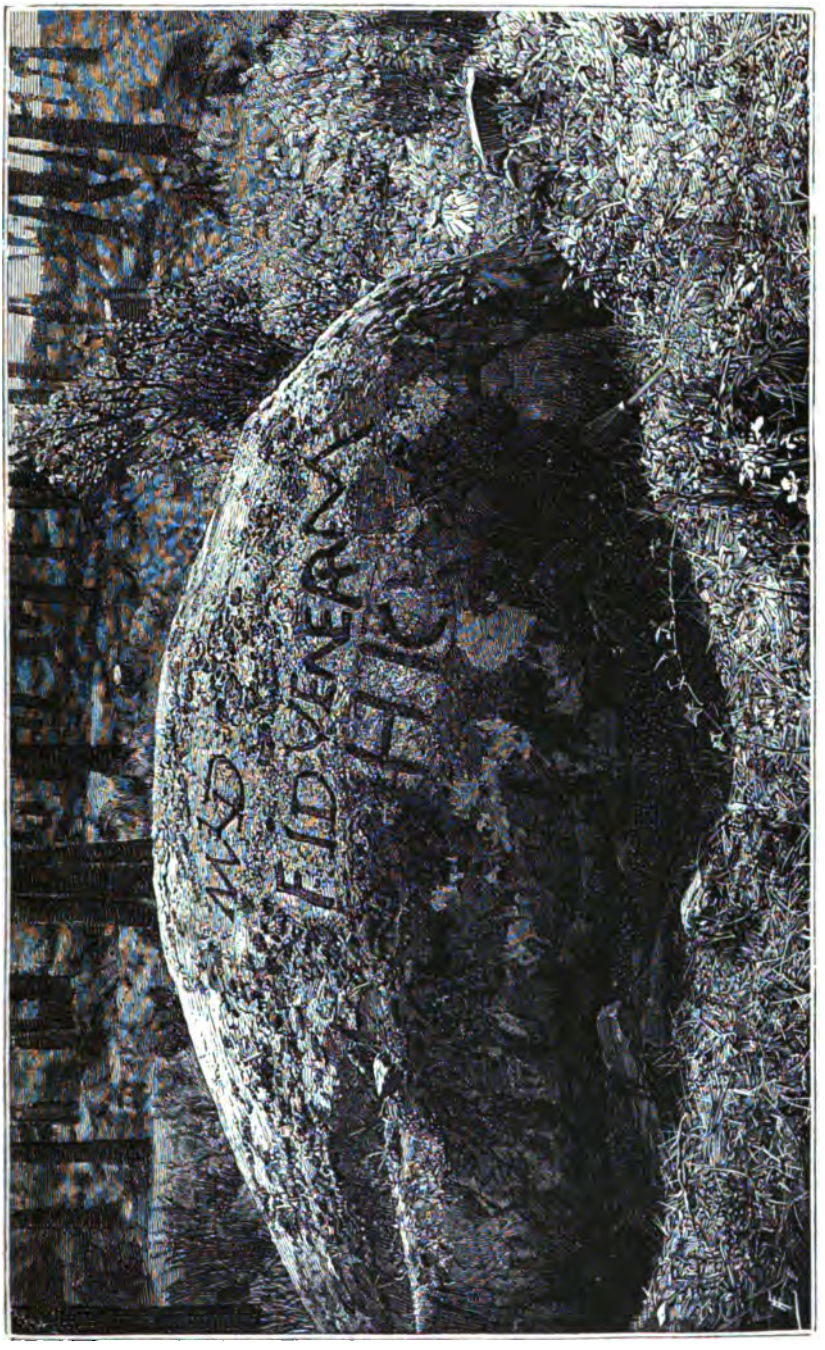
FIDV.....HIC

As mais letras não se tirarão pela brevidade com que se examinou.»

As gravuras que *O Archeologo* dá das duas inscripções são tiradas de uma photographia e por isso devem merecer inteira confiança. Não comprehendo a inscripção que volta para nascente. A segunda linha é mesmo illegivel por falta de lettras. Na do poente a unica difficuldade está, me parece, na leitura do primeiro nome *Niminid,* ou *Nimid?* Mas qualquer que seja a fórma da palavra, não póde duvidar-se, creio eu, que ella é a mesma que, por exemplo, o *nemed* = *sacellum* da glosa irlandesa; e, sendo assim, ficamos sabendo que umas divindades, chamadas Fidueneas tinham aqui o seu sanctuario. Esperemos que os linguistas nos dêem alguma luz sobre as funcções d'estas entidades, porque de outro modo é de crer que fiquemos sempre ás escuras. Procurei debalde pelas immediações vestigios de qualquer construcção, sem me admirar muito de os não encontrar, talvez pela preoccupação de que o templo das mysteriosas deidades devia ser um verdadeiro *sacrum sylvarum.* Hoje não se vê por alli senão tôjo e alguns pinheiros. O terreno, uma bouça, a bouça do *Lagido,* é um pouco pantanoso, não sei se em consequencia das infiltrações da mesma veia de agua, que rebenta, a uns 200 metros de distancia, na bouça da *Chousa.* O borbotão de agua é notavel pelo nome e nada mais: chama-se *Fonte dos Mouros.* No penedo das inscripções estão insculpidas duas cruzes. Não me parece que sejam marcas divisorias; tambem não tenho razão alguma para affirmar que fossem alli gravadas para purificar o monumento de qualquer macula pagã.

Digitized by Google

Digitized by Google



Digitized by Google

*

Arnaldo Gama falla de «não poucos poços, faceados de rijissimos tijólos». Ninguem me deu notícia d'elles, o que não quer dizer que ainda não existam. Se eram sepulturas forradas de telha, como supponho, é de crer que não ficassem dentro da povoação propriamente dita, e a este propósito devo dizer que me causou alguma estranheza não encontrar nella fragmento algum de telha com rebordo. Não quer isto dizer que outro a não encontre, mas já a sua raridade é digna de nota numa estação, em que a influencia romana foi indiscutivel.

Alem do achado de moedas romanas, que estiveram em poder do fallecido medico Coelho, de S. Fins, dá-se por certo o de um capacete de ferro, de que foi possuidor um cavalheiro portuense, tambem já fallecido. As moedas não sei onde param actualmente; o capacete deve considerar-se perdido; eu pelo menos perdi todo o trabalho de o descortinar. É possivel que tivesse apparecido em algum dos «poços» mencionados por Arnaldo Gama.

Encravado na muralha de circumvallação ha um penedo, chamado pelo povo *Penedo da lua*. Affirmaram-me que a denominação lhe vem de um signal gravado, que é a figura da meia lua. O signal está extremamente safado; poucas semelhanças tem com a meia lua, e para mim é mesmo duvidoso se foi traçado pela mão do homem. Desconfio em summa que a verdadeira historia do nome está tão safada, como o signal.

Já fóra das muralhas e em differentes direcções ha outros penedos que teem sua celebridade. Taes são os *Penedos rajados*, o *Penedo do sino* e o *Picoto do pae*. Num dos *Penedos rajados* assenta um lascão de perto de 4 metros em qualquer dos seus diametros e a que facilmente se imprime um movimento de balouço. No mesmo caso está o *penedo do sino*, que não fica a larga distancia d'elle. Penedo e lasca são aqui de menores dimensões, mas o rapazio prefere-o, porque o primeiro oscilla silenciosamente e este dá um som qualquer, quando a extremidade da lasca toca no penedo em que se equilibra. D'aqui o nome do grupo — *penedo do sino*. A nenhuma d'estas pedras oscillantes se ligam tradições mouriscas, e com outras de muito maior imponencia que tenho visto acontece o mesmo, o que não deixa de ter sua importancia. O *picoto do pae* fica para poente e a maior distancia das ruinas. Nada tem de singular, a não ser a lenda que se lhe associa, não sei se com boas bullas. A lenda em si é popular em muitas partes. Reza ella que nos tempos antigos, quando os velhos ultrapassavam uma certa idade, os filhos punham-nos num carro e levavam-

Digitized by Google

nos a um monte deserto, deixando-lhes uma manta e uma broa de pão. O *picoto do pae* seria o sitio escolhido pela gente d'esta região para o abandono dos miserandos macrobios. Sabe-se como acabou a pessima costumeira. Uma vez um dos velhos aconselhou o filho a que lhe deixasse só metade da manta e levasse a outra metade, para quando chegasse o seu torno. Perguntou-lhe o moço, muito admirado, se tambem havia de vir morrer no monte: «Pois então?! até aqui trouxe eu meu pae; tu trouxeste-me a mim, e teu filho ha de te trazer a ti». O filho apressou-se a repor o velho no carro; voltou com elle para casa, e o seu exemplo começou a ser geralmente seguido.

Guimarães, Março de 1895.

F. Martins Sarmento.

Indicações bibliographicas

Como o *Archeologo Português* não é só para sabios, mas tambem para aquelles que, começando agora a dedicar-se aos varios ramos das sciencias archeologicas, tem bons e sinceros desejos de se instruir nellas, abrimos esta secção, com o fim de recommendar aos leitores, que d'isso necessitarem, algumas publicações uteis ou indispensaveis.

*

Dictionnaire des antiquités romaines et grecques, par Anthony Rich, traducção do inglês. Paris, livraria de Firmin Didot. Não sei ao certo o preço, mas o livro não poderá custar mais de 3$000 réis.

Este manual de archeologia classica é muito commodo e proveitoso: contém numerosas estampas, e, não obstante haver outras obras mais desenvolvidas e mais modernas, ministra geralmente boa e auctorizada doutrina. Não póde faltar na estante do amador archeologico.

*

La arqueologia en España [y Portugal], pelo Sr. Emilio Hübner. Barcelona 1888. Tambem não sei o preço, mas não deve custar mais de 1$500 réis.

Este livro, devido á penna de um erudito tão distincto, e tão conhecedor das antiguidades da Peninsula Iberica, presta grande serviço não só aos principiantes mas a todos os que se dedicam á nossa archeologia. Como está escrito em hespanhol, a sua leitura é accessivel ao commum dos portugueses. Divide-se em cinco capitulos:

Digitized by Google

I. *Los geógrafos.* Dá-se notícia de todos os geographos gregos e romanos que se occuparam da Peninsula, indicando-se as epochas em que viveram, as fontes de que se serviram, e as edições mais importantes das suas obras.

II. *Los historiógrafos.* Faz-se o mesmo em relação aos historiadores.

III. *Las inscripciones.* Classificação das antigas inscripções peninsulares,—ibericas, phenicias (muito raras), gregas (da epocha romana), romanas christiano-latinas (do seculo IV em deante). A secção mais importante e rica é naturalmente a que se refere á epigraphia romana, cujas várias especies se indicam (inscripções dos marcos milliarios, religiosas, funerarias, honorificas, militares, etc.), tornando-se mesmo notaveis alguns paragraphos, como os que se referem ao exército e á administração provincial. O Sr. Hübner ministra tambem abundantes notícias bibliographicas, cujo conhecimento muito aproveita aos leitores. Este capitulo é acompanhado de uma tabella que contém o alphabeto iberico comparado com o grego e phenicio.

IV. *Las monedas.* Começa-se pela indicação do que se tem inscrito sobre a numismatica antiga da Hispania e trata-se successivamente: *a*) das moedas de Ampurias e de Rosas (as mais antigas moedas da Peninsula são gregas); *b*) de Gades e de Ebusus (com caracteres phenicios); *c*) outras moedas punico-hispanicas; *d*) moedas turdetanas ou liby-phenicias (de systema monetal romano); *e*) moedas lusitanas; *f*) moedas carthaginesas da Hispania; *f*) moedas romanas da Hispania; *g*) moedas de Sagunto; *h*) denarios romanos na Hispania; *i*) extensão da emissão monetaria ibero-romana; *j*) moedas da Provincia Ulterior; *k*) moedas latinas da Citerior e da Ulterior; *l*) moedas wisigothicas.

V. *Los monumentos.* Falla-se das differentes obras e trabalhos que as antigas civilizações deixaram na Peninsula: salinas e vestigios de explorações mineiras, recintos fortificados pre-romanos, locaes sagrados, obras de arte romana (muralhas, portaes, aqueductos, arcos, templos, circos, banhos, monumentos sepulcraes, estátuas, ceramica, objectos de adorno corporal, mosaicos, etc.) e monumentos christãos.

A obra termina com algumas apreciaveis palavras, destinadas a despertarem o fervor e o zêlo dos estudiosos, animando-os a emprehenderem *explorações scientificas, methodicas e minuciosas,* pois só assim se poderá reconstituir o quadro da vida social dos antigos povos da Peninsula iberica, dos quaes descendemos.

O livro do Sr. Hübner constitue um valioso inventario archeologico, elaborado com salutar crítica, rigor, e abundancia de informações. É pena que não contenha estampas.

Digitized by Google

*

Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal, por Teixeira de Aragão. Tres volumes (Lisboa 1880), a 6$000 réis cada um.

Vol. I. Contém uns estudos preliminares, e as descripções das moedas portuguesas continentaes até o fim do reinado de Philippe III.

Vol. II. Contém a descripção das moedas portuguesas continentaes desde o reinado de D. João IV até o anno de 1876.

Vol. III. Contém a descripção das moedas portuguesas da India e da Africa Oriental.

Todos os volumes são acompanhados de estampas em que se figuram as moedas, e de numerosos documentos ou leis monetarias. Alem d'isso terminam com indices alphabeticos, que facilitam a consulta.

Sem dúvida, descobrir-se-hão algumas imperfeições nesta obra, pois isso é vulgar nas cousas humanas, e sobretudo em trabalhos da natureza d'este, tão vasto e melindroso; mas não se póde negar que a *Descripção geral e historica das moedas de Portugal* é a obra mais extensa que temos sobre o assumpto. Todos os que tratarem da nossa historia economica ahi acharão importantes elementos; e nenhum numismatico da especialidade a póde tambem dispensar.

O volume IV, que se occupará das descripções das restantes moedas portuguesas, deve entrar brevemente no prélo; o Sr. Aragão trabalha nelle já ha muito.

Se, depois de acabada a obra, se fizesse d'ella um manual resumido e barato, que contivesse o essencial da materia, e as principaes estampas, prestar-se-hia de certo aos estudiosos bom serviço. Ha excellentes manuaes d'este genero noutros paises.

J. L. de V.

Informações archeologicas colhidas no «Diccionario Geographico» de Cardoso

10. Antiguidades do concelho do Alandroal (Alemtejo)

«Desviado desta Villa huma legoa, mas ainda no seu termo, corre a serra de S. Miguel, nome que lhe deu huma ermida deste soberano Archanjo, que se vê edificada no mais alto della, cuja casa

Digitized by Google

dizem foy fundada no tempo da Gentilidade[1].... e se entende ser mais antiga, que a igreja de Nossa Senhora da Boa Nova da Villa de Terena.

Por diante desta villa passa o rio Lucefeci por terras muito fragosas, junto ao qual está hum edificio, que nos tempos antigos foy castello, e ainda no tempo presente lhe dão o nome de *Castello Velho;* porém não ha certeza de quem fosse[2].

Na defesa da Granja, termo do Alandroal, se vêem alguns outeiros minados, que mostra terem lugares donde se tirarão metaes de ferro, ouro, ou prata, e não consta em que tempo se tirassem»[3]. (Tomo I, pags. 113 e 114).

11. Gruta de Albardos (Estremadura)

«Lança esta serra hum braço para o Termo do Truquel, a que chamão o Cabeço de Truquel, dentro do qual está huma concavidade, ou casa subterranea, muito larga, e espaçosa; e ainda que seja obra da natureza, bem mostra, que concorreo tambem a arte, e industria para o seu augmento, conforme a disposição, e indicios, que nella se vem. Segundo a tradição dos antigos, foy habitavel, o que julgo seria em tempo, que os *Mouros* occcupavam estas terras». (Tomo I, pags. 114 e 115).

12. «Castello» de Alcabedeque (Beira)

«Perto a esta fonte estão vestigios de hum como *Castello* muito antigo, que dizem ser do tempo *dos Mouros*». (Tomo I, pag. 126).

13. Poço de Alcacere (Estremadura)

«Além destas fontes, ha pouco distante da Villa hum poço, a que chamão Poço Velho, o qual se entende haver sido obra *dos Mouros* quando erão senhores deste Reyno. Faz-se digno de noticia pela obra, e pela abundancia de suas aguas. He todo feito de pedra de cantaria

---

[1] Era neste monte que estava primitivamente o templo do deus Endovellico: vid. *O Arch. Portug.*, pag. 46.

[2] O Sr. Leite de Vasconcellos diz-me que já esteve neste *Castello Velho*, que porém não é um «edificio», mas sim um «castro», isto é, um monte nas circumstancias indicadas a pag. 3 d-*O Archeologo*.

[3] Diz-me tambem o Sr. Leite de Vasconcellos que nos arredores do Alandroal conhece um jazigo de cobre, e que é provavelmente a este que se refere a notícia do texto, tendo-se talvez tomado por ouro as pyrites de cobre.

Digitized by Google

lavrada, com bocal de quatro palmos de alto; a altura he de trinta e cinco palmos, e a roda de vinte e hum. No meyo do poço tem hum cano de altura de dous palmos, e outros dous de largura, pela qual recebe grande quantidade de excellentes aguas de huns areaes vizinhos. Em huma pedra do bocal estão abertas as letras seguintes: MDDDIII (*sic*).» (Tomo I, pag. 140 e 141).

14. Antigualhas romanas de Alcaçovas (Alemtejo)

«He a terra chea de mato de estevas, e penedia; e no mais alto do monte houve huma grande casa, que pela sua arquitectura mostrava ser obra *dos Romanos,* e templo de alguma de suas gentilicas divindades; ou defesa, e atalaya para guardar as vigias em tempo de guerra; e com este sentido parece se conforma mais a demasiada grossura das paredes da casa, fortalecida com grandes estribos de botareos; e mais verdadeiramente confirma serem estes vestigios de edificios romanos, terem-se achado naquelle sitio moedas de ouro, prata e cobre com inscripções romanas.

O Padre Mestre Frey Francisco de Oliveira, Relegioso de S. Domingos, natural da cidade de Beja, da qual tem composto hum crescido volume, que conserva manuscrito, a que dá o titulo de *Epitome Historico da Cidade de Beja,* incansavel indagador destas preciosas antiguidades, nos communicou huma inscripção, que foy achar a sua curiosa applicação nas costas da Capella dos Reys no anno de 1643, e diz assim:

D·M·S
LIMA
XXXV
I·C·T·L·I·E·S

Tem de huma parte esculpido hum jarro, e garrafa, e da outra dous gorazes, tendo fórma de huma pequena pipa de quatro palmos e meyo de comprido, e dous de largo [1].

---

[1] Vê-se que se trata de umas d'aquellas sepulturas chamadas *doliares, ou* em fórma de pipa, de que se acham bastantes no Sul do nosso país, e de que se podem ver exemplares no Museu Ethnographico Português, em Lisboa.

A inscripção foi já transcrita no *Corpus Inscriptionum Latinarum,* II, n.° 86 As lettras finaes «I·C·T·L·I·E·S» estão evidentemente mal copiadas; devem representar uma das fórmulas vulgares das inscripções funerárias.

Digitized by Google

Todo monte mostra que foy povoado de casas; porque todo em roda he cheyo de alicesses, e de pedras soltas, e levadiças, como que já servírão, e no lugar em que esteve huma vinha dos Religiosos, que hoje o habitão, quando a plantárão, se descobrírão pavimentos de casas ladrilhadas, e muitos tijolos soltos, e denegridos, como de fornos, ou chaminés; ferros de prender cavallos, e humas campainhas prateadas, das quaes guardão ainda duas os mesmos Religiosos.» (Tomo I, pag. 141).

15. De Alcaçovas (Alemtejo)

«Ha aqui hum sítio, em que se achão ainda hoje alguns vestigios de povoação antiga, como são argamassas, e muros: querem alguns antiquarios fosse a antiga Cidade de Arandis (*sic*)». (Tomo I, pag. 149.)

16. Moedas achadas em Alcanede (Estremadura)

«No Castello desta Villa, haverá trinta e tantos annos, que seria no 1710, pouco mais ou menos, se achárão quantidade de moedas pequenas grossas, e com figuras, e erão de cor parda como cobre. E em outras muitas partes do seu termo se tem achado moedas antigas, humas portuguesas, e outras romanas, algumas de prata, e muitas de cobre, e outras de latão, e muitas pessoas testemunhão, que as virão; mas como as não estimavão, não houve algum, que as guardasse». (Tomo I, pag. 162.)

17. Grutas de Alcaria (Estremadura)

«Defronte deste lugar, para aparte do Poente, está hum grande penhasco, obra da natureza, que tem hum quarto de legua de comprido, a que os naturaes chamão *Castello,* no fim do qual, para a parte do Norte, ha huma gruta, ou concavidade, que conserva agua todo o anno: he muy fria, e dizem tira maleitas.

Da parte do Poente, no fim da mesma penha, ha outra grande concavidade, que hoje se acha quasi tapada, por causa de huma grande pedra, que se arruinou na entrada. Imaginárão os moradores deste povo, que nesta cova havia ouro escondido pelos Mouros; e cavando na dita gruta achárão, não ouro, mas ossos humanos, com o que cessárão da obra desenganados»[1]. (Tomo I, pag. 165.)

---

[1] Talvez se trate de grutas funerarias dos tempos prehistoricos.

Digitized by Google

18. «Castellos» de Alcaria-Ruiva (Alemtejo)

«Distante deste povo, no districto da Freguesia cousa de boa meya legua, no alto de hum rochedo, que cahe sobre Alvacar, apparecem os alicesses de huns grandes edificios, que dizem forão obra *dos Mouros,* e que lhes servio de *Castello,* appelido que ainda hoje conservão os moradores, e se denomina este sitio os *Castellos*. Tambem sobre o caudaloso Rio Terges se vem outras ruinas de edificios, e da mesma sorte dizem forão feitos pelos Mouros». (Tomo I, pag. 169.)

19. «Castello» de Alcoutim (Algarve)

«Para a parte do Norte, em hum serro alto, se achão alicesses de fortalezas muito antigas; e tambem hum pequeno Castello, que segundo mostrão os alicesses de pouca força que hoje se acha extincto». (Tomo I, pag. 191.)

20. Inscripção romana de Aldão (Entre-Douro-e-Minho)

«No destricto desta Freguesia, na quinta chamada de Aldão, que foy de Jeronymo Vieira de Castro, se achou uma pedra lavrada do tempo dos Romanos com o seguinte letreiro:

Dedicavit Titus Flavius Claudianus Archelaus Leg. Aug.[1]

(Tomo I, pag. 194.)

21. Antiguidades romanas de Alemquer (Estremadura)

«Huma lage de quasi quatro palmos em quadro, que ha poucos annos estava debaixo do alpendre, à entrada da igreja da Triana, e dahi a tirarão, e quando a havião de por na parede de algum lugar publico para perpetuo testemunho da antiguidade da Villa, a poserão no pavimento de huma escada de pedra, por onde se servem humas casas, que estão na travessa, que sobe da Fonte da Triana para a mesma Igreja, e daqui a poucos annos com a frequencia da passagem não terá a pedra dicção que se possa ler[2].

---

[1] Foi publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, n.º 2408.

[2] Vid. o *Corp. Inscr. Lat.*, II, n.º 275.

Digitized by Google

E outra pedra, que he huma meya columna redonda, a que os Romanos chamavão *cippo,* que os annos passados estava na quinta de André Bravo, que hoje he de seu filho João de Sousa Chichorro, e agora anda arrastada pelo chão, na horta chamada *delRey,* junto ao rio, a qual possue o mesmo João de Sousa Chicorro[1].

Na sobredita quinta do Bravo se descobrio ha poucos annos com hum arado huma pedra antiga, e debaixo della huma caveira humana, e ha mais annos se acharão algumas sepulturas, e arcas de pedra de muita antiguidade, e ainda ahi se estão vendo vestigios de hum sumptuoso edificio, no curioso pavimento de huma casa, que serve hoje de adega. Disto faz memoria o *Santuario Mariano,* t. 2, lib. 2, tit. 33; porém os lettreiros são aqui mais fielmente trasladados.» (Tomo I, pags. 240 e 241).

22. «Castellos» de S. Aleixo (Alemtejo)

«Em distancia de hum pequeno quarto de legua, à parte do Poente, sobre o rio Safareja, em huma soberba eminencia, fica hum *Castello,* com seu muro, que apenas mostra alguma cousa, do que foy nos tempos passados.

Em outra tanta distancia, à parte do Meyo dia, sobre hum pequeno rio, que chamão Safarejinho, em outra eminencia, está pela mesma fórma outro *Castello,* nos quaes se tem descoberto alguns vestigios de fortificação antiga. Em hum delles, haverá dez annos, andando huns pastores apascentando o seu gado virão em huma parte a terra alguma cousa aberta, e fazendo curiosamente mayor a rotura, achárão huma urna muito bem lavrada, e nella dez, ou onze garrafas de vidro, algumas de barro, todas cheas de cinzas.

Entre estes dous *Castellos,* em distancia de huma legua, fica outro da mesma fórma sobre hum pequeno rio, que chamão Fagildos, à parte do Nascente.

E em distancia de meya legua deste lugar, em hum penhasco despenhado sobre o rio Mortigum, está outro *Castello* em lugar tão eminente, que causa espanto a sua altura; no meyo tem huma cisterna lavrada toda ao picão, e aberta em rocha viva». (Tomo I, pag. 265.)

(Continúa.)

A. Mesquita de Figueiredo.

---

[1] Vid. o *Corp. Inscr. Lat.,* II, n.º 4633.

Digitized by Google

Sepultura no Convento de Jesus (Setubal)

«Aqui jaz Dom Antonio Manuel neto da fundadora deste mosteiro.»

Esta inscripção é a de um tumulo existente debaixo do altar-mór da igreja do convento de Jesus de Setubal, de que foi fundadora Justa Rodrigues Pereira, ama d'el-rei D. Manuel, a qual está sepultada na casa do capítulo do mesmo convento.

Para a dita igreja, de architectura manuelina, deu o traço o italiano Botaca, celebre architecto do mosteiro de Santa Maria de Belem.

M. M. Portella.

Archeologia lusitana

O digno Abbade de Miragaia, Sr. Dr. Pedro A. Ferreira, teve a bondade de me enviar o n.º 39 d-*A Vida Moderna,* de 6 de Junho corrente, onde, com aquelle titulo, se lê a seguinte notícia já transcrita do *Commercio do Porto:*

«Tivemos occasião de ver, no acreditado estabelecimento de ourivezaria dos srs. Caetano de Sousa Pinto & Barbedo, á rua das Flores, [no Porto] uma manilha de ouro macisso que, pelo feitio e trabalho tosco, parece ser anterior á epocha romana na Peninsula, sendo, sem dúvida, obra dos antigos habitantes da Lusitania. Juntamente com esta manilha vimos outra mais bem trabalhada, mais artistica, mas truncada, pois a pessoa que a encontrou, levou-a a um ferreiro que a quebrou para examinar o metal, sendo vendida em Coimbra a parte que falta. Estas duas joias archeologicas são dignas de figurar em um museu, e não deviam ser lançadas no cadinho onde tantas preciosidades antigas se teem perdido. Sabemos que as duas manilhas foram encontradas no logar da Pena, freguesia de Portunhos, concelho de Cantanhede. Achou-as um lavrador d'aquelles sitios, chamado José Maria Pereira, que tem encontrado na mesma propriedade amphoras e outros objectos de ceramica, mas que, por ignorar o seu valor historico, os tem deixado quebrar. É pena.»

Logo que vi esta notícia, escrevi ao meu prezado amigo Julio Moreira para me fazer o obsequio de comprar os objectos para o Museu Ethnographico, pedido a que elle se apressou a corresponder.

Digitized by Google

Á sollicitude, tanto do Sr. Abbade de Miragaia em me communicar a notícia do achado, como do Sr. Julio Moreira em ir pessoalmente á ourivezaria, e tratar da compra como se fosse para si, se deve o não se perderem d'esta vez no cadinho dos fundidores as *duas joias archeologicas,* e serem hoje propriedade do Museu Ethnographico Português.

A ambos os referidos senhores renovo aqui em público os agradecimentos que já lhes dei em cartas.

J. L. de V.

Um torques de ouro

Na ultima sessão da Associação dos Archeologos do Carmo deu o Sr. Presidente notícia de se ter descoberto casualmente em Cintra, numa propriedade denominada o Casal-de-Santo-Amaro, a certa profundidade do solo, um *torques* de ouro, com lavores.

Segundo se lê n-*O Seculo,* de 19 de Junho corrente, o objecto tem de diametro $0^m,14$, de altura á frente $0^m,035$, e de pêso 1260 grammas, e vae figurar na proxima exposição de arte sacra, em Lisboa.

A nossa archeologia conta, pois, mais um *torques* pre-romano. Num dos seguintes numeros d-*O Archeologo* publicarei uma lista de objectos analogos que conheço no nosso país, os quaes não se póde dizer que sejam de extrema raridade, comquanto todos elles tenham merecimento.

J. L. de V.

Evora

«A cidade de Evora está posta quasi no meio da Lusitania, em sitio plano, e comarca fertil de todas as cousas necessarias pera a vida humana. Sua antiguidade não é pequena, porque muitos annos antes de Christo Nosso Senhor nascer, já era. Foi ennobrecida pellos Romanos, depois pellos Godos, e finalmente pellos Reis de Portugal, com que mereceu ser neste Reino a segunda depois de Lisboa.»

G. Estaço, *Várias antig. de Port.,* cap. 43.

Digitized by Google

Castello de S. Miguel-o-Anjo

(Notas de um reconhecimento)

No dia 23 de Novembro de 1893, dirigi-me ao chamado *Castello de S. Miguel-o-Anjo, de Azere,* situado no concelho dos Arcos de Valdevez, com o intuito de verificar a verdade e importancia da noticia que, na ante-vespera d'aquelle dia, me tinham dado de que uns cortadores de pedra haviam encontrado lá um *forno antigo e dentro um pote de barro, contendo carvões.*

O *castello* de S. Miguel[1] é um castro com os seus caracteristicos de configuração, com vestigios reconhecidos de habitação e até com toponymia quasi comprovativa[2].

A eminencia, em que assenta, eleva-se numa distancia de dois kilometros, a nordeste da villa dos Arcos, na margem esquerda do rio Vez. Orographicamente, está ligada a uma corda de montanhas mais altas que, correndo aproximadamente de S. a N., se ramificam para O. num curto prolongamento de quebradas, em cujo extremo avulta, coroado de enormes penedos, o cabeço do castro, como a obra avançada d'um extenso systema de fortificações. De facto, pelos flancos d'essas quebradas, deixaram os homens de então outros vestigios das suas obras de defesa.

Pelo norte a ladeira do castello cae despenhadamente sobre a margem esquerda do riacho de Grade, affluente do Vez. Igualmente inclinada é a encosta do sul; d'este lado, porém, ao fundo, desenrola-se uma fertil e extensa chapada, onde poisa a freguesia de Giella, quasi inteira. De uma e de outra parte pois, a defesa do castro era natural e facil; nenhuma necessidade de obras de segurança e de fortificação.

Na encosta oeste, (o lado fraco da posição), é que ainda se conservam as trincheiras com as banquetas ou patamares tão caracteristicos dos castros, que até de longe os denunciam; neste, porém, escondidos sob a vegetação de um pinhal, só se desenham a quem os examina

---

[1] No alto do *castello* houve até ha bastantes annos, uma ermidazinha dedicada a S. Miguel, a qual jaz hoje em ruinas. Este facto póde ter nos castros uma importancia e uma significação que se não podem despresar para futuras investigações (Cfr. *Revista de Guimarães,* vol. I, pag. 167).

[2] Ha no concelho dos Arcos mais alguns montes com a mesma designação de *castello;* nos que já visitei, tenho sempre encontrado, juncando o solo, vestigios que não deixam dúvidas á cêrca da sua antiguidade.

Digitized by Google

de perto (Cfr. *Rev. de Guimarães,* vol. v, 1888, e *Castros y mamôas de Galicia,* por Villa-Amil, cap. I a V)[1].

Guiado pelas indicações, que me tinham sido casualmente fornecidas, a meia encosta do monte, para a banda do sul, encontrei uma excavação feita pelos pedreiros, em parte para desembaraçarem um penedo que estivera naquelle sítio e que acabavam de partir, e já em parte tambem para desobstruirem os vestigios da parede do tal forno, na esperança de encontrarem por ali alguma riqueza encantada. Os *livros* diziam occultarem-se naquelle monte *grandes haveres,* e no alto do castello alguem tinha já visto por vezes, sentada a fiar, uma moira nova e bonita[2].

Com tão suggestivas indicações, os cubiçosos pedreiros não podiam deixar de revolver completamente, como fizeram, o terreno que envolvia as paredes circulares do tal forno. Vasos de barro eram porém os unicos objectos que se dignavam apparecer, e por isso soffreram a vil punição de rolar aos pedaços pelo monte abaixo. Foi o que tambem succedeu a outro pote que em tempo naquelle mesmo monte apparecêra enterrado; esse, porém, que estava cheio de cinzas ou materia carbonizada, achava-se cuidadosamente tapado.

Apesar d'estas desoladoras informações, resolvi completar a denudação das paredes do tal *forno,* que já então para mim não era senão uma habitação circular, analoga á de outras estações proximamente coevas, como depois verifiquei.

Com o auxilio de jornaleiros, removi toda a terra que pejava o interior da habitação, guiando-me pelo que ainda se conservava das paredes. Cada pá de terra era cuidadosamente examinada, e apartados os numerosos fragmentos de ceramica e os seixos de várias fórmas que iam apparecendo[3].

A habitação pousava na encosta do monte que olha ao sul, não inteiramente erguida e desafrontada do terreno, mas escondida em parte num recanto formado principalmente por um córte vertical de

---

[1] A exploração que narro neste escripto, não passou de um simples trabalho de reconhecimento; mas ainda assim bastou para fornecer provas irrecusaveis da existencia nestas paragens de uma população romanizada; facto presumivel, mas que, creio, ainda não fôra aqui verificado em monumentos historicos d'esta natureza.

[2] Esta lenda da moura encantada que fia, existe tambem ligada a alguns castros da Galliza (vid. *Castros y mamôas,* cit., cap. v).

[3] Não havia ali terreno de alluviões constituidas propriamente pelo *seixo rolado;* por isso todos os seixos despertavam a attenção.

Digitized by Google

tres metros feito no salão por que é constituido o sub-solo da montanha. Dado o forte declive d'esta, ficava pois a habitação com a parte correspondente ás traseiras abrigada pelo córte contiguo, e com a frente livre e erguida sobre o plano inclinado da encosta[1].

Nestas circumstancias explicava-se facilmente o soterramento da casa. A encosta, cujo pendor é grande, sujeita a frequentes desmoronamentos ou a contínua erosão, forneceu a terra com que a casa aluíra e se entulhára de todo. E a prova estava em que, no mesmo local, mas á superficie, assentava, ainda ha pouco, um penedo que rolára do alto do monte e cujo fraccionamento e exploração foram a causa do encontro daquella construcção, que jazia quasi toda por baixo d'elle.

Como pois o entulho era constituido pelos destroços da propria casa e pela terra vegetal, tudo numa confusão completa, numa desordem absoluta, facil me foi perceber que, encontrado o salão nativo e intacto da montanha, não devia levar mais fundo o trabalho de excavação. Simples era ali distinguir do terreno virgem o entulho.

Das paredes da habitação subsistia porém quasi só a parte protegida e encostada ao córte, tendo ficado raros vestigios da parte desamparada que olhava ao sul—a frontaria da casa. Mãos sacrilegas a tinham violado antes de mim, destruindo-a quasi por completo.

A habitação era, em todo o caso, circular; o diametro interno media 3^{m},70. O apparelho da parede era irregular, formado de pedras pequenas mas muito desiguaes, faceadas por ambos os lados, assentes em argamassa de barro e calçadas cuidadosamente com rachas ou lascas de pedra[2].

Não se notava a disposição helicoidal das pedras nas casas da Citania e Santa Luzia. A parede não tinha, como aliás nestas duas estações, o paramento externo de pedras maiores e quadrangulares independente e destramado do interno, feito de pedras miudas e irregulares; mas empregára-se o systema de construcção por *juntoiros*. A sua espessura era de 0^{m},45 e as pedras apparelhadas tanto para a face interna da habitação como para a externa, vendo-se claramente

---

[1] Cfr. o que se lê tambem com relação a algumas habitações da Citania nas *Observações á Citania de Hübner*, por Martins Sarmento.

[2] *Racha* é aqui termo mais usado pelos alvaneis que *lasca;* de *racha* fizeram *rachar* no sentido de «calçar o assento das pedras, nos intersticios das suas juntas, por meio de *rachas* de pedra». Dir-se-hia pois que as paredes d'esta casa estavam cuidadosamente *rachadas*, o que noutro sentido seria inexacto.

Digitized by Google

em muitas os vestigios do instrumento metallico ponteagudo que as apparelhou.

Como já disse, subsistia só em pé a parte da parede que o córte do monte protegêra por lhe estar quasi encostada; era de $2^{m},25$ a maxima altura d'essa parede totalmente occulta antes das excavações. Não encostava perfeitamente a face da parede posterior ao córte do monte, mas corria á roda um intervallo de poucos centimetros, por onde aliás mal passaria um homem.

Não havia nella abertura de especie alguma, e, não existindo já a parte anterior da casa que olhava ao sul e dominava a encosta, não pude verificar a existencia de porta onde era natural que a houvesse[1]. No interior da casa, as paredes até certa altura davam mostras de terem tido um ligeiro rebôco de barro alisado, e igualmente, no pavimento horizontal, sobre o salão nativo da montanha, assentava uma camada de barro fino de pouca mas uniforme espessura.

Era pois, para os tempos, esta habitação um predio de certo confôrto.

Neste primeiro dia de trabalho, os achados entre o entulho e os destroços da casa, foram, alem de grande variedade de fragmentos ceramicos desde a *tegula* até á *fusaiola,* alguns objectos de pedra que a deante descreverei, grande porção de escumalho de ferro[2] e um medio-bronze romano.

Como me tinham informado que ao lado d'esta casa, para poente, havia vestigios de outra tambem soterrada, dirigi no segundo dia de trabalho a excavação para esse lado, mesmo porque para nascente não havia entulhos alguns, mas sómente o salão virgem do monte.

Verifiquei que o pavimento interior da casa, desobstruida na vespera, estava num nivel um pouco superior ao terreno circumjacente,

---

[1] O pedreiro que primeiro descobriu a casa disse-me, sem que eu lh'o perguntasse, que não encontrára porta, mas nota o Sr. Martins Sarmento nas *Observações á Citania* que a soleira da porta nestas habitações costumava ser superior ao nivel do terreno. Aqui não era só a soleira, mas o proprio pavimento interno era mais elevado que o solo exterior.

[2] Ha a tradição entre os moradores de perto (propriamente ali não os ha), de que naquelles sitios habitou em tempo um ferreiro. Esta tradição terá por origem o apparecimento casual do escumalho á superficie do monte, ou os meus achados de rebotalhos incontestaveis de uma forja é que serão a contraprova d'essa antiga tradição? A primeira hypothese é a mais provavel, e conforme com outras de outras localidades. Note-se que eu revolvia entulhos que tinham mais de dois metros de *potencia,* se assim posso exprimir-me, e a essa profundidade ainda eu encontrava os rojões de ferro calcinado.

Digitized by Google

precaução que tanto podia ter, para se justificar, motivos hygienicos como de segurança domicilaria.

E creio não fazer com aquella conjectura favor desproporcionado á civilização dos Gallecos, meus antepassados.

No remeximento do entulho, que continuava a ser composto de terra vegetal corroida pelas aguas á encosta e de destroços das edificações, os achados limitaram-se aos restos de ceramica, alguma finissima, fusaiolas, metade de uma atafona de pedra, cujo diametro sería de 0m,34, dois objectos pequenos de ferro, cuja applicação é incerta (fig. 2, n.os 14 e 16) e vários outros de pedra polida. O fragmento da atafona *(mola manuaria)* pertencia á parte inferior ou pé, que é a que mais vulgarmente se encontra nos castros da Galliza (Vid. Villa-Amil, *ob. cit.*, cap. xv).

No terceiro dia continuei a pesquisar os entulhos ao poente da casa, no que se gastaram ainda alguns dias.

Pouco distante d'ella (3 a 4 decimetros) e ao fundo do recanto em que assentava, descobri outra construcção, não perfeitamente circular, mas aproximando-se da fórma quadrangular, com 1m,40 apenas de lado. A parede era ensossa, muito estreita, de pedras pequenas, irregulares e sem apparelho algum. Por um lado até, tinha-se aproveitado a dureza do salão, cortando-o á feição, para supprir a parede. Ausencia completa de argamassa. Havia ainda, pela disposição das pedras superiores, signaes de que esta casota tinha sido toscamente abobadada. O systema empregado nesta abobada rudimentar foi aquelle a que os franceses chamam *à encomblement,* em que as pedras, conservando leitos horizontaes, avançam em resaltos successivos para o interior da construcção até se juntarem. Este rude processo ainda é hoje usado em alguns logares mais sertanejos d'este concelho, e por esta fórma cobrem as construcções circulares que ainda por lá existem.

No logar proprio estava ainda a soleira de uma entrada, por onde um homem a custo caberia, não ao nivel do terreno, mas soerguida uns 4 centimetros do chão exterior. Olhava ao sul. A altura das paredes d'esta construcção era de 1m,50.

Revolvendo o entulho que a obstruia, encontrei uma pequena argola que me parece de cobre ou de bronze (vid. fig. 2, n.º 22), outro fragmento de moinho de mão, cujo diametro seria de 0m,35, e vários instrumentos de pedra, sendo dois perfeitamente iguaes na fórma. São os representados na fig. 3, n.os 2 e 3.

Para que serviria esta casota de dimensões tão exiguas e de construcção tão tosca ao lado da outra tão regular e tão perfeita?

Digitized by Google

Para habitaculo do homem, não, que principiava por mal poder este entrar e depois não caber dentro. A ideia, que acode, é que esta construcção era o abrigo ou córte de algum animal domestico. Este facto demonstra que a população de que eram parte os habitantes d'este eido, tinha neste castro a sua residencia habitual.

No estreito intervallo que separava as duas edificações, e á boca do espaço que circumdava as traseiras da casa circular, a 3 metros de profundidade do nivel do terreno, appareceu outro medio-bronze romano.

Depois ainda encontrei mais dois medios-bronzes, mas tão atacados pela humidade, que era impossivel distinguir qualquer cunho.

Fig. 1

O alfinete da fig. 2, n.º 15, de bronze, estava enterrado no entulho, como o mais.

A pequena distancia topou-se um fragmento de vidro que pertencêra a algum vaso pequeno. O vidro não é perfeitamente incolor, mas um pouco esverdeado e na face externa por baixo de um pequeno relêvo semicylindrico que fazia o effeito de asa, corre ao redor uma faxa esmerilada; interiormente é tambem esmerilado. Tem a espessura de $0^{m},004$.

Tanto o alfinete como o pedaço do vidro jaziam a $1^{m},40$ de profundidade.

Como eu procurasse sempre seguir na remoção das terras o primitivo nivelamento do chão, as enxadas dos jornaleiros denudaram ainda os restos de uma nova parede curvilinea, argamassada, que

Digitized by Google

ficava pouco distante e para sudoeste da primeira habitação. O centro da curva d'essa parede estava fóra da casa circular, e por esse motivo

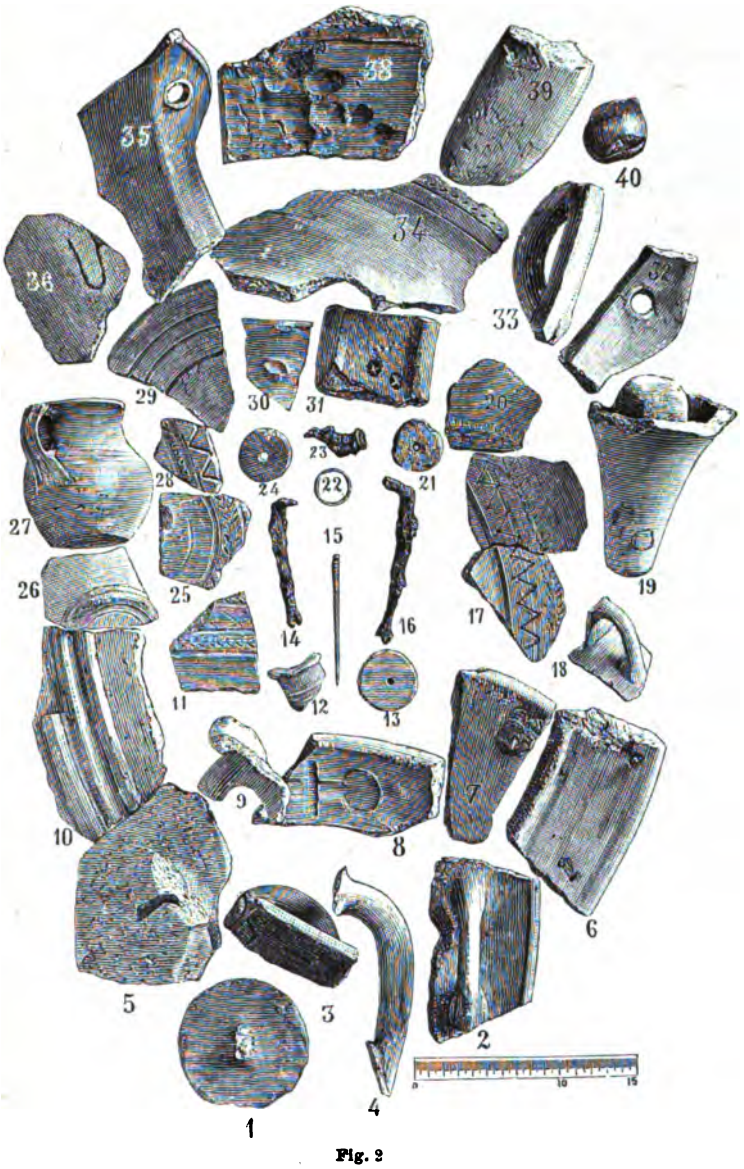


Fig. 2

e ainda porque o apparelho e espessura da parede eram identicos, pareceu-me ter encontrado vestigios de outra edificação igual á primeira: o que, porém, não posso assegurar.

Digitized by Google

Foi aqui que, acabando de destruir os restos d'esta nova parede que embaraçavam o trabalho, ao ser voltada uma pedra do alicerce, que era preciso remover para fóra, tive a surpresa de lhe ver a face, que servia de leito, ornamentada com lavores geometricos de fórma radiada, como se vê na fig. 1, que a representa. Verifiquei cuidadosamente que fazia parte do alicerce ou base da parede curvilinea, não só porque assentava num leito da argamassa empregada no resto da parede, mas tambem porque se achava incrustada no meio de outras pedras igualmente argamassadas que, sem dúvida alguma, pertenciam á estructura da construcção, mantendo-se todas, á custa umas das outras, nos logares proprios. D'estas circumstancias conclui que a referida pedra teria já servido a anterior edificio ou monumento, para o qual fosse mais apropaiada, e teria sido posteriormente aproveitada na construcção que eu desenterrava, escondendo-se-lhe para o solo a face lavrada por ser plana e a unica que dava o leito de assento. Eram redondas e improprias para esse fim as outras faces. Conserva ainda vestigios de pintura vermelha ou atijolada nos lavores em relêvo; tem de diametro $0^{m},35$. Não posso entrar na averiguação do destino que esta pedra podia ter tido no edificio ou monumento a que pertenceu primeiramente, se, como creio, a minha conjectura é exacta. Sómente notarei que no *Relatorio do Congresso internacional de archeologia e anthropologia prehistorica,* celebrado em Lisboa em 1880, vem a reproducção de uma pedra proveniente da Citania, em cujas extremidades se vêem lavores perfeitamente identicos a estes da minha pedra[1]. Cartailhac na sua obra *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal,* traz o desenho de uma pedra da Citania de quasi completa identidade á da fig. 1 (vid. pag. 286, fig. 486).

No castro de Ázere, como aliás em toda a parte, as moedas encontradas nas condições que já referi, são os documentos mais concludentes para a sua definição e classificação historicas. Todas as que encontrei eram medios-bronzes; em tão más condições de conservação, porém, estiveram ellas durante tão largo tempo, dispersas pelo entulho e pela terra vegetal copiosamente humida, que me dei por bem feliz com o achado de duas perfeitamente legiveis.

Os medios-bronzes de Ázere são: uma moeda autonoma de Hespania cunhada em Saragoça *(Colonia Caesar Augusta)* no tempo de Tiberio e uma moeda de Claudio.

---

[1] Vid. *Appendice* do dito *Relatorio,* est. 2.ª, fig. 9.

Digitized by Google

1.º

Anverso: TI · CAESAR · DIVI · AVG · F · AVGVSTVS . Cabeça laureada do imperador, voltada á direita.

Reverso: R · T · CAECLIO LEPIDO · G · A/FIDIO . GEMELLO IIIVR. Boi mitrado; no campo C . C . A.

Este medio-bronze vem no *Nuevo methodo de clasificacion de las medallas autónomas de España* por D. Antonio Delgado, t. III, pag. 50, n.º 57, est. 101.

2.º

Anverso: TI · CLAVDIVS · CAESAR · AVG. P. M. TR . P · IMP · Cabeça descoberta do imperador voltada á esquerda.

Reverso: LIBERTAS AVGVSTA . A Liberdade de pé á direita, tendo na mão um barrete; dos lados da figura S. C.

Póde ver-se na *Description historique des monnaies frappées sous l'empire romain* par Henri Cohen, t. I, pag. 164, n.º 79.

Para alem do praso limitado por estes dois documentos irrefragaveis, a certeza historica fica substituida pela conjectura[1]. Mas nem por isso os outros achados são documentos mudos e despresiveis.

*

De bronze mais dois objectos appareceram e esses de enfeite, a um dos quaes já me referi. Foi um alfinete (*acus*)[2] que tem a parte mais grossa ornada em redor com estreitos sulcos quasi contiguos, aos quaes se segue a cabeça espherica um pouco mais volumosa e lisa. Mede de comprimento 0^m,085 (vid. fig. 2, n.º 15). Têm os lavores alguma analogia com os das figs. 386 e 387, pag. 266 da *ob. cit.* de Cartailhac.

O outro objecto é um annel ou argola de bronze em que os extremos do fio ou arame não se tocam, mas ficam á distancia de 0^m,001.

---

[1] Apesar d'isso posso, sem receio de affirmação temeraria, dizer que o castro de Ázere foi habitado desde muito antes d'aquelles imperadores, e a razão é que precisamente ao facto da dominação romana devem os castros a sua decadencia. Alem d'isto, os vestigios de uma civilização indigena são bem claros nos objectos recolhidos em Ázere.

[2] Vid. *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines* de Rich, s. v.

Digitized by Google

Parece ser peça de uma fibula[1]. Tem de diametro interior 0m,021 e a grossura do fio ou arame é de 0m,001, um pouco mais cheio nas extremidades (vid. fig. 2, n.º 22).

Os n.os 14, 16 e 23 da fig. 2 são tres pedaços de ferro, dos quaes um parece a cabeça de um prego (*clavus*) e os outros talvez restos de ganchos para suspender os vasos, cujos fragmentos seriam os n.os 32 e 35.

*

Em ceramica é que os achados foram muito numerosos, mas incompletos. Desde a telha de rebordo (*tegula*) e a semi-cylindrica (*imbrex*), estas pouco abundantes, até á fusaiola (n.os 13, 21 e 24 da fig. 2), retirei da excavação uma infinita variedade de cacos e nem um só objecto inteiro, apesar da espessura e dureza de alguns fragmentos. Nem os que appareceram se puderam aproximar e completar uns com os outros.

Num volume de entulhos relativamente tão pequeno como aquelle que removi, achavam-se confundidos, e absolutamente disseminados, pedaços de uns oitenta vasos differentes, a julgar pelas fórmas dos bocaes; pois nem um só pude reconstruir[2]!

O exame de todos os fragmentos[3] revela que a roda do oleiro foi sempre empregada na fabricação dos vasos; ha d'isso vestigios indis-

---

[1] Nos *Mélanges d'archéologie et d'histoire,* obra postuma de Jules Quicherat (vol. I, pag. 193), vem o desenho de uma fibula completa, á qual deve ter sido semelhante a de Azere, se o fusilhão é a peça que aqui se perdeu. Cfr. tambem *Appendice* do *Relat.* cit. do Congresso de 1880, est. 2.ª, fig. 8.ª, e Cartailhac, *ob. cit.,* pag. 287, fig. 397.

[2] D'esta circumstancia e dos raros fragmentos de telha que encontrei nos destroços da casa, parece poder inferir-se que, quando se deram no monte os desmoronamentos que a soterraram, já ella estava deshabitada e desamparada.

Ha ainda outro refôrço para a minha conjectura: é que não encontrei uma só *arma* de bronze ou de ferro, apesar de estarmos em plena idade do ferro. Se não tivesse havido o abandono da habitação, voluntario ou forçado, mais coisas uteis e completas teriam apparecido. Os povoadores d'este castro, levando comsigo o que lhes ainda podia servir, deixaram vazia a sua morada, de modo que o esboroamento da encosta apenas veiu soterrar depois cacos inuteis, e as duas moedas provavelmente perdidas.

[3] Quer sejam de cozedura completa, profunda, de toda a espessura do barro, quer de cozedura incompleta e limitada ás superficies externas. Poder-se-ha ver na accumulação d'estes fragmentos a existencia de dois periodos successivos da arte ceramica nos castros do Minho, ou serão simultaneas aquellas differenças

Digitized by Google

cutiveis. Apenas um exemplar, que parece ser um têsto, não apresenta os signaes do trabalho á roda, parecendo, ao contrario, modelado por meio de repetidas pressões com os dedos na massa ainda crua. Não destôa d'este indicio provavel de maior antiguidade a sua imperfeitissima cozedura; o barro ficou em toda a espessura negro, e é cheio de mica (Veja-se o n.º 1 da fig. 2).

A ornamentação dos fragmentos representados nos n.os 11, 17, 20, 25, 28 e 34 é caracteristica; alguns desenhos são executados com ponta ou estylete, outros com marca como nos n.os 17, 20 e 31 da fig. 2[1].

Alguns bordos de vasos têm pela parte interna vestigios de desenhos irregulares, feitos com a extremidade dos dedos; veja-se o n.º 8. Está perfeitamente cozido.

O fragmento n.º 12 é de argila preta, de execução perfeita e elegante. Era um vasinho de luxo; não é o unico encontrado neste genero.

O n.º 38 é um curioso pedaço de uma *tegula,* que recebeu a impressão das patas de um cão, quando o barro ainda estava fresco na officina do oleiro.

Não quero passar a deante sem apontar os n.os 2, 3 e 33, que representam uma singularidade de alguns vasos de grandes diametros. Em logar de terem as asas externamente, têm-nas pelo lado de dentro. A comparação dos tres fragmentos (e de outros identicos que possuo) a essa convicção me induz. A asa, collocada num plano parallelo ao fundo e boca do vaso, está fixada e embutida, não sobre a convexidade do bordo, mas na concavidade. E é a parte convexa que em

---

de cozedura, e devidas a outras causas? Parece-me que principalmente a ornamentação é que nos deveria guiar na determinação d'aquelles periodos, se não soubessemos que nos castros d'esta epocha se dá o encontro de duas epochas o a coexistencia transitoria de duas civilizações. Virchov no citado *Append.* diz que não se póde affirmar que, mesmo na Citania se empregasse a roda do oleiro. Eu não conheço *de visu* a ceramica da Citania, mas tendo sido esta estação habitada pelo menos até Hadriano *(Observ. á Citania* por M. Sarmento) e a de Ázere pelo menos até Claudio, e não estando muito distantes uma da outra, é natural que se fornecessem das mesmas officinas; pois em Ázere a intervenção do oleiro é irrecusavel. Na fig. 2 estão bem cozidos os n.os 4, 5, 9, 18, 19, 26, 27, 30, 32, 35, 38 e 39, e imperfeitamente cozidos, apenas nas camadas externas do barro, os n.os 1, 2, 3, 6, 7, 8, 10, 11, 17, 20, 25, 26, 29, 31 e 34.

[1] Cfr. *Introducção á archeologia da peninsula iberica,* por A. Filippe Simões, pag. 57.

Digitized by Google

varios fragmentos e em nenhum d'estes a concava, está incrustada de um deposito de fuligem ou carvão, produzido pela repetida exposição ao fogo, do vaso, que serviria talvez para usos culinarios[1].

Ainda outra particularidade se póde ver nos n.os 6 e 7. É ella o cravamento de peças de ferro a través da argila dos vasos. O n.º 7 é um fundo que tambem parece ter tido pés de ferro. O n.º 6 é um bordo, a que adaptaram talvez asas da mesma natureza; noutros parece ter havido anneis ou arcos para reforçar o vaso.

Creio ver o fragmento de um *pondus* de barro no n.º 39.

O n.º 5 é com toda a probabilidade o fragmento de uma amphora magnificamente bem cozida, e de argila, de proveniencia diversa do geral dos fragmentos.

É curioso o fragmento do n.º 19, que representa o pé de um grande vaso de barro com refôrço interior.

*

A fig. 3 representa alguns dos mais bens conservados instrumentos de pedra que se achavam nas ruinas da habitação. Evidentemente, numa estação em que apparece o bronze (embora em artefactos de importação) e mais ainda o ferro, o uso da pedra, como arma ou utensilio de trabalho[2], devia estar em completa decadencia, e só o poderá explicar um atraso relativo de civilização, presumivel em terras tão remotas e quasi ignoradas como estas. A distancia dos logares, a escassez de communicações e a pobresa dos habitantes são sempre embaraços para o desapparecimento de coisas e processos velhos, já abandonados e substituidos em regiões mais adeantadas.

---

[1] Este depósito ainda se conserva num grande numero de fragmentos, attingindo nalguns a espessura de 0m,001. É singular que, num caco, seja na parte interna e *externa* do vaso que elle se produziu, ao contrario de todos os outros fragmentos. Á primeira vista parecerá que isto invalída o meu argumento do têsto *supra*. Mas onde só uma face está incrustada de fuligem e a outra se conservou limpa, não se póde suppor que fosse esta a face voltada para o fogo. E é este o caso.

[2] O local do apparecimento de todos os instrumentos de pedra e os vestigios do seu uso não me deixam pensar que estivessem ali como objectos funerarios ou devessem ter esse destino, nem sería dentro dos castros que se deporiam os restos dos que morriam (vid. *Rev. de Guimarães*, II, pag. 194). Não me parecem tão pouco armas, mas instrumentos de trabalho ou utensilios.

Digitized by Google

Abundam na colheita que fiz os instrumentos contundentes, aos quaes não me atrevo a dar outra denominação, porque me parece que, não sendo mais que seixos rolados pelas aguas e aproveitados quasi sem alteração pelo homem, estão fóra de qualquer classificação systematica de fórma.

A gravura representa um exemplar (fig. 3, n.º 1), que conserva nas extremidades vestigios do uso de contundir, e é o unico cuja fórma, que considero natural, me auctorizaria a denomina-lo *martello;* tem de comprimento $0^{m},14$ [1].

Fig. 3

É singular a fórma dos n.os 2 e 3 da mesma fig. 3, utensilios analogos, e de certo destinados ambos ao mesmo fim. São tambem, na sua fórma, seixos rolados numa corrente d'água, mas aqui o homem interveiu para as adaptar melhor a um determinado uso, fazendo-lhes

[1] Póde ver-se um muito semelhante, á parte um rasgo circular ao meio que este não tem, num folheto de F. A. Pereira da Costa, intitulado: *Noticia de alguns martellos de pedra e outros objectos descobertos na mina de cobre de Ruy Gomes no Alemtejo.* O auctor pensa tambem que á um calhau utilizado pelo homem; tem o comprimento de $0^{m},237$.

Digitized by Google

uma pequena móssa, que parece ter sido ponto de apoio para a mão. Não têm signaes de terem sido instrumentos de contundir. Serviriam para amolar metaes?[1] Ou para alisar madeiras? Ou para esfollar pelles?

O n.º 2 tem de comprimento 0^m,15 e o n.º 3, 0^m,131.

O n.º 4, cujo comprimento são 0^m,145, tem igualmente na ponta aguda vestigios de ter servido para contundir ou pisar.

Parece ter sido tambem um martello o n.º 5, que mede 0^m,101 de comprimento.

O n.º 6 é com toda a probabilidade uma pedra de funda; tem nos extremos do diametro menor duas incisões ou pêtas que m'o persuadem. O seu comprimento são 0^m,052.

São todos estes instrumentos de gneiss mais ou menos alterado[2].

Todos, como disse, foram encontrados ao revolver-se o entulho e os destroços da habitação, por onde nunca passou nem passa corrente alguma d'agua.

*

Melhores intelligencias e maiores competencias poderão basear neste meu insignificante trabalho de reconhecimento de um castro eruditas considerações; eu não me atrevo a dizer senão que o castro de S. Miguel-o-Anjo de Azere foi primitivamente uma povoação pre-romana, que, depois de franquear as suas trincheiras ao povo conquistador, viveu sob as insignias romanas, conservando os costumes tradicionaes, adoptando e assimilando coisas novas, até que, passada ao menos a primeira metade do primeiro seculo da éra christã, teve de abandonar talvez o velho ninho para descer confiadamente á planicie, ou posteriormente fugir á torrente de novos conquistadores, menos transigentes que os primeiros e mais summários nos seus processos de occupação.

Acceitando a classificação dos castros apresentada no n.º 1 d-*O Archeologo Português,* resta-me capitular historicamente o castro de S. Miguel.

---

[1] A este uso parece apropriar-se melhor o exemplar n.º 7 da fig. 3; ha nelle vestigios de fricção contra outro corpo de igual ou maior dureza, que o gastou, deixando-lhe superficies lisas. Cfr. *Introducção á archeologia da peninsula iberica* por A. F. Simões, nota 7.ª, pag. 162.

[2] A classificação mineralogica d'estes e outros exemplares recolhidos na mesma occasião, devo-a ao favor e sciencia do ex.mo Sr. Dr. Gonçalves Guimarães, dignissimo lente de mineralogia na Universidade de Coimbra.

Digitized by Google

Attendendo por um lado ao apparecimento das moedas romanas[1], e dos outros objectos tanto de metal como de barro de origem romana, e por outro aos utensilios de pedra e a alguns fragmentos de louça simples e ornamentada, parece-me poder seguramente collocar o castro de Ázere no 4.º typo: *Castros luso-romanos.*

A relativa abundancia de restos de civilização indigena explica-se, creio eu, como hoje se explica o atraso das povoações ruraes, comparado com o adeantamento dos centros mais populosos.

Arcos de Valdevez, Abril de 1895.

F. Alves Pereira.

Museu Archeologico em Moncorvo

O jornal *O Moncorvense,* de 2 de Junho de 1895, advoga em enthusiastico artigo, assignado pelo nosso collaborador o Rev. José Augusto Tavares, a criação de um Museu Municipal na villa de Moncorvo.

Adduzem-se, como razões principaes, já o constituir um museu um importante melhoramento, que de certo attrahiria á localidade visitantes e estudiosos, já o ser Moncorvo um centro de estações archeologicas, entre as quaes figura o monte do Roboredo, com antigos vestigios de explorações mineiras e a estrada chamada *mourisca,* o Felgar e Villa-Velha com lapides epigraphicas, as Cabanas-de-Baixo com os celebres *berrões,* o Olival-da-Rasa com sepulturas abertas na rocha, Villarinho e Castedo com monumentos prehistoricos, etc. A estas razões accrescenta-se o facto de não haver ainda na provincia de Tras-os-Montes nenhum museu público, vindo assim Moncorvo não só a ter a glória de possuir o primeiro, mas a poder mais facilmente colligir objectos.

Segundo diz o Sr. P.e Tavares, a Camara Municipal moncorvense dispõe de uma espaçosa sala que serviria para se installar o Museu. O Sr. P.e Tavares, alem da sua propria influencia, e exemplo, pois offerece desde logo para o Museu oito ou dez machados neolithicos e várias moedas romanas, conta com o auxilio dos Srs. Dr. Margarido, de Moncorvo, e P.e Adriano Guerra.

---

[1] Alem das duas, cujo typo descrevo, appareceram outras que posso affirmar serem romanas, mas quasi completamente corroidas da oxydação.

Digitized by Google

Pela minha parte, já n-*O Archeologo Português,* pag. 37 sqq., expus algumas ideias á cêrca da importancia dos museus locaes; e por isso não regatearei louvores ao Sr. P.e Tavares.

É de esperar que a Ex.ma Camara moncorvense, inspirando-se em sentimentos patrioticos e scientificos, e seguindo o exemplo de outras municipalidades illustradas, quaes são as de Beja, de Alcacer do Sal, de Faro, de Elvas, da Figueira, etc., dê plena execução áquelle meritorio alvitre, e em breve tenhamos de registar nos annaes da Archeologia Portuguesa a fundação de mais um museu.

J. L. de V.

Casa onde nasceu Bocage

O forasteiro que visita Setubal, e não é indifferente aos titulos litterarios que nobilitam esta cidade, procura sempre ver a casa em que nasceu Bocage.

Essa casa fica na rua de S. Domingos e está assignalada com uma lapide cuja inscripção commemora o nascimento do insigne poeta, succedido a 15 de Setembro de 1765.

Aquella lapide foi mandada collocar, não a expensas da municipalidade, como, por inexacta informação se lê na *Livraria Classica,* mas sim com o producto de uma subscripção promovida por Manoel Maria Portella, de Setubal.

No corrente anno de 1895 foi alterada a frontaria d'essa casa que devemos considerar edificio historico, e cuja fórma exterior cumpria por isso conservar.

Agora ficou ella differindo da que tem sido representada por meio de gravura em varios periodicos de Portugal e Brasil.

Lastimamos que se désse tal facto, e que a vereação do municipio setubalense, á qual foi offerecida a dita casa por um estrangeiro benemerito, o Sr. Visconde de Bartissol, não obstasse a isso, e antes consentisse.

* * *

«.... a vestidura de pedra que dá agasalho aos cadaveres encerra toda a vida antiga.»

A. Herculano, *Opusculos,* v, 45.

Digitized by Google

Os proximos numeros d-*O Archeologo Português* inserirão artigos dos srs. Emilio Hübner, Santos Rocha, Mattos e Silva, Julio Basso, Mesquita de Figueiredo, etc.

Para regularidade de escripturação, pedimos aos assignantes em divida a fineza de mandarem satisfazer as suas assignaturas.

Lembramos que toda a correspondencia nesse sentido deve ser dirigida, não ao redactor d'esta revista, mas a **J. A. Dias Coelho, Imprensa Nacional.**

Digitized by Google

EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in–8.°, do formato d'este prospecto, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Anno	1$500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em estampilhas ou em vales do correio, ser dirigida a **J. A. Dias Coelho**, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

Á venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

Digitized by Google

VOL. I JULHO DE 1895 N.º 7

RECEIVED
APR 7 1911
PEABODY MUSEUM.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1895

Digitized by Google

SUMMÁRIO

Inscriptiones Lusitanae aevi christiani ineditae.

Epistula ad Aemilium Hübner.

Gruta da Senhora de Carnaxide.

Notas archeologicas:

1. Sepulturas abertas em rocha.

2. Enterramentos em igrejas.

Antas no concelho do crato, Nisa e Castello de Vide.

Este fasciculo vae illustrado com 1 estampa.

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. I JULHO DE 1895 N.º 7

Inscriptiones Lusitanae aevi christiani ineditae. Edidit Aemilius Hübner Berolinensis

AEMILIUS HÜBNER — JOSEPHO LEITE DE VASCONCELLOS *s.*

Quaesivisti ex me, vir doctissime et amicissime, ut insererem aliquid in ephemeridem archaeologicam *O Archeologo Português* nuper, saluberrimo consilio a te edi coeptam, ut sequelam faceret voluminum eorum, quae Antonius Borges de Figueiredo per aliquot annos ediderat, donec mors praematura indefessae eius industriae finem imposuit. Ut voluntati tuae obtemperarem et quantum in me est adiuvarem rerum antiquarum studia inter cives tuos olim florentia, nunc vero coli fere desita, incidi in titulos aliquot christianos nondum editos. Proveniunt illi e Lusitaniae meridionalis oppidis vetustis Ossonoba, Balsa, Myrtili; repererat plerosque ante hos viginti et quod excedit annos Statius da Veiga, iam vita functus, et intulit in museum Algarbiense, quod Olisipone ipse instituerat, nunc tuae curae traditum esse laetamur. Reliquos debeo amicorum meorum, qui in Britannia vivunt, officiosae liberalitati.

Verum est, non admodum gravis argumenti eos esse omnes. Sed tamen qui primo loco editur, commendatur scriptura unciali, quae rara est in lapidibus inscriptis; qui secundo, quamquam mutilus, propter formulam inusitatam «domini milex», si recte supplevi. Qui sequuntur Ossonobenses (nr. 3, 4) et Balsensis (nr. 5) fragmenta tantum sunt per se inutilia. Sed cum ex Ossonoba et ex Balsa hi primi omnino prodeant tituli christiani, digni sunt qui litteris mandentur et edantur.

E Myrtili vetere cum inscriptiones aevi vetustioris perpaucae adhuc provenerint — composui eas in *Corporis Inscriptionum* volumine II

Digitized by Google

nr. 15–20 et in *Supplemento* nr. 5178–5180 — eaedemque exigui vel, si unam exceperis (nr. 15), paene nullius pretii, christianae ibi inventae non paucae non carent sua utilitate. Edidit eas qui repperit idem Statius da Veiga ille, de monumentis Lusitaniae optime meritus, in libello de antiquitatibus Myrtilensibus (*Memorias das antiguidades de Mertola, observadas em 1877,* etc., Olisipone 1880; vid. *C. I. L.,* II, *Supp.,* pag. 788); quas hic non repeto. Duo autem et ipsae Myrtilenses cum ab hominibus exteris emptae in Britanniam translatae sint, effugerunt Veigae diligentiam. Tituli hi omnes demonstrant, in urbe Myrtili per saecula quintum potissimum et sextum floruisse societatem christianorum multosque nanctam esse asseclas.

Pauca sunt quae ad seriem hanc inscriptionum christianarum illustrandam adscripsi. Adscripsi vero sermone Latino, quo docti Lusitani olim usi sunt magna cum elegantia nec minore facilitate — veluti, ut unum nominem in hac scribendi arte principem, Hieronymus Osorio, Emmanuelis et Iohannis Portugaliae regum historiographus clarus —, nunc vero uti paene desierunt.

Tu vero vale et rebus vetustis mihique, ut facis, favere pergas.

Scripsi Berolini in festo paschali a. MDCCCXCV.

Nr. 1

Ossonobae (*Marim, concelho de Olhão, Algarve*), tabella marmorea alta m. 0,25, lata 0,21; servatur Olisipone in museo Algarbiensi. Litterae sunt unciales quae vocantur parvae, altae m. 0,025.

ROGATA
FAMOLA
DEI VIX A
NNOS-PL-M LV
RECE
I

Descripsi et ectypum sumpsi.

Lege: *Rogata famola dei vix(it) annos pl(us) m(inus)* LV, *rece[ssit] i[n pace.....*

Scribendi genus hoc in lapidibus adhibitum est iam inde a saeculo tertio in provincia Africa, inde a quarto in actis potissimum non admodum raro (vide *Exempla* mea *scripturae epigraphicae,* pag. XXXVIII

Digitized by Google

et nr. 1146–1152). Cum aerae indicatio perierit, coniectura tantum titulum hunc tribuere licet saeculo fere quinto.

In versu quarto ante et post *p l* litteras, punctum est lineolae simile.

Nr. 2

Ossonobae (*Marim*), fragmentum tabellae marmoreae, altum m. 0,20, latum 0,19; servatur Olisipone in museo Algarbiensi. Litterae non sunt bonae, altae m. 0,03, saeculi fortasse sexti.

.....
r | ECESSIT
i | N PACE
dni m | ILEX
d | XII KAL IVLI
| AS
.....

Descripsi et ectypum sumpsi.

Lege: ..... [*r*]*ecessit* [*i*]*n pace, d*(*omi*)*n*(*i*) [*m*]*ilex*?, *d*(*ie*) XII *kal*(*endas*) *Iulias*.....

Quamquam nomina defuncti et aerae indicatio desunt, memorabilis tamen titulus est propter formulam, si recte supplevi, *domini milex*, aliunde quantum scio nondum repertam. *Milex* pro *miles* aetate labente non raro pronuntiatum et scriptum adnotaverunt grammatici.

Versu quarto *a* littera in *kal* vocabulo formam habet uncialem.

Nr. 3

Ossonobae, ex ipsis *Faro* urbis moenibus, ubi extabat *com face para o quintal de Frederico Lazaro Cortes;* extraxit Statius da Veiga et intulit museo Algarbiensi, quod Olisipone est.

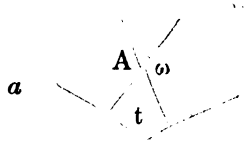
T̄ Ō
ΛI
C

Descripsi ex ectypo a Veiga misso et ex lapide, quem vidi a. 1881. Fragmentum explicari nequit; sed ne prorsus interiret edidi.

Digitized by Google

Nr. 4

Ossonobae (*Marim*), fragmenta titulorum christianorum quattuor, servata in museo Algarbiensi.



Descripsi et ectypa sumpsi; misit etiam a se descripta Statius da Veiga.

Frustula nimis exigua quamquam nihil nos docent, tamen ne prorsus neglegerentur adnotavi, si forte alia accederent quibus supplerentur.

Nr. 5

Balsae, fragmenta duo, alterum repertum *em Cacella, na Quinta do Maro,* alterum *em Torre de Ares.* In museum Algarbiense, quod Olisipone est, intulit Statius da Veiga.

Descripsi ex ectypis a Veiga missis, alterum (*b*) vidi a. 1881.

Propter litterarum formam videntur inscriptiones fuisse christianae.

Nr. 6

Myrtili reperta, tabella lapidea alta pedes (Anglicos) 2, lata digitos 20; extat Ponte Aelio, i. e. *Newcastle-upon-Tyne,* in urbe Britanniae septentrionalis, in museo Societatis antiquariorum Aelianensis, cui intulit Warden Britannus incola Myrtilensis.

Digitized by Google

P BRITTO PRES♁
VIXIT ANNOS
LXV REQVIEVIT
IN PACE D̄N̄Ī D
NONAS AGVSTAS
ERA DLXXXIIII

aera 584
p. Chr. 546

Iohannes C. Bruce antiquarius quondam Aelianensis clarus misit a se descriptam mense Martio anni 1888; idem edidit in actis societatis supra scriptae (*Proceedings of the Society of Antiquaries of Newcastle-upon-Tyne*), vol. III, 1888, pag. 264.

Lege: ✠ *Britto pres(byter) vixit annos* LXV, *requievit in pace d(omi)ni d(ie) nonas Agustas era* DLXXXIII.

Observa *Agustas* pro *Augustas*, formam vulgarem, quam servant linguae Romanicae.

Nr. 7

Myrtili reperta a. 1886, tabula marmorea alta pedes (Anglicos) 2, digitos 4, lata pedem unum digitos 6; Cantabrigiam in Britanniam secum tulit Gadow, ubi servatur.

P SIMPLCVS
PRBS♁FAMV
LVSDI♁VIXIT
AN♁LVIIII♁
REQVEVIT IN
PACE DNI♁♁
VIII KAL SEPTEM
BRES♁ERA
DLXXV♁

aera 575
p. Chr. 537

Digitized by Google

Iohannes C. Bruce misit acceptam a Gadow medico Germano, qui edidit in ephemeride *Cambridge University Register,* a. 1887, pag. 539.

Lege: ✠ *Simplicius pr(es)b(yter), famulus D(e)i, vixit an(nos)* LVIIII, *requievit in pace d(omi)ni d(ie)* VIII (*octavo*) *kal(endas) Septembres, era* DLXXV.

Puncta formam habent foliorum hederae, ut non raro.

Epistula ad Aemilium Hübner

Josephus Leite de Vasconcellos — Aemilio Hübner *s. d.*

Non modo pro epistula tua, sed etiam pro opusculo egregio ei adjuncto, quo ephemeris *O Archeologo Português* maxime illuminatur, gratias tibi ago debitas. Namque antiquitatis Lusitanae studiorum fautor atque ornamentum es, quod ex operibus magnificis de iis incredibili diligentia miraque accuratione abs te editis manifesto apparet. Simul praeclaram tibi gratiam habeo, quod ad inceptum meum amicis me verbis excitavisti, ex quibus, cum ab tanto viro sincero et eruditissimo profecta essent, summam etiam delectationem cepi.

Tum, cum litteras tuas ad me scribebas, regiones meridionales Portugalenses obibam; et in ipsis oppidis Mertoli Ossonobaque, de quibus paulo ante locutus es, titulos alios Romanos, alios Christianos inveni et descripsi, quos in paginas ephemeridis *O Archeologo Português* brevi inseram, ut tuis ponderibus eos examines.

Cura, ut valeas.

Olisipone, Kal. Iun. a. MDCCCXCV.

Gruta da Senhora de Carnaxide

O templo e gruta de Nossa Senhora de Carnaxide, a pouca distância de Lisboa, gozam de muita fama na devoção popular, por causa de uma lenda que corre na tradição. Como me occupo do estudo das nossas lendas, e esta se localiza num sítio aonde eu podia ir facilmente, fui lá ha tempos, e obtive um *registo* de que dou na figura junta a parte principal, e um folheto que se intitula *Historia narrativa de uma*

Digitized by Google

lapa descoberta no dia 28 de Maio de 1822 na ribeira de Jamor freguesia de Carnaxide, e os mais acontecimentos que depois se lhe seguiram até o dia de hoje, Lisboa 1885[1].

Lendo o folheto, verifiquei que a «lapa» de Nossa Senhora de Carnaxide nada mais foi primitivamente do que uma gruta funeraria prehistorica, a que depois se adaptou uma lenda christã, como a respeito de outras muitas grutas succedeu no país e fóra.

Extráio do referido folheto os necessarios passos, para provar a minha affirmação.

«Succedeu no dia 28 de Maio de 1822, segunda oitava do Espirito Santo, andarem sete rapazes nadando no dito rio, quando vendo um melro, o quiseram apanhar; porém fugindo este, descobriram um coelho, que fugindo-lhe, se metteu em uma tóca: cuidaram logo os rapazes em o apanhar, fazendo que uma cadella entrasse pela tal tóca, o que fez com violencia, por ser o buraco muito pequeno; porém abrindo-o mais, fizeram introduzir a cadella para dentro. Eram os rapazes seguintes: Nicolau Francisco, de quatorze annos; Joaquim Nunes de onze; Joaquim Antonio da Silva, de quinze: Antonio de Carvalho, de quinze; Diogo, de quinze; José da Costa, de onze; e Simão Rodrigues, de onze. Tendo estes trabalhado por apanhar o coelho até ao meio dia, e não o podendo conseguir, vendo que tocava á missa, que se dizia a esta hora, por ser dia santo dispensado, taparam a tóca, deixando dentro o coelho, e a cadella, e foram ouvir missa á sua freguesia de S. Romão de Carnaxide. Voltando da missa, trouxeram uma lanterna, e uma vela; e cavando mais, fizeram o buraco tão grande, que o tal Nicolau pôde entrar dentro com a lanterna sózinho; e achando uma casa, gritou pelos outros, que tambem

---

[1] Á cêrca do mesmo successo conheço ainda os seguintes folhetos:

— *Descripção de um prodigio raro e descoberto em huma lapa,* Lisboa 1822 (contém a narrativa do facto, e a *Novena* da Senhora);

— *Memoria de uma lapa descoberta no dia 28 de Maio de 1822,* Lisboa 1822, — a que se segue *Continuação da Memoria sobre os acontecimentos da Ribeira de Jamor;*

— *Narração da descoberta da imagem de Nossa Senhora da Conceição da Rocha..... com a Descripção do que se tem passado até 29 de Agosto de 1824 em que na cidade do Porto se collocou huma copia da mesma milagrosa imagem,* etc., Porto 1824.

É grande a analogia d'estes tres folhetos entre si. No dizer de Figaniere, *Bibliographia histor. portug.*, pag. 258, o auctor do segundo é Fr. Claudio da Conceição, que escreveu um livro da mesma natureza a respeito da Senhora do Cabo. O folheto a que me refiro no texto reproduz o segundo, ampliando-o.

Digitized by Google

entraram: levantaram uma lage que viram, procurando o coelho, e acharam debaixo da lage *duas caveiras,* e espalhados pela casa *varios ossos de corpo humano,* dos quaes se encheram depois dois lenços, que levou o juiz de fóra de Oeiras, e outros estão por várias casas, que os levaram outras muitas pessoas. Acharam tambem *vários pedaços de louça,* e *algumas pedras lisas e redondas.* Finalmente, apanhando o rapaz Nicolau o coelho, o trouxe para sua casa muito contente, e nella o conservou até ao dia 3 de Junho, em que elle mesmo o foi entregar a S. M. o Sr. D. João VI, na companhia de Francisco Xarola, que igualmente lhe levou *uma pedra das achadas, e que parecia ser rara:* o que tudo sua magestade benignamente acceitou. Divulgada a descoberta, concorreu logo muita gente a ver a tal lapa; e na verdade é ella digna de se vêr, pois sendo tudo obra da natureza, é muito perfeita no seu genero. Entra-se por uma abertura, que tem até á porta, que dá entrada para a lapa, de quinze palmos de comprido, e tres e meio de largo. A porta tem uma verga de pedra negra de dois palmos de largo, e de comprido tres e meio. A altura da porta é de quatro palmos, e a largura de tres e meio. Entra-se em uma lapa de figura quasi oval, onde podem caber oitenta pessoas. Tem desde a entrada da porta até á parede fronteira vinte e oito palmos de comprido, e de largo vinte e quatro. Entrando a lapa, fica á mão esquerda, no fundo da parede, uma concavidade por modo cascata com várias pedras, umas sobre outras, que vistas com luzes, representa aos olhos de cada um varias figuras: a mim só se me representou duas cabeças de pedra feitas pela natureza, uma branca, outra preta. Fronteiro a este vão, á direita de quem entra, tem outro vão na parede de cinco palmos e meio de fundo, e quatro de largo, onde dizem se achára *um pote quebrado,* e *varios pedaços de louça.* A lapa é tudo uma rocha unida a outra; bem no meio d'ella faz um intervallo, sem ter alguma descoberta, e faz ponto uma com a outra: tem este intervallo de largura seis palmos, e de altura desde o chão até ao ultimo remate dezaseis. Toda a rocha é de pedra liós branco rustico, tudo feito pela natureza. Tem as duas rochas, que formam a casa em roda, nove palmos de alto. A noticia d'esta descoberta chamou muita gente, que de toda a parte concorria a vêr aquella raridade; e como se achassem despojos de corpos humanos, lhe puseram guardas de dia, e de noite por ordem do juiz-de-fóra de Oeiras. Nestes tres dias nada mais acharam do que *ossos* e *algumas pedras*[1].»

[1] Opusculo citado, pag. 4 e 5.

Digitized by Google

A «lapa» ou gruta[1] está perfeitamente caracterizada nas palavras do folheto; eu a visitei tambem, e não ha dúvida que é uma gruta, aberta no calcareo, embora hoje modificada e alindada, e provída de altar com uma imagem da Virgem.

Que poderá ser senão prehistorica e funeraria uma gruta em que apparecem ossadas humanas, vasos de barro e «pedras lisas e arredondadas»? Quem tiver lido alguns dos trabalhos publicados a respeito

[1] *Lapa* é propriamente o que os geologos chamam um «abrigo debaixo de rochedo»; mas muitas vezes, na lingua corrente, toma-se como synonimo de *gruta* ou *cova*. Tenho a este proposito reunido varios textos na nossa litteratura antiga.

Digitized by Google

da Prehistoria convencer-se-ha immediatamente do que digo. Os antigos sepultavam, com os cadaveres dos seus amigos e parentes, os objectos que entendiam que a estes podiam utilizar na vida futura: vestuarios, armas, instrumentos, louças, comestiveis; é por isso que tanto nas antas como nas grutas funerarias encontramos frequentemente mobiliario abundante e variado. Na expressão «pedras lisas e arredondadas» devemos entender quaesquer instrumentos neolithicos, por exemplo, martellos, machados ou outros, pois tudo isso apparece nas sepulturas prehistoricas.

Ha outros factos que vem em apoio do que escrevo. Não só no terreno adjacente ao templo ha diversas grutas (no proprio jardim creio haver uma, e vêem-se várias em ambas as margens da ribeira de Jamor), mas tem-se tambem encontrado em algumas d'ellas objectos prehistoricos. A Direcção dos Trabalhos Geologicos mandou já em tempo fazer por alli explorações; no respectivo Museu se encontram, provindos de lá, fragmentos ceramicos e instrumentos neolithicos. O nosso collaborador Antonio Mesquita de Figueiredo procedeu igualmente, ha pouco tempo, a algumas pesquisas em tres grutas; se uma d'ellas não deu nada, duas deram fragmentos de instrumentos de pedra, do periodo neolithico.

Portanto a gruta, que hoje está consagrada a Nossa Senhora, não constitue um exemplo isolado de sepultura prehistorica, antes se relaciona com outras grutas, devendo ter existido por aquelles sitios, em eras remotas, um ou mais povoados, de que a actual aldeia de Carnaxide será ainda acaso uma descendencia.

*

Seguidamente ás palavras que a cima transcrevi do opusculo, relata-se que appareceu na gruta «uma pequena imagem de Nossa Senhora da Conceição, com um manto de seda muito velho, côr de obrêa desmaiada, e uma espiguilha de prata á roda, já muito velha, cujo manto estava pegado á pedra[1]».

Como este facto é referido a uma data precisa e muito moderna, 31 de Maio de 1822, não posso dizer se realmente alguem se lembrou de ir collocar na gruta a imagem da Virgem, para depois se acreditar no apparecimento espontaneo, se, trabalhando sobre innumeros factos

[1] Pag. 6.

Digitized by Google

da mesma natureza, transmittidos pela tradição oral e pelos sermões, e archivados nos agiologios, a imaginação do povo criou de per si a lenda do apparecimento.

Isto porém pouco importa, porque lendas como estas ha muitas; apenas desejei verificar a realidade da sepultura prehistorica.

Um caso que se observa a cada passo nas lendas d'esta natureza é a fuga da imagem para o local em que ella *quer* que lhe ergam um templo. Na lenda de Carnaxide não se deu exactamente isto, mas deu-se um caso em que ha tal ou qual mysterio: «No sabbado, primeiro de Junho, pela 1 hora da tarde, se achou a Senhora furtada, não podendo descobrir os guardas quem fosse o que a tirou. Na segunda feira 3 veiu a justiça proceder a devassa sobre o facto do furto da Senhora. No dia 4 porém terça feira, vindo dois lavradores pela manhã ferrar dois bois, um de Linda-a-Pastora, chamado João Pardal, outro de Linda-a-Velha, chamado Manoel Antunes, observaram que um dos bois roçando-se por uma oliveira, que estava em pouca distancia da lapa que fica dita, parára: olharam, e então viram a mesma Senhora no buraco da dita oliveira, gritaram aos guardas, dizendo que ali estava a Senhora: vieram elles, e ficaram de guarda naquelle logar, indo logo o juiz-da-ventena do lugar de Linda-a-Pastora, Miguel José, dar parte ao juiz de fóra de Oeiras do succedido. No emtanto que elle foi, Quintino Franco pegou na Senhora para a beijar; e quando depois a quis pôr no seu logar, não se podendo segurar direita como estava, foi comprar uma fita, e atou a Senhora á oliveira, pregando a fita com uns alfinetes. Veio tambem a devota Isidora, e pôs para ornato na mesma oliveira uma medalha, e velas accesas, e estiveram neste pouco tempo dando culto á imagem collocada na oliveira. Chegando pouco depois o juiz-da-ventena com a ordem do juiz-de-fóra para pôr a Senhora no logar onde se tinha visto a primeira vez, elle mesmo a foi collocar. Nesse dia á noite lhe mandou a devota Isidora a lanterna que já disse, com azeite para estar sempre alumiada[1].»

O povo facilmente acredita em maravilhas sobrenaturaes, para o que concorrem differentes circumstancias, como são, alem da tendencia ingenita, a pouca educação intellectual, e a provisão de lendas que passa de paes a filhos: por esse motivo, em breve a Senhora de Carnaxide teve culto fervoroso.

---

[1] *Opusc. cit.*, pag. 6 e 7.

Digitized by Google

Começam a dar-se logo milagres:

«São muitos, e admiraveis os beneficios que os fieis confessavam terem recebido das mãos de Deus por intercessão de sua Mãe Maria Santissima. Entre elles tem logar Anselmo Rodrigues do Cabo, de Linda-a-Pastora, casado, e na idade de trinta e seis annos, que, tendo estado entrevado, vindo em muletas á lapa ou gruta da Senhora, se pegou com tanta fé, que sahiu de lá já com melhoras e se achou inteiramente bom[1].»

Como consequencia natural, affluem os *ex-votos*:

«Pendentes da parede d'aquella pobre lapa se viam testemunhos da gratidão, e de reconhecimento dos fieis, pernas, braços, e corpos de cêra, um annel, dois mantos bordados, duas corôas de prata, e, apesar de estar sempre alumiada de dia e de noite, tanto com cêra como com azeite, tinha muita cêra de reserva que a toda a hora estava entrando pela lapa[2]».

Effectivamente podem não raro dar-se *milagres:* se elles para a crença são factos normaes, para a sciencia ás vezes não o são menos, pois esta os explica; e explicavel póde ser por *suggestão* (medicamente fallando) o do entrevado, que vae de muletas rezar a Nossa Senhora, porquanto, se o entrevamento resultasse de uma paralysia meramente funccional, a cura nada tinha de extraordinario, assim por influencia de uma forte emoção[3].

*

A estampa, que é cópia de uma gravura feita com certa ingenuidade, representa tudo o que fica exposto: em baixo, no olival, a corrida dos rapazes, com a cadella, atrás do coelho, vendo-se no ar o melro adejando; em cima, a gruta, com a imagem da Virgem da Conceição no altar, rodeada de ex-votos (cabeças, bustos, um braço, pernas, seios, muletas), estando no chão, de joelhos, ao lado das

---

[1] *Opusc. cit.*, pag. 7 e 8.

[2] *Opusc. cit.*, pag. 7.

[3] Tambem na *Descripção de um prodigio raro,* pag. 11, e na *Narração da descuberta,* pag. 22, se citam outros casos de paralysia curados, um d'elles logo, o outro dentro de 24 horas. A respeito de curas analogas junto do tumulo de S. Luis em França, attribuidas a acção maravilhosa, vid. Littré *Médecine et medecins,* 3.ª ed., pag. 111 sqq.; a respeito de curas da mesma natureza, operadas por suggestão therapeutica, vid. Mont'Alverne de Sequeira, *Hypnotismo e suggestão,* 1.ª ed., pag. 187 sqq.

Digitized by Google

ossadas e instrumentos prehistoricos, tres fieis em oração; para nada faltar, o artista figurou fóra da gruta, á direita, o templo, á esquerda uma nesga da paisagem de Carnaxide, em que avulta, como parte integrante e caracteristica, um moinho de vento, com as suas velas armadas.

*

Escrevendo este artigo, não tenho por fim despertar polemica, nem abalar a consciencia dos crentes, porque respeito e acato a fé, quando sincera; mas não posso deixar de expôr os factos taes como a investigação scientifica, do mesmo modo sincera, me levou a apresentá-los.

J. L. de V.

Notas archeologicas

Tendo-me um assignante d-*O Archeologo* perguntado qual a epocha a que pertencem as sepulturas abertas em rocha, e a que data remontam os primeiros enterramentos nas igrejas, eis o que, no pouquissimo tempo de que posso dispor, se me offerece responder.

1. Sepulturas abertas em rocha

Desenhos de sepulturas abertas em rocha vejam-se no *Relatorio* da Expedição scientifica da Sociedade de Geographia á Serra da Estrella, —*Secção de Archeologia*—, est. IX; no meu *Portugal prehistorico,* pag. 53; nos *Lusitanos e romanos* de Ferraz de Macedo, pag. 10, n-*O Archeologo Português,* pag. 9.

Na *Revista de Guimarães,* II, pags. 198 e 199, faz o Sr. Martins Sarmento algumas considerações em relação á epocha a que essas sepulturas pertencem. Com quanto diga que tal epocha é incerta, inclina-se a crer que será a christã.

Tenho visto muitas sepulturas abertas em rocha, — em Trás-os-Montes, no Entre-Douro-e-Minho, na Beira, na Estremadura e no Alemtejo, mas, como nenhuma contém inscripções, e todas estavam já devassadas, nada certo pude averiguar da civilização a que pertencem. As razões que dá o Sr. Sarmento para chegar a formular a sua hypothese tem algum fundamento; todavia na Beira-Alta, em mais de uma localidade, encontrei sepulturas d'aquella especie em campos, onde não ha vestigios de templos christãos, e onde pelo contrário se encontram em abundancia telhas de rebôrdo (romanas).

Digitized by Google

O Sr. Márques Rosa escreveu n-*O Combate,* de Alvaiazere (n.os 1 a 7, 1894), uns artigos em que se refere a sepulturas de Alvaiazere, abertas em rocha, mostrando que essas são christãs, pois numa encontrou um crucifixo de madeira.

Para resolver a questão por completo, em relação ao conjuncto das sepulturas do país, é preciso ainda esperar por novos materiaes archeologicos.

2. Enterramentos em igrejas

Quanto á origem dos cemiterios christãos em geral, lê-se o seguinte no livro de A. Marignan, *La foi chrétienne au quatrième siècle,* Paris 1887, pag. 101:

«Le chrétien ... a établi ses nécropoles à côté de celles des Juifs, voisines des tombeaux païens, sur les voies mêmes les plus fréquentées. Nous croyons qu'on a exagéré l'ancienneté des cimetières et qu'il n'en est pas un seul, qui remonte au delà de la fin du IIe siècle». Trata-se dos cemiterios subterraneos.

Em português escreveu o Sr. Pereira Caldas um folheto intitulado *Os cemiterios christãos em sua origem,* Braga 1879, superficial como tudo quanto acode aos bicos da penna do encyclopedico e indefesso professor decano do lyceu bracarense. Cita-se ahi uma inscripção que se diz romana, e da Idanha, para se mostrar que data de longe o costume de collocar os tumulos junto dos templos (neste caso, templo pagão); comtudo o Sr. E. Hübner, no *Corpus Inscriptionum Latinarum,* vol. II, n.° 57*, não se decide abertamente pela authenticidade da inscripção.

No concilio de Braga de 563, canon 18.°, prohibe-se sepultar nas igrejas, ou quando muito, permitte-se a sepultura junto dos muros das igrejas: vid. *Collectio conciliorum Hispaniae,* Madrid 1593, pag. 122; e cfr. Hefele, *Histoire des conciles* (trad. fr.), pag. 555 sqq.

Sobre as mais antigas sepulturas christãs, de data certa, conhecidas em Portugal, vid. *O Archeologo Português,* pags. 7 e 8.

Do anno de 1286 ha um documento citado por João Pedro Ribeiro, nas *Reflexões historicas,* I, 44, do qual consta um enterramento dentro de igreja.

Do anno de 1345 ha outro documento, citado pelo mesmo A., nas *Dissertações chronologicas,* III–2, pag. 175, em que se falla de sepulturas «nas Egrejas e Adros».

Do anno de 1374 ha outro documento tambem citado por J. P. Ribeiro nas *Reflexões historicas,* I, 28, em que se falla de um enterra-

Digitized by Google

mento dentro do *cabido* de um mosteiro, junto de um altar[1]; ha ainda um documento de 1253, mencionado nas *Dissertações chronologicas,* v, pag. 12, em que se falla de sepulturas em *igrejas,* mas aqui talvez se deva tomar esta palavra como synonima de *mosteiro;* no mesmo caso está, creio eu, o documento de 1182 citado por Viterbo in *Elucidario,* i, s. v. *familiares.*

J. L. de V.

Antas nos concelhos do Crato, Niza e Castello de Vide

Para corresponder ao convite feito no n.º 3 d'esta revista, relativamente a umas antas que se dizia existirem proximo de Flor-da-Rosa, entre Crato e Aldeia-da-Matta, tratei de apurar o que havia de verdade a tal respeito, obtendo os esclarecimentos que passo a referir.

Eram tres essas antas, mas presentemente só existe uma.

A primeira estava num sitio denominado Entre-as-Aguas, a noroeste de Flor-da-Rosa, de que distava um kilometro. Só restam d'ella duas pedras dentro de um espesso silvedo, onde é difficil penetrar.

A segunda ficava a sessenta metros, ao norte da estrada de Aldeia-da-Matta para Flor-da-Rosa, distante d'esta ultima povoação dois kilometros. Estava situada na courella ou terra do Torrico, dentro do couto de Valle-de-Figueira. Os unicos vestigios d'ella são muitas pedras miudas ou fragmentos de granito.

A terceira é a unica que tem ficado incolume até hoje. Distará apenas um kilometro de Aldeia-da-Matta e uns quinhentos metros, para Sul, do caminho já referido, e está situada no couto dos Pucarinhos, pertencente ao Sr. João Manuel Gouveia. É enorme, e considerada a maior das antas que ha por esta parte do Alemtejo-Norte.

O seu perimetro, internamente, mede $14^{m},31$, junto da base, havendo entre esta e o pavimento exterior uma grande differença de nivel, o que alguns attribuem, não a quaesquer explorações scientificas para o estudo da archeologia prehistorica, mas sim ao preconceito, mantido pela tradição popular, de existir alli uma mina ou *thesouro escondido,* que a todo o custo convinha desentranhar da terra.

---

[1] Este documento e o do anno de 1286 vem tambem referidos no opusculo do Sr. Caldas.

Digitized by Google

O fosso, porém, aberto para o lado de Flor-da-Rosa, e protegido por quatro grandes pedras, estabelece com plausibilidade a presumpção de que pouco mais ou menos sempre assim se tem conservado, por isso que parece destinado a evitar um desabamento.

Das sete pedras verticaes de que consta a anta, a maior, vista do lado de Aldeia-da-Matta, exteriormente apenas mede $1^m,70$, ao passo que da parte de dentro mede $3^m,20$, sendo, portanto, de $1^m,50$ aquella differença de nivel, ou mais ainda, porque a base do *pôço* não é plana, mas concava.

A pedra horisontal mede de comprimento $4^m,50$ e na sua maior largura $3^m,42$, e assenta só em tres das pedras verticaes.

Pela incompleta descripção que fica feita, infere-se que a *Anta de Aldeia-da-Matta* não é certamente das que menos interesse deve despertar aos archeologos do nosso país.

Alem de outras antas no concelho do Crato, consta-me que ha uma no couto do Madraço, a Sudoeste da villa do Crato, duas em Valle-do-Freixo, a Sueste, um pouco a deante da estação do Crato, e outra na tapada do Currial, a Leste.

Um exemplar, em magnifico estado de conservação, é tambem a *Anta de S. Gens,* na folha da Ceiceira, freguesia de Nossa Senhora da Graça de Niza, distando d'esta ultima villa uns oito kilometros e da de Gafete quatro a cinco kilometros. Fica proximo da capella de S. Gens, a pequena distancia, para poente, do caminho de Nisa para Gafete, e a Norte da ribeira do Sor.

Nas immediações do lazareto de Castello-de-Vide ha uma outra anta, muito mais pequena do que a de S. Gens.

Não me consta que esta ultima tenha sido explorada, comquanto haverá vinte annos, estando aqui o Sr. José Victorino Damasio Ribeiro, filho do fallecido Carlos Ribeiro, fosse visitada por um archeologo, amigo d'aquelle cavalheiro.

Niza, Julho 1895. Julio Basso.

«.... o conhecimento de cousas varias e remotas da nossa idade, em certo modo autoriza os homens, alem de os fazer sabios, e prudentes; e, se elle é das do reino em que nasceram, tanto é mais digno de louvar, quanto mais se estranha nam saber as cousas de casa, e ser peregrino na propria patria.»

G. Estaço, *Várias antig. de Port.,* prol., § 12.

Digitized by Google

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os assignantes em divida a finesa de mandarem satisfazer, com a possivel brevidade, as suas assignaturas, **em vales do correio ou estampilhas,** a fim de não soffrerem interrupção na remessa dos numeros seguintes.

Lembramos que toda a correspondencia nesse sentido deve ser dirigida, não ao redactor d'esta revista, mas a **J. A. Dias Coelho, Imprensa Nacional.**

Digitized by Google

EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.°, do formato d'este prospecto, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Anno	1$500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa.*

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em estampilhas ou em vales do correio, ser dirigida a **J. A. Dias Coelho**, para a *Imprensa Nacional de Lisboa.*

Á venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

Digitized by Google

VOL. I NOVEMBRO DE 1895 N.° 11

RECEIVED
APR 7 1911
PEABODY MUSEUM.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1895

Digitized by Google

SUMMÁRIO

Archeologia Eborense.

Notícia de algumas estações romanas e arabes do Algarve.

Cabrinhas ou bodes de bronze.

Notícias várias.

Objecto da numismatica.

Cadeira de archeologia christã em Santarem.

Nota a uma inscripção christã de Mertola.

Anta do Pinheiro do Campo.

Vaquinha de bronze romana.

Acquisições do Museu Ethnographico Português.

Tijolos romanos em fórma de quadrante.

Informações archeologicas colhidas no «Diccionario Geographico» do P.e Luis Cardoso.

Este fasciculo vae illustrado com 10 estampas.

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. I NOVEMBRO DE 1895 N.º 11

Archeologia Eborense [1]

(Vide pag. 281)

8. As ruinas do antigo convento de S. Francisco

Tem continuado as demolições e excavações para a transformação d'essas ruinas em elegantes e commodas edificações, com que o prestante cidadão o Sr. Dr. Francisco de Barahona tenciona dotar esta cidade, attenuando por esta fórma a falta de casas de habitação que ella tem, e concorrendo para o aformoseamento de um dos seus bairros.

Nessas demolições e excavações tem apparecido, promiscuamente com ossadas humanas, muitos objectos de ceramica e diversas curiosidades. O grande numero de ossadas, em sitios onde existiam ou existem edificações, leva a crer que estas foram levantadas em terreno que havia servido para inhumações, anteriormente á ampliação do edificio do convento. Os objectos de ceramica (pratos com lettras azues em campo branco; pucaros, infusas, etc., de barro), de fórma e feitios diversos, encontrados com ossos e terras, fazem pensar se não seriam esses objectos collocados intencionalmente com os corpos nas sepulturas.

Sabe-se que era uso do paganismo sepultar os seus mortos com vasos de barro, de vidro, etc., e que, durante algum tempo, os christãos seguiram o mesmo uso. Muito conviria que se estudasse a razão da existencia de tão grande porção de ceramica, grande parte ainda em perfeito estado de conservação, no local onde tem apparecido.

---

[1] [Artigo reproduzido d-*O Diario de Evora*, 1895, n.º 327].

Digitized by Google

Alguns cantaros de barro, de feitio hoje desconhecido na localidade, foram encontrados (dois exemplares estão depositados na Bibliotheca Publica) mettidos nos entulhos existentes nos rins das abobadas de berço, que cobriam o claustro. Estes cantaros seriam por certo empregados com o fim de não carregar as abobadas com excessivo pêso, sem comtudo deixar de se ter o aterro necessario para o assentamento do ladrilho do pavimento superior ás mesmas.

Appareceram tambem sandalias de frades franciscanos (hoje por muitos desconhecidas); moedas de ouro e de prata (embora poucas) de D. João II e de D. João V; cruzes de marfim de rosarios, veronicas e infinidade de outras cousas, muitas d'ellas sem grande importancia.

Com as excavações se descobriu, do lado da rua do Paço, uma entrada com degraus, para uma casa (situada no prolongamento da capella dos ossos) com columnas de marmore branco. Esta casa correspondia a uma entrada, revestida com columnas e arcada, no segundo pavimento do predio que se diz ser destinado pelo Sr. Dr. Francisco de Barahona para Asylo da Infancia Desvalida, que constituia a ala sul do antigo convento, que por vezes fôra occupado pelos nossos monarchas antes da construcção do seu vasto e formoso palacio (a imaginar pela sua descripção e restos existentes). É de suppor que fosse essa casa uma das entradas para o paço, e que, deixando os monarchas de vir a Evora, os frades a entulhassem para prolongamento da parte superior á capella dos ossos, occupada por cellas, ou para inutilizar uma entrada para elles desnecessaria.

As diversas peças de cantaria, que se encontram enterradas nas alvenarias das paredes, levam a crer que o edificio do convento tambem havia sido construido com esmêro como o fôra o templo, e que, com o andar dos tempos, foram as bellezas da edificação mascaradas ou damnificadas com as construcções de occasião, em que só era attendida a conveniencia da communidade.

Do que foi feito em tempos antigos, e que ainda conserva a sua belleza e imponencia primitivas é, como se vê, o templo, obra de Martim Lourenço, que á generosidade do Sr. Dr. Barahona deverá a sua conservação.

Com as cantarias lavradas, as columnas e capiteis encontrados, com as lindas janellas geminadas do estylo manuelino saídas das paredes demolidas, e com as differentes ceramicas formar-se-hia (numa das casas terreas da Bibliotheca de Evora) uma secção complementar do Museu Cenaculo, que sería de grande auxílio para o estudo da arte nacional em Evora.

Digitized by Google

Apesar da sua utilidade, talvez essas bellas reliquias do passado cheguem a perder-se, como muitas se tem perdido, se... S. Francisco não fizer o milagre que fez para a conservação da linda e arrojada igreja do seu extincto convento.

C. da Camara Manoel.

Notícia de algumas estações romanas e arabes do Algarve

8. Antiguidades do concelho de Lagos

(Continuação de pag. 212)

Estacio da Veiga tinha proclamado a primeira idade do ferro em uma necropole da Fonte-Velha, a 1 kilometro aproximadamente de Bensafim, onde dizia ter encontrado, entre outros artefactos, fragmentos de louças de barro. Estas louças tinham bastante importancia para nós; e por isso, sendo-nos facilitada pelo digno prior a exploração do sítio, concentrámos alli todos os nossos esforços.

As pesquisas foram quasi todas feitas fóra da área já explorada por Estacio da Veiga; área que nos foi determinada pelo nosso excellente guia. Os resultados colhidos, quanto á necropole prehistorica, não pertencem a este escripto. Mas, para chegarmos a essa necropole, tivemos de atravessar uma necropole romana por incineração, que estava situada superiormente; e nós aproveitámos o ensejo de explorar tambem esta interessante estação. D'ahi uma serie de observações que estão no quadro d'este estudo, e que nos parecem de alguma importancia.

O espaço de terreno por nós explorado fica contiguo pelo Norte, Oeste, Sul e ao Sueste da exploração anterior; e não será talvez muito inferior a este. Estacio da Veiga pôs a descoberto 17 sepulturas prehistoricas: nós descobrimos 13 do mesmo typo e uma de typo diverso, estando, todavia, esta última e duas d'aquellas na área das explorações do nosso predecessor.

Encontrámos restos consideraveis de 16 urnas funerarias (*ollae cinerariae*) disseminadas pelo terreno, e mais algumas manchas de carvões e cinzas com fragmentos dispersos de outras urnas.

O nosso illustre predecessor notára que a disposição dos depositos, contendo as cinzas, carvões, urnas e objectos votivos, era em monticulos. Nós tambem encontrámos no seio da terra 14 manchas de

Digitized by Google

carvões e cinzas vegetaes, com espessuras variaveis, quasi todas isoladas, envolvendo urnas cinerarias; e pareceu-nos que essas manchas, mais largas na sua base, e tendo as urnas no meio, podiam bem, no seu conjuncto, dar a ideia de monticulos.

Esta disposição indicará que a cremação de cada corpo era operada no proprio local em que se sepultavam as respectivas cinzas dentro da urna? A hypothese poderá parecer inverosimil, em vista dos usos romanos geralmente conhecidos pela historia e pela archeologia. Quem tomar como guia, por exemplo, o bello diccionario de antiguidades de Rich, dirá que a cremação devia ser feita em algum *ustrinum* proximo; e que, sob este ponto de vista, teria sido interessante averiguar se os alicerces da construcção quadrangular, que Estacio da Veiga encontrou no terreno por elle explorado, seriam restos dos muros que cercavam esse recinto. De facto aquelle escriptor ensina que a incineração era praticada em um logar publico, apropriado por meio de obras de arte a esse fim, a que dá o nome de *ustrinum,* ou no recinto do proprio tumulo que tinha de receber as cinzas, onde o sítio da cremação tomava o nome de *bustum,* e que só era dado a pessoas ricas. Não possuindo a pobre gente da Fonte-Velha tumulos alguns, é claro que só a hypothese do *ustrinum* poderia, segundo as ideias de Rich, ser-lhe applicada.

Outros auctores, tratando-se de um e outro d'estes logares, de que restam vestigios em Pompeia, os designam ambos por *ustrinum,* chamando *bustum* á pyra consumida; e dizem que o da Via Appia, proximo de Roma, descoberto por Piranezi, tinha no meio uma fossa onde se fazia a incineração. «Cada localidade, dizem elles, possuia um logar especial para a incineração, chamado *ustrinum,* e até, se as leis policiaes se não oppunham, cada sepultura de familia tinha um *ustrinum* privativo [1]».

Mas, se na Fonte-Velha a cremação se fazia em um *ustrinum* publico, como explicar na necropole a presença das manchas de carvões e cinzas vegetaes? Serão os restos da pyra trazidos do *ustrinum* com as urnas contendo as cinzas dos mortos, e depositados junto d'ellas? Difficil é a resposta, attendendo ao que se sabe geralmente das praticas funebres dos romanos.

Eis o que resumimos, a respeito d'estas praticas, de alguns auctores que nos são mais familiares. Nos funeraes dos riocs as brasas eram apagadas com vinho; os parentes, lavando as mãos, recolhiam

[1] Guhl e Koner, *La vie antique,* Roma, pag. 134 e 135, 493 e 494.

Digitized by Google

os ossos e cinzas do cadaver nos pannos das suas vestes; aspergiam-nos com leite e vinho; e, depois de os seccarem, é que os encerravam nas urnas com substancias aromaticas, e os depositavam nos tumulos. No nono dia immediato havia um banquete com sacrificio junto ao tumulo (*novemdialia*), e pelo anniversario da morte tambem se sacrificava aos Manes do defuncto[1]. É certo, porém, que no tumulo de Naevoleia, em Pompeia, foram descobertas duas urnas cinerarias de vidro, hermeticamente tapadas, em que os ossos e cinzas fluctuavam num líquido que, pela analyse chimica, se reconheceu ser uma mistura de agua, vinho e azeite, proveniente das libações; o que permitte modificar um pouco as praticas enunciadas[2].

Como se procedia com os pobres, taes como os da necropole da Fonte-Velha, é caso mais escuro, se attendermos ás poucas noções que nos dão os auctores que nós conhecemos. Eis a que se limita, por exemplo, Bridault, escriptor do seculo passado: — «Il avoit des endroits hors des murs de Rome où l'on brûloit les corps des personnes du commun, ce qui se faisait à peu de frais & sans beaucoup de cérémonies». Referindo-se aos sacrificios feitos nos anniversarios da morte, acrescenta: — «Les petits faisaient aussi cet anniversaire à leur manière & suivant leurs moyens[3]». Entre os mais modernos, Legrèze apenas diz o seguinte: — «nul parfum précieux n'était répandu sur le bûcher funèbre, où l'on ne jetait qu'un peu de poix pour activer la flamme. Si, dans une épidémie, les décès étaient nombreux, on entassait plusieurs corps qu'on brûlait à la fois[4]».

D'este modo, quanto ás outras praticas populares, temos de resignar-nos a affrontar os difficeis problemas que suggerem os vestigios encontrados na necropole da Fonte-Velha e em outras semelhantes, como era, por exemplo, a que se descobriu em Pompeia, fóra da Porta de Nola, que parece pertencer á epocha decorrida entre Pompeu e o fim do reinado de Tiberio[5].

Ora entre os factos que foram verificados por nós no acto da exploração, convem notar primeiramente os seguintes: que se encontraram duas urnas sem estarem associadas a manchas negras no terreno circumdante; que foram encontradas tres outras urnas, todas fendidas,

---

[1] *Ob. cit.*, pags. 494 e 495.
[2] *Pompei, les catacombes, l'Alhambra*, pag. 88.
[3] *Pompeia*, por E. Breton, pag. 98.
[4] *Mœurs et coutumes des romains*, t. I, pags. 250 e 255.
[5] *Pompeia*, por E. Breton, pag. 115.

Digitized by Google

mas conservando todos os fragmentos adherentes á pasta interna, que era negra, as quaes estavam cercadas de manchas negras de carvão vegetal; — e que todas as restantes urnas, a que faltavam muitos fragmentos, se denunciaram por manchas semelhantes.

Para estas ultimas a hypothese de remeximentos occorre sem difficuldade; mas não basta para resolver o problema. Nós observámos que as massas de carvões e cinzas eram tão grandes em relação ao que podiam conter as urnas, que a dispersão do conteudo d'estas não podia ser a sua unica causa: tanto mais porque em muitas das manchas do solo se recolheram porções consideraveis das pastas cinerarias, conservando tambem externamente adherentes grandes porções das urnas em fragmentos, e internamente diversos vasos de vidro, uns inteiros e outros partidos.

Parece, pois, que taes urnas tinham estado em condições analogas ás das segundas, isto é, tinham sido depositadas no meio de carvões e cinzas vegetaes. Assim, para estes dois grupos, a causa da presença das manchas negras do solo foi a mesma; e essa causa representa uma prática geral, pois que só parece não ter sido seguida quanto ás duas primeiras urnas a que nos referimos.

Outro facto de maior importancia foi tambem reconhecido por nós. Alguns dos fossos que haviam sido abertos para sepultar as urnas, apresentavam no fundo vestigios de um fogo intenso. Os homens da necropole superior, encontrando por vezes nessas excavações as lages que cobriam as sepulturas da necropole inferior, levantaram-nas e partiram-nas, fazendo descer as escavações dentro d'estas sepulturas até $0^{m},10$ e $0^{m},20$ dos topos dos supportes ou lages verticaes, que nesta parte ficaram inteiramente a descoberto; e um fogo fortissimo atacara profundamente estas lages, desaggregando-lhes diversas parcellas. Vestigios semelhantes encontramos em fragmentos das lages da cobertura dispersos pelo entulho.

Isto prova, a nosso ver, que a causa dos carvões e cinzas vegetaes que cercavam as urnas, fôra esse fogo violento feito no *proprio local* de cada sepultura.

Este resultado tem um grande alcance para nós. Só a incineração dos corpos exigia fogo tão intenso: nem sacrificios, nem banquetes funebres podiam explical-o. Os ensaios de cremação, que se têem feito, demonstram que é necessaria uma forte combustão, mantida durante muitas horas, para reduzir um cadaver a cinzas; e este fogo violento chega a calcinar as proprias rochas que ficam sujeitas á sua acção destruidora. D'este modo somos levados a admittir que, para cada morto, era aberto na terra um fosso com dimensões sufficientes,

Digitized by Google

o qual servia de *ustrinum* e de sepultura. Incinerado alli o corpo, como na fossa do *ustrinum* da Via Appia, recolhiam-se as respectivas cinzas na urna, e, juntando-se em uma parte do fosso os restos da pyra, a urna era depositada no meio d'elles.

Mas as duas urnas que não jaziam no meio de carvões e cinzas? Para estas é forçoso admittir que os mortos foram incinerados fóra das sepulturas.

A explicação que damos ás manchas do solo será talvez tida por ousada, mas não deixa de ter apoio em observações feitas noutros logares. Como na necropole luso-romana da Fonte-Velha, se procedeu na necropole gallo-romana de Poitiers. Pelos relatorios das escavações feitas nesta ultima por conta do governo francez, sabemos que muitas das sepulturas por incineração consistiam em fossos com a grandeza de homem, ou aproximadamente circulares com um metro de diametro, abertos na rocha, dentro dos quaes se achavam cinzas, ossos queimados, restos de ceramica e de vasos de vidro; e outras consistiam em urnas de vidro ou de barro, contendo os ossos queimados, e que se achavam enterradas isoladamente. Estas ultimas fizeram pensar em um *ustrinum* onde devia ter-se effectuado a cremação; mas tendo-se verificado que o fundo e paredes dos fossos abertos na rocha estavam fortemente calcinados, concluiu-se que cada corpo fôra incinerado na propria sepultura, umas vezes em posição horisontal e outras em posição vertical. Só para as urnas isoladas subsistia a hypothese de um *ustrinum* ou logar proprio de incineração, se é que esta não era praticada ao lado de cada sepultura.

*

É notavel que na nossa necropole não apparecesse sepultura alguma por inhumação. Na referida necropole gallo-romana o uso da incineração coexistiu com a da inhumação. De 125 sepulturas descobertas no terreno do Estado 73 eram por incineração e 52 por inhumação, pertencendo ás mesmas epochas as moedas encontradas em umas e outras.

O uso exclusivo da incineração pela gente da Fonte-Velha, que comprehendia homens de armas e pessoas da plebe, comparado com o da inhumação observado no estabelecimento agricola de Marim, onde as sepulturas não continham armas nem o mobiliario de vidro, bronze ou barro fino que recolhemos na necropole de que tratamos, faz pensar que esta pertenceria a pessoas livres.

Digitized by Google

Devemos, porém, advertir que em Poitiers algumas sepulturas por inhumação eram tão pobres como as de Marim: não continham vasos de vidro, nem outro mobiliario, alem de pregos e algum vaso de barro. A sua construcção era até muito semelhante ás de Marim. Por isso a distincção feita entre as duas necropoles do Algarve não passa do dominio das hypotheses, que novas descobertas em Portugal poderão confirmar ou destruir.

(Continúa.) A. dos Santos Rocha.

Cabrinhas ou bodes de bronze

Ha vinte annos, ou mais, foi achada no Redondo, districto de Evora, uma figura de bronze, que representa uma cabra. D'essa figura diz Filippe Simões:

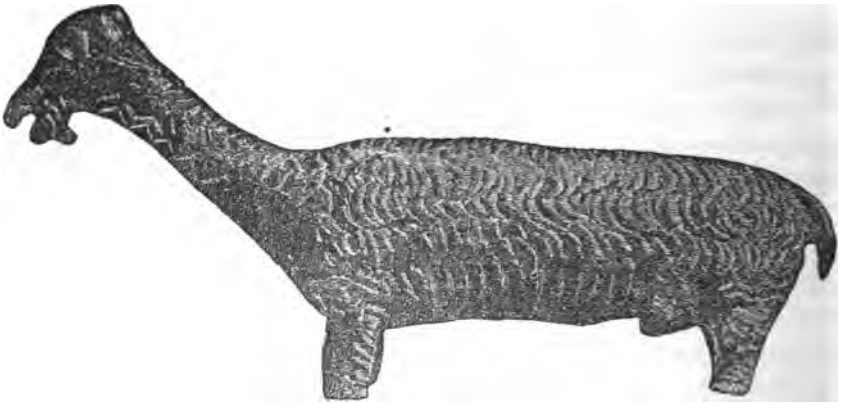


Fig. 1

«A cabra encontrada no Redondo, e pertencente hoje ao Sr. Dr. Sanches da Gama, appareceu, juntamente com moedas romanas e vasos de barro, debaixo de uma pedra, perto da villa . . . . . O possuidor da cabrinha conserva tambem algumas das moedas, que diz serem do imperador Filippe. O individuo que fez o achado insiste em que todos estes objectos estavam juntos debaixo da mesma pedra . . . . . O sitio do achado foi junto de certo ribeiro, distante um kilometro de Montoito [1]».

---

[1] *Introducção á Archeologia da Peninsula Iberica*, pag. 124, nota.

Digitized by Google

Aqui se dá uma gravura (fig. 1), segundo uma photographia (em tamanho natural)[1].

*

Em 1886 achou-se por acaso na ribeira do Vascão, freguesia de Santa-Cruz, concelho de Almodovar, outra cabrinha de bronze, hoje possuida pelo Sr. João Manoel da Costa, de Mertola, a cujo obsequio devo o poder dar aqui uma estampa (em tamanho natural), segundo um desenho do Sr. Maximiano Apollinario (fig. 2):

Não appareceu com ella mais objecto algum, pelo qual se possa determinar precisamente uma epocha.

Fig. 2

*

No Gabinete Archeologico da Bibliotheca de Evora existem tambem tres figurinhas de bronze, que representam cabras ou bodes, provenientes do Alemtejo.

Duas d'essas figuras foram publicadas por Filippe Simões na *Introducção á Archeologia,* pag. 125, e por E. Cartailhac em *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal,* pag. 301. Todas tres foram publicadas por Estacio da Veiga nas *Antiguidades do Algarve,* vol. IV, est. XXVI, d'onde as reproduzo para aqui (figs. 3, 4 e 5).

[1] Agradeço ao Sr. Dr. Simões de Castro o ter-me obtido de emprestimo a cabrinha para se tirar a photographia.

Digitized by Google

*

No Gabinete Numismatico da Bibliotheca Nacional de Lisboa existem mais duas figuras, que representam cabras: uma igual á do Redondo, de que se fallou a cima, só com uma lamina adherente aos pés (porque a do Redondo está quebrada), como a da fig. 5; outra menor, de outro estylo, e tendo no dorso um espigão, em que devia entrar um objecto, talvez uma figura humana. A primeira foi depositada pelo Sr. Dr. Teixeira de Aragão, que me disse constar-lhe ter sido achada em Viseu; todavia sou levado a crer que ella proveiu tambem do Alemtejo. A outra foi por mim comprada em 1889 em Beja para a Bibliotheca Nacional de Lisboa, e disse-me o vendedor que ella apparecêra nos entulhos das muralhas da cidade.

Fig. 3

Os objectos mencionados pertencem pelo menos a tres estylos; os que revelam mais perfeição são o do Redondo e o outro objecto igual. Os restantes objectos mostram bastante rudeza artistica. Se as infor-

Digitized by Google

mações colhidas por Filippe Simões á cêrca da cabrinha do Redondo são exactas, podemos attribuir essa figura e a outra igual á epocha luso-romana. Da epocha dos outros objectos nada posso dizer ao certo; todavia não repugna attribui-los tambem á epocha romana ou á immediatamente anterior, como vamos ver.

Que significam todos esses animaes? Em Cáceres, na Hespanha, appareceram tambem duas figurinhas de bronze, que representam cabras ou bodes. De ambas publicou estampas o *Boletin de la R. Academia*

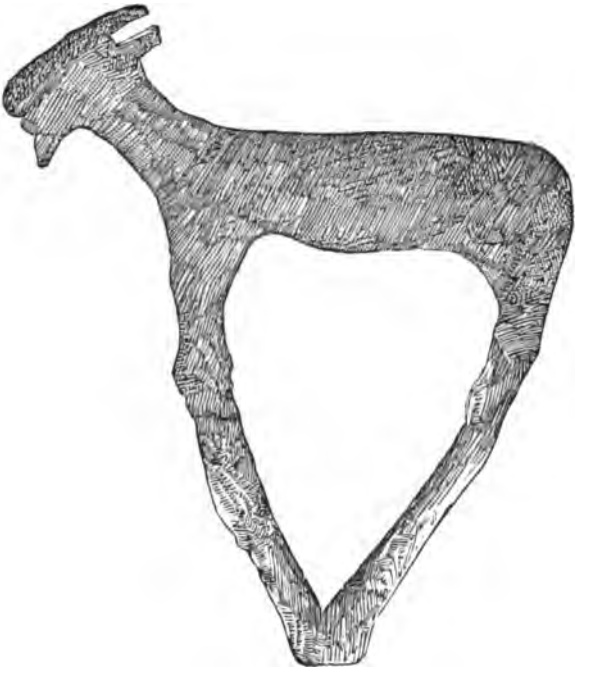


Fig. 4

de la Historia de Madrid, mas só pude ver a estampa que sahiu no vol VI, 430–431[1]. O facto mais importante porém consiste em que aos pés d'estas figurinhas adherem laminas com inscripções consagradas á deusa lusitana Adaegina, a que já me referi n-*O Archeologo Português*, pag. 246. *Adaegina* era, como lá digo, synonimo de *Prosérpina*. A disposição dos animaes representados nas fig. 3, 4 e 5, e do outro que existe na Bibliotheca Nacional analogo ao do Redondo

[1] As inscripções foram publicadas no *Corp. Inscr. Lat.*, II, *Suppl.*, 5298 e 5299.

Digitized by Google

(fig. 1), mostra que elles se ligavam ou a uma base ou a uma haste. Ligando-se a uma base, poderiam ter servido de ex-votos; ligando-se a uma haste, poderiam ter servido de insignias. A semelhança de uma das figuras de Cáceres (talvez de ambas, mas só fallo da unica que vi) com as figs. 3, 4 e 5 é bastante grande; por isso supponho que, visto haver uma inscripção consagrada a Adaegina na de Cacéres, se poderão considerar como da mesma natureza as tres figuras da Bibliotheca de Evora. As outras figuras, como pertencem ao Alemtejo, estarão talzez no mesmo caso; mas não deve occultar-se-nos que um mesmo animal podia ser offerecido a várias divindades. O geogra-

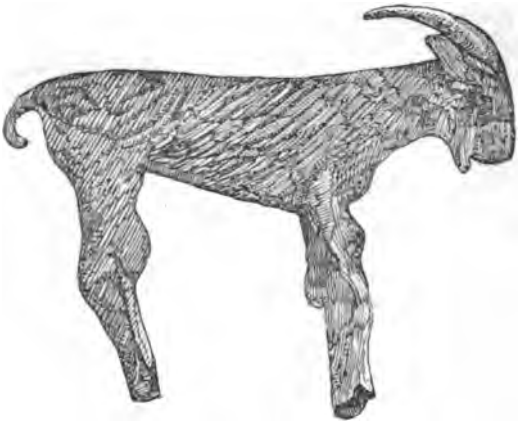


Fig. 5

pho grego Estrabão, que conhecia tão bem alguns dos costumes dos nossos antepassados, diz que os Lusitanos sacrificavam bodes ao deus da guerra[1], — facto com o qual condizia a hypothese de algumas das figuras serem insignias[2], no caso de representarem bodes, pois, se numa ou duas das figuras o sexo é determinado, noutras não o é.

Em todo o caso, parece fóra de duvida que todas estas figuras se relacionam com cultos religiosos da Lusitania; e é muitissimo pro-

---

[1] *Geographia,* III, III, 7.

[2] Sobre o caracter sagrado das antigas insignias militares cfr. *Revista Lusitana,* II, 92–93. Mas nem todas as insignias antigas deviam ser militares; algumas podiam ser religiosas ou de coporações. Nos *Bronzes figurés de la Gaule romaine,* do Sr. Salamon Reinach, pag. 203, 255, 258 e 269, ha muitas notícias de insignias constituidas por animaes.

Digitized by Google

vavel que, pelo menos as tres da Bibliotheca de Evora, em virtude do esclarecimento ministrado pela de Cáceres, fossem consagradas a Adaegina, que tinha o seu culto na Lusitania (a que tambem pertencia Cáceres), estendido por boa parte do Alemtejo e da Extremadura hespanhola.

J. L. de V.

Notícias várias

1. Castello de Leiria

Lê-se n-*O Seculo,* de 11 de Outubro de 1895:

«Deu entrada na repartição de industria um bem elaborado relatorio sobre a restauração da capella do historico Castello medieval de Leiria e da sua adaptação para museu historico artistico districtal.

Este trabalho, redigido pelo Sr. Corrodi, faz honra ao illustrado professor que se interessa mais pelas cousas da arte portuguesa do que os proprios nacionaes.

Sería de todo o ponto justo que o governo decidisse emprehender esta reparação, salvando da ruina aquella preciosa joia artistica e dando um bello campo de exercicio e applicação aos alumnos das escolas industriaes.

Havia ainda a vantagem de se colligirem alli elementos que andam dispersos e perdidos pelo districto.»

E no numero de 16 de Outubro:

«A camara municipal de Leiria enviou, por intermedio do governador civil do districto, uma representação ao governo advogando calorosamente a idéa da apropriação da capella do castello da mesma cidade a museu archeologico districtal e de arte ornamental. A mesma corporação, para facilitar a approvação do projecto do illustrado professor da escola Domingos Sequeira, sr. Corrodi, offerece a sua participação nas despezas que realmente não são avultadas.»

Cfr. *O Archeologo Português,* pag. 223.

2. Moedas arabes de Alportel

Informam-me que numa propriedade de Raphael Sancho, em S. Braz de Alportel, foi encontrada uma panella com moedas arabes de prata, quadradas, e uma de ouro.

Digitized by Google

3. Commissão archeologica de Goa

De um officio dirigido pelo Sr. Carmo Nazareth, de Goa, á Associação dos Archeologos do Carmo extráio o seguinte:

«Foi criada em Goa, por portaria provincial de 15 de Julho de 1895, uma commissão permanente de archeologia, que está incumbida de propor ao Governo dos Estados portugueses da India os meios de salvaguardar o que ainda hoje existir do viver do passado, escolher o que se tenha de guardar no Museu archeologico, classificar e catalogar todos os monumentos que se devam considerar nacionaes, e fiscalizar a mais religiosa conservação d'elles, — e apresentar relatorios annuaes.»

Os outros membros d'esta Commissão archeologica, alem do Sr. Carmo Nazareth, são os Srs. Dr. Alberto Osorio de Castro, Gomes da Costa e João Raphael de Sousa Monteiro.

4. Moedas Indo-Portuguesas

Dando conta na *Revue belge de Numismatique,* 1895, pag. 139–140, d'esta obra, «*Madras Government Museum — Coins — Catalogue n.° 2 — Roman, Indo-Portuguese, and Ceylon* —, by Edgar Thurston, Madras 1894», diz o Sr. G. Cumont o seguinte:

«La deuxième partie du catalogue se rapporte aux monnaies indo-portugaises. On sait que l'histoire du monnayage des possessions portugaises dans l'Inde, depuis la fondation da la Monnaie de Goa, en 1510, par Alphonse d'Albuquerque, jusqu'au temps présent a été faite par M. J. Gerson da Cunha dans son admirable ouvrage: *Contribution á l'Étude de la numismatique Indo-Portugaise* (Education Society's Press, Byculla, Bombay, 1880).

M. Thurston nous renvoie à cet ouvrage qu'il a consulté pour la description des monnaies de la collection du Musée de Madras.

Le savant conservateur reconnait que ce musée n'est pas riche en monnaies frappées antérieurement à la seconde moitié du siècle dernier. Du reste cette numismatique est très obscure et d'un classement difficile, à cause d'une véritable anarchie dans le monnayage qui était exécuté sans système arreté et de la façon la plus capricieuse. Quoiqu'il en soit, les monnaies d'argent et de cuivre, frappées dans l'Inde Portugaise, ont cessé d'avoir cours légal dans l'Inde Anglaise, depuis 1893.

La liste des monnaies renferme des pièces emises depuis Jean V (1706–1750) jusqu'à Louis Ier (1861–1889).»

Digitized by Google

5. Curso de Numismatica

No corrente anno lectivo de 1895–1896 matricularam-se nesta cadeira, estabelecida na Bibliotheca Nacional de Lisboa, sete alumnos, frequentando um o 2.º anno do curso, e seis o 1.º anno.

As aulas começaram já.

Na pag. 305 publica-se um artigo, que contém o assumpto da primeira lição.

6. Centro numismatico

Em Novembro corrente fundou-se em Lisboa, na Rua da Magdalena, n.º 38, um «Centro Numismatico», cujos intuitos constam da seguinte carta-circular, que foi impressa e distribuida pelo publico:

«Exmo Sr. —Tendo a Numismatica desenvolvido o gosto e o interesse de muitos particulares e de varias corporações, necessario se tornava a creação em Portugal de um *Centro numismatico* onde os Ex.^mos colleccionadores pudessem fazer as suas acquisições e desfazerem-se, sem graves prejuizos, dos duplicados que tenham nas suas collecções.

Neste *Centro* não só estarão patentes as moedas e medalhas proprias, como tambem aquellas que os Ex.^mos colleccionadores desejem remetter para serem vendidas á consignação e bem assim as listas de moedas, que faltam a diversos clientes. Por esta fórma, e contando com a boa vontade dos Ex.^mos colleccionadores, ficam estes entre si em relação directa e immediata, dispondo tambem das minhas agencias no estrangeiro.

Este *Centro* torna-se em especial recommendavel aos Ex.^mos collecionadores principiantes, e vendedores particulares de moedas e medalhas, pois, alem de encontrarem á sua disposição todos os tratados e referencias sobre esta especialidade, evitam tambem o serem burlados com exemplares não authenticos, ou nos preços por que fazem as acquisições ou vendas.

Nenhuma casa como a minha poderia offerecer maiores vantagens para o bom resultado d'este emprehendimento, visto ser quasi a unica que, ha mais de quarenta annos e sob a gerencia do meu antecessor *Antonio Baptista Micalef*, trata d'esta especialidade, sendo, portanto, muito conhecida no país e no estrangeiro.

Para maior commodidade dos Ex.^mos colleccionadores resolvi que, alem de todos os dias uteis, das dez horas da manhã ás quatro da tarde,

Digitized by Google

se abrisse este *Centro* ás terças e sextas feiras, das sete e meia ás dez da noite, a fim de estabelecer um ponto de reunião para o qual tomo a liberdade de convidar V. Ex.ª

Desnecessario se torna encarecer as vantagens que este *Centro* trará aos Ex.mos colleccionadores, pois são ellas do conhecimento de todos; e tanto assim que, levando a effeito este emprehendimento, satisfaço aos desejos de grande numero de meus clientes.

Aguardando a honra de poder contar com V. Ex.ª no numero de meus clientes, e, pondo á sua disposição toda a minha boa vontade e interesse, subscrevo-me com toda a consideração e subida estima — De V. Ex.ª muito attento, venerador e obrigado. = Alberto Gavazzo».

7. Cinquinho de D. João III

Ultimamente obtive um cinquinho de D. João III, cuja descripção aqui dou, acompanhada da respectiva estampa:

Na orla do anverso: IOAN.....R·PORT· entre duas linhas circulares, de uma das quaes (da externa) só se divisa parte; no campo as quinas.

Na orla do ℞: .....NES 3 R POR..... entre duas linhas nas mesmas condições das antecedentes; no campo um Y (inicial

do nome do rei), coroado por uma coroa de flores de lis, e tendo á direita L(isboa).

A legenda do anverso reconstrue-se, segundo os vestigios que restam das lettras, em IOANES 3 R·PORT· Da legenda do ℞ não se percebe mais nada senão o que fica estampado; todavia deve entender-se que as primeiras tres lettras são a syllaba final de IOANES, e que as tres últimas são a primeira syllaba do nome PORTVGAL, que provavelmente se abreviava em PORT, como no anverso.

Cfr. Teixeira d'Aragão, *Descripção geral e hist. das moedas*, I, pag. 264, n.º 32, e est. XVII.

Offereci ésta moeda á Bibliotheca Nacional de Lisboa, para o seu Gabinete Numismatico, onde não havia nenhum exemplar d'ella.

J. L. de V.

Digitized by Google

Objecto da Numismatica

Numismatica é a sciencia que tem por objecto o estudo morphologico e interpretativo das moedas; morphologico, porque as moedas hão de apreciar-se quanto ao seu metal, ao seu aspecto, á suas figuras, signaes e lettreiros; interpretativo, porque tem de se dar razão de tudo o que o estudo morphologico revelou nas moedas.

É como que um estudo anatomico e physiologico, ou estatico e dynamico, ou da fórma e da funcção.

Eis aqui uma pequena moeda actual, de prata, que todos conhecem, — o *meio tostão*. Tem de diametro 0m,014, e pesa 1gr,25.

Olhando para esta moeda, notamos que nella ha duas páginas e um bordo. Numa das páginas vê-se, ao centro, uma corôa real entre duas estrellinhas de seis raios, tendo por baixo 1889 e outra estrellinha, e á volta as palavras LUDOVICVS·I·PORT:ET·ALG: REX com um pequeno signal crucial entre a primeira e a última palavra, em symetria com as tres estrellinhas inferiores. Na página opposta vê-se escrito em duas linhas 50 RÉIS, entre dois ramos enlaçados, que são os ramos ou palmas que costumam ladear e envolver as armas reaes. Ambas as páginas estão limitadas circularmente por uma serie de pontos. O bordo, que sobresae um pouco ás duas páginas, apresenta-se todo recortado, com pequenos sulcos parallelos. — Este é o estudo morphologico da moeda. O estudo intrepretativo, no presente caso, é simples, porque a moeda pouco tem que explicar. A corôa da primeira página, que se chama *anverso*, e os ramos ou palmas da outra página, que se chama *reverso,* significam que a moeda foi cunhada com auctorização do poder real, pois a emissão da moeda é uma das prerogativas mais importantes d'este poder; por a moeda ser pequena, figurou-se nella apenas uma corôa, e não a cabeça do rei, que se figura noutras maiores da mesma serie. A auctoridade real manifesta-se ainda no lettreiro, que tem o nome technico de *legenda*. O numero 1889 indica o anno em que a moeda foi cunhada; 50 RÉIS indica o valor. A moeda vale 50 réis, mas denomina-se vulgarmente *meio-tostão,* por ser metade de outra chamada *tostão;* a palavra *tostão* é já antiga, e applica se noutras linguas, sob as fórmas que nessas linguas reveste, a diversas moedas. O ser o lettreiro em latim mostra que a origem das nossas moedas remonta a uma epocha em que esta lingua, e a civilização que ella representa, tinham notavel preponderancia social. A serie de pontos, ou *circuito granulado,* que vimos nas duas páginas, nada mais é do

Digitized by Google

que um ornato tradicional, que provém já da antiguidade; as estrellinhas, em parte tem por fim servir de separação a alguns dos elementos do anverso, em parte constituem mero enfeite. Os recortes que se notam no extremo ou *bordo* da moeda chamam-se *sarrilha* ou *serrilha*, como quem diz «pequena *serra*»; tem por fim evitar que a moeda seja cerceada. — Podia amplificar-se o estudo, tomando-se em consideração o grau de pureza do metal, as circumstancias do fabrico, a legislação respectiva, o mérito artistico, a origem immediata da moeda, etc.

Se applicassemos o mesmo raciocinio a outra moeda igualmente conhecida, por exemplo *o pinto* ou *cruzado novo*, encontrariamos factos analogos; só nesta se nos depararia um elemento religioso (cruz e legenda), que não encontrámos na outra. Por este lado o estudo da moeda adquiria nova importancia, por nos revelar a influencia social do Christianismo.

Mas não devo levar mais longe por agora a exemplificação, porque o que aqui indiquei summariamente tem de ser estudado depois com algum desenvolvimento.

Á primeira vista póde parecer que, para se saber que o meio-tostão valia 50 réis, não se precisa de recorrer á Numismatica. De facto aqui trata-se de uma moeda para nós muito commum, e muito nossa conhecida; todavia eu quis só indicar o processo do estudo: tratando-se de uma moeda antiga, por exemplo, de uma moeda romana, em que se encontre o signal Ⱡ, já o caso muda completamente de figura: o auxilio da Numismatica é de necessidade.

A palavra *Numismatica* vem do latim *numisma*, palavra tirada do grego νόμισμα, que significa «lei», «valor legal». Este termo é moderno entre nós. Até o seculo XVIII não tenho encontrado nos AA. portugueses palavra especial que designe «a sciencia das moedas»; do segundo quartel d'esse seculo em deante encontra-se, alem do referido, *Iconologia nummaria*, *Nummaria*, *Numismalogia*, *Numismatographia* e *Numismatologia*. Prevaleceu *Numismatica*, por lhe corresponderem termos analogos noutros paises.

Por *moeda* entende-se um objecto ordinariamente metallico, que, por ter pêso fixo, e cunho official, serve para as transacções commerciaes.

Muitas vezes a moeda não existe senão virtualmente; chama-se em tal caso *moeda de conta*, como, por exemplo, entre nós o *conto de réis*, o *pataco*. Ás vezes foi uma moeda que existiu, não podendo, por causa do hábito da linguagem, dispensar-se o nome, como é o caso do pataco.

Ha outros objectos monetiformes, — a que alguns AA. chamam *pseudo-moedas* e *medalhas artisticas* —, cujo estudo faz tambem parte

Digitized by Google

da Numismatica: são as *medalhas,* os *contos para contar* ou *dinheiros de conto,* e outras especies ainda. Para mais commodidade, farei aqui distincção entre *medalhas* e *objectos monetiformes diversos.*

Com as *medalhas* propriamente ditas, destinadas a commemorar certos acontecimentos, relacionam-se as *condecorações* ou *veneras,* destinadas muitas vezes a premiar serviços meritorios, e as *veronicas,* que tem significação religiosa.

Os *contos para contar* já se não usam hoje, mas com elles relacionam-se as modernas senhas e tentos.

A expressão *monetiforme* indica a razão de se incluirem estas especies na Numismatica.

As moedas antigas eram frequentemente moedas e medalhas. Os antigos não tinham em geral medalhas propriamente ditas; as moedas serviam muitas vezes de medalhas, quando commemoravam factos importantes. O uso das verdadeiras medalhas começou na Italia, com o Renascimento. Nos tempos modernos cunham-se ás vezes moedas nas mesmas circumstancias das antigas. Actualmente falla-se entre nós da cunhagem de uma moeda com o nome de *luso,* para commemorar o descobrimento do caminho da India. Um auctor português, muito habil e muito erudito, o professor João Pedro Ribeiro, pretendeu nas *Reflexões Historicas,* Coimbra 1835, I, n.º 405, e nas *Dissertações chronologicas e criticas,* tomo IV, parte I, pag. 2, estabelecer differença entre *Numaria* e *Numismatica,* entendendo pela primeira o estudo das moedas, e pela segunda o estudo das medalhas; mas, alem de que iriamos, quanto aos nomes, em desaccôrdo com a praxe geralmente seguida, neste ponto não podemos admittir as ideias do referido professor, porque o estudo das moedas não é independente do das medalhas, ou, ainda que, em relação aos tempos modernos, o seja quasi sempre, não o é em relação aos tempos antigos: e a sciencia numismatica deve ser u n a.

O estudo dos *contos para contar* tambem se liga com o das moedas pelo facto de estes por vezes conterem figuras como ellas; alem d'isso podem representar valores.

Assim, em resumo, a *Numismatica* occupa-se:

1) das moedas;
2) das medalhas;
3) de diversos objectos monetiformes, como contos, etc.

A *Numismatica* divide-se em: *geral* e *especial.*

A *Numismatica geral* trata da nomenclatura, da importancia da sciencia, das phases historicas porque esta tem passado, da bibliographia, da origem da moeda, do fabrico d'esta e da natureza das substan-

Digitized by Google

cias empregadas, da fórma das moedas, do direito da emissão, da apreciação do mérito artistico, das degenerações que as moedas podem experimentar, da classificação das moedas, do modo de distinguir as moedas falsas das verdadeiras, do modo de organizar e catalogar collecções e de conservar as moedas, etc. Isto é, trata de assumptos de caracter geral.

A *Numismatica especial* trata de determinadas moedas, — de um estado, de um principe, de uma corporação, de uma epocha.

Para realizar o seu intento, a Numismatica tem de se soccorrer de variados conhecimentos colhidos na Geographia, na Historia Universal, na Metrologia, na Historia monetaria, na Paleographia, na Philologia, na Epigraphia, na Heraldica, na Ethnographia, na Esthetica, na Mythologia, na Hierologia, na Technologia monetaria, etc., — pois ha-de apreciar e interpretar vultos e acontecimentos historicos, nomes de terras, divindades, objectos religiosos, fórmas de lettras, linguas, valores, etc. Todavia não invade propriamente os dominios especiaes d'essas sciencias, limita-se a ir buscar lá algumas noções indispensaveis. Reciprocamente, em diversas circumstancias, a Numismatica, como veremos, presta a muitas sciencias auxilio valioso.

A Numismatica é uma sciencia de per si, e não absolutamente, como muitos querem, um ramo da Archeologia. Como ha-de ella ser em absoluto um ramo da Archeologia, se tem como um dos seus objectos o estudo das moedas dos tempos modernos? Todavia, como as moedas de valor historico mais importante são as dos tempos passados, não raro a Numismatica anda intimamente ligada com a Archeologia. A proposito d'esta questão, citarei dois trabalhos modernos. Um intitula-se *Della Numismatica come scienza autonoma,* do prof. Solone Ambrosoli, Milão 1893; o outro intitula-se *La philologie classique,* do prof. Max Bonnet, Paris 1892. Ambrosoli, posto que trate o assumpto succintamente, propugna pela autonomia d'esta sciencia. Bonnet diz que uma moeda póde ser estudada por muitas sciencias, de baixo de muitos aspectos (Arte, Epigraphia, etc.), e por isso que falta unidade á Numismatica, que esta é uma sciencia convencional (*ob. cit.,* pag. 145–146). Isto não me parece razão. Tambem no exame do organismo humano os movimentos são do dominio da Mechanica, as reacções digestivas são do dominio da Chimica, a phonação é do dominio da Acustica; e todavia o estudo de todas estes actos entra no dominio de uma sciencia, que é a Physiologia. Supponhamos tambem qualquer moeda, — o *pinto,* de que fallei ha pouco. Embora seja pela Epigraphia que apreciamos o lettreiro, pela Heraldica o brasão, pela Hierologia a cruz, nem por isso estes conhecimentos deixam de constituir

Digitized by Google

um conjuncto, porque se applicam a determinado objecto. Nas moedas os lettreiros ou figuras não se põem sempre á toa, em qualquer parte; nellas ha elementos especiaes, como o *circuito granulado, a serrilha,* os *florões;* ha termos technicos, como *exergo, bordo,* e os já mencionados; ha um modo de indicar o valor; adopta-se certo formulario, e ás vezes certa lingua, como o latim na maioria das moedas da Europa; emfim ha certas regras, ha certa unidade. Logo ha sciencia. E estas regras são taes, que só ao numismata incumbe quasi sempre, por exemplo, decidir da authenticidade de uma moeda.

O estudo da Numismatica, como o de qualquer outra disciplina, póde fazer-se com tres fins:

1) meramente para se obter um diploma de capacidade, que dê accesso a posições sociaes;

2) para se conhecer o objecto da sciencia em si, independentemente de outras relações;

3) para se colherem elementos que essa sciencia possa ministrar para a resolução de questões mais geraes.

Quando o diploma significar applicação effectiva, e boa cópia de conhecimentos, nada tenho que dizer contra elle, antes acho justo que a quem dispendeu fôrças, e adquiriu saber, a lei garanta os direitos conquistados. Ora, quando o diploma não representa nada d'isso, torna-se inutil, não passa de mascara theatral, e protesto contra elle. Nem nenhum dos senhores deve querê-lo assim.

Contra o segundo intuito nada tenho tambem que oppor, tanto mais que, sendo tão variados os ramos do saber humano, se não houver nelles especialistas, que os estudem profundamente, a sciencia deixará de ter bases solidas. No caso especial da Numismatica dá-se tambem a circumstancia de haver muitos colleccionadores, que estimam as moedas só pelo que ellas representam em si mesmas, — a sua raridade, a sua belleza, a sua curiosidade. Isto é um prazer, e tanto mais feliz será o homem, quantos maiores prazeres, dentro de certos limites, elle tiver. Por isso não póde deixar de haver quem faça da Numismatica estudo peculiar.

O merito dos intuitos precedentemente indicados realçará porém se, com o estudo da sciencia, e, no meu caso fallo da Numismatica, se pretender auxiliar o estudo das outras sciencias com que ella está em relação, sobretudo o da Historia geral.

Nós no nosso curso, que se prolonga durante dois annos, estudaremos a *Numismatica nacional,* entendendo eu por esta expressão o estudo methodico e seguido das moedas que tem corrido no nosso país, nas differentes epochas da nossa historia, desde os tempos anti-

Digitized by Google

gos da Lusitania, ou melhor, da Hispania, até hoje, — ao que accrescentarei o estudo das medalhas e contos. Esse estudo da *Numismatica nacional* será precedido dos necessarios elementos da *Numismatica geral* e da *Numismatica antiga.*

País pequeno, como somos, não dispersemos a nossa actividade intellectual por vastos campos, onde pouco nos é licito fazer, porque outros melhores armados que nós os occupam; mas concentremo-nos no estudo das nossas cousas, porque, alem da necessidade de realizarmos o aphorismo de Socrates γνῶθι σεαυτόν, «conhece-te a ti mesmo», temos de portas a dentro ainda muito terreno que explorar e que desbravar. D'essa maneira contribuiremos tambem para o progresso da sciencia universal.

J. L. de V.

Cadeira de archeologia christã em Santarem

S. Em.ª o Sr. Cardeal Patriarcha criou ultimamente no Seminario Patriarchal de Santarem uma cadeira de archeologia christã, — facto que aqui se regista com toda a satisfação.

A respeito de outras cadeiras da mesma natureza, já criadas no país, vid. *O Archeologo Português,* pag. 17 e 92.

Torna-se em verdade muito necessario que o clero possua conhecimentos de archeologia; o estudo não deve porém limitar-se á archeologia christã, mas estender-se á archeologia geral, embora aquella, pelo caracter especial da classe, possa ter o predominio.

Ha muitas igrejas que são na sua architectura verdadeiros monumentos archeologicos; ha outras que com as suas sepulturas, os seus ornatos, as suas alfaias constituem como que museus; ha outras, finalmente, em cujas paredes ou em cujas vizinhanças se encontram restos da antiguidade. Nestas circumstancias devem os parochos ser estranhos ás sciencias archeologicas? De modo nenhum, porque da falta de comprehensão do valor d'aquillo que lhes está confiado advem prejuizos para a sciencia e para o país.

Independentemente do serviço que os padres podem prestar á archeologia na área em que propriamente superintendem, estão no caso de prestar muitos outros; e em verdade tanto d'antes, como agora, contam-se na classe ecclesiastica do nosso país cultores fervorosos, e ás vezes muito notaveis, da archeologia.

J. L. de V.

Digitized by Google

Nota a uma inscripção christã de Mertola

(Publicada n-*O Archeologo Português*, pag. 7–9)

Estando em Mertola, nas ferias paschoaes d'este anno, vi em casa do Sr. Antonio da Silva Fernandes, dono da lapide a que se refere *O Archeologo Português*, pag. 7–9, uma folha impressa, com um artigo de Richard Swarley Thorpe, em que se lê: «A rubbing of an early Christian inscription from Mertola (anciently *Myrtilis Julia*), Portugal, which he made when there in August last. .....»

Segue-se a inscripção, que differe da versão publicada n-*O Archeologo*, apenas no seguinte:

	Versão de Thorpe		Versão d-*O Archeologo*
linha 2:	FAM̄I	em vez de	FAM̄L
linha 3:	AN	em vez de	AN̄

linha 7: Não estão tão claras, como na minha versão, as lettras E Đ, mas numa nota explica-se a abreviatura Đ = *die*.

Accrescenta-se: «It was found about fifty metres south of the Church del (*sic*) Carmo in the burial ground near the place where the Christian inscription now in the Black Gate museum was found. It formed the cover of a cist made of slate slabs to which it was cemented».

Nūma nota diz-se: «See *Arch. Ael.*, XII, 297, and XIII, 200, for accounts of two other inscriptions of like kind discovered at Mertola, one of them being in the Black Gate museum, the other at Cambridge. See also report of meeting of the Cambridge Antiquarian Society, held on the 19th of November, 1888».

Esta folha é extrahida de uma publicação da «Society of Antiquaries in the Castle of Newcastle-upon-Tyne», pag. 223–224.

*

A inscripção, quando a publiquei n-*O Archeologo*, não estava pois já absolutamente inedita; todavia, como a versão de Thorpe não sahiu bem fiel, ao passo que a minha versão sahiu, não foi mau publicá-la.

A notícia precedentemente transcrita mostra que outras inscripções myrtilenses tem sido publicadas em revistas estrangeiras. A bibliographia d'estas inscripções é portanto já extensa. Vide tambem *O Archeologo*, pag. 177 sqq., e 314.

J. L. de V.

Digitized by Google

Anta do Pinheiro do Campo

A anta do Pinheiro do Campo está a uns quinze kilometros a poente de Evora. Para a visitar segue-se a estrada nova de Evora a Montemór-o-Novo, até o alto da Abaneja, onde se toma pelo caminho que leva á herdade das Cortiçadas. Depois de se atravessarem algumas terras de pão e pastagem, costea-se o montado das Valladas; encontra-se na extrema uma anta em ruina; a sul do caminho, a uns duzentos metros, outra, alguns grandes esteios ainda erguidos; e a pouca distancia, a norte da estrada, numa baixa, de modo que se não vê da

estrada, a grande anta que a gravura representa; fica proximo um grupo de altos pinheiros. É uma das maiores, e de mais fortes esteios, que ha por aquelles campos de Evora. A camara tem $3^{m},3$ no maior diametro interior. Tem galeria a oriente. As pedras á esquerda, na gravura, são as cobrideiras da galeria, deslocadas. As tres antas formam um grupo isolado; é preciso andar bastante para encontrar outras.

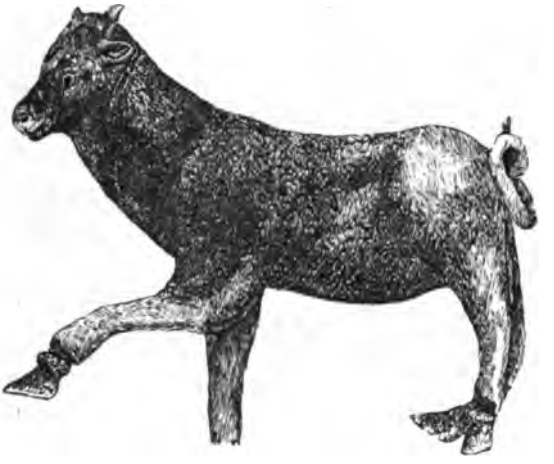
Vestigios romanos ha por estes sitios como por todo o Alemtejo. Na Serrinha, que fica proxima ha restos de construcções que parecem romanas. Atrás do altar da igreja de S. Mathias ha um marmore, mettido na construcção, que parece um enorme capitel corinthio. Não fica longe tambem o solar dos Patalins, com a sua torre quadrada, que representa a idade media.

Gabriel Pereira.

Digitized by Google

Vaquinha de bronze romana

A vaquinha de bronze, representada em tamanho natural na figura junta, pertence ao Museu Archeologico da Sociedade Martins-Sarmento de Guimarães. Na testa tem um ornato geometrico, e na cabeça um buraco, que o desenho, d'onde se fez a gravura, não deixava ver. No buraco da cabeça estava de certo mettida uma lamina de metal, que representava a meia-lua; na obra intitulada *Le pitture antiche d'Ercolano,* Napoles 1762, vol. III, pag. 150, vem tambem o desenho de uma vacca, que tem na cabeça, entre os galhos, a meia-lua. O ornato



geometrico da testa vê-se numa figurinha de touro, que examinei no Museu Archeologico de Madrid[1].

A vaquinha do Museu de Guimarães foi encontrada no Castro de Sacoias, em Tras-os-Montes. Neste Castro appareceram várias antiguidades romanas[2].

A vaquinha representa, como creio, um ex-voto em honra de Diana. Era muito frequente na antiguidade offerecer animaes ás divindades, quer em fórma de simulacro, quer em sacrificio; nas inscripções encontra-se muitas vezes menção de taes sacrificios[3].

J. L. de V.

---

[1] Indicada no *Catalogo del Museo Arqueol. Nacional,* Madrid 1883, I, n.º 3065.

[2] Vid. J. Henriques Pinheiro, in *Revista de Guimarães,* V, 87 e 88.

[3] Vid. por exemplo, quanto á Hispania, o *Corp. Inscr. Lat.,* II, 606 e 3820.

Digitized by Google

Acquisições do Museu Ethnographico Português

16. O Sr. **Dr. Luis Fortunato da Fonseca**, do Alandroal, offereceu para o Museu, onde já estão, cinco lapides (tres inteiras, e duas fragmentadas), com inscripções christãs (ineditas) do genero das que foram publicadas n-*O Archeologo,* pag. 8 e 178 sqq. Duas d'ellas tem data do sec. VI. — Todas provém de Mertola.

17. O Sr. **Manoel Bravo Gomes**, de Mertola, offereceu duas lapides funerarias, em fórma de pipa, com inscripções romanas (ineditas). O mesmo Sr. offereceu um capitel antigo, de pedra. Todos estes objectos provém d'aquella villa. Estão já no Museu.

18. O Sr. **Manoel Antonio da Cruz**, de Mertola, offereceu outro capitel antigo achado naquella villa. Já está no Museu.

19. O Sr. **Manoel Francisco Gomes**, de Mertola, offereceu uma pedra esculpturada e provída de inscripção romana (inedita). De Mertola. Já está no Museu.

20. Foi adquirido por compra um bracelete de ouro, e metade de outro, achados no concelho de Cantanhede. Vid. *O Archeologo,* pag. 159. — Estes objectos estão provisoriamente depositadas no Gabinete de Antiguidades da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

21. O Sr. **J. J. Nunes da Palma**, residente no Porto, depositou em Outubro de 1895 os seguintes objectos:

uma ponta de setta de silex;
dois machados de pedra;
um pêso romano de barro;
uma *fusaiola,* ou *verticillus,* de barro;
uma conta de azeviche com um desenho;
um brinco de metal.

NOTA

Os objectos mencionados sob os n.os 7 e 15 já estão no Museu.

No n.º 5 disse-se por engano **Bernardino Rodrigues do Amaral** em vez de **Bernardo Rodrigues do Amaral.**

J. L. de V.

Digitized by Google

Tijolos romanos em fórma de quadrante

Os Romanos, á falta de pedra para construcção, já empregavam o tijolo (*later*), que fabricavam de argilla moldada e que depois seccavam ao sol ou em forno.

O uso do tijolo foi-se pouco a pouco generalizando, ainda no tempo da Republica; das adopções especiaes passou a ser muito commum na construcção dos arcos, das abobadas e dos paramentos de paredes.

A sua fórma mais vulgar era de parallelipipedo rectangulo, de base quadrada e de pequena altura.

Segundo as suas dimensões distinguiam-se tres typos principaes:

1.° menor — 0^{m},212 lado da base, 0^{m},04 espessura.

2.° medio — 0^{m},445 lado da base, 0^{m},05 espessura.

3.° maior — 0^{m},594 lado da base, 0^{m},055 espessura.

É o tijolo de qualquer d'estes typos que melhor se adaptava, tanto á construcção dos arcos e berços das abobadas, como á execução de paramentos de traça regular e bom aspecto, revestindo massiços formados por pedras irregulares. — Alem d'esta era frequente a fórma triangular.

No Museu Municipal de Beja existem alguns exemplares de tijolos romanos em fórma de quadrante de circulo (fig. supra); applicavam-se sem dúvida na construcção de columnas, substituindo a pedra, que melhor convem, e que alli escasseia.

Attestando esta applicação vê-se naquelle Museu um curioso espécime: é um troço de columna que mede 0^{m},6 de altura e 0^{m},42 de diametro, e que foi encontrado a uns quatro metros de profundidade, quando se procedia a umas obras no palacio de D. Manuel, junto ao convento de Nossa Senhora da Conceição. Cada fiada circular da columna é formada por cinco tijolos, em disposição estrellada, isto é, em que as juntas verticaes divergem a partir da circumferencia para o centro (fig. ao lado). Os espaços deixados entre elles são preenchidos com argamassa, e ao centro, em cada fiada, um caco ou uma pedra assegura o travamento do systema. Por esta disposição se conseguia obter uma columna de diametro maior do que aquelle para que eram destinados os tijolos que foram empregados na sua construcção, e que medem, na linha da junta radical, isto é, segundo o raio do circulo a que pertence o quadrante, 0^{m},16, e de espessura 0^{m},05.

Digitized by Google

Como se vê, pela fórma do tijolo, cada fiada circular não devia conter mais de quatro tijolos, e a columna teria assim, nas condições normaes de construcção, $0^{m},32$ de diametro.

No mesmo local onde foi encontrado este troço de columna appareceram outras antiguidades romanas, taes como: uma lucerna, uma mó de moinho, alguns pesos de barro, e os restos de um *parquet* de ladrilhos pentagonaes.

Maximiano Apollinario.

Informações archeologicas colhidas no «Diccionario Geographico» de Cardoso

85. De Almeida (Beira)

«He tradição antiga estar fundada primeiro esta Villa distante do sitio, em que hoje se vê, hum tiro de peça para a parte do Norte, aonde chamão os Pedregaes; e neste lugar descobrem ainda os lavradores muitos tijollos, e canos de barro, pias, e outras cousas, que mostrão antiguidade.» (Tomo I, pag. 340.)

86. De Alpedrinha (Beira)

«Foy esta Villa povoação dos Romanos ....., ou arrabalde de huma colonia delles ....., que ficava distante desta Villa meya legua para o Sul, e sobre huma colina dominante, que hoje se chama Carvalhal Redondo, pelo que mostrão as inscripções latinas de alguns sepulchros, que se tem desenterrado, muitos canos de pedra, e chumbo, por onde se conduzia agua, no ultimo dos quaes se achou huma inscripção de boa letra Romana, que dizia: *Ex Officina Fabrici.* E outras muitas pedras de obra Dorica, e Toscana, tijolos antigos, pedaços de vidraças grossas, alicesses de casas e outros signaes de antiguidade, que inculcão o referido.» (Tomo I, pag. 358.)

87. De Alter-do-Chão (Alemtejo)

«Em diversas partes dentro, e fóra desta povoação, se vem ainda hoje muitos alicesses de edificios antigos, com muy grandes pedaços de muros terraplanados, como são os a que chamão Casa de Avelada; grandes taipas de cal, e ladrilho moido, e outras empedradas de

Digitized by Google

pedrinhas de varias côres do tamanho de uma unha [mosaico]; e d'estas pedrinhas affirmão alguns antiquarios, que estava guarnecido hum grande templo de idolos, do qual haverá cem annos se via ainda alguma parte em pé, e que entre as ruinas destes cahidos, e arrazados edificios, se tem achado em varios lugares, e tempos, algumas figuras de idolos de pedra, e, segundo affirma o Conego Novaes, pouco tempo antes do em que elle escrevia a sua Relação do Bispado de Elvas, se tinha descoberto huma estatua de Cupido, com sua aljava, settas e venda, tudo de gentil escultura.» (Tomo I, pag. 371.)

38. De Alvaredos (Trás-os-Montes)

«Para o Sul, distante deste Lugar hum tiro de espingarda, ha hum monte, a que dão o nome de Picota; e affirma a tradição ser habitação *dos Mouros,* e se vem vestigios de paredes arruinadas, e huma celebre gruta feita ao picão na rocha viva; de tal capacidade, que recolherá dentro em si hum Regimento de Infanteria.» (Tomo I, pags. 385 e 386.)

39. De Alvayazere (Estremadura)

«He o mais alto cume coroado todo na distancia quasi de huma legua das ruinas de huma muralha, e faz-se crivel seria celebre habitação dos Romanos, ou castello impenetravel dos Mouros.» (Tomo I, pag. 393.)

«... hum morador da Freguesia de Alvayazere, que ainda vive, achou hum argolão de ouro andando lavrando que mostrava haver sido de algum grande caixão [sería um *torques?*].» (Tomo I, pag. 393).

40. De Alvito (Entre-Douro-e-Minho)

«No anno de 1743, em 6 de Junho, abrindo-se os alicesses para a nova Capella mór da Igreja, se descobrio hum tumulo composto de adobes, no qual aberto se vio um esqueleto de corpo humano de quatorze palmos de comprido, e tres pequenas barras de hum metal desconhecido. Sobre o tumulo havia huma pedra de mais de cinco palmos de comprido, e dous e meyo de largo, em que se lia uma inscripção[1].

---

[1] Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, n.° 92.

Digitized by Google

Descobrirão-se mais tres letreiros em outras tantas pedras: em huma de quatro palmos e meyo de comprido, que tinha a fórma, e feitio de huma pipa[1], porem mociça, e onde se lia um letreiro[2].

Na segunda pedra, que tem mais de cinco palmos de comprido, e a mesma semelhança, e fórma que a de cima, se lê tambem uma inscripção[3].

Na terceira pedra, que tem o mesmo comprimento, e figura, ha tambem um letreiro[4].

No anno de 1745 se achou a pouca distancia outra pedra com cinco palmos e meyo de comprido, e tinha um letreiro[5].» Tomo I, pags. 409 e 410.)

41. De Alvor (Algarve)

«Esta Villa foy primeiro edificada junto ao rio, no sitio a que hoje chamão Villa Velha: não podemos descobrir a causa, por que se passou para o que hoje tem. Nella houve huma fortaleza muito forte, de que ainda no tempo presente se achão alicesses velhos, e se tirarão algumas vezes debaixo da terra caldeiras, potes, e outras cousas, de que se infere com evidencia estar alli povoação; e muitas pedras lavradas, de que se valem para portaes, e outras obras.» (Tomo I, pag. 414.)

42. De Ameixial (Alemtejo)

«Da Igreja para a parte do Occidente e Norte, no mais alto sitio, se conserva ainda hum pedaço de parede fortissima, a que chamão Torrião, em altura de vinte palmos, e mais de cinco de grossura, que mostra ser hombreira de porta, que teria huma vara de largura, e de algum grande edificio, e dão a entender (como tambem corrobora este sentir as muitas pedras soltas, e espalhadas, que por alli se vem, alem das que se tem já aproveitado os moradores para as suas casas) haver alli nos tempos antigos povoação, ou ser palacio de algum grande personagem; porem disto não ha memoria ou tradição: ainda que o vulgo diz ser povoação *de Mouros,* que talvez por isso a fonte, que está no baixo se chame *da Moura*. Existe mais hum, que parece foy lago, ou tanque de parede fortissima com espigão por cima, com

---

[1] Talvez alguma sepultura das chamadas *doliares,* e a que já me referi.
[2] Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, n.º 90.
[3] Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, n.º 87.
[4] Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, n.º 91.
[5] Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, n.º 89.

Digitized by Google

dez palmos de altura, e dous e meyo de largura, e noventa por lado em quadro ao comprimento; e junto a este está outro mais pequeno demolido: e entre a Igreja, e Torrião, outros dous alicesses de canos, e arquetas tudo destruido, por onde parece lhe vinha agua das fontes da Granja, e Ruivinos, o que só poderia ser por aqueductos de arcos, de que não ha vestigios.» (Tomo I, pag. 440.)

43. Da Ameixoeira (Termo da cidade de Lisboa)

«..... no anno de 1719 se achou huma grande concavidade subterranea chea de ossos humanos em hum olival do Morgado .....

...E no anno de 1720, em outro olival do Morgado, que administra Antonio Sanches de Noronha, se achou quatro palmos e meyo abaixo da terra huma pedra de quatro faces todas lavradas de escoda, e cada huma de quatro palmos e meyo de largura, e oito e meyo de comprimento, e no alto huma abertura em quadro de hum palmo de fundo, e dentro della outra mais profunda em figura redonda de altura de dous dedos, onde parece estava encaxado algum busto, ou urna; e tem em huma das faces de letra romana uma inscripção [1].

He Lugar antigo, e nelle se achão muitas tulhas subterrraneas, nas quaes *os Mouros* recolhião os seus fructos, e no mais alto delles se acharão tantas que ainda hoje conserva aquelle sitio o nome de Covas.» (Tomo I, pags. 442 e 443.)

«Na azinhaga chamada de Santa Suzana, que vay deste Lugar da Ameixoeira para o da Torre, em terra que pertence á quinta de Antonio Sanches de Noronha, cavando-se para plantar huma estaca de oliveira, se achou huma pedra de oïto palmos e meyo de comprido, com quatro faces, e em cada huma dellas quatro palmos de largo, com huma inscripção [2].

...«A dita pedra mostra que foy base de padrão, por ter na cabeça, que está sobre a inscripção, hum concavo, onde esteve figura ou remate de padrão.» (Tomo I, pag. 448.)

44. De S. Martinho de Angueira (Trás-os-Montes)

...«outra [ermida] distante do Lugar, hum quarto de legua, de Nossa Senhora, sita aonde chamão o *Crasto*, onde dizem por tradição

---

[1] Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, n.º 354.

[2] Esta inscripção é a já citada antecedentemente. *Corp. Inscr. Lat.*, n.º 354.

Digitized by Google

habitarão *os Mouros,* quando senhoreavão estas terras, e ainda hoje se vê nelle fosso e cerco de pedra de altura de huma vara.» (Tomo I, pag. 481.)

45. De Angueira (Trás-os-Montes)

«Nos limites deste Lugar houve antigamente dous Castellos, obra *dos Mouros,* de que ainda permanecem os alicesses, hum onde chamão o Castro do Gago, e outro no Castro da Cocoya, já totalmente arruinados.» (Tomo I, pag. 482.)

46. De Aniso (Entre-Douro-e-Minho)

«Todo o destricto desta Freguesia comprehende legua e meya de terreno; o lavradio fica em hum valle plano, e limpo, ao pé da serra da Pena Morinha, e o Crasto, que antigamente foy *Castello,* de que ainda entre as suas ruinas se conservão alguns vestigios.

...«Ha aqui vestigios de outro *Castello* com seu fosso, a que chamão *Crasto Medoeiro.*» (Tomo I, pags. 485 e 486.)

47. De S. Anna (Alemtejo)

«He a Capella mór e parte da Igreja feita de pedras de desmarcada grandeza, lavrada, e fabricada: tem cal até o telhado, e dizem fora obra dos Romanos, o que parece se prova de huma pedra marmore onde se vem humas letras latinas [1].

Mandando-se accrescentar a Igreja, haverá dezaseis annos, e cavando-se a terra para se alimpar o lugar, se achou huma pedra lavrada de muita grandeza com hum buraco entupido de cal, e, partindo-se, se achou dentro huma barra de pezo de dous arrateis, de hum palmo de comprimento, dous dedos de largo, e hum de altura; e presumindo-se ser ouro, teve noticia disto o Illustrissimo Cabido de Evora, e a mandou levar a sua presença: vendo-a o contraste achou ser latão, e estanho: mostrava ser principio de algum edificio. No mesmo sitio se descobrio huma sepultura, que parecia de hum gigante, pela grandeza da pedra de cima, e dentro se achou huma vasilha de barro vidrado grosso, e huma caveira quebrada: tudo com a pancada com que se quebrou a pedra de cima: a grossura da caveira era demasiada.» (Tomo I, pags. 486 e 487.)

A. Mesquita de Figueiredo.

---

[1] Vid. *Corp. Inscr. Lat.,* n.os 125 e 126.

Digitized by Google

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os assignantes em divida a finesa de mandarem satisfazer, com a possivel brevidade, as suas assignaturas, **em vales do correio ou estampilhas**, a fim de não soffrerem interrupção na remessa dos numeros seguintes.

Lembramos que toda a correspondencia nesse sentido deve ser dirigida, não ao redactor d'esta revista, mas a **J. A. Dias Coelho, Imprensa Nacional.**

Digitized by Google

EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.°, do formato d'este prospecto, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Anno	1$500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em estampilhas ou em vales do correio, ser dirigida a **J. A. Dias Coelho**, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

A venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

Digitized by Google

VOL. I DEZEMBRO DE 1895 N.º 12

RECEIVED
APR 7 1911
PEABODY MUSEUM.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1895

Digitized by Google

SUMMÁRIO

Duas inscripções do Museu de Beja.

Inscripção romana de Poçacos.

Acquisições do Museu Ethnographico Português.

Notícia de algumas estações romanas e arabes do Algarve.

Inscripção de Villarandello.

Antiguidades do Sul do Tejo.

Insignia de bronze antiga.

Bibliographia.

Fim do anno.

Indice.

Este fasciculo vae illustrado com 8 estampas.

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. I DEZEMBRO DE 1895 N.º 12

Duas inscripções do Museu de Beja

(Correcções aos textos publicados n-*O Archeologo Português*, I, 110 e 252)

Tendo estado em Beja no dia 8 de Dezembro de 1895, examinei as proprias pedras em que se acham as inscripções mandadas para *O Archeologo Português*, e ahi publicadas a pag. 110 e 252. Eis aqui os textos exactos d'ellas:

1. Inscripção de Piero

1 ..... \RCI• PIERo
... ACENSI
.... GVSTALI▲COL▲PACENSIS
ET MVNICIPI▲EBORENSIS
AMIᑕI OB MERITA EIVS▲
AER.. CONLATO POSVERVNT

L MARCIVS PIERVS
HONORE CONTENTVS
9 INPENSAM REMISIT

Linha 1.ª Falta L M, e só se vê parte do A, por fractura da pedra. No logar do pequeno *o* de MARCIO abriram uma covinha.

Linha 2.ª Falta P, por fractura da pedra.

Linha 3.ª Falta AV, pelo mesmo motivo.

Linha 4.ª O quarto I da segunda palavra sobe acima do nivel das outras lettras.

Linha 5.ª Falta parte do C, por a pedra estar gasta. A linha termina por um ponto.

Digitized by Google

Linha 6.ª Falta o último E da primeira palavra, por a pedra estar gasta.

Linha 8.ª, não falta palavra nenhuma. As duas palavras estão afastadas uma da outra.

Linha 9.ª é INPENSAM, com N, e não IMPENSAM.

Nem todas as palavras estão separadas por pontos. Estes são antes triangulos do que propriamente *pontos*.

Comparando o presente texto com o já publicado n-*O Archeologo,* vê-se que a differença entre ambos é insignificante, e não altera o sentido; todavia desejei dar um texto rigorosamente fiel.

2. Inscripção de Helice

A pedra em que foi gravada a inscripção está bastante deteriorada. O que hoje se lê é o seguinte:

1 .....S
A.....E
AN.....XVII
CONIACTIA
5 M⌖A⌖MX⌖
POSVIT
MΛTER
8 HSESTTL

4.ª linha. O primeiro I é tão claro como os outros da inscripção; todavia mal póde deixar de se ler CONLACTIA com o Sr. Hübner, e tem de se admittir que o *lapidarius* se enganou, influenciado pela terminação -IA da mesma palavra.

5.ª linha. Ha um monogramma que representa, segundo parece MΛX, estando o A por cortar, o que não se estranha, pois o A da 7.ª linha tambem não é cortado, embora os outros AA o sejam.

A inscripção tinha sido copiada por varios escriptores do seculo passado, e foi d'essas cópias que se serviu o Sr. Hübner para publicar o texto dado no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 104. Na Bibliotheca Municipal de Beja existe um manuscripto com este titulo: *Inscripções romanas ineditas, descobertas na cidade de Beja e seus arredores, recolhidas no Palacio Episcopal pelo Bispo da mesma cidade D. Fr. Manoel do Cenaculo, Copiadas em 1843 da obra ms.ª* «MEMORIAS HISTORICAS DAS ANTIGUIDADES DE BEJA *por Felix Caetano da Silva, natural da*

Digitized by Google

mesma cidade». A cópia foi effectuada pelo fallecido antiquario Gama Xaro; o ms. foi offerecido á Bibliotheca pelo Sr. Garcia Peres, de Setubal. Nesse ms. vem incluida a nossa inscripção. Combinando o texto dado pelo ms. com o que ainda se lê na pedra, eis o texto rigorosamente restituido, tal qual elle devia ter existido, antes dos estragos succedidos na pedra:

D M S
A ♁ HELICE
AN ♁ XXXVII
CONIACTIA
M ♁ A ♁ MX ♁
POSVIT
MATER
HSESTTL

Na linha 2.ª o H e o E estão enlaçados, o que se vê tambem no texto do Sr. Hübner. No ms. de que me servi as lettras da fórmula final não tem pontos, o que de facto se observa na pedra; no texto do Sr. Hübner existem pontos: está só nisto a differença, que realmente é sem valor nenhum.

J. L. de V.

Inscripção romana de Poçacos

Obsequiou-me o Sr. Joaquim de Castro Lopo, em carta de 31 de Outubro proximo passado, com a cópia de uma inscripção romana, encontrada no mesmo mês nos Poçacos, a quatro kilometros de Valpaços, por occasião de se proceder a umas obras no Largo das Duas Fontes. Ei-la:

1 DN
FLA
VIO
DALM
5 ATIO
BIALISSI
MO CESA
8 RI

Digitized by Google

Está, diz-me o Sr. Lopo, «numa pedra granitica, bastantemente maltratada, que devêra ter a fórma de um parallelepipedo, mas que hoje apresenta as arestas quebradas, aproximando-o assim de um cylindro. A pedra tem estas dimensões: altura $0^{m},98$; circumferencia $0^{m},72$».

Tendo eu feito ao Sr. Lopo algumas reflexões sobre este texto, apurei da sua resposta mais o seguinte:

Linha 4.ª — Lê-se DALM, e não DELM, como noutras inscripções.

Linha 6.ª — Á minha observação de que talvez estivesse no original BEATISSI, primeiras syllabas de BEATISSIMO, em vez do que se lê na cópia, dignou-se o Sr. Lopo objectar-me o seguinte: «Depois do B, um I. Eu e mais algumas pessoas vimos attentamente a inscripção, e nenhum de nós encontrou signal de E na parte em que todos lemos I. Quanto ao A, já disse a V... que não póde haver dúvida; mas quanto ao L? Aqui está uma lettra para que chamei a attenção das pessoas que na minha companhia estavam..... Se poderia ser T? A cacographia BIATISSIMO não seria para espantar numa inscripção onde se lê CESARI. Todos concordamos que era um L, em tudo igual ao L de FLA da 2.ª linha, com esta fórma: ⌊».

Linhas 7.ª e 8.ª — É sem dúvida CESARI (fórma popular), e não CAESARI (fórma litteraria).

Apesar do que o Sr. Lopo judiciosamente me pondera, não póde deixar de se admittir que a 6.ª e 7.ª linha contém uma cacographia de BEATISSIMO, certamente porque o *lapidarius* teve no espirito, ao gravar a inscripção, o adjectivo NOBILISSIMO, muito usado tambem nas mesmas circumstancias que BEATISSIMO.

Transcripção da inscripção:

D(*omino*) N(*ostro*) FLAVIO DALMATIO *BIATISSIMO* (ou BEATISSIMO) CESARI.

Traducção:

Ao nosso Senhor Flavio Dalmacio, bemaventurado Cesar.

Trata-se de Flavio Dalmacio ou Delmacio, filho de Delmacio; consul em 333, Cesar de 335 a 337. Cfr. Eckhel, *Doctrina nummorum veterum*, VIII, 103.

Digitized by Google

Na Italia appareceu outra inscripção semelhantemente concebida: D·N·FL·DELMATIO BETISSIMO (*sic*) AVG. NOBILISSIMO CAES. etc.[1], estando BETISSIMO em vez de BEATISSIMO. Na Gallia Narbonesa appareceu tambem uma em que se lê: D·N·FL·DELMATIO NOB(*ilissimo*) CAES.[2] Cfr. ainda *Corp. Inscr. Lat.*, XII, 5676.

Á cêrca da significação de *Cesar* vid. *O Archeologo Português*, I, 120. A palavra *beatissimus* não ha-de interpretar-se ao pé da lettra; é mero titulo.

Esta inscripção constituia antes um monumento honorifico, pois lhe falta a indicação das milhas, do que propriamente um marco miliario; está no mesmo caso que a de que se falla n-*O Archeologo Português*, I, 120; todavia pertence á classe dos miliarios. Em Poçacos appareceram já em tempo outras inscripções: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4788–4792. A que, porém, aqui se publica é inedita. O nome de Flavio Dalmacio apparece agora pela primeira vez, que eu saiba, em inscripções da Hispania.

J. L. de V.

Acquisições do Museu Ethnographico Português

22. Em Outubro de 1895 entraram no Museu os seguintes objectos prehistoricos:

a) onze pontas de setta, triangulares, de silex;
b) duas ditas, de quartzo;
c) tres pontas de setta, trapezoidaes, de silex;
d) uma conta de ribeirite;
e) outra de azeviche (?);
f) um vaso de argilla;
g) varios fragmentos (de settas, facas, e de uma placa de argilla);
h) ossos humanos (do cranio).

Estes objectos foram encontrados dentro de uma anta ao pé de Rio-Torto, concelho de Gouveia, explorada, em Setembro de 1895, pelo Sr. Maximiano Apollinario, adjunto do Museu Ethnographico Português.

---

[1] *Corp. Inscr. Lat.*, X-2, 8015; cfr. o n.º 8021.
[2] *Corp. Inscr. Lat.*, XII, 5505.

Digitized by Google

23. Em Outubro de 1895 entraram os seguintes objectos:

a) oito pontas de setta, de silex;

b) uma de quartzo;

c) duas delicadas laminas de quartzo;

d) duas contas;

e) varios fragmentos de instrumentos de pedra (laminas, facas, settas);

f) varios fragmentos de barro saguntino (romano).

Estes objectos foram encontrados dentro de uma anta ao pé do Carvalhal da Loiça, concelho de Seia (Ceia), explorada, em Setembro de 1895, pelo Sr. Maximiano Apollinario. Alem dos referidos fragmentos de barro saguntino, appareceram tambem na anta, — e não é a primeira vez que isto succede em taes monumentos —, uns pedaços de telhas de rebordo romanas.

24. Em Outubro de 1895 recolheu-se no Museu um fragmento de vaso de barro ornamentado, encontrado dentro de uma anta no sítio dos Braçaes, concelho de Mangualde, explorada, em Setembro de 1895, pelo Sr. Maximiano Apollinario.

25. O Sr. Dr. **João de Sousa de Vilhena** offereceu ao Museu os seguintes objectos que já lá se acham:

a) dois pedaços de vasilhas de barro preto, achados em Chaves, cada um estampado com a figura das armas reaes portuguesas;

b) um sêllo de chumbo em que se lê A·DE CANPO MAOR;

c) um objecto de azeviche que representa, ao que parece, um peregrino de S. Tiago de Compostella.

26. O Sr. **José Homem de Sousa Pizarro**, de Bóbeda (Chaves), offereceu para o Museu, onde já está, metade de uma lança de silex prehistorica, encontrada num monte ao pé de Chaves juntamente com outra que hoje se acha na collecção archeologica que aquelle nobre fidalgo possue na sua casa de Bóbeda, onde a vi em Setembro de 1895.

27. Entraram no Museu, por compra, os seguintes objectos:

a) cinco machados de pedra polida (prehistoricos);

b) quatro azulejos hispano-arabes.

Sobre as procedencias vid. *O Archeologo Português*, pag. 238-239.

J. L. de V.

Digitized by Google

Notícia de algumas estações romanas e arabes do Algarve

8. Antiguidades do concelho de Lagos

(Continuação de pag. 296)

Explorando as manchas negras do solo, um dos factos que mais nos impressionaram foi a presença de pregos em muitas d'ellas. Em uma sepultura da necropole por inhumação de Ferrestello, sepultura feita de telha romana, que foi transportada para o Museu Municipal da Figueira, tinhamos encontrado um pequeno prego de ferro. Em uma das sepulturas de Marim, como dissemos, tambem recolhemos nove pregos de ferro. Agora temos abundancia dos mesmos objectos em sepulturas por incineração!

Será facil explicar isto pelo facto de alguns cadaveres serem inhumados ou incinerados em esquifes feitos de madeira, como era uso entre os ricos[1]. Mas um só prego, como em Ferrestello, não era bastante para um esquife; e os pregos de ferro de Marim e da Fonte-Velha são de taes dimensões que indicam madeiras de grande espessura pouco proprias para semelhante fim. Entretanto, encontrando-se pregos semelhantes nas sepulturas por inhumação de Poitiers, foram attribuidos a esquifes. «Presque dans toutes, diz o relatorio das explorações, on trouve des clous, souvent fort longs. Il est donc à croire que l'on inhumait les morts dans des cercueils, lorsque les ressources de la famille le permettaient». Referindo-se ás sepulturas por incineração, explica o facto de outro modo. «Dans toutes les sépultures on rencontre des clous calcinés; faut-il en induire qu'on brûlait les morts dans dés cercueils fermés? L'existence des plates-formes (nas bordas das sepulturas) dont nous venons de parler nous a donné l'idée qu'ils pourraient avoir été brûlés sur un plancher, probablement à claire-voie, assemblé au moyen de ces clous qui sont ordinairement fort longs».

É certo, porém, que a Fonte-Velha fornece, pelo menos, um exemplo manifesto de o morto ter sido incinerado em ataúde de madeira. Numa das sepulturas nós recolhemos os pregos, fechos, uma argola e outras peças, tudo de bronze, do esquife. Os pregos teem a cabeça conica e alguns as pontas dobradas a $0^{m},20$ das cabeças, indicando que haviam excedido a espessura da madeira.

---

[1] *La vie antique*, Rome, pag. 491, 492-494.

Digitized by Google

Para fazer-se ideia das peças metallicas que se applicavam em taes casos, damos o desenho de todos esses bronzes, taes como se acham expostos no Museu Municipal da Figueira. (Fig. 1).

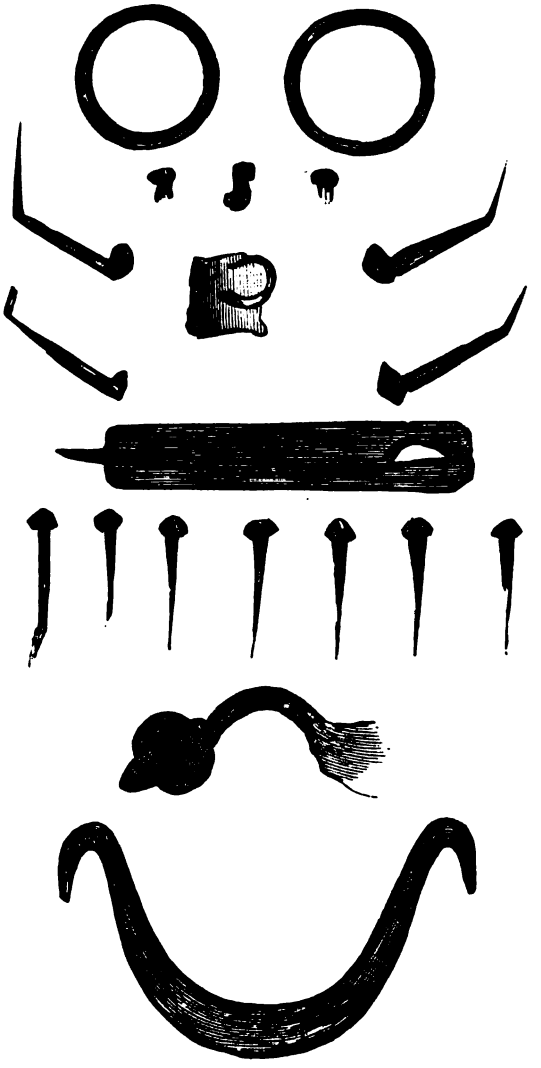


Fig. 1

Sem dúvida faltam muitas, principalmente aquellas em que entravam as lingoetas dos fechos, e as que ligavam a argola; e de algumas das desenhadas não se conhece bem o destino, como são os

Digitized by Google

pequenos anneis; mas em todo o caso alguma restauração póde tentar-se só com os objectos existentes e de uso conhecido. Foi provavelmente a fusão que destruiu as outras; porque nós recolhemos restos de metal completamente fundido, e até um fragmento de fecho apresenta vestigios manifestos de fusão.

*

As urnas, como dissemos, estavam enterradas. Auctores de primeira ordem, como Guhl e Koner, formularam a seguinte pergunta: «Dans quel endroit conservait-on l'urne funéraire, si la famille n'avait point de sépulture commune?»

A resposta é dada, em Portugal, pela necropole que estudamos, como já o fôra em Italia pela necropole de Pompeia, fóra da Porta de Nola, e em França pela necropole de Poitiers: — a urna era enterrada em um terreno publico, destinado para esse fim.

Geralmente estavam a 0m,30, pouco mais ou menos, de profundidade; mas algumas encontraram-se a 0m,15 e a 0m,44 e até a 0m,60. Essa pequena profundidade foi sem duvida causa de se destruirem, no amanho da terra, muitas urnas, de que só recolhemos poucos fragmentos; e um facto semelhante explicará talvez a raridade das necropoles romanas por incineração em várias regiões de Portugal.

Em circumstancias analogas se encontraram as urnas na necropole de Poitiers. «La couche de terre, diz o relatorio das explorações, très peu épaisse à l'endroit où nous avons fait nos recherches, n'atteint par endroits que 0m,40 ou 0m,50; les vases étaient donc tout prés du sol et, malheureusement par suite de cette circonstance, ils sont presque tous brisés, les fragments ont été plus ou moins disséminés, éloignés probablement de leur point de dépôt par la charrue qui les avait arrachés».

É certo, porém, que tanto nesta necropole como na da Fonte-Velha algumas urnas foram protegidas: na primeira por uma especie de caixas ou cofres de pedra, ou por outros vasos de barro de maiores dimensões; e na segunda por pedras dispostas em redor e por cima de cada urna. Advertiremos tambem que na de Poitiers as cinzas que jaziam, não em urnas, mas no fundo dos fossos abertos na rocha viva, eram ás vezes protegidas por telhas ou tijolos dispostos em fórma de tecto triangular, ou por uma especie de caixa feita com cinco tijolos, no meio da fossa, onde se ajuntavam os restos da cremação; caixa que se cercava de pedras.

Digitized by Google

*

As urnas que pudemos restaurar apresentam todas a mesma fórma, que se acha reproduzida na fig. 2; e pelos fragmentos das não restauradas parece-nos que estas deviam ter fórma semelhante. É a das nossas panellas de barro, mas sem asas, se exceptuarmos um exemplar, nos fragmentos do qual notámos vestigios de uma asa.

O barro é geralmente vermelho, castanho ou negro, puro em umas e cheio de grãos quartzosos em outras. Nalgumas urnas está tão decomposto e gasto, que as arestas das fracturas desappareceram, tornando impossivel qualquer restauração.

Fig. 2

Nenhuns ornatos nestes vasos. O ornato só apparece em outros vasos que se achavam associados ás urnas, e que provalmente tinham sido desviados do seu destino primitivo para serem applicados a usos funerarios.

Uma das maiores urnas restauradas mede na altura 0^{m},23, no maior diametro do bojo 0^{m},22, e no diametro da bocca 0^{m},155. A mais pequena, que está imcompleta, mede na altura 0^{m},135, no maior diametro do bojo 0^{m},16, e no diametro da bocca 0^{m},11.

Não tinham tampa *(operculum)* que lhes fosse apropriada. Uma estava tapada com um fragmento de grosso vaso, e outras com pequenos vasos invertidos. A da fig. 3 tinha a bocca coberta com um vaso vermelho em fórma de tigela, invertido, pousando sobre o fundo d'este um outro vaso, tambem invertido, de barro vermelho, pertencente ao typo dos pratos *com pé*. A tigela é de barro grosseiro, já muito decomposto; mas o vaso superior é de pasta mui fina, apresentando nas superficies vestigios da coberta lustrosa de que fallámos a proposito da ceramica de Marim. O typo d'este ultimo vaso é de origem grega: Guhl e Koner apresentam o desenho d'elle entre os vasos da Grecia[1]. O primeiro mede na altura 0^{m},075, e no diametro do bordo 0^{m},14; e o segundo na altura, comprehendendo o pé, 0^{m},36 e no diametro 0^{m},16.

Os vasos com estas fórmas não eram raros. Recolhemos bastantes fragmentos, e conseguimos restaurar mais dois exemplares do segundo typo.

---

[1] *La vie antique*, Gréce, pag. 208, n.° 2.

Digitized by Google

Uma variedade notavel existe nos outros productos ceramicos associados ás urnas. O typo da fig. 4 é muito commum. Dos exemplares que recolhemos, todos de barro vermelho, alguns teem a pasta grosseira e muito decomposta, e outros são de barro fino com coberta lustrosa, e teem a superficie superior do bordo guarnecida de pequenas folhas em relevo, isoladas e todas com a mesma fórma. O maior mede na altura 0^m,036, e no diametro do bordo externo 0^m,163; e o mais pequeno 0^m,034 na altura e 0^m,094 no diametro do bordo externo.

Fig. 3

O da fig. 5, de barro branco, é raro na necropole; mas Estacio da Veiga encontrou este typo em outras estações romanas do Algarve; e nós recolhemos numerosos fragmentos de vasos semelhantes e de muito maiores dimensões nos depositos de Santa Olaya.

O da fig. 6, em fórma de taça com pé, apparece em tres exemplares, todos de barro vermelho muito fino e com coberta lustrosa. É interessante o exemplar que apresentamos, restaurado em parte, por estar externamente decorado com ornatos de phantasia em relevo; e mede na altura 0^m,087 e no diametro 0^m,17. Os outros exemplares são muito mais pequenos, e não teem ornato algum.

Fig. 6

Digitized by Google

O vaso da fig. 7, de barro pardo e grosseiro, não tem similar nos restos que colligimos. Mede na altura 0m,08 e no diametro do bordo externo da bocca 0m,078.

Outras fórmas parecem ainda ser indicadas em fragmentos de pequenos vasos; mas a restauração d'estes foi impossivel, e por isso nos abstemos de as especificar. Alem dos vasos de barro encontrámos junto ás urnas numerosos fragmentos de vasos de vidro. Nós conseguimos, com extraordinario trabalho, restaurar alguns que nos parecem muito interessantes, e que convem assignalar aos leitores d-*O Archeologo*.

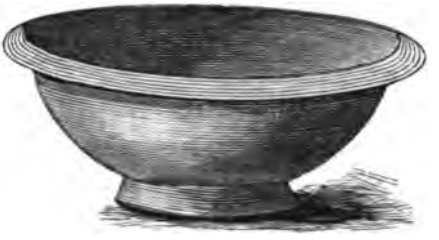


Fig. 4

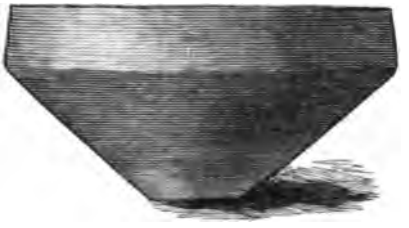


Fig. 5

Seja o primeiro um de côr esverdeada, com a fórma de gomil, recordando perfeitamente a *oinochoé* dos gregos. Tem collo elevado e asa, e mede na altura 0m,15 aproximadamente.

Ha dois copos grandes, que recordam as fórmas de alguns dos nossos copos da actualidade. Um de vidro mui fino e diaphano, tem o typo campaniforme, e mede na altura 0m,093; e outro, de vidro esverdeado e com algumas faxas esmeriladas, devia ter pé, e pertence ao typo que Guhl e Koner representam na fig. 207 da sua obra sobre a vida romana[1]. A altura do corpo d'este segundo vaso é de 0m,10.

[1] *Rome*, pag. 241.

Digitized by Google

Outro vaso com ornatos em relevo recorda o typo do *aryballos* dos gregos, que Guhl e Koner representam na sua obra sobre a vida grega, figs. 237 a 277, n.º 36[1], com a differença de o nosso exemplar ter a bocca e collo mais largos. Mede na altura 0m,08.

Pertence ao mesmo typo, mas sem asa, um vaso de vidro tão delgado como uma folha de papel, de que não foi possivel restaurar senão a parte superior. Distingue-se esta peça por ter o collo mais elevado, e ser bojuda.

São tambem notaveis os restos de uma taça ondulada com fundo de prato, guarnecida de faxas esmeriladas.

Alem d'estes vasos recolhemos alguns que pertencem á classe dos frascos. O mais importante é uma elegante garrafinha de vidro amarello, de collo alto e estreito e com o bojo em fórma de taça.

Fig. 7

Mede na altura 0m,165. Outra garrafinha, de vidro esverdeado, é mais grosseira na fórma, posto que tenha collo elevado, não só por este ser demasiadamente largo, mas porque o bojo vae augmentando do diametro para a base, e não tem pé. Os restantes são pequeninos vasos que pertencem indubitavelmente ao typo do *alábastron* dos gregos, mas tendo o gargalo bastante desenvolvido. Os bojos são semelhantes aos dos n.os 35 e 37, figs. 237 a 277 da obra de Guhl e Koner[2]. Alguns d'estes vasos estão deformados pela fusão.

Notaremes por ultimo os restos de um vaso depolido e com ornatos em relevo, indicando o typo da *oinochóe*.

---

[1] *La Grèce*, pag. 208.
[2] *La Grèce*, pag. 208.

Digitized by Google

*

Alguns dos vasos de barro e de vidro eram destinados ás libações, taes como a *oinochóe,* as taças, os copos e outros vasos de bocca larga; e as garrafinhas e o *alábastron* eram destinados aos perfumes. Vasos com estas applicações se encontram frequentemente nas sepulturas romanas, como afirmam Guhl e Koner.

Pensou-se durante muito tempo que o *alábastron* era destinado a receber as lagrimas dos parentes do morto, e ainda hoje alguns archeologos o denominam *lacrymatorio;* mas Rich, fundado nos auctores antigos, o comprehende no typo *unguentarium,* ou vaso de perfumes, como era entre os gregos, e muitos escriptores abalisados seguem a mesma opinião. Se esse vaso fosse destinado a conservar as lagrimas dos parentes do morto, devia naturalmente estar tapado e não ser lançado na pyra, como aconteceu aos exemplares que nós encontrámos deformados pela fusão.

O uso dos perfumes nas cerimonias funebres era geralmente espalhado entre os romanos. Os cadaveres eram perfumados, como indica a insignia de um *mycopolium* ou *mycolium,* loja de perfumes, encontrada em Pompeia[1]; e depois da cremação, as cinzas tambem recebiam substancias aromaticas. Breton cita estes versos de um antigo poeta:

> .....Sed cenam funeris heres
> Negliget iratus, si rem curtaveris; urnae
> Ossa inodora dabit.

«O teu herdeiro, furioso de ver os bens diminuidos, desprezará o festim do teu funeral, e encerrará na urna os teus ossos sem perfumes[2]».

O fogo não atacou sómente alguns dos vasos de vidro que estavam fóra das urnas: dois vasos de barro soffreram tambem a sua acção destruidora, e d'elles não encontrámos uma grande parte dos fragmentos. Isto significa, a nosso ver, que taes objectos não foram collocados inteiros nas sepulturas.

Factos semelhantes foram observados na necropole de Poitiers, sendo notaveis as considerações que a seu respeito faz o relatorio da exploração.

---

[1] *Pompeia,* de E. Breton, pag. 331; Lagréze, *ob. cit.,* pag. 82.
[2] *Ob. cit.,* pag. 96, nota 1.

Digitized by Google

«Quelques fois, diz elle, sous le conduit il y a des débris de vases en terre et en verre. Dans certaines tombes il y a des très nombreux débris, mais, chose remarquable, il est certain pour nous que les vases auxquels ils appartiennent n'ont pas toujours été placés entiers dans la fosse.

Ils nous paraît possible de distinguer en trois catégories les vases dont nous avons trouvé des traces:

1° Des vases placés entiers autour du bûcher, souvent brisés pendant la combustion, les uns tombés par fragments dans le brasier et fondus ou brûlés; les autres restés sur le bord, mais ramenés ensuite sur les cendres, avec plus ou moins précaution.

2° Des vases brisés en dehors du bûcher dans quelque cérémonie de funerailles, et dont on aurait jeté quelques débris dans les cendres, déjà éteintes ou près de l'être.

3° Des vases placés après coup dans la fosse pour contenir quelques ossements recueillis.

Ajoutons que, dans presque toutes les tombes, on rencontre des débris de fioles de verre à long goulot et à panse aplatie; cette fréquence donne à penser que c'étaient des fioles renfermant des parfums dont on arrosait les cendres ou les bûchers encore en activité, et que l'on y jetait ensuite».

*

Alem dos vasos recolhemos fóra das urnas uma ponta de lança *(cuspis)* quasi inteira, dois fragmentos de outra que foi manifestamente partida, restos de uma terceira, muito deteriorados pela oxydação, que parece pertencer ao *spiculum* de que fallam Guhl e Koner, e de outra arma que parece ter sido uma espada, toda de ferro, assim como alguns fragmentos de placas do mesmo metal.

A arma partida indica uma cerimonia dos funeraes. Estacio da Veiga menciona armas de ferro torcidas, provenientes de Alcacer-do-Sal, que attribue a epocha muito anterior á romana, e ainda outras provenientes de Hespanha; e cita a opinião do sr. Worsaae á cêrca de semelhante uso[1]. *O Archeologo* em o n.° 3, referindo-se a essas armas de Alcacer, tambem explica o seu estado por um rito funerario anterior aos romanos.

Mas, se algumas dúvidas offerecem esses objectos pre-romanos, o nosso exemplar parece-nos decisivo quanto á epocha romana. Os ves-

[1] *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, IV, pag. 268 e segs.

Digitized by Google

tigios da fractura são manifestos, e os fragmentos foram recolhidos em um dos depositos funerarios da necropole, no meio de carvões e cinzas vegetaes.

*

A pasta cineraria contida na primeira urna que escolhemos, foi transportada para a nossa residencia de Faro, e ahi minuciosamente examinada. Esta urna estava soterrada a grande profundidade, mettida entre pedras, sem indicios de carvões e cinzas no terreno que a envolvia; e, apesar de fendida, poude ser retirada com todos os fragmentos adherentes á pasta interna. Não havia nella o menor vestigio de remeximento.

Submettendo ao calor do fogo uma pequena porção da pasta, tomou o aspecto e a dureza da argilla secca, de côr vermelha. Era manifesto que as aguas, introduzindo-se pelas fendas da urna e dos vasos que serviam da *operculum,* haviam levado em dissolução, e misturado nas cinzas, particulas argillosas do terreno circumdante.

O resto da pasta, conservando muita humidade, apresentava um contacto oleoso, e exhalava um ligeiro perfume. Estes dois factos causaram-nos tal surpresa que, duvidando dos nossos sentidos, fizemos com que mais tres pessoas os verificassem; e todos reconheceram que não nos illudiamos. A analyse chimica, feita pelo sr. Sotero Simões de Oliveira, confirmou o facto da existencia de uma substancia oleosa. No seu relatorio aquelle cavalheiro exprime-se nestes termos: «Verifiquei estar a massa impregnada de oleo, de que não poude determinar a qualidade».

Alem de terra, cinzas e ossos calcinados, só encontrámos em algumas urnas os objectos que vamos indicar.

O mais importante devia ser uma moeda de bronze, que conservamos no Museu Municipal da Figueira: mas infelizmente a oxydação destruiu por completo os vestigios do cunho; e por isso impossivel é conhecer a epocha a que pertence.

A presença d'esta moeda representa, como é sabido, um uso muito espalhado entre os romanos, de collocar nas sepulturas o dinheiro destinado a pagar a Charonte a passagem na barca infernal. Na necropole situada fóra da Porta de Nola, em Pompeia, cada urna continha alguma d'essas moedas [1].

---

[1] *Pompeia,* pag. 115; Lagréze, *ob. cit.,* pag. 91.

Digitized by Google

Quanto á necropole de Poitiers, o relatorio das explorações exprime-se nestes termos: «Les monnaies sont rares; nous en avons recueilli un petit nombre. Les sépultures incinérées n'en renferment presque jamais et dans les autres, les bronzes, sans doute promptement altérés par les chairs en décomposition, ne sont presque jamais déchiffrables».

Em uma das urnas existia uma fibula, e em outra existiam duas, todas de bronze, tendo estas ultimas ligeiros ornatos.

Uma serie de pequenos vasos de vidro, do typo *alábastron,* foi tambem colligida em diversas urnas. Alguns partiram-se no acto da exploração; mas as outras foram retiradas inteiras. Duas fórmas principaes se distinguem nestes objectos: uma é a que já indicámos; e a outra é representada por um longo collo cylindrico, terminando em baixo por um pequeno corpo de fórma conica.

*

Quanto á epocha do dominio romano a que pertence esta necropole, nada podemos dizer. Se as semelhanças com a de Poitiers indicassem seguramente a mesma epocha, teriamos de attribui-la aos seculos II e III da era christã[1]. Mas essas semelhanças não são, a nosso ver, uma forte razão de decidir, porque muitos usos romanos foram conservados em diversas epochas. Bastará notar que a necropole de Pompeia, a que nos referimos, tambem analoga á da Fonte Velha, pertence ao seculo I antes de Christo e ao seculo I da era christã.

(Continúa.) A. dos Santos Rocha.

Inscripção de Villarandello

(Vide *O Archeologo Português*, I, 118)

No artigo «Inscripção romana de Villarandello» (vide o n.º 5, pag. 118), linha 8.ª, onde se lê *Torre de D. Chama* deve ler-se *Torre de Moncorvo.*

J. L. de V.

---

[1] Sobre o que temos dito á cêrca da necropole gallo-romana veja-se o *Catalogo do Museu de Cluny,* pag. 638 e sega.

Digitized by Google

Antiguidades do Sul do Tejo

(Mencionadas num manuscripto de D. Fr. Manoel do Cenaculo [1])

1. Troia (defronte de Setubal)

«Pelo espaço de legoa de terra, que o mar banha, no prolongo do sítio de Troia, achão-se ruinas de muita antiguidade, sepultadas pela maior parte em pesados montões de areia, que alguma difficuldade me tem causado para que não tente excavações mais dispendiosas que as minhas possibilidades destinadas a cousas de outra importancia». (*Sisenando,* pag. 85).

A pag. 89 refere-se Cenaculo ao apparecimento ahi de uma lucerna romana, com a figura de um cacho no disco, hoje guardada no Museu da Bibliotheca de Evora.

Á cêrca das ruinas da Troia vid. *O Archeologo Português,* pag. 54.

2. Antiguidades romanas da herdade do Raco (S. Tiago de Cacem)

«Em huma sepultura na erdade do Raco, d'esta freguesia do Cercal, duas legoas distante da Foz e Porto de Villa-nova-de-milfontes, se achou o symbolo da eternidade figurada na serpente circular de bronze, ajustando não a cauda e cabeça, mas sim duas cabeças, porque em vez de cauda repete segunda cabeça, como sem fim. O ósculo nesta curva he nas cabeças, tendo principio sempre, e nunca remata, o que mais symboliza a eternidade, e d'este feitio vai a mostra na figura[2]. Pela observação que fiz no espaço de mais de tres horas, no exame do terreno do Raco, pareceo-me ser da mais remota antiguidade. Isto vou dizendo, para depois se unirem as especies em hum todo que decidão pela antiguidade dos objectos, e suas significações aos respeitos que são o fim d'este escrito. O bom e honrado lavrador, o capitão Simão dos Santos, me facilitou quanto era necessario para o exame.

---

[1] Tendo passado parte das ferias do Natal de 1895 em Evora, copiei na Bibliotheca Publica d'aquella cidade algumas notícias archeologicas, e entre ellas as que vou aqui publicar, contidas numa obra que o veneravel arcebispo eborense, e fautor dos estudos archeologicos em Portugal nos fins do sec. XVIII e principios do XIX, D. Fr. Manoel do Cenaculo, deixou manuscripta, com o titulo de «*Sisenando martir e Beja sua patria,* MDCCC».

[2] [Cenaculo refere-se a estampas archeologicas contidas num Album que hoje se guarda tambem na Bibliotheca de Evora; porém nem todas as estampas primitivas existem já].

Digitized by Google

Em huma area muito estendida se acha por quasi toda ella avultado número de sepulturas, sendo especiaes as mais proximas a hum copioso nascedío de agoa corrente.

Fiz abrir mais de dez sepulturas: todas ellas são de huma simplicidade notavel. Nos topos, e lados do vivo das sepulturas se acha forrada a terra de lages toscas, e as coberturas são de semilhantes lages, das quaes a maior que medi tem seis palmos de comprido, e tres de largo: as outras são pequenas, e nehumas d'ellas affeiçoadas, nem cortadas, mas são pedaços mal juntos, nenhum artificio, nem hũa letra. Raro osso apparece, porque os corpos estão absolutamente gastos, creio que tanto pela humidade, como pelo tempo dilatado. Achei misturados na terra das sepulturas vasos de vidro quebrados, e inteiros, e podem ser fiolas lagrimatorias; e mais se achárão ferramenta de serralharia, e ferraria quasi a desfazerem-se. Encontrárão-se pucaros, tigelas, e bandejas, tudo de barro, e algum mais fino, e delicado seu lavor: são linhas curtas, e maiores, e muitos circulos fechados, e pequenos. Serão insignias dos enterrados, ou de outro serviço relativo aos defunctos, os quaes vasos logo que se expõem ao sol, ou vento, se desfazem, tendo-os porém em sombra callada sécão bastantemente. Hum anel de oiro muito delgado me consta haver-se ali descoberto, e o vi depois com hum gravado até agora imperceptivel; e huma cadeia gargantilha de oiro tenuissima, e alternada de grãos facetados de materia vidrenta e parecidos com granadas..... Em hum vaso de vidro do dito terreno se áchão muitos circulos descritos, e no meio d'elles huma nodoa redonda». (*Sisenando,* pag. 69-72).

O A. attribue estas antiguidades a Phenicios ou Egypcios, mas não ha dúvida que se trata de sepulturas romanas, o que se confirma com o apparecimento de moedas romanas, que o A. tambem menciona, embora tirando outra conclusão differente da que tenho por verdadeira: «As medalhas romanas ali achadas só provão a variedade dos habitantes». (Pag. 72).

8. Antiguidades romanas do Roxo (S. Tiago do Cacem)

«No Roxo, uma legoa distante de Alvalade, tem-se descoberto antiguidades, e pouco ha que alli observei o descobrimento de hum lagar onde se achárão bagulhos resequidos de uvas (*sic*), medalhas e lanternas sepulcraes [lucernas]..... he sitio cheio de paredes antigas, tanto da parte do Poente, alem da Ribeira de S. Romão, como da parte oriental». (*Sisenando,* pag. 98).

«Tres [lucernas de barro] achadas na mesma sepultura [i. é, numa mesma sepultura], e huma d'ellas grega, acaba de enviar-me o capitão

Digitized by Google

Francisco José Agoas, as quaes descobriu juntas em huma sepultura da sua erdade do Roxo....., onde tem apparecido bastantes antiguidades com que elle tem querido aumentar este Museo Sacro-Profano [o Museu episcôpal de Beja]». (Pag. 136–137).

No Museu Ethnographico ha tambem uma lucerna com inscripção grega, achada no sul do reino.

4. Estrada romana de Beja a Mertola e sepultura romana

«A estrada romana principal, de que falla Antonino, de Beja para *Julia Myrtilis,* Mertola, tem outras duas estradas mais estreitas, parallelas, mais ou menos divergentes, pelo lado oriental. Distão entre si coisa de duzentos passos, e são romanas, porque, segundo o estylo d'aquella antiguidade, estão bordadas de sepulturas, das quaes algumas ainda estão patentes. A estrada mais oriental vae a Serpa, e passa pela Aldea de Quintos, sitio de muitos vestigios romanos[1]..... Na estrada média parallela, e que vae a Mertola, e sae d'esta cidade para o sudoeste, descobri uma sepultura ainda por tocar, e os restos do cadaver tinhão os pés para o oriente; a postura era da face para a terra, e a parte occipital da caveira estava san, e coberta com dois ladrilhos encostados em si mesmos, concorrendo de face a formarem angulo, e defendião de cahir terra na caveira, servindo como hoje os lenços, e vendas cobrem os olhos dos defuntos». (Pag. 138).

5. Várias antiguidades do Algarve e Alemtejo

1. De Alvalade, etc.

Fallando de Alvalade, Amendôa, Villa-Nova-de-mil-fontes, diz Cenaculo:

«..... todo o litoral d'aquelle contorno da minha diocese offerece antiguidade de mui velha data, e posso proferir que aquelles sitios dão aso para se reputarem cheios de povoações antiquissimas». (Pag. 99–100).

2. Cemiterio do litoral de Sines

Fallando da Foz-Junqueira, a uma legoa de Sines, diz:

«..... mandando eu fazer algumas excavações naquelles sitios, achei no interior d'aquella Praia vestigios de paredes grossas, e antiquissimas; e junto ao mar eu mesmo descobri nos difficultosos médos

---

[1] [Cfr. Hübner, *Noticias archeologicas de Portugal,* pag. 40; e *Corp. Inscr. Lat.,* II, 101].

Digitized by Google

de areia muitas sepulturas, e pedaços de bronze; entre elles um pequeno tubo do mesmo metal, torneado com elegancia, que serviria de guarnecer alguma alfaia de madeira». (Pag. 100).

«No longo litoral da Praça de Sines, distante d'ella, pouco mais de legoa, achei um cemiterio parallelogrammo, de 90 por 20 palmos, repartido em quadrados longos, de várias dimensões, o qual está junto ao mar, e encravado em médos de areia, que tem feito a excavação mui difficultosa, e só depois da minha terceira tentativa em diversos annos pôde apparecer algum vestigio: as paredes são de taipa, e formigão argiloso, e arenoso, mui bem feito, e arrematado em silices bem cravados, e unidos a outros com seixo preto. No penultimo quadrado em hum lado, no centro da parede, ha um quadrilatero cubico e vazio: o seu remate de abobeda argilosa, de cuja forma ainda acudi a deixar tal qual figura quando os trabalhadores alçavão as enxadas, e o destruirião de todo: he lageado *de quisto:* creio ser o lugar para se conservarem as luzes sepulcraes, pois he aberto em hum dos lados. Ao lado pois d'este, ao que parece, longo cemeterio se encontrou huma sepultura cujo pavimento he de ladrilho mui bem trabalhado, mas já pela antiguidade está como fungoso, e nelle achei muita cinza já areada, mas em volume que tinge de sua côr as arêas: d'onde se vê ser sepultura de combustão dos corpos» (Pag. 138–139).

6. Objectos religiosos antigos

1. Hercules

a) «Se he possivel acreditar por *Hercules em repouso* a huma figura, bem que rude e mesquinha, o que prova sua maior antiguidade, de pedra fina agata, achada nestes campos mui proximos a Beja.....: ella representa um ancião assentado com uma pelle no braço esquerdo e recostada a face na mão direita». (Pag. 107).

Depois de a comparar com a do n.º CLIII das *Inscrizioni antiche delle ville e de' pallazzi Albani,* de Caetano Marini, Roma 1785, pag. 50, accrescenta: «Mui rude he nosso Hercules: descança a figura assentada com a mão direita na face, e pendurada do braço esquerdo uma roupage, que o artista figurou mal, porém o mesquinho não destroe a verdade da coisa». (Pag. 108). Cenaculo remette o leitor para uma estampa, mas esta perdeu-se, a não ser que seja uma que ha na Bibliotheca de Evora; mas será effectivamente de Hercules?

b) «Outro Hercules achado na freguesia de S. Theotonio, junto ao mar e Cabo Sardão, neste occidente litoral, vizinho do Promontorio Sacro, confirma seu culto neste territorio. He de barro fino, preto

Digitized by Google

e duro, na figura de menino assentado sobre a enrolada pelle das serpentes que lhe arremessou Juno para o devorar no berço: elle as matou, e em cima do destroço está zombando; pois d'entre as perninhas sahem as pontas da farpada pelle da cabeça despedaçada. O menino está rindo para ella com prazer.....». (Pag. 109).

A estampa, para que Cenaculo remette o leitor, tambem se perdeu; mas devia ser semelhante á que vem em Montfaucon, *L'antiquité expliquée,* II, est. CXXIII, n.º 1.

2. Diana Mammaea

«..... um achado nas casas do sargento-mór Francisco Manoel de Mello [em Beja], que generosamente me fez d'elle mimo para este Museo, e consiste em uma pequena memoria dedicada a Diana Mammea..... e contém entre duas tetas a cabeça mitrada de um cervo desarmado, e só com as orelhas levantadas, como um d'aquelles que se vêm no cinto de Cybele de Kircher, *Oedipus,* L. I, pag. 190, com a differença de estarem os cervos d'esta estatua abaixo dos peitos da deusa, e a cabeça que aqui se achou, por estar destacada da estátua, contém em si mesma as têtas para sinal da sua dedicação a esta mamosa Ceres: he de barro fino. Com elle se achou hum pequeno pucaro levissimo de vidro, refendido em barro tão subtil, que apenas terá tres linhas de grosso: não he transparente; na verdade parece compor-se de vidro pelo brilhante fixo e geral com variedade de colorido». (Pag. 109–110).

A estampa de Diana, a que Cenaculo allude, tambem se perdeu.

Trata-se provavelmente da figura de uma Diana d'Epheso. Não consegui ainda examinar o logar do *Oedipus* de Kircher, citado por Cenaculo, pois na Bibliotheca Nacional só existe o 2.º vol.; mas em *L'Antiquité expliquée* de Montfaucon, I, est. XCIII–XCVI, encontro figuras que em parte conrrespondem á descripção que se faz acima.

3. Bucranios de pedra

«..... muitas cabeças de toiro, que ainda na cidade [de Beja] se conservão..... Modernamente se descobriu uma cabeça de toiro, affeiçoada para ter assento em ara, com parecença quasi humana, e furada no alto, ou para grinalda, ou para suster a gallinha fatidica». (Pag. 111–112).

O A. liga isto com o culto de Apis (pag. 111), e com «a *Mãe dos deuses,* de que tambem ha vestigios nesta cidade» (pag. 112); igualmente imagina que esses bucranios se relacionam com o uso do *taurobolio* (ib.). Mais allusões: «..... a cabeça de que agora se tracta,

Digitized by Google

entre as muitas de toiro, marmoreas, que pendem nos muros e paredes da cidade» (pag. 111); «..... este crescido número de bucranios, ou cabeças de toiro». (Pag. 112).

O bucranio, a que elle especialmente allude, talvez seja o que está na horta do Paço episcopal pacense, que eu não pude ver de perto. Em Beja existem ainda outros bucranios. Não é Cenaculo o primeiro que falla d'elles; já tambem o fizerão Rèsende, *De Antiquitatibus,* lib. IV, «De Pace Julia», e Arráiz, *Dialogos,* IV, VI.

4. Isis

«Isis enfaxada como as mumias, desde os pés até ao pescoço, achada nesta freguesia de Pero-guarda, tres legoas distante da cidade». (Pag. 113).

A figura perdeu-se; mas sem dúvida era semelhante a uma das que vem em Montfaucon, *L'antiquité expliquée,* II, est. CXI–CXII.

5. Capiteis de um templo pagão

«..... *templo* [em Beja], de que restão alguns capiteis de cinco palmos de diametro, e outros menores, de diversas ordens de architectura.....». (Pag. 142).

A estas classes de capiteis pertencem certamente os que hoje se conservam ao cimo da escada principal dos Paços Municipaes de Beja.

6. Cybele (?)

A pag. 144 e 156 falla de um resto de estatua de Cybele [?] cujo desenho está num Album que Cenaculo legou á Bibliotheca de Evora, fig. 97. D'este trôço de estatua diz Murphy:

«..... statue mutilée assise sur un trône, qu'on suppose représenter la déesse *Cybèle.* Quoiqu'il lui manque la tête et les bras, les restes en son très-précieux. Les belles proportions de ce qui existe, la forme de la draperie et la délicatesse de la sculpture prouvent clairement qu'elle fût exécutée dans le temps où les arts étaient à leur zénith». (*Voyage en Portugal,* Paris, 1797, pag. 335).

Foi achado em Beja. Cenaculo tambem allude a Murphy.

7. Idolos Penates

«Os idolos Penates aqui descobertos são de muita antiguidade, por serem grosseiros e pequenos, como adverte o Autor da obra *De l'usage des statues,* cap. IX». (Pag. 156).

Refere-se muito provavelmente ás figuras de barro que hoje existem na Bibliotheca de Evora, analogas a uma que existe na de Lisboa.

Digitized by Google

8. Templo de Tiberio

«Erigiram templo a Tiberio, parte de cujas magnificas columnas estão soterradas na rua de Aljustrel [Beja], vistas nestes ultimos annos». (Pag. 157).

Mas que razões teria para as attribuir a um templo de Tiberio?

9. Serapis

«Do templo de Serapis se descobriu agora a bella inscripção que vae copiada.....». (Pag. 157).

Vid. a respectiva estampa no *Album,* n.º 23; e a inscripção no *Corp. Inscr. Lat.,* II, 46.

Não falla, porém, de ruinas do templo. Eu em Beja ouvi fallar de umas vagamente; mas não pude averiguar nada ainda. A lapide a que Canaculo se refere existe hoje no Museu Municipal Bejense.

*

Alem d'estas notícias, ha ainda uma sobre epigraphia iberica, que publicarei noutra occasião. E nisto se cifra, me parece, o que no *Sisenando martyr e Beja sua patria* o arcebispo Cenaculo deixou digno de menção, e aproveitavel no campo da archeologia. Pouco mais, noutros campos, lá se lê que eu julgue proprio para a publicidade. Cenaculo, embora recorrendo ao conhecimento que tinha do grego e do hebraico, perde-se em transcendentes questões ethnologicas: se o illustre fundador do Museu e Bibliotheca Eborenses existisse hoje, de certo teria adquirido outra orientação; e portanto não offendamos a sua memoria, dando a lume escriptos que elle mal poderia agora approvar. A obra, de mais a mais, ficou incompleta.

J. L. de V.

Insignia de bronze antiga

O touro de bronze figurado na estampa junta pertence ao Gabinete numismatico da Bibliotheca Nacional de Lisboa; tem de maior altura $0^m,05$ e de maior comprimento $0^m,14$.

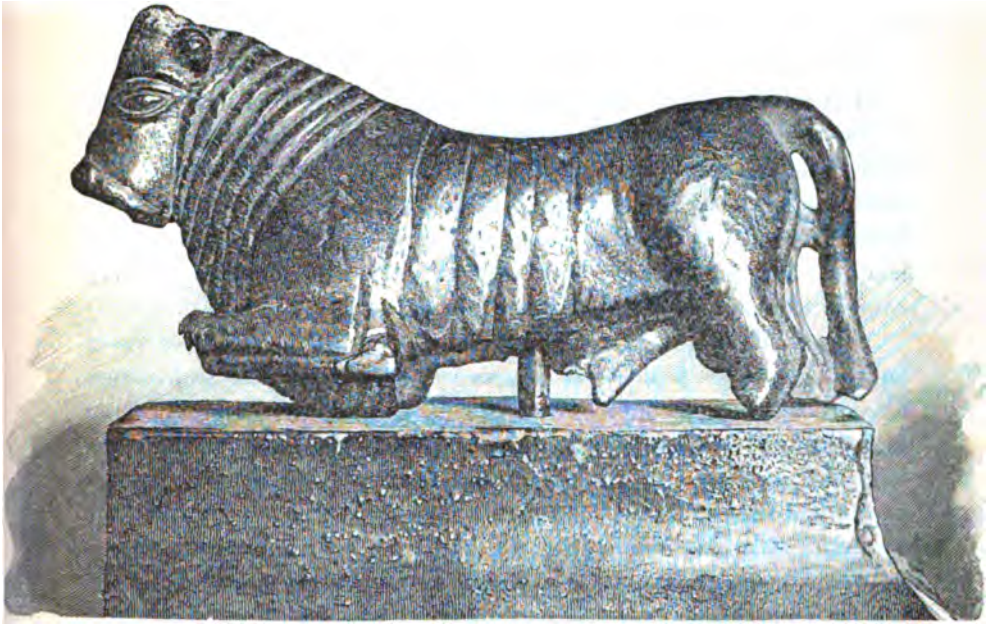
Ignoro a procedencia d'elle, mas foi provavelmente achado em Portugal.

Digitized by Google

A gravura representa bem o animal; juntarei apenas algumas notas descriptivas.

Este tem os chifres e as pernas partidos. No focinho abre-se uma cavidade rectangular e profunda; no ventre ha outra abertura tambem rectangular. É ôco, a cavidade buccal communica com o vazio interior.

As linhas geraes são boas; tem o aspecto, bem desenhado, do touro bravo das nossas charnecas; é curto, espêsso, a testa larga, o cachaço robusto e muito rugado. Os olhos são demasiadamente grandes.



A cauda adhere á parte que resta da perna direita em dois pontos previstos na fundição. O orgão sexual está rigorosamente formado.

O touro galopa com vigor, erguendo a dianteira; de qualquer ponto que se olhe, a fórma geral é boa.

De modo que esta antigualha, provavelmente romana, é de grande valor archeologico, e tem ainda o merito de ser bom documento artistico.

Na *Revista Lusitana,* II, 92–93, se fez uma referencia a esta preciosidade, considerando-a como insignia, e comparando-a com outras do mesmo genero.

Gabriel Pereira.

Digitized by Google

Dolmens ou antas de Villa Pouca de Aguiar

(2.º artigo)

Já a pag. 36 d-*O Archeologo Português* comecei a descrever os monumentos archeologicos d'esta região, e agora continúo com a descripção, mencionando todos os interessantes objectos encontrados em 56 dolmens que temos explorado, eu e o meu intelligente collega P.e Brenha, abbade de Bornes das Pedras Salgadas.

*

Era na estação invernosa de 1894.

Os sonhadores de *thesouros encantados,* reunidos em grupo, folheavam e reliam o celebre livro de S. Cypriano junto das môças que, rodeando grandes fogueiras de lenha de carvalho, contavam as suas lindas historias de *mouras encantadas.* Uns e outros, confiados nas lendas e nas palavras do livro magico, pensavam em ir escavar, á cata de riquezas, as antas da Serra do Alvão.

Depois de esgotada toda a minha logica para convencer esses pobres ignorantes sonhadores de que só iam dar prejuizo se fizessem as escavações projectadas, e nada podiam encontrar de thesouros ou dinheiros nas *casas dos mouros,* como elles chamam aos dolmens, e vendo que todas as minhas explicações eram baldadas e que me não attendiam — foi então que para obstar á destruição sem lucro me resolvi, apesar das intemperies da estação, e soffrendo fortes açoites do vento e do graniso, a ir explorar os numerosos monumentos de que se trata, com o que consegui mostrar aos ignorantes *sonhadores* que ahi nada apparecia do que elles procuravam, mas sómente pedras e objectos semelhantes, para elles de nenhum valor.

No dia 20 de Dezembro de 1894 começámos, eu e o meu collega P.e Brenha, os nossos trabalhos nas montanhas agrestes do Alvão, passando algumas privações e dissabores, que felizmente foram compensados com o apparecimento de muitas preciosidades archeologicas, dignas de exame e estudo.

O sr. Leite de Vasconcellos, que ha dias visitou o nosso pobre mas estimado museu, fará brevemente publicar desenhos e photographias de alguns dos objectos apparecidos, acompanhando-os de commentarios; entretanto, em face da planta junta, vou descrever summariamente tudo quanto tenho observado e achado.

Digitized by Google

*

As montanhas do Alvão, onde se encontram estes e outros dolmens que já estão devassados, pertencem á freguesia de Soutello do Valle de Villa Pouca de Aguiar, distando da Villa os primeiros dolmens aproximadamente 5 kilometros, e da estrada de macadam que segue para Guimarães uns 200 ou 300 metros, divisando-se da estrada perfeitamente as *mamoas* e alguns esteios levantados. É um local frio, achando-se na estação invernosa algumas vezes coberto de neve da espessura de 0m,50 e mais, conservando-se esta espessura de neve por bastantes dias. Existem espalhadas nestas montanhas as aldeias de Carrazedo do Alvão, Lixa e Paredes, todas pertencentes á freguesia de Soutello do Valle.

Na área de 10 kilometros quadrados existem para cima de *duzentos dolmens,* alguns já devassados, outros sem esteios, outros intactos (como nós encontrámos alguns) e outros explorados: ao todo 56, de que vamos fallar. Como os dolmens estão em grupos, será assim mesmo que os descreveremos.

*

1. Grupo da Portella da Chã:

O primeiro grupo de que vamos fallar consta de quatro dolmens, dois em bom estado de conservação e dois apenas conhecidos pelas *mamoas,* pois estão já sem esteios. É chamado este sitio a *Portella da Chã de Soutello do Valle.*

Um dos dolmens explorados estava ainda intacto, faltando-lhe apenas a tampa ou cobertura, que ha poucos annos o proprietario da *bouça* ou mata onde elle se encontra removeu para fazer uma *lareira* de cozinha; a camara do dolmen estava completamente cheia de terra, e os esteios todos soterrados até á extremidade superior, sem haver indicio algum de o dolmen ter sido remexido nos tempos passados. Os esteios são em numero de sete, todos levemente inclinados para o centro da camara, tendo cada esteio uns 2 metros de altura por 0m,50 de largo, e a parte inferior, que segura o esteio, calçada com pedras, á maneira de cunhas. A abertura do dolmen volta para o nascente. O pavimento d'estes dolmens é de terra argilosa amarella, contando-se d'essa camada inferior, para cima, tres camadas differentes de terra para ali transportada.

Não continham estes dolmens restos alguns ou indicios de ossos, nem cinzas ou carvão, como muitos outros que explorámos, mas em

Digitized by Google

compensação encontrámos num d'elles o seguinte: um *moinho* de moer grão, feito de uma pedra de 0m,30 de largo por 0m,30 de comprido, cavada ao centro, com a parte cava voltada para baixo; uma pedra redonda de 0m,32 de comprido, com todos os indicios de haver servido de *pilão* ou triturador do grão; algumas pedras redondas e delgadas, com indicio claro de terem servido para assar a farinha amassada; um furador de silex, do comprimento de 0m,10; uma faca de silex; duas pontas de lança; amuletos (?) de crystal de rocha, e algumas contas de pedra. Nos outros dolmens não appareceu nada. Os dolmens mencionados teem no mappa por nós organisado os n.os 1 e 2; o de n.º 1 é que continha todos os objectos.

2. Grupo de Trandeiras:

O outro que explorámos consta de sete dolmens: n.os 49 a 55 do mappa. Ficam proximo da povoação de Trandeiras, freguesia de Affonsim; mas nas montanhas do Alvão é chamado hoje aquelle sitio pelos habitantes da povoação vizinha — *As casas dos mouros.*

Nada encontrámos digno de menção neste grupo, a não ser a pequena dimensão dos dolmens; apenas comportam um homem de pé, dentro d'elles. Constam igualmente de sete esteios pequenos, pouco mais ou menos com estas dimensões: 1 metro de alto por 0m,30 de largo. A entrada volta para nascente. Todos estão já sem tampa, mas ainda com as mamoas muito pronunciadas em volta.

No fundo do dolmen n.º 49, junto ao esteio da frente, appareceu um machadinho muito pequeno, de *barro amarello* (?), liso, do tamanho de uma amendoa. Nos outros não appareceu nada.

Nenhum d'elles encerrava cinzas, carvão ou indicio algum de ossadas.

Cada um tinha igualmente tres camadas de terra, que havia sido transportada para ali.

3. Grupo da Falperra:

Nos dolmens do grupo de *Falperra,* n.os 39 a 43 do mappa, não appareceu nada, por estarem bastante devassados.

4. Grupo da Lixa do Alvão:

Nos dolmens do grupo da *Lixa do Alvão,* n.os 30 a 34 do mappa, appareceram alguns instrumentos de pedra, polidos nas extremidades, em fórma de punhaes e utensilios. Estes dolmens tambem são de pequenas dimensões, e estavam bastante devassados.

Digitized by Google

5. Grupo de Frieiro:

O importante grupo de Frieiro abrange os dolmens n.os 35 a 38, que já estavam bastante devassados, á excepção do de n.º 32, que continha o seguinte: á profundidade de um metro, logo á entrada do dolmen, uma pedra collocada horizontalmente, e servindo de pavimento, a qual mede de largura 0m,90 e 1m,30 de comprido, coberta de covinhas, umas maiores, outras mais pequenas, em numero de trinta e seis; as maiores, do centro, continham os seguintes ossos envolvidos em cinza: metade de um *cranio de criança e a parte posterior de outro, 4 ossos temporaes, 2 costellas, 4 vertebras lombares e 1 cervical, 1 radio e 4 ossos metatarsianos: — tudo isto bastante carbonizado, e, como disse, envolvido em cinza e carvão vegetal e talvez tambem animal.*

Este dolmen n.º 32 foi, pouco antes de nós o explorarmos, deitado ao chão, para transportarem alguns esteios para a vizinha povoação de Paredes; mas os devastadores não cavaram no solo, porque a mamoa estava quasi desfeita e os esteios puderam ser derrubados sem trabalho; no interior, onde se achava a *pedra dos sacrificios,* como nós appellidamos aquella pedra[1], estava a terra ainda na primitiva posição, conservando-se bem visiveis as tres camadas de terra sobre ella: a primeira camada, logo sobre os ossos, era de areia e terra argilosa, medindo de espessura 0m,30; a segunda, sobre esta, de terra lodosa e argilosa, com indicio claro de ter tido sobre ella agua por muito tempo encharcada, e com depositos estranhos ao terreno d'aquelle sitio, e media de espessura 0m,40; a ultima e superior, de *humus,* terra movediça onde se cria o mato que cobre este terreno, tinha de espessura 0m,30 e é revolvida a cada passo pelas chuvas e pelos pastores. A camada protectora de cinza que cobria os ossos era formada de uma codea impermeavel, dura e misturada de carvões e raizes que tinham chegado até ella.

Os trabalhadores, ao encontrarem os ossos queimados, recusavam-se a trabalhar, e foi preciso animá-los muito, para continuarem o serviço, pois diziam que eram *ossos encantados,* e não lhes queriam tocar. Neste dolmen appareceu, alem do mencionado, bastante carvão espalhado pelo pavimento, mas não utensilio algum de pedra.

---

[1] [No meu entender, a pedra não era *de sacrificios,* embora me pareça dever relacionar-se com os cultos religiosos do periodo neolithico. Nas *Religiões da Lusitania,* vol. I, cap. III, dou d'ella a explicação que tenho por mais razoavel, e ponho-a em parallelo com os monumentos analogos que ha no nosso país e lá fóra. — J. L. de V.]

Digitized by Google

Num dolmen do mesmo grupo, n.º 34, appareceu um machadinho pequeno de barro (?), do tamanho de uma amendoa, que se quebrou no acto da excavação, e outro todo polido, grande e differente dos encontrados nos outros grupos, já pela pedra já pela fórma d'elle; appareceu mais um amuleto com orificio, do tamanho de uns 2 decimetros quadrados, proprio para trazer ao pescoço.

Os outros dolmens do grupo estavam bastante devassados e não continham nada, senão muitos seixos rolados.

*

6. Grupo de Carrazedo:

Agora vamos fallar do grupo mais interessante da tribu ou tribus que habitaram por estes sitios: é o grupo das *Arcas,* ou *Fundo das Arcas de Carrazedo do Alvão.* Consta de muitos dolmens, mas os explorados por nós são os de n.º 3 a 15.

O n.º 3 está proximo a um caminho público, tem os esteios todos cortados á cunha, nivelados com o terreno, á excepção de um por onde se avalia a altura dos outros; media cada um, termo médio, 2 metros de alto por $0^{m},50$ de largo. A camara do dolmen tem $2^{m},50$ de comprido por 2 metros de largo, consta de sete pedras inclinadas levemente para dentro, tem a entrada para nascente e tres pedras de um lado e duas do outro na galeria, que mede 2 metros de comprido, com uma lousa que a tapa na frente. Nelle appareceram cinco machados de schisto verde, duas facas e uma lança de calcedonia muito bem feita e semelhante á folha de loureiro. As facas e a lança foram encontradas pelos srs. Leite de Vasconcellos e Maximiano Apollinario, quando ahi foram visitar essa necropole acompanhados do auctor d'estas linhas[1]. Nesse dolmen appareceram tambem muitos restos de louça de barro mal cozido, mas com as fórmas dos vasos bem definidas; encontrou-se algum carvão e restos de cinza, que parecia conter ossos carbonizados.

---

[1] [Em Setembro de 1895 fui, como diz o Sr. P.e Raphael Rodrigues, ao concelho de Villa-Pouca d'Aguiar, e, em sua companhia e na do Sr. Maximiano Apollinario, adjunto do Museu Ethnographico, visitei a necropole de Carrazedo. Como me não podia demorar, e quasi todos os dolmens já haviam sido excavados pelos meus amigos os Rev.os P.es Raphael e Brenha, limitei-me a algumas pesquisas, mas com tanta felicidade que ainda consegui encontrar nalguns dolmens que haviam sido excavados por individuos das povoações vizinhas, e por isso mal explorados, os objectos a que o Sr. P.e Raphael se refere e que estão no Museu Ethnographico. — J. L. de V.].

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Tudo isto se achou na camada inferior e proximo ao pavimento do dolmen. Não pudemos analysar bem as differentes camadas de terreno por causa da agua que brotava em quantidade dentro d'elle e nos impedia de proceder a tal verificação, mas deve conter as mesmas tres camadas de terreno que tem os restantes do grupo.

A anta n.º 4 do grupo tem as mesmas dimensões e configuração da antecedente, e está completa, com os esteios e ainda a mesa ou cobertura, que eu e P.e Brenha desviámos; analysei perfeitamente, ou antes analysámos perfeitamente esta anta, eu e P.e Brenha, e d'ella posso dizer o seguinte, segundo o juizo que formei, de accôrdo com o meu collega. Encontrámos nella cinco machados de schisto verde, uma faca quebrada ao meio, e bastantes contas de pedra redondas e polidas, tudo junto do esteio da frente e á profundidade de 1m,90. As camadas de terreno que se encontraram foram por sua ordem as seguintes: 1) o pavimento, onde estão cravados os esteios calçados com pedras da parte de dentro, e que assenta em terreno sedimentar de argila amarella, pavimento sobre o qual eram collocados os cadaveres, em cima de seixos rolados, e envoltos numa camada de *humus* e areia, vendo-se á analyse d'esta camada de terra, da espessura de 1 metro, os residuos da decomposição organica, já pelos ossos desfeitos em terra porosa e aos pedaços esbranquiçada, já pela gordura que a terra contém, comparada com a vizinha exterior; 2) sobre esta camada, cuja separação é bem visivel, acha-se outra, da espessura de 0m,50, contendo lodo envolto em terreno pastoso e restos de vegetaes e animaes decompostos pela agua e pelo tempo, variadas camadas fininhas e superpostas de sedimento; 3) em cima d'esta camada encontra-se a ultima do terreno vegetal e da espessura de 0m,50. A mamôa chega á superficie dos esteios, e protege pois ainda hoje exteriormente o dolmen.

Outro dolmen do grupo, o de n.º 4-A, apenas com dois esteios e sem galeria, excavado até á profundidade de 0m,60 pelos nossos caros visitantes na occasião em que aqui estiveram, em Setembro de 1895, deu apenas varios fragmentos ceramicos, sendo um provído de um orificio. A configuração do dolmen é a mesma do antecedente, mas o monumento está já bastante estragado pelo tempo[1].

Outros dolmens, n.os 7, 8 e 9 do grupo explorados por nós, alguns mais ou menos conservados, deram varios machados iguaes aos ante-

[1] [Tanto d'este dolmen, como de outros da necropole de Carrazedo, direi tambem algumas palavras quando publicar o relatorio da excursão que em Setembro de 1895 fiz por Tras-os-Montes. — J. L. de V.].

Digitized by Google

cedentes, contas de pedra, facas, restos de louça, amoladores, carvão vegetal e um novo machadinho differente dos outros, do tamanho de $0^m,10$ por $0^m,2$ de espessura, afiado em ambas as extremidades.

No artigo seguinte occupar-nos-hemos do dolmen mais importante do grupo, já pelas dimensões, já pelo conteúdo.

P.e Raphael Rodrigues.

Bibliographia

Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira, por Antonio dos Santos Rocha, Parte III. Coimbra, 1895.—As Partes I e II foram publicadas em 1881–1891 (dois volumes).

Das Partes I e II digo o seguinte nas *Religiões da Lusitania,* vol. I, pag. 10, nota 1:

«O trabalho do Sr. Santos Rocha está feito com clareza e methodo. Divide-se em duas secções: a primeira é apenas descriptiva; na segunda o A., sempre nos limites da prudencia, tira d'essa descripção deducções interessantes á cêrca dos usos e costumes dô homem neolithico d'aquella região (occupações, armas, utensilios, artes, modos de sepultura, etc.), para o que compara tambem os objectos explorados por elle com objectos analogos de outras regiões, e dos povos selvagens modernos. Só com memórias práticas como esta, e com outras que já felizmente temos, é que a nossa archeologia prehistorica poderá verdadeiramente progredir.»

Da Parte III devo dizer o mesmo. O Sr. Santos Rocha, alem de ser um investigador infatigavel, que, não contente com explorar os monumentos archeologicos que tem no concelho em que vive, vae tambem ao Algarve, e revolve-o em todos os sentidos, como o provam os excellentes estudos publicados nesta Revista, trabalha sempre com muito methodo e rigor. Desejava fazer algumas observações ao que diz na Parte III, pag. 170, sobre o uso do fogo nos monumentos megalithicos, mas deixo isso para occasião mais opportuna.

A fim de os leitores formarem ideia do merecimento das *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira,* aqui lhes dou a summula de todos os capitulos contidos nos tres volumes:

I. Megalitho da Cumieira;
II. Megalitho do Cabeço dos Moinhos (1.º artigo);
III. Megalitho da Serra de Brenha;

Digitized by Google

IV. Megalitho das Carniçosas;
V. Objectos encontrados nos arredores da Cumieira;
VI. Objectos encontrados na vizinhança das Alhadas;
VII. Objectos encontrados na Fontella;
VIII. Ruinas de Porto-Sabroso;
IX. Sepulturas da Asseiceira;
X. Estação humana da Varzea do Lirio;
XI. Objectos provenientes da Cumieira;
XII. Objectos provenientes de Outeiro-Lima;
XIII. Objectos provenientes do sul do Mondego;
XIV. Megalitho do Cabeço dos Moinhos (2.° artigo);
XV. Megalitho da Mama do Furo;
XVI. Megalitho e tumulo de Santo Amaro da Serra;
XVII. Estação humana da Junqueira;
XVIII. Pedreiras da Mateôa e da Ferrugenta;
XIX. Estação humana da Figueira;
XX. Estação humana da Fontella;
XXI. Objectos encontrados na cercania de Brenha e da Varzea do Lirio;
XXII. Objectos encontrados na freguesia das Alhadas;
XXIII. Objectos provenientes da freguesia do Paião.

As estações exploradas pelo Sr. Santos Rocha pertencem todas á idade da pedra, sendo uma ao periodo paleolithico, e as restantes ao periodo neolithico. Em nenhuma d'ellas appareceu jamais objecto algum de metal; na estação paleolithica, estranho seria que apparecesse; nas neolithicas, não admiraria, pois em muitas estações portuguesas coexistem com objectos do fim do periodo neolithico objectos do comêço da idade dos metaes, por exemplo nas grutas de Palmella, nas antas de Avis, etc., o que realmente é natural; comtudo não se póde ir alem dos factos, e acho pois justa a seguinte conclusão do A.: «A verdade é que ainda em nenhuma das nossas estações neolithicas appareceu o bronze: de sorte que, no estado actual dos nossos conhecimentos, só podemos concluir das analogias indicadas, que, quando o homem das grutas de Palmella ou dos dolmens de Avis já usava aquelle metal, ainda o homem das nossas estações [isto é, do concelho da Figueira], possuindo aliás a callaïs ou *ribeirite* e productos ceramicos tão aperfeiçoados, estava em plena idade da pedra: e que assim a introducção do callaïs foi, na nossa região, anterior á do bronze[1]».

[1] Parte III, pag. 146.

Digitized by Google

Estas observações contradizem formalmente a opinião d'aquelles que sustentam que não houve *periodo neolithico*.

A área das investigações do Sr. Rocha estende-se, ao norte do Mondego, «das vizinhanças de Brenha, para leste, até aos confins orientaes da freguesia das Alhadas, para o oeste, até ao Cabo-Mondego, e para o sul até ao rio, abrangendo a cidade da Figueira e a Fontella, e as estações intermediarias da Junqueira, da Ferrugenta e da Mateôa; ao mesmo tempo vão surgindo do outro lado do Mondego novas descobertas, que confirmam a presença do homem neolithico naquellas paragens, já assignalada por factos observados anteriormente»[2]. Em toda essa área de terreno, que mede talvez mais de um kilometro quadrado, habitou um povo ou tribu, que formava ou uma só povoação disseminada, ou diversas. O Sr. Santos Rocha explorou as sepulturas d'esse povo, e ainda algumas estações que suppõe serem restos de povoados e de officinas.

No concelho de Figueira todos os dolmens são cobertos de um monticulo de terra, e chamam-se na linguagem popular *mamoinhas*, palavra deminutiva de *mamôa* ou *mâmoa*, que são tambem designações populares, usadas no Minho e em Albergaria-a-Velha. Alem de mamoinhas ha na Figueira outros monumentos sepulcraes neolithicos, que o Sr. Santos Rocha denomina *cistos*, mas que melhor poderiamos denominar *cistas*, como digo nas *Religiões da Lusitania*, I, cap. III.

A descripção dos monumentos e estações está feita com toda a minudencia e clareza; pelo que esta obra do Sr. Santos Rocha póde recommendar-se como modêlo aos que, principiando a proceder a investigações prehistoricas, precisarem de se orientar. Cada uma das partes vem acompanhada de excellentes lithographias, que facilitam a comprehensão dos objectos descriptos; só é pena não se juntarem vistas do aspecto geral de cada tumulo, o que daria mais directa impressão d'estes. Permitto-me tambem lembrar a conveniencia de enriquecer com uma carta archeologica regional o último volume que se publicar d'esta obra.

Parte das antiguidades descriptas nos tres mencionados volumes está agora archivada no Museu do Instituto de Coimbra; a maior parte, porém, está-o no importante Museu Municipal da Figueira da Foz, de que o Sr. Santos Rocha é desveladissimo Conservador e principal protector.

---

[2] Parte III, pag. 143.

Digitized by Google

Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, n.os 3 e 4. Summario dos artigos: *Discurso* de Adães Bermudes — *Fr. Braz de Barros, ou de Braga,* documentos para a historia da Sé de Leiria, por Sousa Viterbo — *Sé de Vizeu, a abobada de nós, as columnas,* por Almeida e Silva — *Antiguidades de Bensafrim — Sé velha de Coimbra — Museu archeologico de Nova Goa — Leis da Rumania sobre achados archeologicos e conservação dos monumentos publicos — Restos mortaes de Vasco da Gama — A torre de menagem de Beja — Antiguidades de Alcainça,* por Valdez — *Construcções economicas — O museu social — Milagres de Santo Antonio contados num antigo manuscripto portuguez — Lampada e capella de Santo Antonio — Santo Antonio de Lisboa,* fac-simile de gravura antiga — *Fragões de S. Pedro de valle de Nogueiras,* por G. Pereira — *Torre dos Coelheiros,* por G. Pereira — *Ruinas na Zambezia,* por G. Pereira — *As antiguidades de Monomotapa nos antigos escriptores portuguezes — Noticias archeologicas,* compilação por R. Dias — Correspondencia — Extracto das actas.

Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes, vol. iv, n.º 13. Contém, com relação a archeologia, o seguinte: *A arte nas estações neolithicas do concelho da Figueira,* por Santos Rocha; *Materiaes para a Archeologia do districto de Vianna* (introducção, Lapa dos Mouros, Anta do Pinhal do Sancto de Ville, e Cova da Moura), por Martins Sarmento; *Notas archeologicas* (estação neolithica e romana de S. João do Campo; achados de instrumentos neolithicos ao pé de Alhadas e Tavarede), por Santos Rocha; Notícia bibliographica a respeito dos n.os 1-5 d-*O Archeologo Português,* por R. Peixoto.

Revista de Guimarães, n.º 3. No campo da archeologia contém: *Inscripções romanas ineditas,* por Albano Bellino (cfr. *O Archeologo Português,* pag. 141); *Catalogo das moedas e medalhas portuguesas da collecção da Sociedade Martins Sarmento* (medalhas e condecorações do tempo de D. José I, D. Maria I e D. João VI), por Freitas e Costa.

N.º 4, de Outubro de 1895: *Catalogo das moedas e medalhas portuguesas da collecção da Sociedade Martins Sarmento* (medalhas e condecorações do tempo de D. Miguel, D. Maria II e D. Pedro V), por Freitas e Costa.

Inscripções e letreiros da cidade de Braga e algumas freguezias ruraes, por Albano Bellino, Porto 1895.

Digitized by Google

Inscripções romanas de Braga (ineditas), por Albano Bellino, Braga 1895 (edição de 150 exemplares).

Milliarios do conventus Bracarangustanus, pelo Prof. Martins Capella, Porto 1895.

D'estas tres ultimas obras direi algumas palavras noutro número d-*O Archeolodo Português.*

J. L. de V.

Fim do anno

Com este numero completa *O Archeologo Português* o seu 1.º anno de existencia, e tambem o seu 1.º volume. Julga ter cumprido o programma que apresentou a pag. 1–2, pois inseriu nas suas columnas artigos sobre os diversos ramos da nossa archeologia, — Prehistoria, Epigraphia, Numismatica, Arte antiga, sendo especialmente numerosas as notícias que se referem aos tempos luso-romanos e pre-romanos, e não faltando nunca bastantes indicações bibliographicas para uso e orientação dos estudiosos.

Se nem todas as pessoas que em Portugal se interessam pela archeologia corresponderam ao appêllo, ou adquirindo o jornal, ou mandando para elle qualquer artigo, muitas porém fizeram isso, e neste ponto devo agradecer aos meus illustres collaboradores a coadjuvação franca e desinteressada que me prestaram, e sem a qual *O Archeologo Português* não realizaria o seu intento.

*

Os periodicos portugueses que fallaram d'elle acolheram-no com phrases lisonjeiras. Tive conhecimento do que disseram a *Revista de Sciencias naturaes e sociaes,* a *Aurora do Cávado, O Seculo, O Diario de Noticias, O Dia* e *O Reporter.* A todos elles sinceros agradecimentos.

Lá fóra tambem houve quem honrasse *O Archeologo* com boas palavras. Aqui se transcrevem algumas, por emanarem de especialistas:

«Elle [a Revista] renferme uniquement des notes de réelle valeur et elle a sa place parmi les bons et sérieux recueils de l'érudition contemporaine. Je vais, mardi, à la Société Nationale archéologique du Midi de la France en signaler tous les mérits.» — É. Cartailhac, em carta de 8 de Dezembro de 1895.

Digitized by Google

«Der Herausgeber hat es nach vielen Bemühungen erreicht, dass das von dem verstorbenen Estacio da Veiga gegründete Museum algarbischer Altertümer in den Besitz des Staates übergegangen und zu einem allgemein ethnographisch-archäologischen Museum erweitert worden ist. Den Plan dieses Museums hat er in einem auch besonders erschienenen Aufsatz der *Revista Lusitana* (Bd. III, Heft 3) ausführlich erläutert (Lisboa 1894, 58 S. 4). Die Zeitschrift füllt eine empfindliche Lücke in sehr angemessener Weise aus; Herausgeber hat in allen Teilen des Landes einsichtige Korrespondenten. Das Interesse für die heimischen Altertümer ist im Steigen begriffen; es fehlt nicht an begüterten und einsichtigen Liebhabern, wie Martins Sarmento in Guimaraens und andere. Selbst einige Gemeinden, wie z. B. die von Beja (Pax Julia) und Alcacer do Sal (Salacia), haben munizipale Museen gegründet, und andere schicken sich an, ihrem Beispiel zu folgen.» — E. Hübner, in *Berlin. Philolog. Wochenschr.*, de 19 de Outubro de 1895 (extracto de uma Sessão da Sociedade de Archeologia de Berlim).

Diversas revistas archeologicas estrangeiras transcreveram os summarios d-*O Archeologo*, ou aproveitaram notícias d'elle, como o *Boletin de la Real Academia de la Historia*, a *Revista crítica de historia y literatura españolas*, o *Monatsblatt der numismatischen Gesellschaft in Wien*, os *Prähistorische Blätter*, e o *Monthly numismatic Circular*.

*

Dignaram-se trocar com *O Archeologo* os seguintes periodicos scientificos:

a) Portugueses:

Annaes de Sciencias Naturaes, Porto;
Boletim da Real Associação dos architectos civis e archeologos portugueses, Lisboa;
Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, Lisboa;
O Instituto, Coimbra;
Revista de Guimarães, Guimarães;
Revista de Obras Publicas e Minas, Lisboa;
Revista das Sciencias Naturaes e Sociaes, Porto.

b) Estrangeiros:

Annales de la Société d'Archéologie de Bruxelles, Bruxellas;
Anzeiger für schweizerische Alterthumskunde, Zurich;
Bulletin de Numismatique, Paris;
Monatsblatt der numismatischen Gesellschaft in Wien, Vienna de Austria;

Digitized by Google

Monthly ***numismatic Circular,*** Londres;
Prähistorische ***Blätter,*** Munich;
Revista ***crítica de historia y literatura españolas,*** Madrid;
Revue ***belge de Numismatique,*** Bruxellas;
Revue ***Mensuelle de l'École d'Anthropologie de Paris,*** Paris;
Revue ***des Pyrénées,*** Tolosa;
Revue ***Suisse de Numismatique,*** Genebra;
Revue ***des Universités du Midi,*** Bordeus;
Rivista ***di storia antica e scienze affini,*** Messina.

Ás vantagens de com estas trocas se transmittirem reciprocamente ideias e novos factos, accresce a de o nosso país se fazer assim de vez em quando lembrado lá fóra, nos centros archeologicos, e mostrar que, se não com o fervor e os resultados que só podem esperar-se dos povos grandes, felizes e ricos, ao menos com um pouco de boa vontade, e tanto quanto lh'o permittem os seus escassos recursos, tambem procura contribuir para o progresso geral da sciencia.

J. L. de V.

Digitized by Google

INDICE

ACQUISIÇÕES do Museu Ethnographico Português: 218, 314 e 325.

ANTIGUIDADES LOCAES:

I. — Por ordem chronologica

A) Prehistoricas:

Antas ou dolmens: 16, 36, 103, 107, 120, 129, 130, 140, 191, 214, 222, 279, 312 e 346.
Instrumentos: 130, 131.
Novos testemunhos da civilização neolithica: 321.
Vide mais no Indice Geral os seguintes vocabulos: Acquisições do Museu Ethnographico, Bibliographia, Castros, Excursões, Extractos, Grutas, Museus e Notícias várias.

B) Protohistoricas:

Xorcas de ouro: 159, 160.
Cabrinhas ou bodes de bronze: 296.
Figuras de pedra representando porcos: 127, 236.
Vide mais no Indice Geral os seguintes vocabulos: Castros, Divindades, Museus, Notícias várias e Numismatica.

C) Luso-Romanas:

Antiguidades de Tomar: 13.
Vasos achados em Amarante: 17.
Ruinas de Troia (Setubal): 54.
Alcobaça Archeologica: 104.
Notícia de algumas estações romanas e arabes do Algarve: 113, 193, 291 e 327.

Digitized by Google

Varios restos (fornos, etc.): 132, 133 e 134.
Antiguidades romanas de Pomarelhos: 135.
Cabeça de uma estátua: 136.
Antigualhas das proximidades de Lisboa: 246.
Estação luso-romana de Panoias: 271.
Amphora e bilha: 261.
Cabrinhas ou bodes de bronze: 296.
Vaquinha de bronze: 313.
Tijolos em fórma de quadrante: 315.
Antiguidades do Sul do Tejo (sepulturas, divindades, etc.): 338.
Insignia: 344.
Vide mais no Indice Geral os seguintes vocabulos: Bibliographia, Castros, Cursos escholares, Divindades, Epigraphia, Extractos, Museus, Notícias várias e Numismatica.

D) Da epocha dos Barbaros:

Vide no Indice Geral os vocabulos: Epigraphia e Museus.

E) Da epocha arabe:

Notícia de algumas estações romanas e arabes do Algarve: 113, 193, 291 e 327.
Cousas arabico-portuguesas: 273.
Vide mais no Indice Geral o vocabulo Numismatica.

F) Portuguesas propriamente ditas:

Casa onde nasceu Bocage: 176.
Enterramentos nas igrejas: 190.
Esfragistica: 257 e 326.
Pedra com o sino-saimão: 260.
Amphora e bilha: 261.
Cabeceiras de sepulturas christãs: 280.
Archeologia eborense:
1. A igreja de S. Francisco: 281.
2. As ruinas do convento de S. Francisco: 289.

Vide mais no Indice Geral: Bibliographia, Cursos escholares, Epigraphia, Excursões, Extractos, Notícias várias, Numismatica e Acquisições.

II.—Por ordem geographica

A) Alemtejo:

Alandroal (castros): 43, 158 e 212.
Alcáçovas (inscripções): 155 e 156.
Alcaria-Ruiva (grutas): 157.
Aldeia da Mata (dolmens): 140 e 191.
Aleixo (Santo) (castro): 158.
Alfundão (inscripção): 241.
Alter (dolmens): 103 e 316.
Ameixial (castro): 318.
Anna (Sant') (inscripção): 320.

Digitized by Google

Arronches (inscripção): 244.
Avis (antas): 120 e 214.
Beja (vária): 110 (e 321), 252 (e 322), 260, 261, 265, 280, 315, 340, 341, 342, 343 e 344.
Benavilla (inscripção): 224.
Campo Maior (sello): 326.
Castello de Vide (dolmens): 192.
Crato (dolmens): 192.
Elvas (inscripções): 244, 245.
Evora (vária): 160, 281, 289 e 312.
Flor da Rosa (dolmens): 140 e 191.
Gáfete (dolmens): 140.
Juromenha (inscripções): 64 e 216.
Mertola (inscripções, etc.): 7, 180, 181, 221, 311, 314 e 340.
Miguel (S.) da Mata (inscripção): 43.
Monsaraz (dolmens): 222, 253 e 279.
Nisa (dolmens): 192.
Pero-Guarda: 343.
Pinheiro-do-Campo (Elvas) (dolmens): 312.
Quintos: 340.
Redondo (figura de bronze): 296 e 298.
Santa-Cruz (figura de bronze): 297.
S. Theotonio: 341.
Serpa (inscripção): 220 e 221.
Tolosa (dolmens): 140.
Villa-Nova de Mil Fontes: 340.

B) Algarve:

Alcoutim (castro): 157.
Alferce (castro): 241 e 242 (repet.).
Aljezur (castro): 242.
Alvor (vária): 318.
Bensafrim (sepultura): 208, 262, 291 e 327.
Braz (S.) de Alportel (moedas): 301.
Cacella (inscripções): 180.
Castro-Marim (vária): 117.
Faro (vária): 179, 200 e 204.
João (S.) da Venda (vária): 201.
Lagos (sepulturas): 207 e 254.
Luz (sepulturas): 208.
Marim (antiguidades romanas, epigraphia): 113, 178, 179 e 180.
Milreu (vária): 136 e 204.
Silves (cêrco): 274.

C) Beira:

Agua-Levada (achados): 219.
Aguiar (castro): 144.
Alcabedeque (castro): 154.
Almansor (castro): 243.

Digitized by Google

Almeida (vária): 316.
Almendra (castro): 243.
Alpedrinha (vária): 316.
Braçaes (anta): 326.
Cales de Baixo (vária): 216.
Carvalhal da Loiça (anta): 326.
Figueira da Foz: 352.
Idanha-a-Velha (inscripções): 225.
Mangualde (achados): 219.
Martinho (S.) de Mouros (castro, etc.): 9.
Mortágua (castro, etc.): 10.
Outeiro-de-Espinho (achados): 219.
Pena (vária): 159.
Rio-Torto (anta): 325.
Senhorim (achados): 218.

D) Entre-Douro-e-Minho:

Abedim (antigualhas): 142.
Afife (castro): 143.
Aguiar de Sousa (castro): 144.
Aldão (inscripção): 157.
Alfena (minas): 241.
Alheira (cidade): 242.
Alvito (sepultura): 317.
Amarante (vasos): 17.
Anioso (castro): 320.
Barcellos (sepulturas): 18.
Braga (inscripção): 273.
Cavez (achados): 252.
Citania de Briteiros (castro): 255.
Felgueiras (achados): 103.
Monte-Cordova (castros): 12 e 145.
Miguel (S.) o Anjo (vária): 161 e 262.
Penafiel (dolmens, sepulturas, etc.): 15.
Sabroso (minas): 251.

E) Extremadura:

Albardos (gruta): 154.
Alcacer-do-Sal (ethnogr., epigr., museu, castro): 65 e 154.
Alcanede (moedas): 156.
Alcaria (grutas): 156.
Alcobaça (antiguidades romanas): 104.
Alcobertas (moedas): 223.
Alemquer (inscripção): 157.
Alhandra (castro): 241.
Aljubarrota (vária): 242.
Alvaiazere (vária): 317.
Ameixoeira (inscripção): 319.
Amoreira de Obidos (inscripção): 220.

Digitized by Google

Caparide (sepulturas): 248.
Carnaxide (grutas): 182.
Cascaes (grutas): 250.
Cintra: Vide Sintra.
Grandola (castro): 239.
Lapas (As) (vária): 112.
Leiria (vária): 28 e 301.
Malveira de Cascaes (ruinas): 246.
Mamede (S.) de Obidos (achados): 220.
Pragança (castro): 5 e 6.
Rocha-Forte (castro): 49.
Setubal (vária): 159 e 176. E vide Troia.
Sines: 340.
Sintra (grutas, torques e outras antiguidades): 140, 160, 237 e 326.
S. Tiago de Cacem: 338 e 339.
Tomar (moedas e outras antigualhas): 13.
Troia (vária): 54, 221 e 338.
Turquel (sepultura): 138.

F) **Tras-os-Montes:**

Abelheira (antigualhas): 143.
Agarez (vária): 133 e 143.
Aguedanha (castro): 143.
Aguieira (castro): 144.
Ala (castro): 144.
Alfaião (castro): 241.
Alimonde (castro): 242.
Alvaredos (castro): 317.
Angueira (castro): 320.
Barroso (dolmens): 140.
Benagoiro (inscripção): 140.
Bujões de Abaças (vária): 131.
Carrazeda de Anciães (vária): 107 e 135.
Carrazedo do Alvão (dolmens): 36 e 350.
Castedo da Villariça (dolmens): 129.
Castello de Cabeça-Boa (vária): 126, 127 e 128.
Cepeda (dolmens): 130.
Chaves (inscripções, etc.): 139 e 326.
Falperra: 348.
Jou (dolmens): 130.
Lamas de Arcos (achados): 130.
Lixa do Alvão: 348.
Malhadas (vária): 11.
Martinho (S.) de Angueira (castro): 319.
Moncorvo (museu): 175.
Monte-Minheu (dolmens): 216.
Panoias (inscripções): 271.
Paredes: 349.
Penas-Roias (castro): 12.

Digitized by Google

Penedo-Redondo (moedas): 135.
Picote (vária): 11.
Poçacos (inscripção): 323.
Pomarelhos (moedas): 136.
Populo (moedas): 135.
Sacoias (castro): 313.
Samardã (moedas): 134.
Soutello do Valle: 347.
Tamega (margens do) (castro): 130.
Terra de Miranda (castros, sepulturas, etc.): 11.
Thomé (S.) do Castello (castro): 93.
Torre de D. Chama (vária): 232.
Trandeiras: 348.
Tras-os-Montes em geral (vária): 47.
Tresminas (minas): 254.
Valles (moedas): 135.
Veiga do Villar (vária): 132.
Villa-Pouca d'Aguiar (dolmens): 36 e 346.
Villarelho (castros): 130.
Villarinho (dolmens): 107.
Zedes (dolmens): 109.

BIBLIOGRAPHIA:

Catalogos do Museu de Beja: 19 e 112.
Boletim da Associação dos Archeologos: 12, 62, 112 e 355.
Arte Portugueza: 112.
Annotações sobre Setubal, de M. M. Portella: 256.
Revista das Obras Públicas: 256.
Antiguidades do concelho da Figueira, de A. dos Santos Rocha.
Revista de sciencias naturaes e sociaes: 355.
Revista de Guimarães: 355.

BIOGRAPHIAS:

Manoel Negrão: 33.
André de Resende: 288.

CASTROS:

Castros em geral: 3.
Castros diversos: 9, 10, 12, 89, 93, 126, 130, 145, 161, 213, 239, 251 e 262.
Vide mais no Indice Geral os vocabulos: Extractos e Notícias várias.

CURSOS ESCHOLARES:

Cadeira de Numismatica da Bibliotheca Nacional: 17, 264 e 303.
Cadeira de architectura christã no Seminario de Portalegre: 17.
Dita no de Faro: 92.
Dita no de Santarem: 210.

Digitized by Google

DIVINDADES:

Ataegina: 246 e 299.
Cybele (?): 343.
Diana: 342.
Endovellico: 43.
Hercules: 341.
Idolos Penates: 343.
Isis: 343.
Mercurio: 23.
Prosérpina: 244.
Serapis: 343.
Trebaruna: 228.
Victória: 226.
Vide tambem: Bucranios de pedra a pag. 342, e Templos pagãos a pag. 343 e 344.

EPIGRAPHIA:

A) Inscripções romanas:

1. Lapidares:
   a) funerarias: 54, 96, 195, 199, 216, 248, 252 (e 322) e 256;
   b) honorificas: 69, 76, 110 (e 321) e 139;
   c) religiosas: 43, 148, 149, 226, 228 e 244;
   d) miliarias: 118 (e 337) e 323;
   e) indeterminada: 64.
2. Marcas figulinas: 85, 86 e 207.

B) Inscripções christãs latinas:

Inscripção de Mertola do seculo VI: 7, 311.
Inscriptiones Lusitanae ineditae: 177.

C) Inscripções portuguesas:

Do convento de Jesus de Setubal: 159.

D) Factos diversos:

Novas investigações epigraphicas: 141.
Epistula ad Aemilium Hübner: 182.

EXCURSÕES ARCHEOLOGICAS:

A Alcacer-do-Sal: 65.
Á Torre de Dona-Chama: 232.

EXTRACTOS:

A) Noticias archeologicas:

Do «Diccionario Geographico» de Cardoso: 143, 153, 241, 316 e 356.— Cfr. pag. 267 e 268.
De um ms. de Cenaculo: 338.

Digitized by Google

B) **Maximas e reflexões:**
De A. Herculano: 144.
De G. Estaço: 213, 255 e 288.
Do Visconde de Seabra: 251.
De M. de Quiroga: 254 e 261.

FIM DO ANNO: 357.

GRUTAS:
De Rocha-Forte: 53.
Dos arredores de Cintra: 140 e 237.
De Albardos: 154.
De Alcaria: 156.
De Cascaes: 250.
De Carnaxide: 182.

HISTORIA DA ARCHEOLOGIA PORTUGUESA:
A) **Bibliographia.** Vide este vocabulo no Indice Geral.
B) **Biographias.** Vide este vocabulo no Indice Geral.
C) **Cursos escholares.** Vide Indice Geral.
D) **Excursões.** Vide Indice Geral.
E) **Mss. da Torre do Tombo e Interrogatorio para a organização do «Diccionario» de Cardoso:** 267 e 268.
F) **Museus e simples collecções.** Vide Indice Geral.
G) **Centro numismatico.** Vide no Indice Geral o vocabulo: Numismatica.
H) **Novas investigações epigraphicas.** Vide no Indice Geral o vocabulo: Epigraphia.

INDICAÇÕES BIBLIOGRAPHICAS: 151.

MUSEUS E SIMPLES COLLECÇÕES:
Museu Ethnographico Português: 2; e vide Acquisições no Indice Geral.
Em Serpa (projecto): 18.
De Beja: 19.
De Marciano d'Azuaga: 20.
Em Leiria (projecto): 30, 223 e 301.
De Manoel Negrão: 34.
Em Villa-Real (projecto): 37.
De Alcacer do Sal: 46 e 80.
Do Infante D. Henrique em Faro: 136.
Do Instituto de Coimbra: 139.
Em Moncorvo (projecto): 175.
Em Lagos (projecto): 254.
Vide tambem no Indice Geral: Bibliographia.

Digitized by Google

NOTICIAS VÁRIAS:

Antiguidades de Mortágoa: 10.
Notícias de antigualhas da Terra de Miranda: 11.
Notícias archeologicas de Penafiel: 15.
Achados archeologicos em Barcellos: 18.
Antiguidades de Leiria: 28.
Antiguidades de Tras-os-Montes: 47 e 130.
De Felgueiras: 103.
De Castro Marim: 117.
Enterramentos em igrejas: 190.
Antiguidades do concelho de Sintra: 237.
Antigualhas de Lagos: 254.
Vide tambem Extractos.

NUMISMATICA:

A) **Iberica:**

Moeda de Cascantum: 14.
Moedas de Salacia: 81.

B) **Romana:**

Achados de várias moedas: 134, 169 e 223.

C) **Arabe:**

Algumas moedas arabes achadas no Algarve: 97.
Achados diversos: 301.

D) **Portuguesa:**

Meia-barbuda inedita: 87.
Cinquinho de D. João III: 304.
Moedas indo-portuguesas: 302.

E) **Factos diversos:**

Centro numismatico: 303.
Objecto da Numismatica: 305.
Vide mais no Indice: Historia da Archeologia Portugueza e Extractos.

PALAVRAS PRÉVIAS: 1.

PERGUNTAS: 32, 64, 96, 112 e 216.

SEPULTURAS EM ROCHAS: 9, 11, 16, 128, 131, 132, 189 e 236.

Digitized by Google

Digitized by Google

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os assignantes em divida a finesa de mandarem satisfazer, com a possivel brevidade, as suas assignaturas, **em vales do correio ou estampilhas,** a fim de não soffrerem interrupção na remessa dos numeros seguintes.

Lembramos que toda a correspondencia nesse sentido deve ser dirigida, não ao redactor d'esta revista, mas a **J. A. Dias Coelho, Imprensa Nacional.**

Digitized by Google

EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.°, do formato d'este prospecto, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Anno	1$500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a J. Leite de Vasconcellos, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em estampilhas ou em vales do correio, ser dirigida a J. A. Dias Coelho, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

A venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

MUS.97.11
O Arqueologo portugues.
Tozzer Library ABR9998
3 2044 042 671 685

Digitized by Google

This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below.

Please return promptly.

Digitized by Google